

A woman with her hair styled in an updo, wearing a white lace wedding dress, is seen from the back and side. She is looking out of a window with a metal frame. Her right hand is resting on the window frame, and she is wearing a ring. The background outside the window is a blurred green landscape.

Eles estavam destinados a se encontrar e fadados a se apaixonar.
Mas a história sempre muda seu rumo.

As Cartas da Condessa

LUCY VARGAS

Autora de *Cartas do Passado* e *Quando Eu Olhar Pra Você*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



As Cartas da Condessa

Lucy Vargas

Warrington 2

As Cartas da Condessa
Copyright 2014 _Luciana Vargas

Este e-book é para uso pessoal. Não é permitida revenda, cópia total ou parcial deste livro sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor. Se você gostou da história, por favor, indique um link original do livro para outros leitores. Obrigada pelo respeito e apoio.

Imagem de capa @ Dreamstime
Revisão @ Vânia Nunes

Este livro pode ser lido como um stand alone, mas é recomendada a leitura do 1º livro da série, Cartas do Passado, para entender melhor todos os acontecimentos.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)

[*Conheça Outro Romance da Autora*](#)

[Sobre a Autora](#)

Prólogo

Meu amado conde,

Já faz tempo demais que me deixou. Penso que já chegou a hora de nos reunirmos. Temos muito para conversar e rir juntos. Estou cansada, meu coração já amou tudo que podia nessa vida. E sem você ele já não é mais tão forte.

Quero voltar para os seus braços nessa noite fria de inverno.

*Para sempre sua,
E. Warrington.*

Capítulo 1

Havenford, Northumberland
Norte da Inglaterra, 2012

Depois de passar horas viajando, começando por um táxi, passando por um avião, um ônibus e outro táxi, era compreensível que a pessoa estivesse cansada e irritadiça. O melhor remédio para isso era uma boa noite de sono em uma cama confortável e quente. Mas enquanto o táxi esperava o grupo de turistas sair da frente, e ao contrário disso mais gente se aventurava à frente do carro, Luiza imaginava que tipo de castelo era aquele. Quando o carro foi subindo a colina, ela viu as bandeiras tremulando sobre pontos da muralha e especialmente perto do portão.

– Ei, ei! Estão surdos? Não estão escutando a buzina? – gritou o taxista, colocando a cabeça para fora e bateu com a mão no lado da porta, provocando mais barulho.

A comitiva de visitantes correu para os lados da entrada e ele acelerou, subindo pelo pátio externo e contornando por trás de uma enorme estátua de um gavião de mármore que olhava fixamente para os portões, como se os vigiasse.

– A moça trabalha aqui, tem um bando de mala para descarregar – avisou o motorista ao guarda que ficava nos portões que separavam o pátio interno do externo.

Os carros e vans de turismo tinham um espaço reservado no pátio externo para descarregar o pessoal. Ônibus grandes não podiam subir até ali, pois não teriam como manobrar e descer; então levavam as pessoas até a base da colina e de lá havia o transporte das vans e táxis ou podiam subir à pé. Era uma bela vista, perfeita para fotos e os turistas simplesmente amavam posar lá da curva da colina, com toda aquela extensão de terras ao longe e o rio correndo abaixo.

Só carros de serviço ou com autorização podiam passar para o pátio interno, para não criar confusão com os transeuntes e preservar o calçamento dali que tinha algum tipo de história.

– É aqui, moça – ele disse, abrindo a porta e descendo.

Luiza se apressou a fazer o mesmo, saindo pela porta do passageiro. O interior do táxi estava abarrotado de coisas. Ela tinha levado tudo que possuía. Jogou um bando de bagulho fora, mas todas as roupas, sapatos e acessórios estavam com ela. O motorista começou a tirar tudo da mala do carro com um esforço danado, as malas eram grandes e pesadas.

– Então você vai trabalhar aqui no castelo – o motorista disse depois de recuperar o fôlego e fechar o carro.

– Sim, parece que sim – ela conseguiu tirar tudo que estava no banco de trás e colocar no chão junto com o resto da bagagem; então pagou a corrida.

Disfarçadamente Luiza olhou o que sobrou em sua carteira e era muito pouco. Fechou o item de couro vermelho e o segurou, desanimada com a situação precária em que estava. E não era o caso de encontrar um caixa eletrônico, sua conta estava zeradinha. Se o banco cobrasse alguma daquelas taxas idiotas, ela estaria no vermelho. Ia atrasar mais um mês a parcela de pagamento do empréstimo estudantil que bancou sua faculdade.

– Bem, boa sorte! Se precisar de uma corrida, meu celular está no cartão. Sempre faço esse trajeto – ele entrou no carro, bateu a porta e a deixou ali.

Luiza observou o táxi contornar o belo chafariz que ficava bem no meio do pátio interno e desaparecer. Sentiu-se abandonada, mesmo que só tivesse passado quinze minutos na companhia daquele senhor simpático. Como não tinha dinheiro sobrando, ela não pegou um táxi no aeroporto, deu um jeito de arrastar todas as suas malas em um daqueles carros de metal e foi para o lado de fora. Tinha olhado na internet e visto que saía um ônibus do aeroporto para Havenford, só que a deixava do outro lado do rio, bem no meio do centro comercial.

Hoje era um dia muito movimentado ali, talvez tivesse alguma coisa a ver com o festival e as feiras pelas quais eles passaram lá embaixo. Devia haver pelo menos uma centena de pessoas passando por ali, a maioria dividida em grupos que seguiam guias animados, alguns até vestidos a caráter. Mas com tantas pessoas ali, Luiza estava sozinha de frente aqueles degraus, com seis malas enormes, sua bolsa de mão e mais uma que ela levava no ombro. Ela girou, olhando em volta, impressionada com o castelo, estava cercada por prédios de pedra, torres, bandeiras, algumas mesinhas e cadeiras mais à frente... Mas não sabia para onde ir.

Ela agarrou as alças extensíveis de duas malas de rodinhas e seguiu para as portas duplas, tentando lembrar-se do que estava escrito no e-mail que trocou com um tal de Marcel Fulton. Ele quem a entrevistara por Skype após a indicação do professor dela que o conhecia de algum trabalho que fizeram juntos.

Apresente-se às 16h na biblioteca principal do castelo. Estarei esperando ansiosamente para conhecê-la. Como lhe disse, estou há tempos aguardando uma assistente.

Isso! Era biblioteca que estava escrito. Ela olhou em volta, havia umas placas aqui e ali, mas nada do que precisava.

– Ei! – ela olhou o guarda que estava perto das enormes portas duplas que davam no prédio principal do castelo. – Será que você pode ficar de olho naquelas malas pra mim?

– Minha nossa! Quanta coisa, a senhora está de mudança pra cá? – ele sorriu, divertindo-se com a possibilidade absurda. – Aquilo ali não dá no porta-volume,

não – disse o guarda, coçando o lado da cabeça e depois reparando que ela ainda puxava mais duas malas.

– Na verdade, estou de mudança sim. Onde fica a biblioteca?

Ele lhe indicou o caminho e prometeu olhar as malas depois que ela lhe disse que iria trabalhar ali. Luiza entrou no castelo e estacou. O salão era simplesmente lindo e eles o mantinham como se a qualquer momento o conde e um bando de cavaleiros esfomeados fossem entrar e sentar-se à mesa principal, enquanto outros se espalhavam pelas mesas menores. As tábuas estavam postas em um dos cantos, comida de mentira enfeitava tudo e uma taça coberta por uma proteção de vidro estava na ponta, atraindo a atenção de todos enquanto as câmeras dos visitantes não paravam de disparar.

A escadaria no final era magnífica, o mármore limpo e rajado formava os degraus, o corrimão em ouro reluzia sob a luz natural que entrava pelas janelas altas. As grades verdes sob o corrimão formavam padrões que levavam até o andar superior. O cômodo era amplo, passava uma sensação de profundidade e tinha seu espaço bem aproveitado. Havia tapeçarias enormes decorando algumas paredes e pinturas, quase tão grandes quanto, enfeitando outros locais como o espaço sobre a maior lareira que Luiza já vira na vida. Era simplesmente enorme, o patamar superior chegava a ser mais alto do que ela que conseguira crescer até um metro e setenta com muito esforço.

Quando seu olhar saiu do enorme espaço que a fascinava e aquele bando de turistas entrou por um corredor largo enquanto eram guiados por dois guias, Luiza encontrou o olhar do homem do outro lado do salão. Ele parecia ter acabado de vir por aquela escadaria de mármore. Ele desceu os últimos degraus, segurava uma pasta de notebook ao lado do corpo e continuou em passos lentos até que parou, com a testa franzida.

E por causa disso, Luiza teve o maior déjà vu da sua vida. Aquela sensação muito estranha de já ter vivido aquela situação.

Ele deu mais alguns passos para o lado, pretendendo continuar o que ia fazer, mas conforme avançada, seu rosto se virava na direção dela. Até que ele franziu ainda mais a testa e parou. Bem, ela podia dizer em defesa dele que o cara podia franzir o rosto o quanto quisesse que mesmo assim continuava o item mais bonito do salão.

E aquele era um dos espaços mais bonitos que ela já vira na vida. Mas o cara da pasta de notebook valia mais do que qualquer item em exposição ali. Ele era atraente, daquele jeito másculo que alguns homens no mundo simplesmente vêm amaldiçoados para estragar a vida de mulheres como ela. E eles sempre aparecem justamente quando você não está em condições nem de pensar no caso.

Ela resolveu ignorar o turista maravilhoso e seguir para a biblioteca. Se o lugar era mesmo atrás daquelas portas duplas depois da lareira, quase no

corredor, então ela ia ter que se aproximar mais da sua fixação momentânea. Sentiu vontade de perguntar onde ficava a biblioteca, só para saber como era a voz dele. Sua mente imaginativa lhe dizia que o som seria arrepiante. Combinaria com sua expressão séria, o cabelo loiro jogado para trás informalmente e os olhos que ela não sabia a cor, mas eram claros porque estavam refletindo a luz que entrava pelas janelas e pela porta.

Que horror – pensou Luiza. Estava cansada, acabada depois daquela viagem, podia imaginar seu rosto pálido sem maquiagem e o cabelo preso de um jeito tosco no alto da cabeça. Aquele cara não estava olhando fixamente para ela, era imaginação sua. Tudo bem que estava com o único casaco novo que lhe sobrava, uma peça com uma gola Dior linda, mas ele não ia ser atraído por isso. Não parecia o tipo que ia se fixar num maldito casaco.

Ela puxou as malas até as portas duplas; em seus sonhos ela deliberadamente ignorava o cara. Na vida real, ao passar pelo seu campo de visão, ela virou o rosto para vê-lo. Ele a olhava com estranheza e interesse, ainda parado próximo à escada. Era uma sensação estranha como abrir uma caixa e encontrar um item querido e perdido há muito tempo, você simplesmente não conseguia parar de olhar.

As portas da biblioteca se abriram facilmente e Luiza entrou puxando suas duas malas. Parou ao lado da mesa grande e olhou em volta para aquele mar de livros. As lombadas douradas de uma fileira inteira criavam um efeito lindo contra a luz que entrava pelas janelas, como se dividisse as paredes de livro em duas partes.

Um homem mais velho saiu lá do fundo da biblioteca e veio se aproximando até que parou em frente a ela e arregalou os olhos antes de cumprimentá-la.

– Minha nossa! Aquela webcam era mesmo ruim. Eu teria notado de cara! Luiza Campbell, não é? A webcam não me deixou ver bem, mas tenho certeza que é você.

– Sim, sou eu – ela aceitou a mão que o homem lhe estendia. – Marcel Fulton?

– Em toda sua glória – ele sorriu. – Mas venha, entre. É aqui que passaremos vários dias. Na verdade, meu escritório foi reformado, mas você aproveitará lindas tardes ao lado dessas janelas.

Luiza largou suas malas perto da mesa, assim como a bolsa de mão sobre elas e foi atrás dele.

– A vista é mesmo linda – ela atravessou por cima dos tapetes e se aproximou da janela do meio, observando a paisagem vista ali de cima. O terreno do lado de fora tinha uma elevação que devia proporcionar uma visão ainda mais bonita.

– Eu tenho a sensação de já tê-la visto antes – disse Marcel, sendo sutil e procurando não encará-la. – Não, nós realmente não nos encontramos é que... Você me lembra alguém.

– Um parente, talvez? – ela perguntou, ainda muito entretida com a paisagem.

– Não exatamente.

A porta abriu e fechou, chamando a atenção de Marcel que deixou para lá qualquer assunto que estivesse em sua mente.

– Ah, que bom você ter chegado. Minha assistente não se perdeu pelo caminho como tínhamos.

Luiza virou-se e ficou estática vendo que Marcel falava com o tal homem que ela viu do lado de fora, o mesmo que ela gastaria umas tardes divagando e tentando manter os detalhes de suas feições presos em sua mente.

– Senhorita Campbell, este é Devan Warrington, o dono do castelo. Mais informalmente conhecido como nosso chefe, apesar de ele não concordar com isso.

Marcel sorria, muito ocupado em seu papel de fazer as apresentações. Ele estava realmente animado por terem um novo membro na equipe. Ele sempre quis ter um trainee, alguém que ele pudesse instruir por um tempo, para quem sabe, seguir a linha de pesquisa dele ali no castelo. Estava velho, queria passar seu conhecimento adiante e fazer com que alguém novo também gostasse tanto dali quanto ele.

– Devan, esta é...

A mulher mais encantadora que eu já vi – completou a mente de Devan enquanto registrava a imagem dela parada sob toda aquela luminosidade.

– Luiza Campbell, minha nova assistente. Bem, a primeira.

Ele ainda não havia conseguido vê-la em todos os detalhes. Estava contra a luz desde que Devan descera a escada e a vira parada em frente às portas do castelo, acompanhada daquelas duas malas enormes. Mesmo quando se aproximou da porta, a luz continuava incidindo sobre ela, atrapalhando sua visão. E agora, quando ela se virara repentinamente, estava exatamente em frente àquela enorme janela do meio da biblioteca, a luz branca do dia com tempo indeciso ofuscava seu rosto e clareava seu cabelo.

Desde que bateu os olhos nela, ficou encantado. Parecia magnífica e a luz ajudava no efeito. Com a iluminação, seu cabelo parecia mais avermelhado do que realmente era e ele sabia disso, parecia ser um tom misturado de castanho.

– Ela não veio para ser apenas sua assistente – disse Devan, achando a animação do pesquisador engraçada.

Luiza se aproximou e pegou a mão que Devan lhe estendeu em cumprimento, ele esperara mais do que o normal com a mão estendida, mas queria que ela chegasse perto. Ela inclinou bem a cabeça para trás, para conseguir ver seu rosto. Pelo jeito não era só a lareira dele que era enorme.

– Eu sei que ela é a trainee e vai fazer de tudo um pouco. Mas o foco é na minha área – disse Marcel.

– Claro que é – Devan não estava olhando para ele. Assim que ela pegou sua

mão, ele apertou e selou o cumprimento. – É um prazer conhecê-la, senhorita Campbell. Bem vinda a Havenford, espero que goste daqui. Garanto que o castelo é acolhedor depois que se acostuma com ele.

– Digo o mesmo, pode me chamar de Luiza, por favor.

Ele assentiu.

Luiza soltou a mão dele primeiro e sorriu no que parecia ser simpatia dirigida aos seus dois novos colegas de trabalho. Ela desviou o olhar, preferindo não retribuir a observação minuciosa de seu novo chefe. Devan não estava fazendo de propósito, mas ele queria vê-la longe da luz ofuscante do dia e agora que ela chegara tão perto, era sua chance. Realmente acertara no tom do cabelo dela, mas estava simplesmente fascinado pelos seus olhos. Eram os mais lindos que ele já vira, desde o formato grande, expressivo e sensualmente puxado, até a cor. O verde era tão forte que parecia único, um colorido que chegava a ser insultante. Podia perceber que estava cansada, aqueles olhos denunciavam muita coisa, devia ser um problema para ela esconder o que sentia.

– Devan também trabalha aqui comigo. Ele é obrigado a cuidar da parte chata sobre a administração de tudo isso. Você deve ter visto como as coisas são animadas aqui. Mas eu posso me divertir mais na parte acadêmica – Marcel tomou a frente e começou sua tarefa de iniciar a moça na vida em Havenford. – Como trainee eu receio que você vá acabar lidando com uns aspectos mais chatos e técnicos do castelo, mas prometo recompensá-la.

– Por mim tudo bem – ela disse, ainda muito perdida para emitir qualquer opinião.

– Eu acho que ela precisa de descanso, Marcel – disse Devan, deixando a pasta do seu notebook sobre a mesa e resgatando as malas esquecidas perto da mesa.

– Ah, me desculpem! – ela voltou correndo e puxou as alavancas, para deslizar os malões sobre as rodinhas.

– São só essas? – Devan perguntou, puxando-as para ela.

– Não, tenho mais algumas lá fora.

As portas foram abertas novamente, um gato entrou correndo e depois um homem moreno, alto e elegante, usando um paletó de tweed sobre calças e camisas escuras. Ele estava empurrando parte das malas dela.

– Dodger disse que a nova funcionária estava aqui, tem muitos turistas hoje, achei melhor trazer – ele voltou e empurrou mais malas para dentro.

– Eu tive que trazer tudo... – Luiza disse baixinho, encabulada por ter tantas malas.

Aqueles homens podiam até pensar que era algo típico de mulher ter inúmeras coisas para trazer, provavelmente um bando de futilidades desnecessárias. Mas não era o caso dela. Primeiro, tinha sido obrigada a trazer tudo que possuía, pois não tinha onde ou com quem deixar. Segundo, não havia

nada novo ali dentro. Eram todas as suas roupas, sapatos e bolsas, o resultado dos anos antes, durante e após a faculdade. Havia inclusive doado os itens mais velhos porque não tinha espaço para trazer e nem dinheiro para comprar mais uma mala.

Ela abriu mão de muita coisa, eram uns seis anos da sua vida que precisaram ser dobrados e enrolados para caber nas malas. Mas havia aprendido a não se apegar muito a itens materiais. Quando recebesse poderia comprar umas blusas novas, casacos e tudo mais que estava precisando, porque suas roupas estavam um tanto gastas. Mesmo quando tinha um emprego, pagar o aluguel, as contas e ainda comer não lhe possibilitava fazer todas as compras que gostaria.

– Bem, você veio para morar aqui por no mínimo um ano. Acho que isto tudo está no tamanho correto – disse Devan, ainda segurando as alças das malas que ela trouxera.

Ela assentiu e sorriu para ele, quase o nocauteando no processo. Os olhos dela ficavam ainda mais bonitos quando sorria e agora ele reparou também nos lábios que pareciam muito macios. E dava para ver que não sobrara maquiagem para contar história, não depois daquelas horas de viagem.

– Luiza, esse é Hoy Irvine – disse Marcel, apresentando o homem que entrou com as malas. – Ele é o responsável pela segurança do castelo. Hoy, essa é a trainee que estava para chegar, a senhorita Campbell.

– Ah, lembro de que ela chegaria hoje – ele se aproximou e apertou a mão dela. – É um prazer, senhorita Campbell. Seja bem vinda.

Ela ficou imaginando se todos sabiam da tal trainee que chegaria. Logo Luiza descobriria que para os funcionários que trabalhavam e moravam no castelo, era uma grande novidade chegar alguém novo. O último havia sido Afonso Gentry, há quase dois anos quando abriu uma vaga e a irmã conseguiu trazê-lo. Os dois eram muito agarrados e felizmente ele correspondia ao que precisavam para a vaga.

Em Havenford, eles até incentivavam que os funcionários tivessem laços, de amizade ou familiares, até porque era inevitável. Noventa por cento deles moravam nas redondezas e se conheciam ou eram primo, cunhado, tio, etc de algum outro funcionário e viviam indicando pessoas para as vagas. A exceção era mesmo o corpo principal de funcionários da administração, formado por aqueles que efetivamente moravam dentro do castelo.

– O prazer é meu, pode me chamar de Luiza.

– O que você precisar, Hoy arranja. Estou falando muito sério, para ele o ramo da segurança é quase uma máfia – Marcel estava mais tagarela do que o seu habitual.

– De Londres até aqui é um longo caminho – disse Hoy, puxando as malas para fora e Devan o acompanhou.

Marcel se adiantou e pegou uma mala também, puxando-a com certa

dificuldade.

– Sinto informar que não temos elevador – disse Hoy.

– Deixe-me ajudá-lo com isso – Luiza ofereceu, tentando tirar uma das malas de Marcel.

– Não estrague o cavalheirismo dele – brincou Devan.

– Sou velho, mas aguento mais peso do que parece – respondeu Marcel, pegando uma mala grande e puxando-a também.

Luiza os seguiu, mas parou na escada, admirada pela beleza do local. O lustre enorme pairando sobre a mesa do salão principal era simplesmente indescritível. Puro cristal conectado por hastes cobertas de ouro e brilhando sobre as cabeças dos turistas que levantavam as câmeras tentando tirar todos os ângulos daquela peça magnífica. Era realmente grande, ela podia imaginar a equipe de limpeza que era necessária para mantê-lo sempre brilhando daquela forma.

– É bonito, não é? – disse Marcel, olhando-a do meio da escadaria. – Tive essa mesma reação ao entrar aqui pela primeira vez, há mais de trinta anos.

– Trinta anos? – ela o olhou surpresa.

– Na verdade trinta e cinco – ele aproveitava para descansar do peso da mala que mesmo com as rodinhas, na escada era preciso puxá-la. – E acredite, esse lugar sempre foi magnífico. Um dos castelos mais belos de toda a Inglaterra. Uma verdadeira fortaleza que amedrontava os escoceses e os fazia voltar para casa. Nunca foi invadido. Nem pelos piores inimigos dos Warrington.

– Agora é invadido por turistas – Hoy disse baixo, provocando uma risada em Devan. Os dois os esperavam no topo da escadaria.

– Essa escada não era exatamente assim na época do terceiro conde – disse Marcel, subindo ao lado de Luiza. – No século XVII, eles fizeram esse patamar para criar um ar mais chique quando visto do salão e o conectaram às entradas das alas.

– Funcionou – opinou Luiza.

– E aquele é o conde atual – cochichou Marcel. – Ele é muito discreto sobre seu título, mas é o conde de Havenford. Quando estivermos sozinhos, eu te explico melhor sobre a família.

Ela achou o tom dele engraçado e a forma como cochichava do homem que os esperava logo acima. Mas ela estava chocada. Como é que seu turista misterioso que ficaria apenas em suas divagações havia sido promovido a dono do castelo, conde e chefe geral? Era uma encrenca braba, ela tinha que esquecer imediatamente que havia sentido uma forte atração ao por os olhos sobre ele. Era ruim, porque agora toda vez que o visse se lembraria como se sentira ao entrar naquele salão e encontrá-lo.

Eles seguiram por um corredor à esquerda da escada e depois dobraram numa curva, entraram na ala leste e passaram por portas duplas que Devan destrancou. Do outro lado ficava um corredor curto só com uma porta e depois

uma leve curva que daria na ala mais nova do castelo, adjacente à ala leste, construída em 1862 para acomodar aposentos extras para a família nos andares de cima e cômodos comuns no térreo. Hoy entrou e deixou as malas, depois se despediu, sumindo no corredor.

– Depois daquela curva é a ala moderna dos criados – explicou Marcel. – Todos nós que moramos aqui estamos acomodados nos andares daquela ala. Cada um tem seu espaço pessoal. Infelizmente não há mais apartamentos disponíveis lá. Por isso, você ficará aqui nos domínios do conde.

O final da afirmação fez com que ela lançasse um olhar para Devan que estava puxando o resto das malas para dentro, mas parou ao escutar a explicação de Marcel.

– Não se preocupe, ele mora sozinho, não usa esse lado e cedeu esse pedaço do corredor, adjacente à nossa ala. Você viu, tem sua própria porta lá no corredor. Não precisaremos nos juntar à gentilha nobre, nós, os pobres criados – brincava Marcel, fingindo fazer drama.

– Você pode descer pela escada principal, não acredite nele – disse Devan.

– Ignore-o, você tem acesso à escada da nossa ala. Não é tão bonita como aquela, mas também vale uma foto e dá um acesso bem mais rápido à parte de trás do castelo.

– Eu nem sei como voltar daqui, mas se me derem um mapa – ela virou-se, finalmente olhando o quarto onde ficaria. Na verdade estavam numa espécie de cômodo adjacente. O quarto era dividido em dois ambientes, com um bonito portal entre eles, mas dali ela via uma porta no outro lado que imaginava ser um banheiro.

– Posso lhe arranjar um mapa – disse Devan. – Sem ser aquele dado aos turistas.

– Afinal, o que fizemos de diferente aqui, eu esqueci – Marcel virou-se para o atual conde.

– Já que ela não ficará na outra ala, tentamos por tudo que precisasse aqui. Você tem o espaço para trabalhar desse lado, tem uma pequena geladeira embaixo dessas bancadas, é sua para por o que quiser dentro. O closet e o banheiro ficam atrás daquela porta. As tomadas são novas, o aquecedor e o ar também, você pode acender a lareira sempre que quiser – ele parou, pensando se era suficiente. Já nem lembrava exatamente como os quartos dos outros eram configurados, mas sabia que eram como um apartamento, com dois ambientes, o closet e o banheiro. O dela era um pouco menor e o que separava os ambientes era um portal duplo e arredondado.

– Devan adora pormenores domésticos... – murmurou Marcel em tom de troça.

– Está faltando alguma coisa? Posso providenciar uma porta entre os cômodos.

– Não! – ela exclamou, surpresa com suas acomodações. Sabia que moraria ali, mas aquilo era muito mais do que esperava. – Isso está perfeito. É como dormir num quarto de livro de época com uma área de trabalho acoplada – ela se adiantou, olhando os detalhes do quarto, reparando na decoração, na mistura de épocas, na enorme cama de dossel, na escrivaninha mais bonita que já vira. – É bem feminino. Eu adorei – ela abriu um enorme sorriso, pensando que gostaria muito do tempo que passaria ali.

– Bem, então... Se precisar de algo – Devan se despediu e voltou pelo corredor, ele precisava parar de olhar para ela. Em algum momento acabaria deixando-a constrangida, mas é que não conseguia. Não era por causa de nenhuma beleza espetacular que ele nunca vira, era só que... como ele podia explicar? Quando ela se virara à frente da janela e o encarara, ele ficou simplesmente encantado.

Ele não acreditava em amor à primeira vista, essas maluquices não existiam. Mas dava para ficar fascinado por alguém só de bater o olho. Era um tipo de química imediata.

Marcel deixou Luiza sozinha depois de lhe explicar um pouco sobre os horários, indicar o caminho para ela descer pela escada da ala leste e ter certeza de que o quarto estava pronto para ela. Olhando em volta, Luiza não sabia bem o que fazer, mas seu corpo dolorido deu uma dica. Chutou as botas, arrancou o casaco e sentou na cama um pouco desconfiada de que podia mesmo dormir nela. Tinha lidado com peças como aquela, mas estavam em exposição. Bem, aquela seria sua por um longo tempo. Deixou-se esparramar no colchão alto e macio, abriu os braços, esticou as pernas e suspirou de prazer. Finalmente havia chegado, podia enfim relaxar. E ali não corria o risco de ser posta para fora por que o aluguel atrasou. Só precisava fazer seu trabalho direito.

Março de 1425,

Parece que Jordan encomendou muito mais papel para uso pessoal. E também me deu várias folhas para que eu faça minhas próprias anotações. Duvido que consiga ser tão disciplinada quanto ele e essa tinta não sai facilmente dos dedos. Mas é bom contar meu lado da história.

Afinal, ele adora escrever sobre mim e minha influência sobre nossos filhos. E sim, eu espiei. Faço isso há muito tempo. Ele é engraçado, as crianças são a cara dele. Mas eu quem fiquei meses nesse tempo estranho, inseguro, sem certas regalias e com aquela barriga enorme! São gêmeos, dois garotinhos lindos, mas também choram, reclamam e fazem tudo em dupla. O que eu faria sem Erin? Estou começando a me acostumar com a maternidade. E eu adoro o fato de ter duas miniaturas de Jordan. Eu inclusive vou mandar neles. Não tem nada mais divertido. Espere até eles crescerem.

E quem disse que casamento é mais fácil nessa época? Ele é tão cabeça dura!

Capítulo 2

Quando teve coragem de se levantar, Luiza descobriu que o banheiro era quase outro mundo no meio daquele luxo de outra época. O box era rodeado por vidro, o aquecedor a gás era silencioso e moderno, a ducha era um aparelho prateado com jatos fortes e um chuveirinho com intensidades diferentes. Mas o resto se mantinha fiel ao figurino. A banheira era feita de mármore, os armários de madeira eram dignos de uma revista, a torneira da pia parecia ser de ouro, a louça era imaculada, provavelmente trocada há pouco tempo.

O espelho tinha uma moldura grossa que o fazia parecer um quadro. O vaso tinha um espaço só para ele, também era moderno, nada de cordinha e caixa de água em cima. O closet era ligado à área de banho, isso não deve ter dado para mudar. Mas tornava o processo mais prático.

Marcel foi buscá-la na hora do jantar. Ela conheceu os outros na sala de jantar ligada à cozinha que antigamente era o espaço de alimentação dos criados. Todos estavam reunidos em volta de uma enorme mesa de madeira. No jantar ela descobriu Afonso e Peggy Gentry. Eram irmãos e haviam vindo de Birmingham para trabalhar ali. Peggy era mais velha e já trabalhara em museus, tinha chegado a Havenford há mais tempo. Afonso estava formado há quatro anos e estava tentando se firmar na profissão. Ele havia passado pela entrevista e estava trabalhando ali há cerca de um ano e meio. Ela gostou de ambos, de cara, especialmente de Afonso.

Hoy morava no quarto mais perto da escada da ala leste. Ele era o chefe da segurança do castelo, também tomava conta da logística e fazia com que tudo ali funcionasse como os outros planejavam. E Marcel era o funcionário mais antigo de Havenford que ocupava seu apartamento no terceiro andar há anos. Viver no andar de cima lhe proporcionava mais espaço, ele supervisionava todos dentro do castelo. Ele era o diretor do museu e de pesquisa.

Havia outros empregados que eram muito presentes no dia a dia de Havenford, mas estes moravam na cidade logo abaixo, alguns naquelas casinhas fofas que Luiza vira nas ruas de pedras, mas a maioria vivia do outro lado do rio.

– Já conheceu o conde? – perguntou Afonso, enquanto comiam a sobremesa, sentados no banco do lado de fora. Ela estava simplesmente seguindo as pessoas, tentando descobrir como era a rotina ali.

– Sim, de todos vocês, foi o primeiro que encontrei.

– Então entrou bem! – brincou Peggy.

– Ele foi muito prestativo carregando minhas malas enormes.

– Ele é ótimo. Fui o último a chegar aqui e juro que não tenho do que reclamar – Afonso raspou a tigela do seu mousse. – Assim que cheguei ele ficou dois meses fora, então minhas boas vindas foram com Marcel que é o

senhorzinho mais amável que já conheci. Hoy é caladão no começo, mas depois se solta.

– Então você não tem nenhum aviso para me dar – perguntou Luiza, vendo que não sobrava gente na equipe para ele falar mal.

– Ah, tenho sim. Minha irmã é um porre! Ela está sofrendo de carência de contato feminino, apesar de ter euzinho aqui. Então cuidado, ela vai grudar em você que nem uma sanguessuga.

– Mentira! – reagiu Peggy. – Eu só comentei que era um pouco solitário ser a única mulher morando aqui. As outras vão embora, não dá para conversar muito.

– E eu sou o que, meu bem? Sou a melhor amiga que você pode ter! – Afonso continuou implicando.

– Tudo bem, não ligo de ambos fazerem a sanguessuga pra cima de mim. Acho que eu quem vou grudar em vocês. Vou estranhar morar aqui – comentou Luiza.

– Quem nunca! – disse Afonso, gesticulando com a colher na mão. – Afinal, não é todo dia que a gente sai da criadagem e vai morar num castelo. Morri muito quando cheguei aqui. Eu praticamente tinha orgasmos só olhando para aquele quarto maravilhoso!

– Nós ainda somos a criadagem moderna – caçoou Peggy.

– Você, querida. Agora eu sou auxiliar da nobreza, sou chique demais. Durmo aqui, vivo aqui, como aqui... Se alguém perguntar eu digo logo: Moro num castelo. Dorme com isso, amor!

– Acho que vai ser divertido – opinou Luiza, sobre morar ali e sobre suas novas companhias.

– Mas afinal, onde o conde se meteu? – perguntou Peggy, voltando à fofoca.

– Sei lá, está por aí na vida. Deixa o homem, garota – disse Afonso.

– Ah, só pode estar de perua nova – ela sorriu e se recostou melhor.

– Que perua? Só se aquela louca voltou pra cidade. Se ele catar outra perua metida, ela faz a ninja. Aquela mulher nunca vai desgrudar dele.

Luiza olhava de um para o outro, completamente perdida na fofoca. Ela ainda estava assimilando o fato de o chefe ser o conde na linguagem deles.

– Ela é uma lady, então? – perguntou Luiza, ingenuamente e levando muito a sério aquela história de nobreza.

Os irmãos caíram na gargalhada.

– Gente, ela é tão bonitinha, não é? Ainda está inocente na parada – disse Afonso. – Uma lady... – riu mais.

– Para com isso, Afonso! Se a perua metida casasse com ele seria oficialmente uma lady.

– Lady do grude! Ô, santo! Livrai meu chefe maravilhoso daquela bomba. Por favor, ele não merece. Ele me paga bem, me trata bem, até elogia meu trabalho, chefe assim você não acha em qualquer muquifo. O único defeito dele

é não gostar da fruta que eu tenho.

– Eu tenho a fruta certa e nem por isso vou virar lady – zouo Peggy.

Os dois riram mais e Luiza ficou tentando acompanhar. Ela estava enferrujada demais no quesito fofoca para já ir sacando tudo e eles realmente falavam rápido, um entrando pela frase do outro. Pelo jeito o conde teve alguém que passava longe de ser uma lady, mas era metida e grudenta. Era bom mesmo ele ter, ajudava a mente dela a não ficar divagando sobre ele. Por que ele não podia ser o turista desconhecido? Tinha ficado tão mais interessante, seria território livre para pensamentos. Afinal, uma garota precisava dos seus momentos de imaginação.

– Então, pelo jeito ele não é casado – por que isso aliviava a dor na consciência dela, nem Luiza sabia explicar.

– Socorro! – gritou Afonso.

– É casado sim, com aquele notebook dele. Ele é um escritor, sabe. Você nunca leu nada dele? Você lê suspense?

– Leio... Mas não tenho tido tempo para ler muito – e nem dinheiro para comprar muitos livros, mas isso ela não comentou. Sebos existiam para isso. E tinha descoberto as promoções de e-Books nas lojas online e estava se fartando com isso. Era bom porque teria ficado arrasada de deixar todos os seus livros pra trás, uma das malas tinha mais livros que roupas.

– Vou te emprestar os livros dele. Ganhei todos autografados depois de um drama básico – Afonso fez uma cara sacana.

– Ele tem muitos livros? – perguntou Luiza, com a curiosidade despertada. Ganhar livros muito lhe interessava.

– Cinco da série de suspense, dois acadêmicos e acho que mais dois independentes de série – informou Peggy. – Ele ficou mais rico com os livros da série que é best-seller mundial, traduzido para sei lá quantas línguas.

– Dinheiro atrai mais dinheiro – Afonso pulou de pé. – Vida injusta. E eu aqui sem conseguir vender nem um conto.

– Você não escreve nem conto! – retrucou Peggy.

Depois de uma ótima noite de sono, Luiza foi direto para a biblioteca. Ela ainda não havia desarrumado as malas, só abriu duas e tirara o essencial para se arrumar e vestir hoje. Pretendia encarar a tarefa após seu primeiro dia de expediente. Ela esperou um tempo por Marcel, mas ele custou a aparecer.

– Ah, aí está você! – ele entrou na biblioteca.

– Não era aqui que eu deveria estar?

– Sim, sim. Eu esqueci que ainda não lhe disse onde fica minha sala. De qualquer forma, sua mesa é aquela ali – ele apontou a mesa de madeira escura,

perto da lareira, com alguns livros empilhados em volta, uma cadeira acolchoada, e coberta de seda cor de pêssego. Ficava em frente à terceira janela mais longe da porta.

Luiza foi até lá com seu notebook e achou que gostaria um bocado de sua estação de trabalho. Era afastada, dava-lhe privacidade o suficiente, ficava perto da lareira, o que seria ótimo no inverno, e ninguém a pegaria de surpresa se por acaso sua mente voasse dali.

– Não ficaremos juntos?

– Ah, não é necessário. Aprendi a usar o Skype, com muita dificuldade, mas consegui. E minha salinha é pequena e está entulhada, vivo tropeçando. Você vai se sentir muito melhor aqui, com todo esse espaço. E quem costuma ficar ali na antiga mesa do conde é exatamente... o conde! – Marcel inspecionou a área dela, vendo se estava tudo pronto para uso. – Mas ele também é um escritor e quando está escrevendo não consegue ficar parado apenas em um local, então não estranhe. Ignore-o, mesmo se ele começar a falar sozinho e fizer movimentos estranhos com as mãos. Sabe como são escritores...

– Sim... – ela respondeu, só para dizer algo, não sabia como era.

– Deixei aqui algumas pesquisas e documentos que preciso que você comece a trabalhar. E também o livro sobre Havenford, o folheto do que acontece aqui; outro explicando como o castelo funciona e mais alguns sobre a galeria. O livro da família está logo ali naquele suporte. É bom você entrar em contato com o castelo, descobrir tudo mesmo. Você vai precisar para poder trabalhar nas diferentes áreas daqui. Prometo que ser minha assistente será mais técnico, mas sua mente vai precisar estar afiada.

– Estou cada vez mais curiosa.

– Ótimo. Sabe das coleções de obras de arte dos Warrington, não é? Vou precisar que cuide disso assim que se entender com tudo sobre Havenford. Afinal, a museóloga é você – ele sorriu e depois de mais umas observações, disse que estaria na sua sala e iria adicioná-la no Skype.

Em torno de dez da manhã, Devan apareceu com uma caneca de cappuccino numa mão, um pacote de torradinhas salgadas e a pasta de couro que ela já sabia ser a proteção do notebook. Ela fechava exatamente em volta do aparelho, ele podia usá-lo dentro dela ou retirá-lo. Ele não a viu imediatamente, mas quando chegou à mesa e descansou tudo, estacou, olhando-a. Luiza não viu porque fingiu estar muito compenetrada no que lia. Ela bem que estava, até ele aparecer.

– Bom dia, Luiza – ele disse baixo, mas sua voz era forte, um pouco rouca ao fechar determinados sons, fato que era mais fácil de notar no final das frases, o que lhe dava um som mais grosso, bem profundo. Fazia imaginar como ela devia soar com ele murmurando ou sussurrando. Arrepiante, sem dúvida. E num sentido totalmente errado que Luiza não podia nem pensar em imaginar.

– Bom dia.

Milorde – ela pensou o final da frase apenas para diversão pessoal. Porque ele simplesmente fazia alguém pensar em chamá-lo assim.

Ele se sentou e pouco depois ela escutou o som baixo das teclas do notebook prateado. Ele não fazia qualquer outro barulho, então ela conseguiu se concentrar em tudo que tinha em cima da sua mesa. Quando chegou ao funcionamento do castelo, no que havia ali dentro e nas explicações sobre a história de Havenford e dos Warrington, começou a ficar mais curiosa. Era mais interessante do que esperara, especialmente quando leu um exemplo do que o terceiro conde escrevia.

Numa sala na parte sul do primeiro andar, ficavam as cartas e anotações protegidas em telas que permitiam que fossem expostas. Ela descobriu que desde o terceiro conde, o personagem mais famoso dos Warrington, alguém recebia seu nome em uma das gerações, mas não necessariamente os herdeiros do título. Mas dessa vez, o conde atual fora o escolhido, o que não acontecia há muito tempo, pois sempre que nascia um novo conde, algum outro parente recente havia acabado de receber a honraria.

Isso até andou gerando atritos familiares, porque por décadas, o lado da família que não estava na linha direta de sucessão dos condes, usava o nome primeiro por pura implicância de uma geração com a outra. Isso causou que pelo menos seis gerações de condes não recebessem o nome, porque o intervalo mínimo era de dez anos e acredite, eles seguiam suas próprias regras. Numa família tão antiga, dava para imaginar o drama que os mais velhos faziam.

Antes mesmo de seu filho se casar, Rachel Warrington, a atual matriarca da família, avisou que seu neto, o próximo conde, levaria o nome. Ela nunca havia se importado com isso antes, inclusive nunca quis por o nome no filho, o conde da época. Mas, para o seu neto, ela resolveu que era hora de acabar com a palhaçada da implicância.

Luiza se levantou e foi até o suporte em frente à parede de livros. Ele mantinha um livro grande e grosso com bordas de ouro e letra douradas, capa muito dura e resistente, com o nome dos Warrington. Ela continuava escutando o som das teclas do notebook. As pontas de seus dedos deslizaram sobre a capa com reverência pelo trabalho tão bonito daquela encadernação. Abriu e começou a passar as páginas lentamente. Mesmo nos belos livros que viu em museus e até naqueles vendidos a estudantes da área de museologia, e que Luiza em geral não podia bancar, nunca vira um tão bonito. O material das folhas era mais rígido e liso e as imagens eram todas ricamente coloridas em papel fotográfico e alta resolução.

Ao virar uma página ela se deparou com uma reprodução da imagem de rosto do famoso terceiro conde, olhando diretamente para o pintor que devia estar registrando-o. Seu cabelo loiro estava parcialmente preso, as ondas tocavam seus ombros, chegando a descansar sobre eles. Seu olhar era decidido e

o pintor tomou um cuidado detalhista ao retratar a cor de seus olhos, um tipo de azul prateado. Suas feições eram fortes, as sobrancelhas e barba eram alguns tons mais escuros do que o cabelo. Ele usava um gibão das cores do estandarte dos Warrington por cima de uma vestimenta azul escura.

Devan continuava fingindo que estava digitando. Ele estivera compenetrado, bem no meio da descrição de uma cena em que o seu detetive chegava a uma conclusão. Mas então Luiza levantou e ele simplesmente continuou batendo os dedos nas teclas enquanto seus olhos a seguiam, já digitara uma página inteira de um bando de letras sem sentido. O mais interessante é que ele digitava tanto que mesmo enquanto fingia ainda dava espaços.

De repente ela virou o rosto e o olhou, ele fez de tudo para manter uma feição neutra e fixar os olhos na tela. Luiza voltou a olhar a página e depois o olhou novamente. Devan podia apostar alto que ela havia chegado à página com aquela pintura do conde. Estava acostumado a escutar isso de todos que entravam em contato com a imagem do seu antepassado, eles eram muito parecidos.

Sua avó às vezes ficava olhando-o e dizia que era assustador. Seu falecido pai, que não se pareceu nada com o conde do século XV, preferia falar do milagre da genética e do sangue, afinal, era o campo no qual ele trabalhava. Ele teve o cabelo castanho claro, mas a esposa era uma francesa bonita, só que morena de nascença e com o cabelo colorido de loiro. Mesmo assim, Devan era loiro, chegou a ter o cabelo claro como platinado quando criança, mas ao envelhecer se tornou uma espécie de dourado escuro e misturado, assim como foi o conde e como a avó era antes de ficar com o cabelo branco, que ela disfarçava só para amenizar.

Sem dizer nada, Luiza retornou ao seu lugar. Não queria incomodar Devan para falar da semelhança que ela achava ter visto. Não tinha realmente reparado nele de perto, fizera de tudo para reprimir a vontade, ao menos por enquanto.

Pouco depois ele se levantou e saiu, levando o notebook e a caneca vazia. Ela continuou seu trabalho ali até a hora do almoço e voltou para sua mesa. Eles ficaram nisso por basicamente uma semana. Marcel aparecia de manhã e lhe dava tarefas para ela conseguir se inteirar sobre o trabalho e, pouco depois, Devan chegava, escrevia por um tempo, ia embora e às vezes ela o via escrevendo ou trabalhando em outro lugar. Por alguns dias, depois que ele saía da biblioteca, só voltava a encontrá-lo quando ele se juntava a eles para o jantar, o que não era sempre. Às vezes ele estava escrevendo ou, se eles jantavam cedo, conflitavam com o horário que ele saía para se exercitar.

– Você está gostando do seu posto? – perguntou Marcel, depois que Luiza tinha enfrentado a primeira semana de trabalho no castelo.

– Eu adorei. É a melhor mesa que já tive, fico imersa no meu trabalho lá no fundo da biblioteca que é um espaço tão amplo e com aquelas janelas enormes que só vejo o tempo passar quando começa a anoitecer.

– Fico muito contente, eu sabia que muito espaço iria lhe agradar. Eu, velho cheio de manias que sou, prefiro a minha salinha entulhada lá nos fundos. Posso falar sozinho o quanto quiser.

– O conde fica lá parte do dia, mas ele quase não faz barulho, só murmura umas coisas para ele mesmo.

– Se ele souber que você já o está chamando de conde pelas costas – Marcel riu. – Isso é obra de Afonso e Peggy, não é? Já a enturmaram.

– Bem... – ela sorriu.

– Deve estar guardando suas esquisitices para o segundo andar, ao menos para não assustá-la por enquanto – ele colocou o chapéu e se ajeitou. – Bem, vou indo. Hoje o movimento está fraco por aqui, é sempre assim no fim de semana logo após a feira do rio. É bom que temos um descanso antes da temporada de festivais aqui no castelo.

– Bom passeio – ela desejou.

– Hoje é sábado, aproveite que por enquanto você não tem tarefas no final de semana.

Luiza ficou observando Marcel sair do pátio interno e pensou que poderia andar por ali para ver o que acontecia no final de semana. No dia que chegou estava um caos completo e ela estava cansada demais. Mas talvez fosse melhor terminar de arrumar suas coisas no closet. Até hoje só desfizera duas malas e a bolsa de mão. Já resgatara uns itens da terceira, mas faltava muita coisa.

– Ai, meu bem! Vão casar lá na estufa e sobrou pra mim. Peggy está resolvendo um problema que deu lá no pátio externo. Esse negócio de administração no final de semana não é da minha alçada! – Afonso foi andando lá para trás.

– Quer ajuda?

– Se você vir minha irmã, mande-a me encontrar lá atrás.

Março de 1426,

Eu não sei mais o que fazer para continuar sã. Ele vai completar trinta e dois anos e esse ano é tão maldito. Eu sinto que algo vai acontecer. E não sei se tudo que fiz foi parcialmente em vão. Se eu perdê-lo agora, o que farei? E como vou conseguir proteger meus filhos da família dele? Eles são muito pequenos.

E esse homem maldito está chegando, imagino que amanhã já estarão aqui para o aniversário de Jordan. Não posso chorar de nervosismo porque ele vai notar, mas preciso tomar uma providência.

Capítulo 3

Luiza seguiu explorando o salão principal, ela ainda não conhecera nada ali. Sua rotina nesses cinco dias consistira em memorizar os caminhos para seu quarto, ficar em sua mesa tentando cumprir suas primeiras tarefas da melhor forma possível, conversar com Afonso e Peggy, dormir naquela cama maravilhosa, ler e enrolar para desfazer as malas.

– Você já conheceu o castelo?

Ela se virou rapidamente e encontrou Devan na saída da galeria. Dessa vez ele estava sem o notebook e com as mãos nos bolsos enquanto esperava ali com ar casual.

– Não tive a oportunidade ainda. Não deu tempo.

– Quer um tour?

Ela deu alguns passos perto da mesa principal do salão.

– Eu estava aqui olhando essa taça que todos ficam tirando foto, mas não quero perturbar um dos guias. Eu também não tive tempo de conhecê-los ainda.

Ele se aproximou e parou na ponta da mesa, olhando para a taça.

– Não é esse tipo de tour. Eu vou lhe apresentar minha casa, posso ser seu guia? Juro que sei todos os textos.

Ela sorriu e inconscientemente passou a mão pelo cabelo, ajeitando a parte que estava jogada para o lado direito.

– Mas você tem tempo? – ela perguntou, lembrando que além de escrever ele administrava aquela bagunça toda que era o castelo apinhado de funcionários, turistas e fornecedores.

– O dia todo – Devan garantiu.

Ela se aproximou para olhar melhor a taça.

– Quem melhor, não é? Afinal, você mora mesmo aqui.

– Agora você também mora – ele indicou a taça. – Essa era do conde, bem, o mais famoso. Afinal já tivemos tantos condes... É por isso que todos ficam tirando fotos – ele se inclinou e ela acabou fazendo o mesmo. – Está vendo as pedras negras, azuis e verdes? São bem reais, não?

– Sim, são o quê? Diamantes? Esmeraldas?

– As originais sim... Essas eu não lembro o que são. Mas são valiosas.

Ela se endireitou e o olhou, franzindo bem a testa.

– Isto é uma falsificação?

– Eu prefiro chamar de réplica – o tom dele foi de sugestão, o que a fez rir. – A original está no cofre. Seria muito perigoso ficar aqui. Você sabe, não temos mais arqueiros e cavaleiros defendendo as preciosidades do castelo.

– Tem o Hoy! Ele parece bem malvado.

– Só parece! – ele quem estava achando graça agora. – Ele finge ser assim. Vai ver só quando conhecê-lo melhor.

– O que mais não é real aqui?

– Bem, o lustre aqui em cima é bem real. Mas eu fico imaginando os ladrões pendurados nele, tentando não quebrar as folhas.

– Vocês já foram roubados?

– O castelo já sofreu ataques algumas vezes.

– Eu li sobre a grande guerra! – ela o interrompeu, animada em saber algo. – Sem os detalhes, mas chegarei lá.

– Depois que abrimos para o público, já sofremos algumas tentativas de roubo e uns furtos. Hoy chegou aqui depois de um episódio particularmente perigoso.

– E você estava no meio?

– Infelizmente.

– Alguém se machucou?

– Eu me perdi convenientemente e abandonei o ladrão em um dos túneis que descobrimos aqui embaixo e que eu disse levar ao cofre. Os outros foram pegos pela polícia.

– Muito engenhoso.

– Bem estúpido, na verdade. Mas eu tinha uns dezessete anos – ele deu de ombros. – Ainda estava na fase inconsequente.

– Faz muito tempo? – ela usou propositalmente um tom leve.

– Não precisa evitar perguntar minha idade, tenho trinta e dois. Eu li seu currículo, você mentiu o ano que nasceu?

– Ainda não estou escondendo! Estou na flor dos vinte e cinco anos.

– Interessante, minha irmã começou a mentir a idade exatamente aos vinte e cinco, para ter base quando chegasse mais à frente.

Ele a levou pelo primeiro andar e apresentou-lhe a biblioteca apropriadamente, falando de como era um dos locais preferidos do conde e sua esposa. Informou sobre o dia que Elene, a condessa da época, conseguiu abrir uma janela que estava emperrada há anos e pulou por ela. Ninguém soube exatamente por quê, mas foi antes de se casar com o conde. Depois Devan lhe mostrou as salas de estar, a outra sala de jantar, bem menor e mais acolhedora do que o salão que nos séculos seguintes fora usado para bailes.

Luiza estava adorando a decoração e as obras de arte espalhadas por cada cômodo. Tudo arrumado cuidadosamente e muito bem preservado. Devan lhe contava baixo quando estavam olhando para uma pintura restaurada. Eles encontraram com alguns turistas durante a visita, mas não estava aquela loucura do dia em que ela chegou.

– Como é morar num lugar de visita pública?

– Quase como ser um macaco de circo – ele brincou.

– Mesmo?

– Não, as pessoas em geral não sabem quem eu sou. Ao menos a maioria. Depois que passam pela galeria, se encontrarem comigo, alguns reconhecem e querem tirar fotos.

– E você tira?

– Oras, e por que não? Descobri vários leitores dos meus livros em encontros inesperados como esses.

– Não gosto muito de sair em fotos... Nunca sai direito.

– Não imagino por que você odiaria sair em fotografias.

– Sempre saio com problemas. Olho torto, cara redonda, cabelo estranho, bochechas enormes, olhos vermelhos... Imagina, tirar foto com um bando de turistas.

– Acostume-se, eles adoram tirar fotos com os funcionários.

– Mentira!

– A mais pura verdade. Especialmente nos festivais. Espero que você também se vista a caráter. Eles vão ficar loucos, você é bonita demais para não sair numa foto vestida de dama medieval.

Ela sentiu as bochechas esquentarem, mas deu crédito ao sol que os aquecia enquanto atravessavam o pátio interno.

– Vocês se fantasiam no festival?

– Claro, é diversão garantida! – ele parou ao lado do chafariz e esticou os dedos, deixando a água tocar as pontas. Estava com a camisa de botões com as mangas dobradas e molhou os pulsos também. – Um dos condes mandou fazer esse chafariz para sua esposa. Ela estava triste por ter sido tirada de casa e eles eram recém-casados, mas não se conheciam antes.

– E ele a conquistou? – ela se aproximou e imitou o gesto dele, deixando a água molhar seus pulsos, estava bem fria e ajudou a refrescar.

Devan olhou-a demoradamente, admirando-a enquanto ela observava a água e os detalhes do chafariz.

– Um pouco depois. Ela gostou do presente, sentava-se sempre aqui e creio que ele aproveitou que ela finalmente saiu da torre para conquistá-la.

– Ela se trancou na torre? – Luíza perguntou, com certo espanto.

– Creio que foi naquela ali – Devan apontou para o lado direito do castelo, era uma das torres laterais, não era a mais alta. – Dava uma vista perfeita para o chafariz.

– Conde esperto esse seu antepassado.

Ele seguiu lhe contando um bando de coisas sobre o pátio interno e atravessaram os portões para o externo que estava cheio de visitantes comendo nas mesas sob as sombras. Devan também aproveitava e a apresentava a todos os empregados do castelo que encontrava, assim ela começava a conhecer o pessoal, já que em uma semana nem havia colocado os pés para fora do prédio

principal. E isso ele sabia por conta própria.

– Aqui no pátio externo temos réplicas perfeitas de como foi na época medieval. Claro que com as devidas proporções e modernidades necessárias.

Ela e levou numa ampla volta, mostrando a torre de vigia, a guarita dos portões, as escadas dos arqueiros, as armas guardadas em um dos prédios anexos, prontas como se fossem entrar numa nova guerra medieval a qualquer momento. Ela ficou muito animada quando ele disse que podia ensiná-la a usar um arco daqueles. Mas Devan não queria lhe mostrar tudo em um único dia, queria outras oportunidades para passar mais tempo na companhia dela.

Devan já havia percebido que ela não era tímida, mas estava sobrecarregada pela mudança repentina em sua vida. Até ele ficou um pouco perdido quando se mudou definitivamente para Havenford e estava acostumado a ir ali desde criança. Mas ela tinha que lidar com a mudança e se preocupar em corresponder às expectativas do novo trabalho. E Marcel não conseguia esconder o quanto estava animado por ela ter chegado. Devan fazia de tudo para disfarçar o quanto ele estava encantando após a chegada dela. Ele nem estava se entendendo. Esse tipo de paixão repentina não fazia parte das crenças dele. Talvez estivesse apenas intrigado. Esperava que sim, mas ele não era o tipo que se reprimia, então queria descobrir o que era.

– Você não veio aqui fora, então, também não comeu nada daqui – ele observou, olhando para o espaço de alimentação.

– Não, eu nem tinha percebido que há comida.

Ele levou-a até uma das barracas protegidas pela sombra do castelo e conversou um pouco com a atendente e apresentou Luiza. Depois lhe pediu o combo da feira que consistia em pastel de carne, hidromel e confeitos cobertos de açúcar. Nada era mais preparado como foi no século XV, mas eles tentavam manter a aparência rústica para entreter.

– E o que é isso? – Luiza ficou olhando para o que ele trouxe, o cheiro era bom, mas parecia uma torta.

Eles se sentaram nos degraus perto de uma das portas laterais e ele lhe explicou que na feira mais próxima de Havenford, isso era o que o conde e a condessa gostavam de comer.

– O teor alcoólico é baixo – ele falou, encorajando-a a beber o hidromel.

– Isso com certeza não parece um pastel – ela comeu um pedaço e fez um som de aprovação enquanto seus olhos se iluminavam num sorriso. Já sabia o que podia lancher sempre.

– Bom, não é? O hidromel também é, a produção local era grande naquela época. Você precisa provar nossa sidra. Bem, agora compramos, mas o pessoal das redondezas ainda produz.

– Você está querendo me embriagar com todas essas sugestões.

– Tem cerveja também. Existem ótimas cervejarias à beira do rio. Temos até

um festival.

– Aquele em que terei de me vestir de lady medieval também?

– Sim, vamos lhe arranjar uns vestidos. Eu nunca tive um par nas celebrações.

– Duvido que falte ladies dispostas a acompanhar um lorde tão bem relacionado quanto milorde. Afinal, o conde deve ser concorrido.

Ele se divertiu com o que ela disse, especialmente o tom pomposo que usou.

– Eu não espalho por aí a minha posição, milady.

– Eu sei, lorde Fulton me comunicou.

– Eu acho que nunca o chamaram disso! – Devan riu. – Vou ficar uma semana o chamando de lorde Fulton.

– Não diga que foi ideia minha!

– Claro que direi! Isso só poderia vir de alguém novo.

– E ele não liga?

– Desde que possa chamá-la de lady Luiza...

– E posso chamar você de conde? – ela levantou a sobancelha.

– Que tal Devan? – a pergunta foi acompanhada de um olhar e ela achou seu leve sorriso sedutor demais para essa hora do dia. Ou para qualquer momento perto dela. – Tenho certeza que Afonso a ajudará a me dar apelidos quando eu não estiver escutando.

– Vou continuar chamando-o de conde. Pelas suas costas...

Devan adorou o sorrisinho sacana que ela deu antes de beber mais um gole do hidromel. Será que ela sabia que sob o sol seu cabelo ficava vermelho e seus olhos verdes pareciam brilhar como uma floresta tropical em pleno verão?

– Você sabe que isso não faz mais tanta diferença.

– Você ainda é o conde e outras coisas também, eu li naquele livro que Marcel me deu. E tem o mesmo nome daquele conde do século XV, não é? Jordan Devan Warrington. Estou memorizando, está vendo.

– Vai virar uma especialista em pouco tempo. E eu continuo sem saber sequer de onde você é.

– Eu não nasci muito longe daqui para falar a verdade. A família do meu pai é escocesa e parte dela mora em Northumberland. Mas eu me mudei logo para Essex, então não me lembro de ter vivido um ano aqui. Depois eu fui para Londres e ironicamente agora estou mais perto de onde nasci do que nunca estive.

– Olha só, você é metade escocesa... Eu devia ter pensado nisso, seu sobrenome é típico.

– E você gastou seu tempo pensando de onde eu vim?

– Sim. Pensei um bocado, assim que a vi eu soube que queria fazer uma personagem baseada em você.

Também soube que queria beijá-la, mas por enquanto isso vai ser só

imaginação – ele pensou.

– Mesmo? – ela não queria assimilar que ele ficara pensando nela, era melhor seguir a linha de que o interesse dele era puramente profissional. Como dizia Marcel, coisas de escritores.

– Alguma heroína pela qual vou ficar tão afeiçoado que não conseguirei fazê-la sofrer – ele lhe deu a mão, ajudando-a a levantar da escada. – Que tal visitarmos um último local por hoje?

– Não vou gostar de uma personagem sofredora – ela assentiu e o seguiu de volta para dentro do castelo. – Você tem um detetive do século XVI, não é?

– Sim, mas já é do final da Alta Renascença. Ele não encontrou um par ainda, vivem me perguntando sobre isso.

– As pessoas gostam de romance.

– Ele já teve alguns no decorrer dos seus casos. Nada que durasse muito. Mataram sua última paixão.

– E ele descobriu o assassino?

– Estou escrevendo ainda.

– E não vai me contar, não é?

– Você se interessa por romances policiais, suspenses e afins?

– Muito!

– Talvez eu conte.

– Infelizmente nunca li um dos seus livros.

– Você não tem que ler se não lhe interessar.

– Mas eu gostei dos resumos e das resenhas. Coloquei em minha estante online que vou ler.

– Então andou pesquisando... – ele pareceu satisfeito, afinal gastara um bom tempo conjecturando sobre ela, era bom saber que ela usara uns minutos para ver algo relacionado a ele.

– Sabe, sou um tanto curiosa. Marcel e Afonso falaram um bocado dos seus livros.

– Eu lhe dou o primeiro livro da série e você poderá falar o que achou também – ele prometeu.

– Combinado.

– Mas você vai ter que me contar um pouco mais da sua vida em Essex.

– Uma história pela outra?

– Basicamente. Alimente a minha curiosidade.

Eles entraram na galeria que estava com poucos visitantes e sem grupos acompanhados pelos guias. Devan foi de seção em seção, deixando-a ler enquanto ele olhava para a cara de antepassados que ele já até memorizara as feições de tanto que entrara ali. Sempre que se lembrava de algo interessante, ele lhe contava. Ela parecia gostar particularmente das histórias envolvendo as aventuras românticas dos Warrington. Ele tinha muito a falar sobre o conde, mas

resumiu o que sabia sobre as cartas e o encontro de Jordan e Elene naquele campo cheio de mortos.

– Você sabe que é parecido com ele, não sabe? – Luiza parou em frente ao retrato do conde que iniciava a seção dele.

– Um pouco...

– Está falando sério?

– Tudo bem, eu sei que há muitas similaridades.

– Enormes!

Ele desencostou da parede, tinha ficado ali de propósito.

– Eu quero lhe mostrar uma coisa.

Ele pegou a mão dela e deu uns passos para o lado, parando exatamente em frente ao retrato de entrada de Elene. Aquele em que ela estava olhando fixamente para o pintor, de forma agradável e decidida, com seu longo cabelo vermelho caindo sobre seus ombros.

– Esta é Elene Warrington, a mais famosa condessa de Havenford.

– Eu li sobre ela, cheguei a ver a imagem naquele livro. Mas ainda não passei daquela página.

– Ela foi Elene de Montforth. A endiabrada E. M. que quase matou o conde daquela época de dor no coração quando ele achou que nunca a encontraria.

– Isso é muito romântico.

– Você é muito parecida com ela.

– O quê? – a exclamação dela denotava sua descrença.

– Olhe bem para ela.

– Estou olhando.

– Seus olhos são idênticos aos dela.

– Claro que não! – ela riu, pensando no absurdo.

– Sua boca também é similar. Alguns traços...

– Você não pode ter tanta certeza.

– Até a cor dos seus olhos. Aaron era um pintor muito atento às cores, era ótimo em misturar para chegar o mais perto possível do real. Você vai ver a mesma cor nos olhos de Haydan, filho de Elene. Mas esse traço não foi muito à frente em minha família. Não conheço ninguém com olhos nesse tom de verde ou com formato tão parecido.

Luiza deu um passo à frente, se aproximando mais do quadro daquela bela mulher ruiva que parecia encará-la fixamente. Ela ficou um minuto sem poder desviar o olhar, totalmente ligada àquela imagem. Talvez já houvesse visto aquele rosto, porque Elene era a personagem do famoso quadro “Noiva de Inverno”, isso devia explicar a sensação de reconhecimento. Ou talvez fosse por tê-la visto no livro. O que fosse, fez com que ela ficasse ao menos um minuto encarando de volta a ruiva do quadro.

– Você reparou tanto assim nos meus olhos? – ela perguntou, evitando olhá-lo.

– Sempre que pude.

– E soube disso hoje?

– Desde que você cruzou aquelas portas e eu a vi, a imagem veio à minha mente. Mas eu ainda não havia conseguido ver seus olhos tão de perto.

– Por isso ficou me olhando naquele dia.

– Também...

Ela se afastou do quadro e foi andando, seguindo a família do conde e as imagens de Elene ao longo do tempo. Não eram muitas e eram pinturas, mas eram fiéis. Ela ficou muito tempo olhando para o quadro da condessa vestida de noiva e mais de um minuto de silêncio se passou enquanto Luiza admirava atentamente a pintura do conde, Elene e seus filhos. Era como se algo houvesse tocado-a profundamente, uma emoção que ela nem entendia. Seus olhos arderam e se encheram de lágrimas enquanto os filhos deles.

– A história deles é muito bonita – ela murmurou, apreciando os rostinhos das crianças.

– Uma das mais bonitas histórias reais que conheço. Só estamos aqui por causa deles. Elene salvou o conde, apesar de ter chegado lá precisando ser salva. Acho o amor deles inspirador. Você precisa ler as cartas.

– Eu acho que você é um romântico enrustido – ela disse baixo, tocando o cantinho do olho e evitando uma lágrima.

– Não, sou inveterado mesmo. É um mal de família. Esse conde aí virou um tolo romântico e enfeitado por causa de sua adorada Elene.

Luiza se afastou dos quadros e o olhou por um momento.

– Eu não pareço tanto com ela.

– Ela tinha um rosto oval e aquela marcante cabeleira – ele levantou a mão e tocou o nariz dela levemente com a ponta de seu dedo. – Não sei de que lado da família você herdou esse belo nariz, com essas covinhas dos lados. Bem na ponta... é a principal diferença. E o formato da sua mandíbula, um pouco mais quadrada. Sua pele tem um tom que ela não teria. Mas seus olhos... Não são como réplicas, são simplesmente os mesmos.

Luiza não conseguiu fazer outra coisa além de olhar para ele. Poderia começar a falar de todos os detalhes que notara nele também. Só percebera aquela pequena cicatriz do lado direito de sua testa hoje, enquanto comiam. Também notara que seus olhos não eram exatamente azuis, pareciam misturados. Em alguns momentos mostravam um bonito tom azulado como o mar profundo iluminado pela lua prateada, porque adquiriam uma leve mistura cinzenta. Sua boca combinava com as feições fortes do seu rosto, era larga e com lábios de aspecto macio que tinham a curva superior bem pronunciada.

Ela tinha que confessar que se sentia atraída por barbas rentes como aquela que Devan mantinha tão cuidadosamente, ao menos todas as vezes que o viu estava bem aparada. E lhe dava um ar tão maduro e atraente. Luiza a vira de

longe ao entrar no castelo naquele dia. Ele nem precisava ser tão bonito, porque já era charmoso o suficiente. Era um dos motivos para ela não querer olhá-lo tanto. Ele era território proibido, não podia. Mas aquela mandíbula dele era de provocar suspiros. Ela não podia ver uma quadrada dos lados como aquela, tão masculina.

– Você é bem observador...

– Quando me interessa – ele respondeu, com o olhar sobre ela.

Ela deu um passo para trás e foi em linha reta até a próxima seção e olhou Rachel Warrington e depois o filho dela. Ele sofreu uma morte prematura num acidente de carro e Luiza achou melhor não obrigar Devan a tocar no assunto da morte do pai. Ela seguiu olhando as fotos bem mais atuais da família, a maioria daquelas pessoas ainda estava viva. Devan não tornou a se aproximar, mas mantinha seu papel de contador de histórias e agora tinha detalhes bem mais exclusivos, sendo que vivia aquela época. Estavam depois da curva quando para azar de Luiza, deu de cara com a imagem dele.

– Bem, esse foi um passeio bem rápido pela galeria – ele disse, parando depois da própria foto.

– A parede está vazia – ela evitava olhar a pintura que era acompanhada de uma fotografia.

– Nunca tive filhos. Minha irmã também não. Então...

– Onde está sua irmã? – ela estava muito feliz em encontrar um tópico neutro.

– Mounthill. Está morando lá e cuidando do hotel.

– Ah, aquela outra propriedade que você é lorde?

– Sim... – ele admitiu com um leve sorriso. – É em parte um museu como aqui. Mas é bem menor e mais focada no hotel. Helena, filha de Elene e do conde, morou lá com o marido e os filhos.

– Sabia que você é uma enciclopédia ambulante? A quantidade de informações que me deu hoje sobre sua família, história, a região e até os animais daqui... Você esquece os detalhes dos seus próprios livros?

– Pior que não. Mas eu anoto sempre que possível.

– Eu queria ter metade da sua memória. Eu esqueço coisas recentes facilmente.

– O que nós comemos hoje?

– Também não é assim! – ela riu e foi saindo da galeria.

– Você não respondeu...

– Pastel, hidromel e confeitos – ela recitou, sabendo que não esqueceria nada desse dia por um bom tempo.

Eles encontraram com Afonso quando saíram da galeria. Ele não estava mais irritado, mas dava crédito às várias doses de hidromel que, segundo ele, era a única bebida alcoólica que ele conseguia ali e de graça.

– Mas o hidromel vendido aqui não é original, é com baixo teor alcoólico.

Você sabe que não podemos embebedar os turistas – Devan franziu a testa, parecia fazer um grande esforço para não rir.

– Eu logo vi que não estava ficando bêbado! – reclamou Afonso, batendo o pé.

– Você não bebe, se eu te der um copo cheio, você já vai ficar tonto – Devan caçoava.

– Nada disso! – disse Luiza, entrando no meio. – Tem um casamento hoje à noite, você não vai ficar bêbado, Afonso.

– Não posso lidar com casamentos agora! Só Deus sabe que não!

Para surpresa deles, Afonso desmoronou em lágrimas. Ele bem que sacou um lenço do bolso e tentou manter a dignidade.

– Afinal, hidromel demais embebeda um pouco – murmurou Devan.

– Eu cuido do casamento pra você, que tal? Vou falar com Peggy e fica tudo bem – ofereceu Luiza.

– Aliás, cadê a Gertrude? Não era ela que cuidava disso? – Devan perguntou, se dando conta do porquê de todo o drama.

– Fugiu com o padeiro – respondeu Afonso.

– O quê? Temos um padeiro? – exclamou Devan. – Mas onde?

Luiza começou a rir, não deu pra segurar, mesmo com Afonso ainda enxugando as lágrimas.

– Não, é da confeitaria da segunda esquina depois da colina. Ela vivia lá, você sabe. Ela tinha um pai muito rígido.

– Ela realmente se chamava Gertrude? – perguntou Luiza. – Vamos ter que chamar a polícia? Afinal, ela fugiu...

Devan continuava com o cenho muito franzido enquanto olhava para Afonso, então ele disse baixo, como se fosse uma pergunta que ele não queria fazer e devia ser tratada com sutileza.

– Mas ela já não tinha uns trinta e tantos anos?

– Quarenta! – exclamou Afonso.

– Mas o pai dela ainda mandava nela? Nessa idade ela não precisa mais fugir. É só sair – Luiza não estava entendendo nada.

– Ela morava lá embaixo com a família... A irmã, o cunhado, o pai, os sobrinhos. O pai dela tomava conta de todo mundo. Mesmo com noventa anos. Ela vivia falando de arrumar um dinheiro grande e sumir.

– Isso não faz o menor sentido, Afonso – retorquiu Luiza. – Só se ela ganhou na loteria e a gente não sabe.

– Duvido! E o padeiro tinha sessenta. Mas com tudo em cima – ele continuou.

– Esquece! – disse Devan, sem querer saber mais detalhes da fuga de Gertrude. – Eu vou lá ver o que está acontecendo. Você fica aqui e não beba mais hidromel.

– Eu juro que não tenho costume de beber, patrão – disse Afonso.

– Eu sei disso! – ele exclamou e os deixou.

Luiza ficou olhando Devan atravessar o salão e sumir pela porta que dava na parte de trás do castelo.

– Afinal, por que você não pode lidar com casamentos agora?

– Esquece isso! Foi um bofe filho da mãe – Afonso enfiou o lenço no bolso e passou a mão pelo rosto, já bem recuperado. – Você ficou o dia todo fazendo o que com milorde, meu bem? Tour turístico?

– Exatamente.

– Você só pode estar de sacanagem com a minha cara.

– Claro que não, aprendi tanta coisa sobre como funciona o castelo, a interação com os turistas, a história dos Warrington, os festivais e...

– Ai, pode ir parando que eu ainda estou com dor de cabeça. Desde quando conde dá tour turístico? Não ganhei essas regalias quando cheguei aqui. Tive foi que andar por aí atrás do Marcel que sabe até quando trocaram as pedras das paredes externas. Deus que me livre de lembrar disso.

– Bem, o conde sabe um bando de coisa também. E Marcel saiu.

– Meu Deus, que milagre. Gertrude desencilhou e Marcel foi passear. Tudo isso numa semana é demais pra mim.

Maio de 1427,

Acho que agora posso dizer que os piores momentos da minha vida já se foram. Finalmente os pesadelos também cessaram. Ao menos faz mais de um mês que não tenho nenhum. Ver meu marido partir para a guerra, e muito provavelmente para a morte, e logo depois entrar naquela sala, achando que encontraria meus dois filhos mortos, foram momentos que jamais esquecerei.

Não está sendo fácil reconstruir a vila e os danos foram maiores do que pensávamos. Ao menos boa parte dos homens já tem novamente um lugar para morar. Até o final do ano, todos estarão de volta à vila. E então precisaremos de mais braços para o plantio.

Rey, o filho do meio dos Driffield, finalmente está curado. Ficou tão animado em saber que ficará aqui para se tornar um cavaleiro que já está indo atrás dos homens, pronto para recuperar sua força.

Eu também estou melhor; ao menos agora posso sair do quarto sem que Jordan ache que vou desfalecer. E Helena já ganhou peso e não parece mais um ratinho.

Capítulo 4

Afonso saiu pela lateral do salão e atravessou a sala das armas, pois no corredor logo depois ficava a escadaria que dava direto na ala leste. Luiza correu para alcançá-lo. Ela já conseguira memorizar aquele caminho, mas tinham lido algo sobre uma passagem secreta que dava na escada de serviço que era escondida sabe-se lá onde. Isso ela não conseguia guardar ainda. E ficava perdida na parte de trás do castelo, pois tinha umas voltas e os cômodos tinham portas que você saía de um e chegava em outro que não era o mesmo que teria acessado pelo corredor.

Marcel disse que o conde teve um ancestral que foi um ótimo arquiteto e este fez certas mudanças internas no castelo, adequando-o mais às necessidades do século XIX. Isso tanto serviu para modernizar Havenford, como também para criar algumas excentricidades. Os corredores foram suprimidos, cômodos foram virados, portas adicionadas, entradas secretas e corredores de serviço ficaram no lugar dos espaços vazios que eram muito típicos do castelo da época do primeiro conde. Felizmente, o homem focou sua atenção no primeiro andar, porque em cima o espaço havia sido mantido, apesar das passagens por trás de alguns cômodos.

– Afonso, eu tenho uma curiosidade...

– Estou vendo que seu dia rendeu – ele sorriu enquanto subia a escada. – Eu acho que, se não for contra as normas de preservação histórica, o conde devia pensar em implantar um elevador. Estou começando a pensar em usar aquele para deficientes – ele disse, pensando nos elevadores abertos para subir pessoas em cadeiras de rodas e idosos que não podiam enfrentar as escadas.

– Para subir um andar?

– Isso aqui tem três andares e as torres chegam a cinco e ainda tem os porões sob os telhados e no subsolo.

– Nós só circulamos até o segundo – comentou Luiza.

– Quem disse? Tem exposição no terceiro.

– Nunca fui lá.

– Você fez o que em uma semana?

– Trabalhei na biblioteca.

– Não me surpreende que até milorde resolveu que você precisava de guia turístico.

– Então, sobre isso...

– Eu sabia que você estava escondendo babado – Afonso se virou, no topo da escada. – Babado é algo que não se esconde. Ainda mais morando num castelo no topo de uma colina!

– Não é babado.

– Você não é o tipo certinha... Não tente me enganar.

– Afonso!

– Estou levemente bêbado, lembre-se disso.

Ela achou melhor ajudá-lo a chegar ao quarto e o largou na cama. Achou interessante que o aposento dele já estava todo cheio de toques pessoais. Bem, ele teve um ano para deixar tudo de acordo com seu gosto. Enquanto isso, Luiza nem desfizera as malas.

– O conde disse que nunca teve filhos.

– Nunca vi um zinho... – interrompeu Afonso.

– E nem a irmã dele.

– Ela acabou de noivar com um bofe lindo. Minha mãe do céu, aquilo é quase um conde – ele riu.

– Mas pensa, ele disse que nunca teve filhos. Mas não mencionou que se casou.

Afonso caiu para trás na cama e fez uns sons engraçados, Luiza chegou mais perto para ver se ele estava sufocando, mas ele se sentou de repente.

– Ah, sua aprendiz de fofoqueira! Sentiu o cheiro do babado!

– Não senti nada. É só que... eu vou descobrir de qualquer jeito quando chegar aos detalhes da vida dele na história da família.

– Mas não deve ter isso lá nem por decreto real, meu bem. Ele é divorciado.

– Batata! – Luiza deu um soquinho na mão.

– Ai, não fala em comida. Esse hidromel todo corroeu tudo que eu tinha no estômago. Vamos pedir pizza?

– Dia de pedir pizza aqui não é domingo?

– Mas que cacete! E pizza lá tem dia! – ele mergulhou na cama e pegou o celular sobre o criado mudo, resmungando algo sobre ter esquecido o maldito aparelho ali e ligou para a pizzaria. – Você gosta de portuguesa, meu bem? Cogumelo? Franguinho? Come calabresa? Estou pensando em pedir aquela italiana especial, mas sem a pimenta.

– Em pizza eu como de tudo.

– Ui, garota malvada! Adoro! – ele voltou a falar ao celular e pediu a pizza. Ainda mandou entregarem no segundo andar, quarto dois, avisar que era pedido de Afonso que o segurança deixaria passar. Ele era um folgado muito elegante.

– E o que você sabe sobre o babado?

Afonso se virou na cama e olhou-a muito seriamente.

– Meu bem, vem cá com o tio. Senta aqui – ele deu duas batidinhas à sua frente.

Afonso havia resolvido que Luiza era sua para tomar conta. Como se ele fosse muito mais experiente e vivido ali. Mas era o último a ter estado no barco dela, o de recém-chegado. E era só dois anos mais velho. Também foi o último ali a saber o que era sair fresco, sem dinheiro e sem trabalho da faculdade para

uma vida que não era o que eles sonharam quando pensaram em se formar. E olha só onde ambos acabaram, no lindo castelo no pico do morro como ele chamava nos seus momentos mais ácidos. Era famoso por sua história, tinha contos de grandes feitos e amores dignos de lendas. E lá estavam eles no meio disso tudo. Perdidos na vida.

Luiza se sentou e ficou olhando-o.

– Você está assim porque aquele cara que você fala ao telefone não quer mais atender, não é? – perguntou Luiza, indo direto demais ao assunto.

– Não toca nesse assunto! Era para eu saber dos seus traumas, não o contrário! – ele tampou o rosto e voltou a procurar o lenço. – É que... Eu pensei que íamos casar e adotar um bebê fofo e ser uma família. Finalmente tinha encontrado alguém com a coragem pra enfrentar tudo. Mas...

– Mas isso faz um ano... – ela disse baixo. Em uma semana não tinha conseguido conhecer nada do castelo, mas já sabia coisas demais sobre Afonso e Peggy. Eles simplesmente a incluíram na maluquice de suas conversas entre irmãos e Luiza seguiu ouvindo e guardando tudo.

– E quanto tempo você acha que ele ficou me cozinhando?

– Sinto muito, Afonso.

– Dane-se, eu tinha superado. Mas é que esse casamento de hoje tem uma história tão bonita, os noivos quase desistiram por achar que devido a problemas de saúde e histórico familiar, entre outras coisas, não deviam ficar juntos. Ai... tocou lá no fundo – ele botou a mão sobre o peito.

Luiza tocou o braço dele, apertando levemente e tentando consolá-lo.

– Enfim... não quero lembrar disso. Babado é mais legal. Milorde foi casado, ele conheceu uma louca quando estava em um desses congressos que ele vai, dá palestra, sei lá. Daí que era a mesma louca que tinha estudado com ele por um tempo. Sei que o conde achou que tava apaixonadinho, a maluca lá topou e adivinha só.

– Viveram felizes para sempre por uns anos, deu ruim e separaram – ela arriscou.

– Eu já disse que você é uma gracinha, não é? Tão inocente. O casamento não deu certo desde o início. A maluca não queria ficar aqui, nem parte do ano. Ele não queria ficar viajando, porque atrapalhava suas pesquisas e seus livros. Ela não queria nem pensar em filhos, ele queria. A maluca lá odiava a fama dele, era algum tipo de artista e estudiosa avessa à fama e glamour. Enfim, o final eu concluí.

– Se a história for uma droga, a sua versão é muito melhor! – ela ria.

– Meu bem, quem não quer um castelo maravilhoso no topo de uma colina só sua? Adiciona um conde de molhar a calcinha da tia carola mais enrustida, fama, glamour e o cara ainda tem um cérebro de dar orgasmos selvagens em qualquer tarada por nerds. Gente, se eu tivesse útero, ficaria grávida só de olhar pra ele.

Luiza estava gargalhando, ela quase chorava, especialmente da mistura de tons e todos os trejeitos de Afonso. Ela não ria assim há muito tempo, nem sabia mais o que era perder o fôlego e sentir as bochechas se esticarem mais do que deviam para ela poder rir.

– Onde está essa pessoa? – ela perguntou, entre risadas, mais interessada em fazê-lo continuar contando, até porque parecia diverti-lo também, do que pensar sobre o pobre e abandonado conde.

– No quinto dos infernos, só pode – disse Afonso num tom agudo. – Menina, isso saiu até em jornal. Até aqui nesse fim de mundo os sites de fofoca já chegaram. Tem um pessoal nervoso do outro lado do rio. Gente desocupada, com tempo pra fazer blog da região. Você não imagina quanto babado esse ladinho do país pode causar. Aqui também tem gente rica, linda, famosa e casa de veraneio de lordes e novos ricos.

– Mentira!

– Juro!

Alguém bateu na porta, Afonso pulou, todo feliz achando que tinham batido o recorde de velocidade na entrega da pizza, mas era só Peggy. E ela batia, mas saía entrando logo depois.

– Eu logo vi que vocês estavam juntos, se divertindo e me deixando de fora! Seus danados! Ela mal chegou e você já quer exclusividade! – Peggy largou as sandálias e se soltou do outro lado da cama.

– Eu to contando do divórcio de milorde, sua linguaruda – disse o irmão.

– Garotinho fofoqueiro – disse Peggy balançando a cabeça negativamente.

– Ela que perguntou, tá? – Afonso respondeu com pouco caso.

– Onde você parou? – Peggy perguntou, interessada em participar.

– Na parte que a mocreia não curtia luxo, glamour e bofe gostoso.

– Ah! – Peggy exclamou. – Contou pra ela que a maluca se bandeou pro lado do barbudo sem banho?

– O quê? – Luiza exclamou. – Pelo amor de Deus! Me diz que ele não foi traído! Isso seria quase uma maldição de família!

Os irmãos se encararam e depois voltaram a olhar Luiza.

– Olha, eu acho... – começou Peggy.

– Acha nada! Ela ficou com o cara lá nas Arábias e o conde arranjou outra calcinha pra arrancar quando a maluca botou muito açúcar na calda.

– Mas ela já tava lá pro lado da Dinamarca com aquele barbudo horrendo. O cara não deve ver um banho desde que perdeu a Arca de Noé – Peggy abriu as mãos no ar, fazendo cara de nojo.

– Vai ver ela se apaixonou... – disse Luiza.

– Você servia pra escrever romance água com açúcar, vendo sempre o lado bonitinho do negócio – disse Afonso.

– Droga nenhuma – Peggy se deixou cair nas grandes almofadas e ficou lá

toda relaxada. – Ela tem uma grana também, sabe. Suficiente pra viver viajando e trabalhando esporadicamente, mas publicando essas coisas chatas que pouca gente lê.

– Já sei! Ela odiava o fato do conde ter se corrompido, escrevendo também uma série popular de suspense. Era do tipo intelectual metida à besta! – chutou Luiza.

– Acho que ele já publicava essa série quando eles se casaram – opinou Afonso. – Enfim, seja lá o que ela estava fazendo nos confins da Europa, viu que dessa vez ele não ia ceder. E voltou atrás do marido. Acredita que ele teve que aturá-la por um tempo?

– Jura? – perguntou Luiza.

– Não consegui se divorciar imediatamente – completou Peggy. – Mas aí também, o negócio ficou ao contrário. Antes, ele queria que ela voltasse e ficasse com ele. Quando ela voltou, ele queria assinar os papéis, mas ela não largava do pé dele nem com descarrego!

– E depois dela houve muitas? – Luiza estava mais interessada no após do que na bagunça que parece ter sido o casamento dele.

– Milhares! – zoou Peggy.

– Mentira, sua linguaruda! – brigou Afonso.

Bateram na porta e Afonso perguntou quem era, recebeu um “pizza” como resposta.

– Oba! Ainda teremos comes e bebes! – disse Peggy, sentando direito na cama.

– Por minha conta, mas não acostuma não, sua folgada! Você paga a próxima! – Afonso apontou para a irmã antes de abrir a porta, falar com o cara da pizza que pelo jeito era entregador recorrente e fechar a porta, trazendo a caixa enorme e colocando numa cadeira, ao lado da cama para não terem que mudar o grupo para a mesa.

Luiza não estava apenas contente por encontrar amigos que pagavam a pizza, mas também por simplesmente conhecê-los. Tinha perdido contato com muita gente com quem estudou e vinha se sentindo muito sozinha em Londres. Tinha alguns conhecidos, mas não era a mesma coisa que passava agora, sentindo que viveria muitos momentos com aquelas pessoas.

– Então, meu bem... – Afonso sentou novamente, atracado a um pedaço enorme de pizza italiana. – Estávamos fofocando o que mesmo?

– Da ex do conde – lembrou Peggy, antes de dar uma boa mordida no seu pedaço.

Enquanto mastigava, Luiza apenas assentia, esperando a fofoca continuar.

– Mas a ex não é a esposa. É aquela namorada que ele arranjou depois dela, a loira pegajosa – lembrou Afonso, fazendo Peggy assentir animadamente.

– Pegajosa, é? – Luiza falou, ainda terminando de engolir.

– Acho que ele tem encosto de mulher pegajosa – riu Peggy.

– E a fuga da Gertrude? Eu nem consegui conhecê-la – Luiza abriu a garrafa de soda que Afonso pegou na sua pequena geladeira e botou um pouco para cada um.

Peggy e Afonso tinham mil e uma opiniões sobre Gertrude e o padeiro. O assunto rendeu pela noite de sábado, acabando no irmão delatando o interesse da irmã por Hoy e o fato de Afonso achar que ele era um solteirão convicto.

Luiza desfez mais uma mala no domingo e não quis nem olhar para as outras, mas passou boa parte do dia no quarto, tentando arrumar as coisas e procurando ajeitar melhor o lugar. Puxou a mesa e liberou uma das cadeiras, empurrou a poltrona para perto da janela, ajeitou a televisão, ligou a pequena geladeira embaixo da bancada e colocou umas garrafas de água. Isso a fez lembrar que precisava deixar o castelo para comprar coisas para consumo pessoal. Havia instalado um pequeno microondas no canto da bancada mais próxima à parede. Isso apenas completou a autonomia dos seus aposentos. Podia ficar ali o dia todo se precisasse.

Na segunda-feira, Luiza começou um novo estágio do seu processo de aprendizado. Ela passou muito mais tempo com Marcel em diferentes locais do castelo e conheceu todos os guias. A semana seguiu nesse esquema; ela tentou entender tudo que ele fazia para cumprir a parte do seu trabalho que implicava em ser assistente dele. Logo estavam almoçando e tomando o chá juntos e ele tagarelava sobre tudo que podia ser interessante, suas pesquisas, as viagens, todos esses anos vivendo naquela área e até sua relação com os Warrington.

Ela descobriu que ele trabalhava para eles há muitos anos, praticamente desde que se formara. Apesar de ter estudado longe dali e ter feito cursos na França, depois que se formou e entrou ali, parte do que estudou foi financiado pela instituição de pesquisa que pertencia aos Warrington. Tanto ele como a família eram muito ligados àquela área, ambos trabalhando para o desenvolvimento local. Foi assim que começou sua ligação. E também, claro, a paixão dele pela história do terceiro conde, onde a família quase acabou. Desde então, os Warrington nunca mais chegaram perto da extinção.

Na quinta-feira, após seu turno acabar, Luiza tomou coragem e pegou uma das vans que levavam à cidade logo abaixo. Ela foi sozinha, disposta a explorar um pouco, apesar de não conhecer nada. Descobriu a praça principal e algumas ruazinhas cheias de cafês e lojinhas. Fez bons negócios comprando guloseimas numa mercearia e uns lanches de microondas no mercado. Explorou apenas o seu lado do rio, olhando de longe para a parte moderna da cidade que ela pretendia visitar num dia de sábado quanto tivesse mais tempo, ou dividiria em

vários dias da semana.

Seu turno acabava as cinco e vinte e a descida do castelo até a praça levava uns cinco minutos, um pouco mais se a cidadezinha estivesse agitada e com muito trânsito de táxis e vans. Até o outro lado, ela calculava que daria uns quinze minutos para chegar ao centro.

Quando chegou de volta ao castelo, dessa vez num táxi porque as vans paravam de subir às sete horas, Luiza carregava bolsas de compras e ficou parada no pátio interno, ainda confusa sobre para que lado seguir, pois sempre entrava pela porta principal. Ela começou a procurar um lugar para dar a volta. O castelo dos tempos atuais tinha passado por mudanças, o pátio interno fora cercado, criando um espaço entre o prédio principal e os auxiliares.

– É bom ver que você finalmente desceu a colina.

Ela se virou rapidamente e viu Devan vindo de algum lugar que, segundo os cálculos dela, era o acesso coberto para o antigo prédio da guarda e que antes foi a casa dos criados. Agora era um pequeno hotel de oito quartos que ficava dentro da área do castelo. Estava sempre lotado, apesar da estadia não ser barata, mas fazia você realmente sentir-se num enorme castelo medieval, cercado de lendas, história e imerso naquele clima que só um local como aquele podia proporcionar. Os luxos eram diversos. Quem ali se hospedava dizia que valia o valor acima do que era encontrado lá embaixo na cidade.

– Eu precisava comprar umas coisas... – ela respondeu.

Ela deu um passo e quase tropeçou no gato rajado que ela só conheceu mesmo no domingo quando se perdeu tentando achar a saída que dava da sala de estar próxima à sala de jantar. A tal mercearia que ela descobriu tinha os produtos mais adoráveis e um preço acessível, mas sua sacola era de papelão. Um garrafão tombaram e rolaram pelo pátio interno. O gato não deu a menor ideia, só rodeou, passou por entre as pernas dela de novo e pulou para a borda do chafariz.

Devan abaixou e pegou tudo que rolou pelo rasgo da bolsa, juntando os vidros em seus braços e vendo se algo quebrara. Luiza ficou muito feliz por aquilo não ser as suas compras da farmácia, não ia saber onde enfiar a cara.

– Esse gato está me perseguindo – ela reclamou, olhando para o bicho que continuava ali os observando, lançando um olhar amável e fofo, só para contrariar a alegação dela.

– Ah, esse é Timbo – Devan sorriu e foi andando para a porta principal, virando-se e a empurrando com o corpo.

O gato pulou e deu uma corrida, para entrar também.

– Ele é seu?

– De certa forma... ele se autoadotou, se é que isso é possível.

Ela o seguiu pela escada, ele tinha que ir com os braços junto ao corpo para conseguir levar as coisas dela.

– Ele chegou aqui e ficou?

– Sim. Mas ele veio bem pequeno, ficou dormindo ao lado do portão lá no pátio externo. Fiquei com pena e trouxe para dentro. Achei que morreria, levei ao veterinário e bem... Você já sabe o resto. Ele nunca mais foi embora.

– Fala a verdade! Você adora o gato! – ela riu, vendo o bicho deitar na escada, como se fosse dono dela.

– Você se apega ainda mais quando sente que salvou um bicho. E eu não sei como ele subiu a colina. Ele era um filhote mesmo, estava desnutrido e com as patas machucadas.

– Será que não veio de carona numa das vans?

– Provável... Não faço ideia. Mas ele é independente, não pense que ele gosta de dormir na minha cama e tem uma casinha lá em cima. Ele até tem, mas quem sabe por onde anda? Às vezes fico dois dias sem vê-lo. Ele mora pelo castelo todo. Mas gosta de aparecer para me acordar – ele seguiu a acompanhando pelo corredor.

– Eu não o tenho visto muito também – ela comentou tão espontaneamente que levou tempo para se arrepender da observação.

– O gato?

– Não, o gato andou me seguindo... Você.

Ele virou o rosto para ela, com um leve sorriso, as garrafas em seus braços faziam barulho ao se chocar levemente. A porta que dava para a ala dela estava fechada, então ela teve que passar as bolsas para um braço e abri-la.

– Eu também não a vi na biblioteca e eu estive fora na terça, voltei ontem.

– É mesmo?

– Ora essa, Afonso e Peggy não contaram? O radar do castelo não pode falhar!

Ela abriu a porta ainda rindo, os dois irmãos eram exatamente isso, o radar mais informado de Havenford. E também o mais divertido. Luiza deixou o que trouxe sobre a bancada e voltou para pegar o que ele carregava.

– Acho que você os surpreendeu dessa vez. Obrigada – ela disse quando pegou a última garrafa.

Ele assentiu e voltou pelo corredor, pensando que se tivesse lhe dito que era bom vê-la novamente, não seria mentira e só ficara fora por um dia.

No jantar eles tornaram a se encontrar, mas todo mundo parecia ter combinado de comparecer naquela noite e dessa vez era folga da Brenda, e Hoy inventou de assar uns bifês que ela já deixou temperados. Luiza observava, ainda como a novata, que aquelas pessoas já estavam tão entrelaçadas nas vidas umas das outras que pareciam uma família. Por enquanto ela era a prima recém chegada de outra cidade que eles acolhiam por um tempo. Geralmente esse tipo de personagem era só de apoio ou era aquela que criava mudanças que consequentemente afetavam todos na história. Ela esperava não estragar nada.

– Você só tem um gato? – Luiza perguntou, depois que Devan sentou-se no mesmo banco que ela, do lado de fora.

Os dois observavam as luzes do hotel, quase todas acesas e o salão no térreo brilhava, dando vista para o jardim decorado onde aconteciam muitos casamentos.

– Felizmente. Acredite, Timbo já apronta o suficiente. Ao menos quando está na mesma parte do castelo que eu. Mas você viu os cachorros?

– Estou apaixonada por aqueles cockers. Tão fofos!

– Os pequenos, não é? Também são parte dos autoadotados. Originalmente eu só tinha um cachorro, um staffie. Daí ele precisou de uma companheira e logo tiveram filhotes. Como se não bastasse, há pouco tempo apareceu esse cocker mal alimentado e preso numa das vans. Eu não sei bem quando ou com quem ela procriou. Eu jurava que era um macho.

Ela não conseguia parar de rir da cara dele que acabou rindo também.

– Você também adora os cachorros, não é?

– Bem, eles ficam lá atrás a maior parte do tempo.

– O que mais você autoadotou?

– Tem uns pinguins lá atrás... eu não sei como eles chegaram aqui.

Ela sorriu, identificando o tom de brincadeira.

– Eu tenho umas aves – ele completou, agora falando sério.

– Caíram aqui com a asa quebrada?

– Não, são crias daqui mesmo.

– Passarinhos fofos? Espero que Timbo não tenha acesso.

– Eu acho que Timbo tem medo delas.

– São brabas?

– Carnívoras e assassinas.

– Meu Deus! Eu quero ver! De que tipo são? Você está brincando, não é?

– Gaviões.

– Mentira!

– Verdade – ele garantiu, levantando as sobrancelhas.

– Mas como?

– Como é uma tradição de família, acabamos conseguindo autorização há muito tempo e assim foi. É uma pena não termos mais falcões.

– Você vai me mostrar? – ela perguntou, esperançosa, pois com ele se tornava bem mais interessante descobrir o castelo.

– Só se você quiser – ele pendeu a cabeça, olhando-a.

– Eu quero.

– No final de semana, então.

Ele pegou algo que estava ao seu lado no banco e lhe entregou.

– Seu livro! – ela pegou e virou para ler a sinopse, depois o abriu e franziu a testa ao ver que não estava autografado. – Você me prometeu uma edição de

coleccionador autografada!

– Você está soando como o Afonso! – ele sorria, divertindo-se com o ultraje fingido.

– Não tenho uma caneta aqui – ela reclamou.

– Que tal eu autografar quando você conseguir terminar. Juro que se for tão chato que você o abandone no meio, autografo do mesmo jeito.

– Feito.

Agosto de 1428,

Acho que encontrei mais um motivo para meu marido escrever tanto. É divertido falar dos outros sem dizer nada. Só que ele não sabe aproveitar a oportunidade. No momento, o castelo e a cidade estão em polvorosa porque o marceneiro arranhou uma esposa jovem. E ele já tinha uma! E então eu fiquei pensando: Mas o marceneiro é um senhor todo caquerado que parece ter uns setenta anos.

Quando desci à cidade, descobri que o filho dele que foi treinado como cavaleiro aqui no castelo, quem arranhou uma esposa (as pessoas me contam, elas acham que como lady do castelo, tenho obrigação de saber tudo, é muita informação!). Mas ele também já tinha uma esposa! Mas ela sumiu, dizem que como sabia que o marido ia morrer na guerra (algo que não aconteceu), ela subiu na mula do mercador com quem estava tendo um caso e sumiu.

Meu marido treina rapazes para proteger o castelo e ao se comprometer em servir no nosso exército, eles recebem mais para viver. Eles até treinam junto com filhos de nobres que são enviados para cá. Eu não sei como, mas a esposa do rapaz é a sétima filha de um nobre. Não faço ideia de onde ela veio. Mas já simpatizo.

O problema é que... a outra mulher que vivia com ele, voltou! Ela soube que ele não estava morto e veio na carroça do mercador e quer o marido de volta. Claro que ela quer, ele é bonito, forte e com certeza tem mais dinheiro que o mercador andarilho. Eu tenho certeza que esse caso vai acabar aqui no salão do castelo para Devan resolver. E eu vou poder me meter!

Capítulo 5

Na sexta-feira após terminar seu turno, Luiza entrou na biblioteca onde realmente ficava sua mesa, mas não estava ficando muito ali. Ela parou, vendo Devan lá dentro. Como tinha certeza que estava sozinho, ele falava enquanto digitava. Repetia as falas que escrevia e parou por uns segundos, provavelmente imaginando a história em sua cabeça. Então, levantou e andou, parando de repente e fazendo o que os personagens em sua mente faziam.

– Não pense que vai se safar dessa, Holden! – ele puxou algo de um lugar imaginário, parecia ser uma arma. – Os documentos. Passe pra cá. E use a mão esquerda para tirar do bolso.

Ele falou sozinho, descrevendo a forma como o personagem obedecia a ordem, tirou um bloquinho do bolso e anotou um pouco enquanto murmurava para ele mesmo. Então voltou ao notebook e digitou rapidamente. Aparentemente uma luta começava, pois ele executou os movimentos, atacando e retraindo com o que parecia uma espada imaginária. Mas ele mesmo se criticava dizendo “não, assim está previsível” ou “assim fica ridículo” e também “esse golpe vai matá-lo, ele ainda não morre”.

Enquanto observava e o ouvia falar sozinho e se autocriticar sobre um movimento muito óbvio, Luiza calculou que Marcel tinha mesmo razão, ele era louquinho de pedra. Mas era ótimo. Ela estava entretida observando, ocupada em reparar como os fios claros do seu cabelo se soltaram e algumas mechas finas tocaram os lados de seu rosto. Seu corte nem era muito longo, as pontas na parte de trás chegavam a cobrir o pescoço e dos lados parecia ser mais curto, mas sempre que ele estava escrevendo, sentia necessidade de prender.

Ela havia começado a ler o livro dele na mesma noite em que ganhou. Ainda estava se acostumando com o protagonista, um detetive que além de sacana, emocionalmente fechado e um tanto doido, usava as reações alheias, pistas e deduções para solucionar seus casos. Até porque não havia a tecnologia atual em sua época. Na verdade, o personagem se tornava um detetive pago no segundo livro. Nesse primeiro ele era apenas um curioso muito astucioso e com talentos interessantes. E desconfiava de um crime por causa da morte de um amigo. No fim acabava resolvendo três deles, porque estavam interligados. E Devan ia lançar o sexto livro da sua série famosa.

Mas agora, não importava o que lesse. Ele seria a única visão que ela teria quando estivesse lendo e imaginando o personagem. E Devan não escrevia descrições acuradas o tempo todo, vez ou outra ele lembrava ao leitor um detalhe ou outro do personagem que já havia sido previamente descrito. Mas do jeito que ele descrevia, misturando qualidades e defeitos, a imagem vinha à cabeça. Só

que a dela já estava comprometida.

Luiza deu um passo para trás, pensando se ainda dava tempo de sair sem ser vista. Mas hoje estava usando uma bota com saltinho e assim que deu um passo que foi fora do tapete, o barulho ecoou junto com os sons da digitação.

Oh droga.

– Há quanto tempo está aí? – ele perguntou, apoiando o cotovelo na mesa e o queixo sobre os nós dos dedos.

– Suficiente?

– Com direito a cena de luta e tudo?

– Tudinho...

Ele prensou os lábios e voltou a se virar, terminando de digitar a frase em que parou.

– Agora você já sabe o pior que eu posso acabar fazendo. Não haverá surpresas.

– Você sempre faz isso?

– Ah, faço. Eu trabalho encenando e discutindo com personagens invisíveis. Mas juro que parei de pular de mesas desde que torci o tornozelo. Pior não fica, mas até o momento deu certo.

Ela foi andando pela biblioteca até sua mesa, onde tinha deixado seus pertences.

– Eu achei muito divertido! – ela falou de lá.

– Um pouco embaraçoso...

Muito, para falar a verdade. Ele ainda estava interessado demais nela para já ir apresentando todos os seus lados estranhos. Mas agora já era, pelo menos ele estava num dia calmo, descrevendo uma cena com ação moderada. Será que era muito cedo para contar que ele achava já ter tido uma paixão por uma personagem sua? Foi numa época que ele estava num período particularmente solitário de sua vida. E escrever, por si só já era uma tarefa muito solitária, ainda mais se era o seu principal trabalho.

Devan era o tipo que conseguia escrever o livro em partes, não precisava seguir fielmente a linha de acontecimentos; no final ele sempre amarrava tudo, completando os espaços e chegando aos capítulos essenciais para fechar as linhas do mistério. Como era uma série, sempre havia muita coisa para atizar a curiosidade pela próxima aventura.

E desde o livro passado que ele voltara a falar sobre a parte amorosa da vida de Holden. No terceiro livro houve alguém que fora morta e isso deu uma virada na série. No quinto livro, três anos se passaram desde então e o personagem havia deixado o tom de amargura do quarto livro e estava se apaixonando por alguém que ele nem conhecia pessoalmente.

Havia muitos fãs apaixonados pelo personagem e pelas aventuras que ele vivia. Estavam todos loucos com a personagem nova que começou a ser

desenhada no quinto livro, mas até o momento, Devan não havia conseguido chegar ao cerne dela. Dera pistas, descrições vagas e breves, sua participação era mais significativa por suas ações. Ela era esperta demais e já até ajudara Holden ao lhe enviar uma pista.

Não precisava nem dizer que o personagem ficou mais louco de paixão com a ajuda crucial da dama. Mas nesse livro, Devan ia apresentar a personagem. Daí que veio sua crise criativa que atrasou todo seu cronograma, deixando-o muito perto do deadline. Ele não conseguia enxergá-la completamente em sua mente. Até que Luiza apareceu em sua vida. O interesse foi todo dele, quando a via tinha vontade de chegar bem perto e tocá-la. Naquele sábado, andando próximo a ela, fora embriagado pelo cheiro fresco de seu cabelo e desejava experimentar sua pele e saber seu aroma. Era nos sonhos dele que ela estava. Mas foi o personagem que enfim ganhou seu futuro par.

E agora Devan não conseguia parar de escrever. Quanto mais olhava para Luiza, mais tinha ideias para o livro e sabia que estava criando um bom romance dentro do seu suspense e a paixão entre os personagens seria perigosa e dominadora. Talvez ele os deixasse ficar juntos e desse ao detetive o que os fãs tanto queriam, porque ele era um personagem solitário, apesar da extensa rede de colaboradores e conhecidos que se espalhavam pelas páginas dos livros.

– Eu já estou no meio do livro e não penso em abandonar – ela declarou.

Os olhos dele brilharam quando a ouviu e desviou o olhar da tela para observá-la. Aquele tom azul acinzentado ficou tão vívido que era possível ver até lá do fundo da biblioteca.

– Fico feliz.

– Só não li mais porque me obrigo a dormir ou não consigo acordar.

– Precisa me ensinar, eu estou tentando me obrigar a dormir – ele comentou.

– Você está com olheiras... – ela comentou.

Ele se levantou e foi andando para perto da janela, onde ela estava parada, segurando a pasta que viera buscar.

– E se eu disser que esse trabalho é muito exaustivo? – ele falou, dando passos lentos para alcançá-la e usando um tom de sugestão.

– Não vai render no dia seguinte se não descansar.

– Não é tão fácil.

– Disciplina – ela sugeriu.

– Você não tem a menor cara de ser tão disciplinada assim.

– Estou tentando.

Devan chegou bem perto dela e olhou seu rosto. Ele realmente observou os traços dela, mas chegou a levantar a mão enquanto seu olhar seguia a curva de sua mandíbula e sua mente criava as palavras que encaixariam na descrição.

– O formato do seu rosto é... como eu descreveria isso? – as pontas dos dedos dele tocaram a mandíbula dela, percorrendo de um ponto próximo da sua orelha

até seu queixo.

– Deve ter descrito muitos rostos em seus livros – ela disse, tentando não reagir ao toque dele.

– Não como o seu. As palavras simplesmente não vêm.

– Ainda está planejando basear uma personagem em mim?

– Eu acabei de testá-la num diálogo – ele moveu o olhar de seu queixo para os seus olhos. – Se isso não a incomodar.

– Não, só nunca pensei que serviria para inspirar qualquer coisa.

– Minha nova personagem mais importante. Ele precisa dela ou a série acaba.

– Tanto assim?

– Mais do que pensa.

– Por isso as olheiras?

– Não notei. Estão grandes?

Ela levantou a mão, mas a fechou rapidamente, percebendo o que estava a ponto de fazer. Devan notou e lamentou profundamente não ser tocado por ela.

– Um pouco. Devia dormir mais.

– Preciso terminar uns capítulos, tenho um prazo.

– Ou solucionar um caso, não é? – ela lhe deu um sorriso enviesado.

– Nunca é tão simples assim.

– Ainda está me testando?

– Da última vez que escrevi sobre eles, haviam acabado de se encontrar. Ele teve que fazer uma investigação só para conseguir achá-la – ele contou.

– Imagino que ela não tenha ficado muito feliz.

– Como você sabe?

– Se ela é uma dama tão misteriosa...

– Mas ela está interessada.

– Nele ou no caso?

– Ambos. Ela ainda vai surpreendê-lo.

Luiza ficou encarando-o, pensando que precisava se afastar, mas estava enredada pelo olhar dele. E onde diabos estava sua mente? Estava flertando com ele, não estava?

– O que você arranjou para impedi-la de ficar com ele?

– Isso você vai ter que ler – ele a provocou com o olhar e o tom.

– É algo muito grave?

– Tanto faz, não acho que eles resistirão.

– Você é bom escrevendo sobre romance dentro de tanto suspense?

– Ainda não reclamaram.

– Achei o encontro dele com aquela cortesã muito... ilustrativo. Ela forneceu todas as pistas que ele queria.

Ele sorriu de um jeito totalmente masculino e sedutor de quem tinha algo

inapropriado passando pela mente.

– Ilustrativo... Ainda não tinham usado essa palavra para descrever. Mas parece boa. Digamos que ele tem alguns talentos.

– Muitos talentos... Sua dama vai gostar de descobri-los.

– Assim que ele conseguir parar de encarar os lábios dela que estou tentando descrever, mas sempre apago tudo.

Com a menção aos lábios da personagem ela instintivamente umedeceu os seus com a ponta da língua. Devan acompanhou o movimento com o olhar e sua mente não parava de se perguntar como deviam ser ao toque. E estavam tão próximos que ele apenas abaixou mais o rosto e sua boca roçou na dela. Os toques foram leves, mas ele podia sentir a maciez dos seus lábios, seu hálito estava com cheiro de bala de fruta, mas ele não conseguia identificar. Ele estava louco para beijá-la e sentir o seu gosto. Luiza queria saber como seria o beijo dele, só de pensar, ela sentia o corpo arrepiar.

Alguém precisava livrá-la daquela maldita atração que sentia por ele. Era tão errado. Por que logo o dono do castelo?

Devan sentiu-a estremecer e segurou seu braço, inclinando-se mais para ela enquanto deixava um beijo leve nos seus lábios. Luiza se moveu, lutando contra a vontade de abraçá-lo e ser abraçada. Ela simplesmente não conseguia obrigar seu corpo a se afastar e ele não estava ajudando ao mantê-la bem ali, com seus corpos inquietos, atraindo-se como imãs. O desejo estava começando a se instalar, fluindo como uma boa sensação, espalhando-se por suas veias e obscurecendo seu juízo.

– Deixe os lábios para lá e descreva o beijo – ela murmurou, forçando sua mente a retornar ao diálogo, quem sabe assim conseguiria retomar o controle sobre si mesma.

– Eu quero conhecê-la, Luiza – disse Devan, mandando o livro e suas ideias às favas, ele queria passar um tempo com ela.

– Não... Não posso.

Apesar da recusa dela, eles não estavam nem perto de procurar se separar. Ainda flutuando naquela bolha de romance e sensualidade com seus lábios tocando-se provocativamente, mas sem aplacar o desejo por um beijo.

A porta abriu e ela estava precisando ter as dobradiças checadas, porque fazia certo barulho. Mas todo mundo se esquecia de pedir para consertar isso. O som estragou o momento deles e Luiza afastou-se, virando-se para a janela. Devan deixou os braços penderem dos lados de seu corpo e bateu com os dedos nas coxas, reprimindo a vontade de puxá-la de volta. Ele soltou o ar lentamente, acalmando seu corpo e virou-se, andando para perto da outra janela.

Em sua defesa, Marcel podia dizer que perdeu completamente a linha de pensamento ao entrar ali e encontrá-los tão... juntos. Ele nem lembrava mais o que havia ido fazer ali. Não sabia se estava atrás de Luiza ou de Devan e também

não conseguia decidir o que achava da cena que presenciou. Sério? Os dois? Não era nenhum acontecimento de outro mundo, mas Devan não fazia essas coisas. Seduzir a mocinha recém-chegada? E Luiza... ele estava começando a conhecê-la, mas ela provavelmente correria ou ficaria aborrecida se alguém a cantasse. Mas o que estava acontecendo?

Luiza saiu, levando a pasta que veio pegar e disse que encontrava Marcel mais tarde no jantar. Devan acompanhou a saída dela com os olhos, como se Marcel nem estivesse ali.

– Ei, você e eu, papo na janela – disse Marcel, parando perto de Devan que finalmente se virou para ele.

– Não precisa começar.

– O quê? Eu estava pensando em lhe falar sobre uma incrível ilusão que acabei de ter. Acho que sonhei acordado e no meu sonho, você estava beijando a minha assistente.

– Ela não é sua assistente – Devan lembrou.

– Não desconverse.

– Não estou desconversando nada. Mas você viu demais.

– Estou com meus óculos para longe. Vi tudo em detalhes.

– Eu adoraria tê-la beijado, mas não é o caso – ele voltou para a mesa e mexeu em seu notebook para tirá-lo da hibernação.

– Devan, pelo amor de todos os santos! – Marcel passou a mão espalmada pela testa. – O que deu em você?

– Não faça perguntas difíceis se não quiser respostas complicadas.

– Eu vou lhe dizer o que é difícil, meu rapaz. Eu o conheço há tempo demais para tomar a liberdade de dizer que você está fazendo algo que não parece apropriado.

Marcel preferiu ser sutil já que ele conhecia Devan desde que este nasceu; ele conheceu seu pai também. Então Devan estava pouco se importando se Marcel estava metendo o nariz em um problema pessoal. Ele fazia parte da sua vida, assistira todas as suas vitórias, derrotas e as resoluções ou consequências de seus atos. Mesmo quando não morava no castelo e ficava meses sem ver Marcel, Devan ainda sabia que o homem acompanhava os acontecimentos de sua vida.

– Você já me disse coisas bem piores – lembrou Devan.

– Eu estou um tanto chocado, dê-me uns minutos que vou piorar a repreensão.

– Um homem não pode se encantar por uma mulher?

– Ela trabalha para você! – lembrou Marcel.

– Segundo me consta, ela trabalha para você.

– E eu trabalho para você!

– Sério? – ele franziu o cenho.

– É o que consta nos documentos, afinal, querendo ou não, você é o conde. E

todos trabalhamos para você. Direta ou indiretamente.

– Então também posso passar um tempo com ela? Afinal, a trainee não passa por todos os setores?

– Devan... – Marcel andou em frente às janelas, aquelas mesmas que já haviam testemunhado tantas situações naquele castelo. – Não seduza essa menina.

– Ela não é uma menina, é uma mulher. E eu juro que é muito mais fácil ela me seduzir, eu cairia como um patinho.

– Ótimo, então vou mudar o aviso. Não caia na rede dela, você já olhou pra ela? A garota vai pisar na sua cabeça, arrancar seu coração e jogar por cima da muralha!

Devan inclinou a cabeça e riu da exasperação de Marcel.

– Sim, eu olhei para ela – ele usou um tom de quem tinha muito que dizer sobre isso.

– Eu vi! Você pensa que sou cego e distraído, mas eu vi! Só que eu pensei que era apenas curiosidade por que... você sabe!

– Sei? – Devan levantou a sobrancelha direita.

– Pelo amor de Deus! Ela se parece com Elene! Com o quadro! Eu olhei para ela e vi a semelhança imediatamente.

– Foi mesmo? – Devan franziu a testa e segurou o queixo com dois dedos. – Você estava de óculos?

– Não caço da minha cara. Eu olho para os quadros de Elene antes mesmo de você nascer. E aquela menina... Eu sonhei com os olhos dela na noite em que ela chegou aqui.

– Será que já não basta um sonhando com ela?

– Não nesse sentido! Mas eu sonhei, pensei que estava sonhando com o conde e Elene, coisas típicas de alguém que passou sua vida pesquisando a vida deles. Mas era o rosto dela.

– Os olhos dela são mesmo fascinantes. Eu acho que nunca vi aquele tom de verde a não ser no quadro que Aaron pintou. Eu não consigo sequer descrevê-lo em detalhes. Eu tentei, mas...

– Não me diga que você está escrevendo tanto nos últimos dias porque achou sua personagem.

– Eu tentei apenas olhar os lábios dela, mas a tentação é grande demais – disse Devan, voltando a digitar, mas fazendo-o lentamente, prestando atenção nas palavras.

Marcel passou a mão pelo seu cabelo ainda abundante, mas já com leves entradas laterais demonstrando calvície. O que ele ia fazer nessa situação? Ele não era um velho chato, turrão e ligado a regras estritas. Mas tinha receio que eles fossem longe demais, se machucassem e não pudessem manter o convívio ali. O que era exatamente o contrário do que devia acontecer.

Adorava Devan como um filho, mas ele não era exatamente sortudo na área dos relacionamentos. Os dois últimos foram uma bagunça e os anteriores não ficavam atrás. E Marcel estava se apegando a Luiza, ela era aquele tipo de garota que você nem percebia e já o havia conquistado. Só que no caso de Marcel, seria mais um jovem para adotar, já que ele mesmo não tivera filhos.

– Sabe, tem muitas empresas que impedem seus funcionários de terem qualquer tipo de relação, por motivos óbvios – comentou Marcel.

– Acho essa regra desumana, tratando humanos como robôs, querendo mandar nos sentimentos alheios. Se você tiver de se apaixonar, o que uma maldita regra vai fazer contra? – opinou Devan.

– Em alguns lugares isso é necessário.

– Tudo bem, mas isso é só um castelo, Marcel. Um centro turístico, um museu, instituição de pesquisa, um hotel, a casa de algumas pessoas, inclusive a minha, mas só um castelo. Eu sei que não devia chegar a menos de um metro dela. Mas... – ele parou de digitar e olhou para o pesquisador que estava de frente para sua mesa. – Eu acabei de provar do doce veneno e agora eu quero mais.

– Mon dieu! – Marcel jogou as mãos para cima, mas então ficou muito sério e se aproximou da mesa de Devan. – Supondo que ela lhe dê alguma chance, o que não acho possível, o que você vai fazer com a sua ex–mulher e sua ex–namorada?

Devan prensou os dentes. Aryane, sua ex–esposa e Mariel, a ex–namorada, sempre eram citadas na mesma frase por pessoas que o conheciam bem. E o intervalo entre elas não foi tão curto, mas como dizia sua avó, eram duas megeras parecidas. Ambas chatas, bonitas, mimadas e inteligentes. Devan gostava de mulheres com certo intelecto, mas estava provado que só isso não garantia o resto.

Sua esposa era doida, se casou com ele e resolveu que deviam viver viajando. Ele era um bom aventureiro, mas nas férias e feriados, não o tempo inteiro. No começo ele achou interessante, aventura e mudanças constantes até lhe deram boas inspirações para os seus livros. Mas depois de um tempo deixara de funcionar, porque atrapalhava a organização dele. Ele havia atrasado artigos acadêmicos, perdido o deadline do livro, recusado palestras que devia ter dado, não fez uma especialização que gostaria de ter feito e ela reclamou muito quando ele parou definitivamente de viajar para se dedicar ao doutorado.

Tinha vinte e oito anos na época e sua vida tinha sido muito dedicada ao seu objetivo de pesquisa. Era o ponto que faltava, pois já tinha lançado quatro livros, o que havia mudado todo seu cronograma, pois agora a escrita não era mais relegada aos dias livres. Era o momento de fazer uma pausa e concluir. Havia precisado do apoio da esposa naquele momento. Não se casou só porque achava “legal” usar uma aliança. Tinha se apaixonado, precisava dela ao seu lado.

Depois de um ano de idas e vindas e da conclusão de seus projetos, ele foi

encontrá-la na Dinamarca, onde ela estava trabalhando com pesquisa de novos artefatos. O romance já não era a mesma coisa e nem os sentimentos, mas eles ainda estavam casados e ele não gostava de desistir. Dali, ela encontrou um amigo e preferiu ir atrás dele no Egito. Aryane era tão doida que achava que períodos longe um do outro e dúvidas como aquela podiam apimentar a relação e mantê-la fora da rotina.

Para Devan, qualquer tentativa acabou ali. Quando ela viu que ele não a procuraria mais, não viajaria outra vez e estava profundamente envolvido com o “maldito castelo”, como ela chamava, voltou para a Inglaterra e grudou nele como chiclete seco.

Sinceramente, Devan sabia que ela e o tal amigo tinham tido um caso. Ela nunca foi boa mentirosa, mas não conseguiu admitir. Ai, pioravam os apelidos que sua irmã deu a ela. Sua avó usava todas as oportunidades para pôr senso em sua cabeça, mas ele esperou Aryane voltar, porque ele sabia que ela o faria e lhe deu os papéis do divórcio.

Ligar ou mandar mensagem para dizer que iam se separar não fazia o estilo dele. Foi bem feio daí em diante. Ela gritou, brigou, se recusou, ficou semanas no castelo que sempre ignorou, mas acabou assinando e partindo. Não que tenha deixado-o em paz. Seduzi-lo sempre parecia ser uma boa tentativa.

Dois meses depois ele se envolveu com Mariel. Estava sozinho há mais tempo que o fim oficial do casamento, afinal, onde diabos esteve sua esposa? Mas vinha resistindo as investidas de Mariel, até que se viu oficialmente livre e topou. Pelo menos ela não era da área dele, seria uma novidade. Era uma engenheira química que tinha como hobby leitura de ótimos suspenses e adoração por história. Parecia perfeita. Muito mais do que a louca da mulher dele. Até a irmã dele simpatizou com ela no início. Sua avó, Rachel Warrington, que parecia até ter um dom, disse logo que não seria dessa vez.

Mas Mariel era mais grudenta do que super cola. Ciumenta demais, neurótica e odiava que ele trabalhasse com o público. Tinha as maiores pirações sobre as viagens dele, ia atrás dele para todo lado. Devan estava muito bem em uma convenção de escritores em Atlanta quando de repente ela aparecia, achando que ele ia se interessar por uma autora que tivesse tudo em comum com ele. Ou ele estava em Oxford, dando atenção a estudantes após uma palestra e Mariel aparecia, achando que ele ia ficar louco por uma daquelas meninhas novas. Ela era mais louca do que Aryane.

Certa vez ela investigou pelo castelo todo, achando que havia passagens secretas e amantes escondidas em aposentos reservados, coisas que aconteceram em séculos passados e ela havia lido em algum lugar do livro sobre Havenford e outros castelos que Marcel havia lançado.

Depois dessa, sua irmã e a avó praticamente o interditararam e colocaram sob vigilância antes que arranjasse outra louca. Rachel Warrington vivia reclamando

que ele estava sujando o posto de condessa de Havenford, principalmente depois daquele casamento horrendo. Onde já se viu uma condessa que odeia a própria casa e vive em qualquer outro lugar do mundo? E depois uma maluca que ia mandar proibir a entrada de mulheres no lugar. Ele não levava a avó a sério nisso, porque ser conde hoje em dia era mais convenção, mas quem iria dizer que ela estava errada?

Depois de Mariel, não teve ninguém a sério. Estava sozinho, a ponto de já ter percebido isso. Fazia um tempo que não aproveitava um romance de verdade, mas subitamente a chance parecia atraente outra vez.

– Elas têm o prefixo “ex” na frente do nome por um bom motivo – Devan respondeu.

– Diga isso a elas.

– Já disse.

– Concordaram?

Devan soltou o ar. A última coisa que precisava em sua vida era aquelas duas brigando novamente, infernizando sua mente e botando Luiza para correr. Ele ainda a estava conhecendo. Será que ela era o tipo que se afastava por um cara ter uma certa bagagem afetiva? Ou era daquelas que iam jogar a bagagem dele lá de cima da colina?

– Sinceramente, isso é assustador. É muita ironia do destino vocês terem se encontrado – disse Marcel, voltando em direção à porta.

Devan voltou a digitar. Depois de seu encontro com Luiza, sua mente estava borbulhando de ideias e ele adoraria bater sua meta de palavras escritas ainda hoje para ter o final de semana mais livre. Afinal, teriam um castelo cheio e ele ainda esperava que o interesse de Luiza pelos gaviões não tivesse mudado.

Fevereiro de 1429,

Não posso acreditar que até hoje a nossa viagem à corte esteja rendendo assunto. Jordan até concordou em me levar a uma festa no castelo de lordes Braydon que é mais sociável do que ele. Havia uns cinquenta convidados. Afinal, não somos tão isolados assim, conhecíamos várias daquelas pessoas.

Alguns dos meus charmosos conhecidos da corte estavam lá. Lady Nadia disse que soube que muitos adoraram saber que nos reencontraríamos. Não preciso mencionar que Jordan não ficou nada satisfeito com isso. Ele está mesmo sem prática para socializar.

Mas nossos conhecidos agora querem nos visitar, estão quase se convidando. Ao menos muitos o fizeram quando conversaram comigo. Mas todos saíam de fininho quando o conde, aquele poço de simpatia, estreitava seus olhos para eles.

A única coisa que posso dizer em seu favor, é que seus olhos estavam especialmente azuis naquele dia.

Capítulo 6

Luiza entrou no quarto e deixou a pasta em qualquer lugar. Ela andou até a poltrona perto da janela e deixou seu corpo tombar ali. O que diabos ela estava fazendo? Não podia, justamente com ele. Estava ali há um mês e olha no que já havia se metido. Nem conseguia se reconhecer, nunca havia estado em uma situação parecida. Ela não era o tipo namoradeira, preferia se considerar independente. Não precisava de relacionamentos para sua vida funcionar.

Mas não sabia se em sua curta vida, já havia se sentido tão atraída por alguém. Sequer conseguia se lembrar das paixões de sua adolescência, aquelas em que pensava que iria morrer se não ficasse com tal garoto e pouco depois já havia se interessado por outra coisa. Mas como fazia para esquecer o conde e interessar-se por qualquer outro assunto?

E o que ia fazer quando o encontrasse amanhã?

Agora sim estava se sentindo de volta à adolescência, imaginando esse tipo de problema. Ela simplesmente ia fingir que nada aconteceu. Tudo aquilo foi apenas encenação para o livro dele. E o fato de ela estar sentada porque suas pernas ainda estavam trêmulas, devia-se unicamente à velocidade impressionante com a qual subiu as escadas. E sua imaginação muito fértil era responsável por ela ainda sentir o calor do corpo dele junto ao seu. E o formigamento nos seus lábios devia ser... Alergia. Sim, alergia aquele batom que estava usando.

O mesmo batom que deve ter deixado um pouco de brilho nos lábios de Devan.

Mas nem se beijaram realmente! O que estava se passando com ela? Aquilo foi muito pior que um beijo. Odiava situações que não atavam e nem desatavam. Talvez se houvessem simplesmente se beijado longamente, a vontade e curiosidade teriam passado. Agora ficariam pensando sobre como teria sido se houvessem ido um pouco mais longe. E também pensariam sobre por que haviam resolvido entrar naquela leve provocação, com seus lábios tão perto, carícias tão doces e excitantes, mas, ao mesmo tempo, tão insuficientes.

Ah, droga. Ela ia sonhar. Tinha certeza que ia ter mais um daqueles malditos sonhos tão reais que ela acordava achando que assistira a um filme. E dessa vez ia acabar nos braços de Devan bem no meio do sonho, porque não podia parar de pensar no que acontecera há poucos minutos. E os sonhos dela não eram ruins, não paravam no meio. Eles entregavam tudo que não deviam, deixando as cenas gravadas em sua mente. Já estava sonhando com o castelo, mesmo que em outros tempos. Agora mais essa.

– Luiza! – batidas repetidas seguiram o chamado.

Ela pulou no lugar, retirada abruptamente de suas divagações, precisou de uns

segundos para reagir, mas reconheceu a voz de Afonso.

– Vamos jantar lá na cidade, quer ir?

Ela abriu a porta, já com a bolsa na mão. Era uma ótima ideia sair do castelo por umas horas.

– Sim, aonde vamos?

– Não sei, Peggy quem viu o folheto de um local à beira do rio. Vamos passear um pouco e investigar locais para ir no final de semana. Estou doido pra ficar a noite toda fora!

Afonso seguiu animadamente, falando que ele e Peggy estavam há semanas planejando uma saída no final de semana. Luiza fez de tudo para substituir seus pensamentos e sua sensação de culpa pela animação dele.

No sábado de manhã, Luiza foi acordada por batidas na porta, dessa vez era Peggy que já estava vestida, mas o cabelo ainda continuava uma bagunça. Assim que abriu a porta, Luiza escutou o barulho de batidas que pareciam sons de martelo e madeira.

– E aí, dorminhoca, vim ver se já havia acordado. Sei lá por que, imaginei que você ainda não havia decorado a agenda do castelo.

– Não decorei nada.

– Hoje vai ter bastante gente por aqui, é dia de visita completa. Ou seja, a galera vai passar por cada canto para conhecer o interior de Havenford. Se prepare, aconselho que tome o remédio para dor de cabeça na hora do café.

– Vão entrar no meu quarto também? – perguntou Luiza, olhando em volta para ver se estava muito bagunçado.

– Claro que não! – Peggy riu. – Nem nos nossos quartos e nem no quarto do conde.

– Deve ser estranho para ele ter gente entrando na parte que é sua casa...

– Os cômodos pessoais dele não são invadidos, senão ia ter fangirls por aqui querendo catar coisas dele – Peggy riu e deixou Luiza para se arrumar.

Ela fechou a porta ainda sorrindo, mas assim que ficou sozinha saiu correndo para o banheiro, já arrancando o pijama no caminho, tropeçou na borda do box antes de pular para dentro e enquanto abria a água ainda estava segurando o pé onde estava doendo. Claro que a água saiu fria demais, assustando-a e acordando ao mesmo tempo. Quando saiu e entrou no closet, Luiza viu que precisava comprar roupas novas, acessórios também e com certeza vários sapatos. O que ia usar hoje? Aquela bota gasta de novo? A mesma que estivera usando na biblioteca na sexta-feira?

Soltando o ar ela agarrou um sutiã e enfiou os braços de forma irritada. O que estava fazendo? Esteve vivendo sem se importar exatamente com todos os

detalhes bobos como sapatos, maquiagem e tudo mais. Dava para seguir com o que tinha, renovando quando ficava velho e aproveitando as promoções que apareciam. E adivinha o que ela trouxe da farmácia quando entrou lá na sexta? Um blush novo. E agora implicava com seu par favorito de botas de cano curto.

Ela sabia o que era. Estava reagindo como uma mulher interessada. Conseguia aparecer muito bem, inclusive profissionalmente, com o que deu para comprar com sua renda incerta. Agora que ela aparentemente havia perdido completamente seu bom senso e estava corando por causa de um cara, já estava até de blush novo quando o seu antigo ainda não havia terminado. “Ah, mas aquele tom não me favorece tanto” – ela havia pensado quando comprou o blush novo. Mas que diabos!

Só de sacanagem consigo mesma, quando passou uma maquiagem rápida antes de sair do quarto, Luiza usou o blush antigo, um batom quase sem cor e o seu rímel no finalzinho que nem dava tanto volume assim. Isso mesmo. Nada de ficar querendo “se favorecer” por motivos errados. Ela seguiu para a escada da ala leste, usando meia calça, sapatilhas de amarrar nos calcanhares, também um tanto batidas, mas confortáveis como pisar em nuvens e certamente mais novas que as botas. E no corpo jogara um vestido azul com florzinhas vermelhas, mangas três quartos e com um corte perfeito para trabalhar, ou seja, confortável, levemente sem graça, mas profissional.

Quando chegou à cozinha e viu todos sentados e tomando café, ela já estava planejando ir de novo naquela farmácia que Afonso havia lhe mostrado com uma seção enorme de cosméticos e onde encontraria um rímel novo para dar mais volume. Ora essa, o seu praticamente já acabara.

– Luiza, que ótimo você já ter chegado. Hoje é dia de andar pelo castelo todo. Está disposta a conhecer o que falta? – perguntou Marcel, enquanto cortava o que parecia ser omelete.

Ela se sentou entre Peggy e uma cadeira vazia e com o conteúdo do prato já consumido, sabia que havia sido de Hoy, pois ele sempre comia antes. Devan estava bebendo café e olhando o jornal, com a cadeira um pouco afastada da mesa. Nem sempre ele dava o ar da graça para tomar café com eles, porque ficava acordado de madrugada escrevendo ou trabalhando em um dos seus artigos, então, comia sozinho.

Havia também as manhãs em que ele acordava tão cedo que comia com Hoy e ia trabalhar para depois dar tempo de escrever. Nesses dias quase ninguém o via a não ser passando rapidamente pelo salão. Luiza estava começando a pegar o ritmo de todos ali.

Pouco tempo depois, Luiza estava seguindo um grupo que Aura, a guia mais concorrida do castelo, guiava pela escadaria principal. A mulher seguia na frente falando das peripécias dos moradores do castelo, contando tudo que lembrava. A memória dela era ótima e conseguia citar acontecimentos de acordo com o local

que estivesse no castelo. E sempre dava um tom engraçado à maioria das coisas, mas seu talento para o drama romântico também era maravilhoso. Especialmente quando incluía umas sacanagens.

As pessoas eram proibidas de tocar em qualquer coisa, mas podiam fotografar sem flash o quanto quisessem. Quando chegava a hora de tocar, o guia dizia e geralmente acontecia nos cômodos principais. Era incrível como as pessoas tinham fixação por tocar nos itens, faziam filas para poder tocar a pontinha das tapeçarias feitas para isso, o vidro do gabinete com a janela tão famosa que só lady Elene conseguia abrir, os vestidos, réplicas dos usados por ela, algumas armas e a réplica idêntica da espada do conde.

A original ficava no meio da sala de armas, iluminada e protegida por um vidro grosso e transparente. Nas visitas completas, cada grupo era acompanhado por um segurança e se havia muitas crianças, costumava aparecer mais alguém para ajudar. Eles tinham histórico de crianças levadas sumindo, especialmente quando encontravam alguma passagem pequena ou secreta. E depois para achar o pestinha naquele lugar enorme era um problema.

– É agora que eles ficam doidos, olha só – Aura disse baixo para Luiza.

A guia seguiu um pouco à frente e falou alto, fazendo sinais.

– Vamos conhecer o quarto do conde! – ela falou alto.

Luiza achou ter ouvido gritinhos excitados. Ela franziu muito a testa e seguiu atrás, imaginando ter ouvido errado. Chegou à porta de um cômodo à esquerda, dava para entrar até o meio, o resto era circundado por cordas. E lá dentro ficava um quarto perfeitamente montado onde alguém podia dormir a qualquer hora. Estava tudo ali, só que era claramente um quarto medieval.

Enquanto isso, Aura contava sobre o conde, as mudanças no quarto e que depois do casamento muitas coisas foram adicionadas.

– Não é meu quarto, sabe... – disse Devan, parando na porta, onde ela estava.

Será que ele lia mentes?

– Quando ela falou eu fiquei surpresa, apesar de Peggy ter dito que não acontecia – ela respondeu, parecendo aliviada. – Mas olhando, imaginei logo que você não devia estar vivendo aqui.

– É uma réplica, as pessoas adoram. A cada temporada montamos algo nesse cômodo. Ano passado era o quarto que Elene mantinha para seus pertences. Confesso que gosto mais dele – Devan se virou e foi saindo.

Luiza olhou para o grupo e depois olhou para ele. Ficou em dúvida sobre quem seguir agora.

– E o seu quarto? Você mora aqui, não é?

– É depois daquela porta. Mas não se preocupe, meus espaços pessoais estão trancados. Seria bem estranho. Acho que minhas canetas iam começar a sumir – ele sorriu e entrou por uma porta que ela não fazia ideia onde ia dar.

– É estranho... Já imaginou se você perde a hora e resolve sair por aí de

cueca e dá de cara com essa gente toda! – ela falou, entrando também.

Ele riu e seguiu até a mesa, aquele era o gabinete do segundo andar. Luiza reconheceu a descrição, já tinha lido muita coisa agora. E ali haviam acontecido muitos momentos memoráveis na história dos Warrington.

– Eu tomo o cuidado de por dois despertadores em época de visitas completas. E fico longe do uísque também. Porque vai que... – ele pegou uma pequena pasta sobre a mesa. – Mas sempre há a chance de esquecer – ele acenou com a pasta antes de colocá-la dentro da estante atrás da mesa.

– Você não se sente incomodado? – ela perguntou, enquanto olhava em volta.

– Por ter gente estranha andando para todo lado? Cordinhas limitando vários cômodos da minha casa? – ele deu de ombros. – É só uma semana por semestre.

– Mas mesmo que eles não venham sempre nessa parte, continuam pelo resto do castelo – ela olhou a tapeçaria, seus dedos pegaram a beira e sentiram a textura.

– Eu fui criado aqui. Em dado momento você acaba aceitando que isso tudo é muito maior do que você. Vou viver quanto tempo? – ele se virou e encostou o quadril na mesa, cruzando as pernas nos tornozelos enquanto a observava andar pelo cômodo. – Uns oitenta anos, com sorte. E esse castelo está aqui por séculos e vai continuar por muitos outros. É história. E eu não quero ser o babaca que vai estragar isso.

Luiza se inclinou, reparando nas poltronas perto da lareira que também era enorme, mas até agora não vira uma tão grande quanto a do salão principal.

– Eu espero que seus descendentes pensem assim.

– Eu também – ele cruzou os braços, ainda a seguindo com o olhar.

– Nunca aconteceu nada constrangedor?

– Já esqueci a porta do meu quarto destrancada.

– E?

– Quando entrei tinha uma senhora lá dormindo.

– Mentira! – ela se virou rapidamente para ele.

– Ela deitou para saber como era o colchão daquela época e caiu no sono. Quando a acordei, a primeira coisa que ela me perguntou era onde encomendava um colchão medieval.

Luiza estava rindo, imaginando a cena.

– Só que meu colchão não tem nada de medieval, ele é bem novo, minhas costas agradecem. E o pior é que a família já tinha noticiado à segurança do castelo sobre o desaparecimento dela.

– E ela descobriu que estava no quarto errado?

– Não sei, só sei que agora as portas têm travas automáticas que prendem quando a porta bate. Sem a chave nem eu entro.

As portas duplas do gabinete foram tomadas pelo grupo de Aura que abriu um enorme sorriso quando os viu ali.

– Ah, então você me trocou por esse guia iniciante e sem graça! – ela brincou e cumprimentou o conde com um soquinho de mão.

– Ele tem umas histórias proibidas pra contar – Luiza piscou para ela.

Aura chamou o grupo e Devan se apurou imediatamente, antes que ela falasse, era como se ele adivinhasse ou já houvesse passado por isso várias vezes.

– Vejam só o que encontramos aqui, pessoal! O atual conde de Havenford! Dá pra reconhecer da foto lá na galeria?

Agora Luiza teve certeza que ouviu gritinhos excitados. Rapidamente eles foram rodeados, o pessoal se acotovelava para conseguir uma foto com ele. Alguns queriam autógrafos e outros começaram a lhe informar que leram seus livros e pelo menos dois retiraram um dos livros da bolsa, prontos para receber um autógrafo.

– E ela é o que? A condessa? – perguntou um grupinho para Aura.

Luiza tinha escapulado para trás da guia e tentou ficar lá, invisível.

– Na verdade é um cover que temos pra entreter. Podem tirar uma foto se quiserem! – disse a guia, movendo a mão no ar.

Todo mundo, vez ou outra, era vítima de Aura. Ninguém escapava.

– Não! – disse Luiza, fugindo, antes do primeiro flash.

– Aura, pelo amor de Deus! – disse Devan, rindo. – Ela ainda não deixou a timidez de recém chegada. Você está estragando meu trabalho.

– Toma vergonha nessa sua cara – Aura disse antes de dizer ao grupo que iriam para o corredor em cinco minutos.

Devan escapou antes e alcançou Luiza.

– Ainda vamos ver meus animais adotados? – ele perguntou, lembrando-se do que falaram naquele dia lá no banco.

Ela ficou em dúvida, porque estava gostando por até agora terem fingido que não haviam quase se beijado na biblioteca. E ela não era idiota, toda vez que ficavam sozinhos o clima ficava estranho. Mas já tinham combinado e, na verdade, não havia motivo para dizer não. Sabia que sua decisão estava sendo levada por aquela maldita atração que estava sentindo por ele. Desde que entrara naquele castelo tudo parecia levá-la diretamente para ele.

– Autoadotados como você diz – ela respondeu.

– Sim, vamos por aqui.

Ele a levou pelo corredor até a saída para a parte do segundo andar que era de circulação pública. No caminho Luiza conheceu uma passagem e não conseguiu deixar de rir enquanto passavam por trás da parede, sabendo que estava cheio de gente do outro lado. Foram sair quase na porta que dava para o corredor suspenso que alguns chamavam de ponte e que levava à torre da capela.

– Você deve ter aprontado muito aqui quando era criança – ela comentou, quando eles esperaram um grupo entrar e saíram para a ponte.

– Eu queria ver alguém me achar. Já consegui sumir por dois dias aqui dentro. Só com uma mochila cheia de biscoito, suco e uma lanterna.

– Colocaram a polícia atrás de você?

– A polícia não me acharia. Foi pior. Chamaram minha avó.

– Ela parece ser uma senhora bem divertida.

– Ela é, especialmente quando não está me dando um sermão.

Ela imaginou que o pai dele já havia morrido nessa época, mas no momento não lembrava quando ele perdeu o pai, só sabia que havia sido cedo. O que deve ter causado muito sofrimento a Rachel também, já que era seu filho único. Ao menos deixou dois netos.

– A vista é linda! – ela ficou observando a paisagem lá de cima. Era como estar suspenso no meio do nada, com visão de dois lados da colina.

– Eu só não sei se teria tanta coragem de ficar aqui quando essa passagem era só de madeira – ele comentou, quando foram olhar o outro lado.

– Foi aqui que Elene passou vestida de noiva?

– Foi sim. E ali é a capela, vem.

Eles percorreram o corredor suspenso que levava ao prédio da capela. Dava para entrar por baixo, mas dali já economizava a subida por um bocado de escadaria. Eles chegaram ao hall iluminado e havia ali um suporte alto, coberto por um vidro e iluminado. Dentro dele, sobre veludo negro estava um anel.

– O anel dos Warrington? – Luiza perguntou, antes de ler a placa.

– Você realmente está lendo aquele bando de coisa que Marcel te deu.

– Claro que sim – ela aproximou o rosto até quase colar o nariz no vidro. Depois de uma longa apreciação, franziu o cenho e olhou para as mãos dele.

– Não, eu não uso. Também não dá no meu dedo – ele a chamou para subirem a escadaria até a capela.

A torre era retangular e a escadaria seguia colada às paredes, formando galerias e era possível olhar lá de cima e ver as pessoas na base da torre.

– Mas então não é mais seu? Agora é um objeto de museu?

– Aquilo é uma réplica – ele esclareceu, enquanto paravam e observavam a capela. A mesma onde Elene e o conde se casaram, com os vitrais coloridos, o mármore e todos os detalhes vermelhos e dourados.

– Sério?

– Sim, o verdadeiro está no cofre.

– Você não deu a... – ela engoliu a pergunta, não devia estar querendo saber se ele deu ou não o anel para a esposa.

– Não.

Ela ficou observando bem o local e as cenas nos vitrais. O altar estava ainda mais bonito, com as duas pilastras brancas precedendo o fundo onde alguns turistas passeavam, admirando as imagens bem preservadas, incluindo uma Santa Maria esculpida no mármore, além das imagens coloridas que haviam sido

restauradas há poucos anos e permaneciam muito vívidas.

– Sabe a armadura lá no prédio do museu? Também é uma réplica, a original está bem debilitada e faltam três pedaços.

– Todo mundo tira foto dela – ela comentou. – E depois ficam chocados com a história do conde que morreu usando-a.

– Do anel também. E a espada do terceiro conde...

– Assim como alguns dos móveis do quarto – ela completou.

– Sim, todas réplicas idênticas.

– O que mais é uma réplica aqui?

– Só essas peças principais. E as tapeçarias, especialmente aquelas que os turistas podem tocar, senão já teriam virado pó.

– E onde está tudo?

– Cofres. A maioria tem valor inestimável. Mas as réplicas são bem antigas, se forem roubadas, vão valer muito. Talvez só um especialista possa dizer que não são originais e realmente são pedras preciosas usadas nelas. Acho que Hoy tem pesadelos com isso.

Ambos riram, lembrando-se do chefe de segurança, ele realmente era controlador.

– Aquela enorme cruz de ouro é uma réplica? – ela perguntou, apontado a cruz sobre o altar.

– Não, é verdadeira. Afinal, é uma igreja.

– Você é de verdade? – ela perguntou num impulso. Não chegou a se arrepende, mas ele bem que era um candidato perfeito a ter uma réplica, para conservar o original, valioso demais.

Ele virou o rosto para ela com um sorriso de lado, então, para sua surpresa, chegou bem perto e tocou seu rosto. Seu polegar passou por sua bochecha como se também testasse para saber se ela era real.

– Não sou uma réplica tão boa assim, então tenho que ser de verdade, não é?

O jeito que ele olhou para os lábios dela a fez morrer de vergonha por estarem em uma igreja, mas Devan fez um movimento com a cabeça como se a chamasse e eles foram descendo pela escadaria, dessa vez até a base. Ambos desciam rápido, mostrando que tinham pique para a escadaria e ultrapassando algumas pessoas que iam se escorando e desviando das outras que subiam se arrastando.

Havia pessoas que vinham especialmente ver a capela da torre e faziam questão de vencer a escadaria, mas os guias costumavam levar os visitantes por dentro do castelo para cortar caminho, até porque os turistas comuns gostavam mesmo é de tirar muitas fotos no corredor suspenso antes de entrar na torre.

Depois de contornarem para a parte de trás do castelo, onde ficava o viveiro e a casa dos cachorros, Luiza finalmente conheceu todos os autoadotados. Kyra era a cachorra que Devan pensou ser um macho e logo ela deu a luz a oito

filhotinhos. Alguns encontraram outros donos, mas quatro ainda estavam ali. Separados deles, estavam os três cachorros maiores que efetivamente tomavam conta do lugar. Luiza ficou com medo deles, mas Devan mostrou que eram três bobões que gostavam de carinho. Ela não ficou muito confiante em arriscar sua mão, mas ficou com dois filhotes no colo. Pareciam de pelúcia e ainda cheiravam a leite.

– Comparados aos cachorros caçadores e assassinos do conde, eles realmente são todos de pelúcia – brincou Devan, enquanto colocava os filhotes no lugar, mas eles já estavam espertos e foram correndo atrás deles até a saída.

Em seguida foram os gaviões que ficavam no viveiro do lado de fora. Devan colocou a proteção e deu uma a Luiza que não gostou muito daquilo. Ele pegou sua ave mais velha e dócil, Pyro. Era um gavião lindo, sob o sol suas penas pareciam mais vermelhas.

– Você não tem cavalos? – Luiza perguntou, vendo que o que era o estábulo na planta antiga que viu do castelo, agora fora diminuído e era onde os cachorros viviam livremente.

– Não – ele sorriu, achando a pergunta engraçada. – Troquei os cavalos pelos carros. Nossos cavalos estão lá em Monthill, tem mais espaço e oportunidade para passearem. Ainda tem uma pequena criação que fica em Riverside.

– Eu nunca montei um cavalo – ela confessou, assinando seu status de garota da cidade.

– Parece que vamos ter que dar um jeito nisso, não é?

– Eu já estou muito longe da minha zona de conforto com esse gavião passando pro meu braço. Cavalos, nem pensar – ela olhou desconfiada para a ave.

Eles voltaram pelo mesmo caminho e Timbo apareceu, sabe-se lá de onde. Aquele gato realmente era estranho. Sumia e desaparecia num segundo. Peggy falou como se aquele sábado fosse ser muito estressante, mas Luiza não sabia por quê. Talvez houvesse sido se ela tivesse ficado com os guias. Mas sério, tinha um guia melhor do que o dono do castelo? Ele mostrava as partes não tão convencionais do castelo, mas o resto ela podia ver a hora que quisesse.

– Eu tenho que ir, ainda vou ao outro lado do rio – ele disse, ao chegarem novamente perto da torre da capela.

– Tudo bem – ela moveu as mãos e acabou as segurando.

Ele olhou para o caminho que ainda percorreria até a entrada principal, precisava pegar as chaves do carro. Não sabia para onde ela pretendia ir agora, afinal, era a trainee e sábado era um dia que só trabalhava meio expediente e era bem flexível para ela escolher onde ficaria.

– Mas eu adorei passar parte do dia com você – ele completou, ignorando o caminho que devia tomar.

Ela moveu o ombro direito e sabia que não devia estar sorrindo.

– Eu tinha que acompanhar um guia. Mas acabei decidindo que não tem guia melhor do que você aqui no castelo.

– Eu posso me esforçar mais.

– Não precisa, sua memória já me deixa fascinada.

Devan não olhou em volta, não era ele que estava preocupado que alguém visse o que queria fazer. Ele voltou um passo e a beijou, como se precisasse fazer antes de ir, fingindo que podia se despedir. Não hesitou, não lhe deu tempo de pensar e não provocou como na biblioteca. Ele tocou seu rosto e não esperou para ver se ela viria acompanhando aquele toque leve, mas que capturou sua mandíbula. Se ele queria, tinha de ir antes que ela mudasse de ideia e sabia que mudaria.

Mas com os lábios colados aos dela, desfrutando do sabor que ele recebeu só um toque naquela sexta-feira, era mais difícil mudar de ideia. E Devan aproveitou o curto tempo que tinha para beijá-la, trouxe-a para bem perto, mergulhou em seus lábios e seduziu-a para lhe dar espaço. Tudo na mente dela sumiu enquanto ele a beijava com tanta vontade, tamanha entrega que a deixou bem ciente do perigo que seria ceder só um pouquinho.

Luiza não conseguia ficar passiva, porque ele a obrigava a tomar parte. A sofreguidão do seu beijo era como uma paixão represada e sendo solta toda sobre ela. Como um reencontro que demorou demais e eles já não podiam conter suas reações. Devan era intenso e não hesitava na entrega quando beijava, e ele realmente vinha desejando beijá-la por dias. Ele queria viver aquele momento como se fosse o último beijo do mês. Como se fossem um casal apaixonado que vivia em países diferentes, desejando e querendo de longe.

Ele a deixou ofegante, com o coração acelerado, arrebatada e desejando mais do que podia ter. Uns minutos nos braços dele e ela sentiu como se houvesse estado ali por muito tempo; era ir longe demais em um único beijo. Era tão bom que seu juízo não conseguia obrigá-la a soltá-lo. O gosto do beijo ia ficar marcado nela. A paixão que ele despertou causava aquele tipo de desejo que faz você querer se agarrar, nunca mais soltar e jamais voltar a sentir-se satisfeito longe dos braços do outro. Era assustador.

E ela recuou.

Devan a deixou se afastar e soltou o ar lentamente, passou a língua pelos lábios, capturando os resquícios do beijo. Ele não tinha planejado ir tão longe, não queria assustá-la, mas quando começou e ela retribuiu, foi impossível parar ou se forçar a conter o que sentia. Ele nem sabia explicar para si mesmo o que estava acontecendo, então como ia conter?

Ele pensou em pedir desculpas, mas não seriam sinceras. Ele não estava arrependido do beijo, queria mais. Muito mais. Se ela aceitasse, podiam ir a qualquer lugar e se beijar pelo resto do dia. Ele juraria que se comportaria, ficaria retido só nos lábios dela por hoje. Provavelmente prometeria qualquer

coisa se ela dissesse que podiam passar umas horas se beijando.

Mas ela o olhava como se estivesse com dificuldade para se recuperar de um baita susto. E não parecia que o deixaria encostar nela agora. Ou nem tão cedo. Isso certamente destruiu o humor dele, mas não diminuiu nem um pouco o seu desejo.

– Me desculpe se eu... – ele moveu a mão, buscando o motivo. – Se a assustei.

É que perguntar “Posso beijá-la, senhorita?” não faz meu tipo. Principalmente quando você já deu uma bela ferrada na minha mente.

– Nós não podemos fazer isso – a voz dela soava muito baixa.

Era tudo que ele não queria ouvir.

– Nós não podemos é diferente de eu tê-la insultado por você não estar interessada.

O problema era exatamente ela ter ficado para lá de interessada.

– Eu não posso ter um caso justamente com você – Luiza deu mais um passo para longe dele, ainda sem saber o que fazer naquela situação.

– Eu não sei se estava pensando exatamente em ter um *caso* – ele forçou na pronúncia da última palavra. Por mais bobo que parecesse, “ter um caso” nunca soava com uma boa conotação; parecia o nimbo dos relacionamentos, sempre com cara de algo errado e ilegal. E ao menos na mente dele, não havia nenhum problema ali.

Luiza já havia se afastado mais dele, mas quando o escutou, voltou alguns passos e o olhou.

– Não torne isso mais difícil.

Ela entrou novamente na torre da capela e Devan ficou ali por mais um momento antes de fechar os punhos e sair rapidamente em direção à porta principal. Marcel tinha lhe avisado, não é? Ele havia acertado em suas suposições de que ela não lhe daria uma chance e de que ia dançar e espezinhar em cima da cabeça dele.

Depois de subir toda a escadaria da torre sem nem se dar conta, Luiza levou um susto ao dar de cara com Afonso na saída para o corredor elevado que ligava ao castelo.

– Epa! Quer me jogar lá embaixo? – disse Afonso, percebendo que ela bateu nele porque nem o viu.

– Desculpa – ela balançou a cabeça.

– E onde você se meteu a manhã toda? Nem a vi na hora do almoço, comeu nas barraquinhas? Já te falei pra ter cuidado com aquele tempero da dona Barrows. Aquela comida escocesa dela é do babado.

– Não, na verdade não comi ainda.

– Você estava de novo fazendo tour VIP com o conde, não é? Aura, com aquela língua que podia servir de tapete pra descida da colina, disse que você a abandonou. Se bem que pra minha irmã ela disse que o conde a roubou.

– Ele é um bom guia... – ela disse baixo, ainda distraída.

Mas Afonso não era tão bobo assim. E ele já estava começando a pescar no ar.

– Sim, bom até demais – ele lhe lançou um olharzinho entrecerrado. – Mas eu a estava procurando mesmo. Peggy e eu vamos dar aquela saída amanhã. Você está convocada.

– Pra onde?

– Pra farra do outro lado do rio, baby! Espero que você tenha trazido algo além dessas calças e saias comportadas.

No domingo à noite, depois que o castelo já estava todo lacrado, os alarmes funcionando e as seções de visitação trancadas, Peggy, Afonso e Luiza se prepararam para sair. Afonso estava com uma calça em tom azul-ciano, uma cor muito forte. Ele tinha sempre uma peça colorida nele. Peggy parecia estar com algum propósito próprio e usava uma saia reveladora, ela tinha mesmo pernas bonitas. Luiza ainda estava fazendo a linha novata e desconfiada e usava uma jaqueta por cima do vestido justo e sapatos negros de salto que ela desencavara do fundo da mala e reconheceu como o mesmo par que usou na formatura e depois esqueceu no armário.

Afonso ficou cutucando Luiza e falando para ela prestar atenção. Mas a possibilidade era para lá de estranha. Será que estava rolando algo entre Peggy e Hoy? Mas ele era tão... fechado. Estava sempre ocupado com a segurança.

Tudo bem que de todos, ele era o que Luiza teve menos chance de conhecer e talvez isso causasse essa impressão, porque no dia que ela chegou e ele trouxe as malas, parecia muito à vontade junto com Devan e Marcel. Mas deviam se conhecer há anos.

Devan vestiu uma camiseta e saiu para o terraço para buscar seu Ipod, ia para a academia da cidade se exercitar e nadar um pouco quando viu Hoy, com uma cara muito amarrada, indo pessoalmente abrir o portão do pátio interno para o táxi entrar e pegar Peggy, Afonso e Luiza. Como eles eram os três habitantes mais jovens do castelo, Marcel os chamava de “as crianças”. E isso porque Peggy já tinha completado trinta anos.

Aparentemente alguns hóspedes do hotel também iam sair, mas eles tinham feito uma obra há uns anos. Aliás, obra esta que custara uns milhares de libras que usou aquele espaço da colina do lado direito e que antes era inacessível. Na época que aquele conde viciado em reforma foi dono do castelo, lá pelos tempos do rei George VI, ele mandou derrubar a parede externa daquele lado; não era como se ainda existissem cercos e guerras naquele tempo.

E todo mundo sabia que aquele lado da parede era inútil, para subir ali iam

precisar de profissionais para escalar a colina. E o pedaço entre a parede interna e externa não tinha uso, foi inclusive onde caiu o corpo de Tylda, a primeira esposa do terceiro conde. E ninguém na família gostava de se lembrar disso. Agora havia uma fina estrada ali por trás, uma subida de mão única, acessível depois do portão principal e passando por baixo de uma das torres de vigia. Os táxis e carros autorizados podiam virar ali e ir até o hotel.

Foi bom porque refizeram o muro externo um pouco mais para fora, recuperando aquele lado do castelo e voltando a caber nas normas de patrimônio histórico, pois na planta que havia nos registros existia a parede externa ali. A planta original não existia mais, foi perdida antes mesmo do tempo de Jordan e Elene e a mais velha foi encontrada entre os pergaminhos de uma das arcas deles.

Timbo pulou para cima da balastrada do terraço e começou a miar, como se o maldito gato quisesse que Devan fosse lá olhar. Ele se aproximou e acariciou a cabeça do bichano que ronronou, aceitando o carinho.

– Eu não sei se você comeu hoje, se te deram leite, ração ou se caçou pássaros por aí. Coloquei sua ração na vasilha e você ignorou. Não sei nem por onde andou – ele disse para o gato enquanto o acariciava. – Assim fica difícil ser um dono responsável.

E Devan estava um pouco chateado porque, bem... a mulher em quem estava interessado tinha colocado uma placa de proibido em cima da própria cabeça e agora estava atrás de Afonso indo para o outro lado do rio se divertir. Era a última coisa que queria pensar. Mas ela era livre, podia até conhecer um fulano qualquer lá e passar metade da noite nos braços do tal cara enquanto Devan estava proibido de “dificultar as coisas”.

Junho de 1432,

Nós levamos as crianças ao castelo dos Driffield e a reconstrução foi um sucesso. Eles não têm mais nenhum problema de vazamento no teto. Estão até mais centrados e a vila e o pequeno mercado foram refeitos. Encontrei muitos itens bonitos que não vi na feira mais perto de Havenford.

Mas o mais divertido é que nossos filhos se adoram. Depois da última menina, acho que eles finalmente pararam de procriar. Mas Angela ficou tão feliz de rever seus dois filhos mais velhos. Às vezes esqueço que Rey e Arryn são irmãos e vivem em Havenford. Mas Arryn vai voltar para casa no final do ano, ele já é um cavaleiro experiente, vai herdar tudo e, além disso, seu pai teve o braço ferido na guerra. Ele se curou, mas não pode mais lutar.

Quanto a Rey, não vivemos mais sem ele. Ele está um completo adulto agora, saudável e forte. Quem diria que aquele rapaz tão alto, mas bem magro, se tornaria a nova sensação de Havenford. Oh, como as mocinhas sofrem de paixão ao olhá-lo. É tão divertido!

Muito em breve serei titia novamente, falta pouco para o bebê de Lavine e

Morey nascer. Agora que eles moram lá no casarão, eu sinto um pouco de falta dela. Nossas conversas eram divertidas.

Estou louca pela virada do ano, Jordan finalmente vai me levar a Mounthill. Ele disse que a reforma já deverá estar boa o suficiente para passarmos uns dias lá. Vou mandar uma carta para Dora. Talvez ela queira ver também.

É estranho como ultimamente tenho estado sozinha, não sei por que ou como. Eu só sentia que precisava tomar coragem e lidar com minha vida e agora estou quase sempre sozinha... comigo mesma.

Capítulo 7

Depois de muito se revirar na cama, pensando sobre o que vinha acontecendo no castelo, Luiza adormeceu e teve o sonho mais estranho desde que chegara ali. E olha que estava sonhando um bocado ultimamente. Ela sonhou que estava percorrendo o castelo, cantarolando algo que nunca havia ouvido. Mas no sonho, ela sabia bem o que era. Ela ia virando pelos corredores com a segurança de quem conhecia o lugar como a palma de sua mão.

Até que bateu com a mão numa porta, empurrando-a e entrando com estardalhaço.

– Eu já ia avisar que milady sumiu de novo! O conde ia ficar doido – disse uma voz de menina.

– Não comece a ficar exagerada como sua avó – Luiza se ouviu dizer.

Ela sentou num banquinho baixo, bem perto da lareira, pegou uma pena, molhou na tinta e começou a fazer uma lista.

Já eram sete da manhã quando Devan saiu do seu quarto. Ele tinha compromissos na cidade, por isso ia sair cedo e resolver tudo, antes de retornar para seu trabalho no castelo. E tinha esperança de escrever um pouco mais tarde, só não podia esquecer-se de comprar um energético se quisesse estar alerta. Ele passou em frente ao cômodo onde estava montado o quarto do conde e estranhou por a porta estar aberta. Mas o que chamou sua atenção foi o som repetitivo.

Eram sete horas, ainda estava um silêncio completo dentro do castelo, especialmente no segundo andar. Ele deu alguns passos para trás e olhou através da porta e o que viu não podia deixá-lo mais surpreso. Devan entrou e foi andando até lá lentamente.

– Luiza? – ele chamou.

Ela não lhe deu atenção, continuou sentada naquele banquinho, de frente para a lareira apagada. E ali estava o som repetitivo. Ela estava com uma caneta na mão, dessas que é preciso apertar em cima para a ponta aparecer. E ela não parava de apertar aquele botão.

– Luiza! – ele chamou novamente, mas podia ver que ela estava distraída.

Devan pulou a cordinha e se aproximou dela, quando suas mãos a tocaram, ela soltou um grito de susto e deu um pulo no lugar, virando o rosto para ele imediatamente.

– O que foi? – ela perguntou.

Ele segurou a mão dela e tirou a caneta devagar, fazendo-a parar com aquele som repetitivo.

– Você que precisa me dizer – ele continuava abaixado, observando-a.

Luiza olhou em volta e depois tornou a olhá-lo. Ela não estava na cama?

– Eu não sei bem o que lhe dizer. Eu... acho que não lembro de ter vindo aqui.

Ele franziu o cenho e abaixou o olhar, vendo que ela estava de camisola, mas o que realmente captou sua atenção foi a coxa dela. E não foi apenas por ele ter achado-a bonita. Sua coxa direita estava toda rabiscada.

– E isso? Estava fazendo anotações de trabalho?

Luiza olhou para baixo e ficou um minuto encarando sua coxa, havia uma espécie de lista rabiscada nela. As letras não estavam firmes, mas dava para ler: *Lã para os vestidos de inverno, tear novo, botas para as crianças, capa nova para J. D., manta para Erin, essências de flores para os cabelos...*

E isso era tudo, uma lista desarrumada e sem sentido. Quando Luiza levantou a cabeça, Devan continuava lá.

– Você costuma andar por aí dormindo? – ele perguntou.

Ela disse que não, ficou de pé e pediu desculpa. Falou que foi até lá porque esteve lendo as cartas de Elene e ficou curiosa, mas cochilou. Depois não lembrava e estava falando rápido demais também. Mas no minuto seguinte ela estava de volta ao corredor, fugindo dali e voltando para o seu quarto.

Devan ficou ali por mais um minuto, intrigado com o acontecimento e buscando em sua mente onde havia uma lista escrita por Elene. Ele não se lembrava de nenhuma e se não vinha à mente dele, provavelmente não havia uma. Mas por que Luiza ia ficar inventando algo assim? Será que ela estava anotando todos os itens que Elene citava em momentos diferentes e fazendo uma lista?

Luiza acordou novamente com o gato sapateando por cima dela. Ela virou o rosto e Timbo estava batendo com a patinha no seu cabelo, como se estivesse brincando com ele. Como o gato havia entrado ali? Ela havia fechado a porta quando voltou e não tinha espaço para ele passar por baixo. Será que ele entrara pela janela? A parede do castelo era cheia de locais do lado de fora por onde ele gostava de andar.

– Me deixa dormir... – ela tampou o rosto, mas o despertador tocou. De novo.

Ela bem que havia dito que o gato estava seguindo-a, agora ele havia resolvido visitá-la. Ficava a critério dele os horários em que ia aparecer, nem adiantava chamá-lo, porque o castelo era seu reino e era espaço demais para ele explorar. Ela não sabia que tipo de gato ele era, provavelmente era mestiço, mas era bem peludinho, até porque não devia ver uma tosa há um tempo. Ele era branco com creme, mas tinha o corpo rajado por pedaços castanhos. Mas as patinhas eram brancas. Era pequeno e muito ágil, do tipo que só seria capturado se quisesse.

– Só me faltava você saber ver horas também – ela disse quando pulou da cama e foi para o banheiro.

Já fazia uma semana que Timbo resolvera que ela valia seu tempo. Segundo Afonso, era muito difícil o gato aparecer no quarto dele, geralmente só para roubar alguma coisa, como seu pote de iogurte. E Peggy também disse que quase não o via. Vez ou outra ele aparecia no terceiro andar, dormia no sofá de Marcel, mas depois sumia. Ou seja, Timbo provavelmente estava querendo tornar Luiza sua nova humana de estimação.

Ela saiu do quarto, rezando para não encontrar Devan de novo. Quando voltou para o quarto, estava mortificada, mas sonolenta. Sentou na cama, pensando sobre seu sonho e tentando lembrar quando havia levantado e ido à outra ala do castelo. Logo depois, só se lembrava de sentir Timbo andando por cima dela. E estava atrasada. Mas pelo menos tinha uma vaga lembrança da primeira vez que o despertador tocou e ela o empurrou.

Devan felizmente não estava mais indo à biblioteca escrever e pelo jeito estava trabalhando no gabinete do segundo andar, pois Marcel ia lá falar com ele e levar documentos também. Luiza estava quase o odiando por respeitar a sua decisão que não tinha absolutamente nada de decidida. Ela ainda achava que estava certa em não se envolver com alguém para quem ela trabalhava, mas... Ele não precisava levar tão a sério.

Então agora eles não podiam mais socializar? Andar pelo castelo sozinha era tão chato. E ela vinha passando tempo demais na biblioteca por causa do volume de trabalho que se intensificara já que pegou o ritmo dali tão facilmente. Mas sozinha.

Afonso e Peggy estavam cada vez mais animados em finalmente descobrir melhor a região. Usavam a tarefa de apresentá-la ao local como desculpa para baterem perna por aí em todas as oportunidades que surgiam. E estavam embasbacados por o lugar ter vida noturna de verdade. Já tinham até points preferidos.

E depois de receber dois salários, Luiza estava quase se achando rica, mesmo depois de pagar a parcela do seu empréstimo estudantil. Estava há tanto tempo vivendo numa economia ferrenha que nem sabia o que começar a comprar com todo aquele dinheiro na sua conta. Ela começou comprando aquele tal rímel que estava precisando. Sapatos novos, especialmente aqueles adequados ao local, calças novas, meias quentes, vestidos simples. Estava até se achando culpada e consumista por ter três vestidos lindos e novinhos.

Ela nem precisava ir sozinha, Afonso fazia questão de mostrar todas as lojas que prestavam e não prestavam. Mas do outro lado do rio, grandes lojas de departamento já haviam aberto filiais no shopping e em algumas ruas movimentadas. Mas os grandes achados ficaram em lojas escondidas e as peças preferidas foram encontradas em lojinhas menores, desse lado do rio, entre comércios de moradores locais.

Marcel vivia dizendo que Elene, o conde e outros responsáveis pelo castelo

que viveram naqueles séculos, iriam adorar isso. Especialmente a parte em que eles não precisariam proteger os comerciantes com espadas e guardas e nem teriam o carregamento roubado nas estradas.

– Eu quero ver é se eles vão acordar tão cedo dessa vez. E sem ressaca – disse Marcel, sentado à mesa do café da manhã.

– Não seja rabugento, Marcel – Devan riu dele.

– Ele está certo. Eu acho inclusive perigoso. As coisas aqui já não são mais as mesmas – disse Hoy, enquanto comia seu ovo mexido com torradas. Ele estava mesmo era incomodado com os compromissos sociais de Peggy.

– Eu nunca vi nenhum deles de ressaca. Da última vez que Afonso tentou afogar as mágoas, encheu a cara de hidromel e passou foi mal do estômago – Devan não conseguia deixar de rir disso.

– Vocês ficaram sabendo daquele roubo ao casarão? – disse Brenda, servindo mais café. Ela chegava cedo todo dia, recebia o entregador da padaria e fazia o café deles.

– São crianças boas – disse Marcel e tanto Devan quanto Hoy reprimiram sorrisos. – Roubaram o casarão? Como? – ele exclamou.

– Entraram e saíram com tudo que queriam e ninguém viu – Brenda deixou o bule de chá na mesa e voltou à cozinha.

– Vai ver eles estão tentando impressionar a menina de Londres pra ela ver que a vida aqui não é ruim e não ficar triste – disse Hoy, num tom de quem chutava uma opinião.

Devan parou de comer e o olhou.

– Ela está triste por estar aqui? – ele olhou para Hoy, mas depois para Marcel, pois ele quem passava mais tempo com ela.

– A menina de Londres, já está aqui há tempo suficiente para você chamá-la pelo nome, Hoy – disse Marcel. – E ela não está triste. Eu acho que ela nem ligou muito para a mudança.

– Claro que sei o nome dela e não disse que estava triste, estou só chutando. Afinal, de Londres para Havenford é uma mudança e tanto de ares – completou Hoy.

– Nós já estamos bem desenvolvidos. Tem tudo que ela precisa aqui na cidade – Devan disse baixo, franzindo o cenho, mas encarando seu prato.

Marcel fez uma careta para Hoy que não tinha sacado absolutamente nada porque vivia preso na sala de segurança ou por aí dando rondas.

No sábado à noite, Luiza tomou coragem e entrou na biblioteca, mesmo sabendo que Devan estaria ali. Afinal, no final de semana, ainda mais à noite, ela quem nunca estava lá.

– Eu terminei o livro, estou fissurada na história e já vou ler o terceiro. Você é ótimo – ela começou a falar devagar, mas ficou um pouco nervosa quando ele a olhou e terminou a última frase mais rápido do que pretendia.

Devan a acompanhou com o olhar até ela parar à frente de sua mesa e depositar dois livros sobre o tampo.

– Fico feliz que tenha gostado – ele reparou que ela lera não só o primeiro como também o segundo da série.

– Você disse que autografaria se eu terminasse.

Ele assentiu, pegou a caneta e abriu o primeiro para escrever uma dedicatória usual porque tinham que ter um tratamento padrão, não é? Ele prensou os lábios quando assinou, qualquer tempo sozinho com ela havia se tornado doloroso. Seu interesse não havia recuado, pelo contrário, continuava pensando nela. E viviam no mesmo lugar. Era impossível.

– Da última vez que falamos sobre isso, você nem tinha começado o primeiro – ele disse, quando puxou o segundo livro.

– Eu fui à livraria aqui perto, aquela bem antiga e com a frente de vidro e madeira escura. E que tem o nome do castelo. Eu só soube que a sua família que a abriu quando entrei nela e vi a placa.

– Eu gosto dela, dá uma sensação boa, ainda mais depois da reforma.

– Tomei um café lá, é quase tão bom quanto o cappuccino do café aqui do castelo. Sabia que seus livros ocupam um lado inteiro da vitrine da livraria?

– Eles são uns puxa-sacos... – ele disse, mas sorriu.

– Eles fizeram uma decoração bonita com os cinco livros... Enfim, eu senti lá naquelas poltronas escuras e comecei a ler. Quando cheguei ao castelo, já estava na metade.

Luiza engoliu a saliva, percebeu que continuava falando num ritmo um pouco mais rápido do que o seu habitual. Muito disso porque sentia como se estivessem se falando tão pouco que tinha pressa para por tudo para fora e não perder nada. Como se o tempo deles fosse cronometrado.

– Você tem se divertido em suas incursões pela região? – ele perguntou, já que ela citou seu passeio à livraria.

Ele queria mesmo saber se ela estava se divertindo com “outras pessoas” quando acompanhava Afonso e Peggy em uma daquelas saidinhas noturna.

– Eu gosto de andar por aí... – ela respondeu.

– Não é tão ruim, não é?

– Andar por aí? É ótimo – ela continuou, estranhando um pouco o comentário dele sobre não ser “ruim”.

– A cidade. O outro lado do rio deve lembrá-la um pouco de Londres – ele comentou, porque ainda estava pensando sobre o que Hoy disse.

– Ah, isso. É, não tanto. É bem diferente, aliás.

– Claro que não tem tudo que há em Londres, mas fora isso...

– Eu gostei daqui – ela declarou.

– E o castelo, você não tem mais andado por aí à noite. Ao menos eu nunca mais a encontrei.

Ela temia pelo momento que ele tocaria nesse assunto.

– Na verdade, já eram sete horas. Eu sou terrivelmente curiosa, realmente cochilei depois de ir lá ver o banquinho onde a condessa sentava – ela fazia uma expressão neutra, rezando para ele acreditar. Porque até hoje não sabia como fora parar naquele quarto.

Ele assentiu e empurrou o segundo livro para ela, praticamente mordendo a língua para não “dificultar”. Luiza esperava que ele não estivesse mandando-a embora com esse gesto, porque queria ficar junto dele e perguntar como ia o livro. Mas no caso, ela quem estaria dificultando. E sabia que ia ceder e quando acabasse não iam nem poder olhar um para a cara do outro. Quem dirá trabalhar no mesmo lugar e se ver todo dia. Quando passavam um pelo outro, eles criavam momentos constrangedores, porque ao invés de desviar o olhar, acompanhavam o que o outro fazia.

Timbo escolheu justamente esse momento para passar pela fresta da porta e entrar na biblioteca. Ele foi andando silenciosamente, olhando de um para o outro, então pulou sobre a mesa e passou por trás do notebook e depois por cima dos livros de Luiza. O gato se ajeitou ali, como se dissesse para os dois continuarem o que faziam e não ligarem para a participação dele.

– Obrigada – Luiza recuperou seus livros e saiu da biblioteca.

Um pouco depois ele saiu da biblioteca atrás dela que escutou o som dos passos no piso do salão e parou antes de ele parar à sua frente. Ele deu mais um passo para perto dela que apertou mais os livros. Ele podia ver nos olhos dela, muito abertos e atentos, que ela estava no jogo e não iria impedi-lo.

– Você tem certeza que não quer ir com a gente? – Peggy perguntou, entrando no salão pela porta lateral do lado esquerdo.

Luiza e Devan se afastaram, um dos livros dela caiu no chão e ele abaixou rapidamente para pegar.

– Tenho. Eu vou ficar lendo, tenho um livro pra terminar – disse Luiza, lançando um sorriso para Peggy.

Afonso atravessou até a porta principal, ele só levantou a sobrancelha para ela e seguiu para esperar a irmã. Hoje seu item super colorido eram os sapatos.

– Tudo bem, até amanhã! – Peggy foi rapidamente, vendo que o taxi havia chegado.

Devan os olhou sair, era sábado e a noite estava bonita e agradável. Se ele não estivesse tentando terminar logo aquele livro talvez saísse também; tinha para onde ir e amigos para encontrar e passar o tempo, relaxar um pouco e beber algumas cervejas. Mas pretendia ficar umas horas longe daquele castelo assim que terminasse. De acordo com seu projeto, faltava muito pouco.

Ele calculava que se fechasse mais dois capítulos estaria terminado. Então ficaria uma semana sem nem olhar para o livro. E depois viriam duas semanas relendo e corrigindo e batendo com o projeto, depois poderia dar a Marcel para ler, ele quem percebia os erros. Então para as suas outras duas betas, a irmã e a avó que ficavam mais ligadas ao sentimento e percepção da história.

Se tudo corresse bem, chegaria ao editor no prazo. Esperaria todo o trabalho deles, as provas de capa que sempre o estressavam, estipulariam a data e seus livros sempre eram lançados pouco após serem finalizados. Então, uma turnê de lançamento o esperaria. Sua editora avisara que dessa vez ele não escaparia.

Mas disseram a mesma coisa no livro passado e ele escapara. Fizera só duas cidades. Mas dessa vez não estava ocupado com nada urgente.

Devan voltou a olhar para Luiza e lhe devolveu o livro. Eles eram grossos, tinham quase quinhentas páginas cada um, mas não eram grandes.

– Eu vou lhe dar o terceiro – ele disse, assim que ela pegou, mas não era isso que ele ia dizer antes.

– Não precisa... Eu posso ir lá naquela livraria de novo.

– Tenho alguns sobrando lá em cima.

Ela acabou assentindo, se a situação estivesse menos estranha ia perguntar se ele podia pegar agora, já que pretendia passar várias horas lendo lá no quarto.

– Está começando a doer ter de ficar olhando de longe, trancado do lado de fora. E o vidro é um bocado frio – Devan disse como se houvesse se lembrado disso, voltado um passo e se inclinado para ela, querendo ter certeza que fosse a única a ouvir.

Ele estava achando-a fria, como se apesar dos momentos muito constrangedores que enfrentavam, ela quem estava passando por tudo com facilidade. Luiza conseguia ser mais contida, fechar as mãos, soltar o ar e pensar os lábios para disfarçar, eram seus principais movimentos. Ao contrário dela, ele era mais intenso. Olhava se queria, tocava e beijava se desejava. E não se importava que soubessem o que queria. Essa situação estava sendo estranha para ele. Conter-se tanto não era o seu normal.

Luiza apenas abriu a boca. Quando foi a última vez que ela passou por isso? Ou que um homem como ele a tocasse tão verdadeiramente sem realmente ter precisado passar muito tempo com as mãos nela? Que tal, nunca?

– Não precisa dizer nada – ele falou no mesmo tom e se afastou.

Final, da última vez que ela falou foi bem clara, não é? Para que ele ia querer levar outro fora? Sabe o que era pior? Não dava para esquecer o beijo. A sensação ficou, o toque nos lábios parecia ter sido ontem e queria sentir aquele gosto novamente como se fosse tão real quanto um doce preferido que passara tempo demais sem provar.

Quando voltou para o quarto, Luiza se soltou na cama e abriu o livro que Marcel lhe dera. Era um daqueles vendidos na loja de lembranças do castelo. Ela

continuou passando as cartas trocadas entre o conde e a condessa do século XV, elas iam desde a primeira até a última. Era o livro mais vendido da loja, até ganhara uma encadernação mais bonita por causa disso e agora parecia artigo de colecionador. Entre as páginas havia trechos da história deles.

Aquela era a edição mais nova, escrita há uns quatro anos, era mais agradável e romântica. A encadernação era linda e a capa, dura. Marcel era ótimo na pesquisa e descrevia tudo com detalhes cirúrgicos, o que não colaborava para o lado romântico e belo da história. Nem para as vendas. Então ele convenceu Devan a escrever as páginas de história que ficavam entre as cartas. Pronto, romance puro e sucesso de vendas. Até porque ele era um autor famoso e os fãs queriam comprar até lista de compras que ele escrevesse, como se fosse vir com alguma pista de um mistério ou um recado amoroso para a caixa do mercado. Ainda bem que o castelo tinha loja online para suprir todos os fãs que não podiam viajar até lá.

Luiza passou os dedos sobre a reprodução do quadro de Elene de Havenford, a condessa com quem Devan dizia que ela parecia. E Marcel, depois de quase morrer de vergonha, confessou que havia levado um susto quando ela entrou na biblioteca pela primeira vez. Era muita sorte seu cabelo ser mais escuro e o tom de sua pele diferente, ou ele jurava que teria saído correndo.

Mas por tudo que sabia da corajosa condessa, continuava achando que não se parecia tanto assim com ela. Especialmente nesse momento, deitada naquela cama linda e dentro do castelo que pertenceu a Elene, parecia que nada poderia convencê-la. Bem, poderia dizer que tinham em comum o fato de serem duas ferradas ao chegarem ali. Pelo menos Luiza não estava fugindo da morte. Mas fugia do mesmo jeito. E Havenford era seu novo abrigo. Sentia que havia mergulhado numa vida nova, cheia de possibilidades e de pessoas que não desapareceriam e se esqueceriam dela.

E assim como Elene, sabia que se não permanecesse ali, estaria perdida. E também não tinha nada fora dali. Ninguém entenderia se ela tentasse explicar. As pessoas simplesmente não estavam interessadas em se conectar ao drama alheio. E ela se recusava a contar sua história por aí para que os outros sentissem pena ou se afastassem. Queria ser vista como era, uma mulher independente e que aprendera a se virar sozinha há muito tempo. Estava seguindo suas regras e vinha funcionando. Mas continuava sem nada, aquela suíte de dois cômodos era seu novo castelo. Uma torre sentimental.

Basicamente, ninguém sabia que agora morava em Havenford. Ninguém além de seu professor que a indicou, um velhinho adorável que provavelmente não lembrava o que comeu no almoço, mas não esquecia um ponto sequer da matéria que ensinava. Sua mãe respondera um “Fico feliz. Boa sorte no novo emprego” ao e-mail que ela mandara contando tudo sobre como conseguiu, a dificuldade de se mudar, o fato de ter ficado quase sem um centavo depois de

pagar a viagem e tudo mais.

Ao menos sua mãe está viva – ela pensou, passando a página do livro para que Elene deixasse de olhá-la com aqueles expressivos olhos verdes.

Viva e na Austrália com o marido dela que não devia nem lembrar qual era o nome da única filha da esposa. E seu pai, enterrado lá na Escócia. Luiza tinha dois irmãos mais novos que ela nunca havia visto e olha que o mais velho já tinha oito anos. Quando ele nasceu, ela estava no colégio, vivendo com a tia que já havia avisado que era para ela ser logo aceita numa boa faculdade, porque com dezoito ia ter que dar o fora. Ela tinha família. Diferente de Elene que só tinha a irmã que ela nem podia voltar a ver e desenvolver uma boa relação. De certa forma, era o mesmo que não ter.

E havia o lado escocês dos seus parentes. Tinham ódio mortal da sua mãe e deviam achar que Luiza era farinha do mesmo saco. Sua mãe era conhecida por lá como algo pior que uma vadia. Sabe, sinceramente, Luiza nem sabia se discordava deles. E a mãe era dela. Por que devia gostar dela? Só por que a colocou no mundo? Seriamente, não ia mais gastar seu tempo mandando e-mails enormes que ela respondia como se tivesse lido só as três primeiras frases. A última vez que a viu tinha dezessete anos; ela veio à Inglaterra visitar a irmã e comparecer ao enterro da tia, no meio “aproveitou” para ver a filha.

Dane-se. Até aquela sua avó escocesa mandava cartas mais longas uma vez ao ano.

Elene não tinha ninguém e lutou numa droga de uma guerra e venceu.

Bem, ela tinha o conde e os filhos.

Luiza não podia nem olhar para o conde atual. Não era o século XV. Ela não era nenhuma donzela rebelde que capturou o coração de um cavaleiro num cavalo. Era a trainee que trabalhava para o tal conde. A última coisa que podia fazer profissionalmente era se envolver com seu maldito chefe. Simplesmente o dono do castelo. Para onde ela iria se desse tudo errado? Eles podiam terminar o envolvimento se odiando e querendo matar um ao outro. Pelo que Afonso contou, foi assim que os dois relacionamentos anteriores dele terminaram.

Quando chegasse a vez dela, ia ser chutada do castelo? Era só o que faltava. Não queria ir embora de Havenford, ao menos não agora. Para onde iria? Com o que tinha no banco, não dava para dar entrada num aluguel e ainda precisava renovar as camisas que tinha. E como pagaria e enorme empréstimo estudantil que ainda devia? Preferia pedir abrigo aos amigos dali do que ter que ligar à mãe pedindo esmola. Havia apostado numa enorme aventura ao ir para Havenford.

Era 2012 e ela estava achando incontáveis similaridades à situação de uma mulher que viveu até 1448.

Uma vizinha na mente dela continuava repetindo que ela estava com medo.

E que maldita paixonite era aquela que ela estava sofrendo? Que coisa mais irritante, revoltante, inquietante e perturbadora! Ela não era disso, não saía por aí

caindo de amores por ninguém, isso era ridículo. Só que não conseguia parar. Devia ser alguma síndrome e ela não sabia o nome dela.

Estava divagando, imaginando motivos para ter se metido nesse problema quando escutou um barulho estranho. Luiza pulou da cama, o livro chegou a voar para a ponta do colchão. Ela pegou o atizador da lareira para usar como arma e quando estava no meio do caminho para o banheiro, Timbo saiu de lá calmamente, passou pelas pernas dela e pulou para cima da cama.

– Gato maldito... – ela murmurou e olhou no banheiro, a janela estava aberta.
– Então é por aqui que você entra.

Ela subiu na banheira e olhou, havia um parapeito da divisão para o outro andar e uma janela e dava perfeitamente para um gato habilidoso aprontar. O problema era que se ele caísse dali, provavelmente seria um gato morto. Luiza recolocou seu condicionador no lugar, havia deixado na ponta da pia quando tomou banho e era ali que Timbo aterrissava quando pulava da janela para dentro.

– Como vou esquecer a existência do seu dono se você não larga do meu pé?
– ela falou, quando voltou para a cama.

Timbo ignorou o que ela disse e se esticou por cima da perna dela. Luiza nunca teve um bicho de estimação, mas não seria nada difícil se apegar ao gato. Mais uma coisa que ela não devia fazer. Quando tivesse de partir ia sentir muita falta dele também.

Na terça-feira de manhã, o castelo já estava sendo preparado para o festival da cidade. Esse era muito grande. O hotel estava com fila de espera e o pessoal do pátio externo estava trabalhando a toda velocidade. A cidade recebia o maior volume de turistas nessa época. Todo mundo queria ficar no mesmo lado do rio que o castelo, mas não havia quartos suficientes, então, os hotéis do outro lado começavam a lotar a partir do mais próximo do rio para o mais longe.

Apesar disso, a cidade não tinha tanto lugar para abrigar gente por três dias de visitação pesada. Com isso, alguns ficavam nas cidades no caminho do rio ou do trem, principalmente quem precisava gastar menos. O problema era o transporte. Os barcos que aportavam ali ficavam cheios e o trem tinha horário determinado e nem sempre combinava com o calendário de atividades. Restavam os táxis e ônibus que deixavam os turistas do outro lado do rio.

Era aniversário de Havenford e o castelo estava todo enfeitado, cheio de bandeiras tremulando acima das torres, das vigias e nos intervalos da parede escuro. Havia aplicações de luzes para quando começasse a escurecer e continuariam enfeitando até quinta, pois as festividades começavam na sexta de manhã e só terminavam no domingo de noite.

Luiza estava terminando de tomar café quando viu o livro ser colocado à sua frente na mesa, era o terceiro da série. Ela levantou a cabeça e Devan lhe deu um levíssimo sorriso de canto de boca antes de sair. Ela pegou o livro e o virou para ler a sinopse e aqueles elogios de críticos que sempre vêm atrás de livros famosos e bem vendidos. Quando o abriu, Luiza viu que já estava dedicado a ela e autografado. Ela o descansou sobre o colo e soltou o ar de forma desanimada. Era como se Devan lhe dissesse para ficar longe, não precisava ir atrás dele quando terminasse de ler.

Você procurou por isso – ela pensou.

Dezembro de 1434,

Como é lindo quando o amor acontece quando deve. Erin finalmente conseguiu! Ela está adorando ter amarrado o Cold e ainda estar grávida. Ela até fez charme sobre o casamento rápido, mas ele quem estava determinado. Na verdade, está encantado por ser pai. Ele era tão bobo que achava mesmo que iria morrer sem ter filhos. Claro que só sei disso porque meu marido fica falando depois de acordarmos no meio da noite.

Aliás, ele ainda não lida bem com as piadas que faço sobre ele ter completado quarenta anos.

E apesar de terem demorado, parece que agora Lavine e Morey estão apressados. Ela está grávida de novo! Aleck e Jolene vão gostar de ter mais um irmão.

Estou achando tão interessante que Haydan e Christian estão realmente aprendendo a lutar. Eles ainda batem na minha cintura e posso enfrentar ambos. Eles não sabem jogar sujo, isso torna tudo mais fácil.

Mas dificulta minha tarefa com Helena. Aos seis anos, ela já devia saber como ser quieta e comportada como uma pequena dama. Até parece. Minha filha é uma pestinha, preciso dar um jeito nela. Infelizmente, aqui as regras são assim. E até eu sei ser uma dama quando preciso. Bem... E. M. sabe.

Capítulo 8

– Você tem certeza disso? – Luiza se mexeu em cima do banquinho enquanto Afonso apertava algo na sua cintura.

– Eu é que não vou fazer isso, né! Imagina, eu, travestido de milady. Betina, a rainha do castelo ataca novamente! – ele disse, fechando os cordões do vestido.

– Todo mundo se fantasia?

– É claro que sim! Ano passado me avisaram em cima da hora e só consegui preparar uma fantasia pobre de mensageiro. Mas esse ano, meu amor!

– Você vai de quê?

– Não “vou”, meu bem. Eu serei. O papel de lorde rico é meu! Tenho até uma capa que vou jogar por cima do ombro que nem o conde.

– E sua irmã?

– Peggy esse ano vai de dama de companhia. A sua dama! – ele riu, divertindo-se muito.

– Sério?

– Ela já foi lady ano passado. Usou até aquele chapéu de bruxa com véu. Hoy fez o cavaleiro acompanhante dela. Acho que foi nesse negócio que deu atrito.

– Não vou usar isso! É horrível, me recuso – ela disse, se referindo ao chapéu usado em meados do século XV.

– Você quer ferrar com o negócio! – reclamou Afonso.

– Não vou botar isso. Sempre achei um dos piores momentos históricos do penteado feminino. Pareciam umas bruxas horrendas com aquele testão enorme e até as sobrancelhas apagadas.

– Meu bem, você pode se vestir até de dama vitoriana no Halloween que a época histórica é liberada. Mas no aniversário é traje medieval. Você não é camponesa! Seu papel é de milady, educada e letrada. E de chapéu!

– Lady Elene não usava essas coisas. Eu vi nos quadros – ela disse, empinando o nariz.

– E você está fazendo a rebelde que nem ela, né? Só porque é bonita! – ele implicou e a empurrou do banquinho.

Luiza se mexeu, incomodada com aquelas saias atrapalhando suas pernas.

– Ok.. – Afonso passava os modelos de penteado histórico – Vamos ter que pedir ajuda pra fazer um modelo diferente então. Não sei fazer isso. Com o chapéu é só prender seu cabelo como se fosse arrancar da cabeça.

– Quem sabe isso?

– Meu bem, estamos em Havenford. Aquelas velhinhas da loja e da seção de exposição de trajes também são pesquisadoras. Elas trabalham aqui porque

gostam.

Peggy entrou, carregando um monte de roupa toda amarrotada e com uma cara de que estava em apuros.

– O que você fez, sua baranga desastrada? – Afonso gritou, horrorizado ao ver o que ela trazia.

Na sexta-feira praticamente dava para escutar a excitação local pelo festival. Segundo Marcel, as pessoas esperavam o ano todo por isso. Luiza estava achando tudo divertido, até a parte de se fantasiar também. Todos os funcionários estavam vestidos a caráter, os grupos usavam fantasias de acordo com seus postos. Os seguranças estavam de cavaleiros, os empregados da praça de alimentação estavam de cozinheiros e assistentes. O pessoal do serviço geral usava tipos diferentes de roupa de camponeses. Os guias estavam fantasiados de pajem e criados de posto alto. As mulheres das informações e do hotel estavam trajadas de governantas.

Marcel apareceu usando roupa de administrador medieval. Peggy estava com um vestido simples, mas com atenção ao tecido, era mais nobre do que aquele usado por governantas e camponesas. Ela era a criada da lady. Hoy parou ao lado dela, vestido de chefe dos cavaleiros, seu gibão era diferente dos outros seguranças e a armadura de mentira tinha mais brilho. Afonso desceu a escadaria como se fosse um rei. Foi até ovacionado.

Peggy havia estragado a maravilhosa capa vermelha dele, então estava usando uma azul Royal, emprestada pelo conde, mas como não deu tempo de fazer a bainha, ela arrastava mais do que devia. Mas nem era com ele, jogou-a por cima do ombro e fez um gesto de soberba para a prole. Até amanhã ele consertaria a barra.

Luiza havia feito uma pergunta bem idiota enquanto Peggy a ajudava a se enfiar no maldito vestido.

– E o conde, vai de quê?

– Ora essa! – Peggy riu. – De conde, é obvio! Senão não tem graça! Se ele não estivesse ou não quisesse, alguém ia ter que se vestir de conde.

– Ele sempre esteve aqui pro festival?

– Bem, por um tempo não tinha ninguém para fazer. Até ele ficar mais velho. Marcel teve que usar a fantasia, mas segundo ele, era a maior decepção quando o anunciavam. Especialmente feminina!

As duas riram, imaginando mesmo como seria.

– Lordes e ladies, o conde! – disse Afonso, só para implicar. Ele ainda estava na divisão da escada, aproveitando um pouco mais da fama.

Devan lhe lançou um olhar atravessado, mas que já não o intimidava mais.

Ele estava usando o traje formal completo do conde, com a jaquette de pele clara, a vestimenta azul, o gibão e a túnica das cores do brasão da família. Ele até prendera o cabelo loiro, para lhe dar um ar mais austero e também porque já achava que precisava cortá-lo novamente. E na cintura levava uma espada de mentira, mas pesada o suficiente para ele lembrar que estava com ela.

– Você parece até que acabou de chegar da corte – Devan disse a Afonso que até corou de felicidade pelo elogio à sua fantasia. Se havia uma coisa que ele adorara ali eram os festivais.

– E trago notícias do rei, milorde – disse Afonso, fazendo uma mesura.

– Corta a onda ou te jogo daqui de cima – ele avisou e continuou descendo.

– Estou esperando minha lady.

Devan teve a delicadeza de não comentar tal alegação vindo da boca de Afonso. Mal sabia ele que havia sido feita por pura provação.

Marcel, que também não era santo e adorava curtir com a cara dos amigos, se apressou e pegou Devan assim que ele chegou ao salão.

– Milorde, os homens voltaram dizendo que tem um grupo enorme começando a se juntar à frente do castelo. Já trancamos os portões. Hoy quer saber se deve mandar os arqueiros atirarem.

Como parte da diversão, alguns rapazes locais eram contratados para ficarem de arqueiros nas ameias de proteção sobre o portão, fingindo que ameaçavam os visitantes com seus arcos. Todo mundo queria subir lá e tirar fotos com eles. Aliás, todos tiravam fotos com todo mundo, era quase impossível escapar.

– Todo ano vocês me zoam – Devan terminou a frase rindo. – Se fosse em outros tempos eu já teria mandado todo mundo pro calabouço. Agradeçam por estarmos no século XXI.

A senhora Aspe ficou tão contente em mexer no cabelo de Luiza que nem queria deixá-la sair. Ela ajeitou o véu delicado várias vezes antes de deixá-la levantar-se. Luiza parou em frente ao espelho e ficou ali por mais de um minuto, nem sentia a senhora arrumando sua sobreveste. Ela apenas piscava e tinha uma leve sensação de já ter visto aquela imagem.

– Devo estar mesmo parecida com uma personagem de filme – ela comentou, tentando lembrar onde poderia ter visto algo similar.

– Acho melhor ajeitar seu cabelo – disse a senhora Aspen.

Luiza recusou e saiu antes que a mulher a prendesse, desceu a escadaria rapidamente e parou ao lado de Afonso, dando-lhe um susto que causou um gritinho estridente.

– Esse maldito vestido, isso é tudo culpa sua – ela resmungou, ajeitando as saias. – Tinha que por esse pano todo?

– Ai, meu Deus! Você quer me matar! Meu espírito foi lá no teto e voltou. Para de reclamar, está linda, maravilhosa. Amei esse penteado. Está a altura da lady que eu teria como fachada se estivéssemos no século XV.

Era impossível não rir com Afonso, especialmente com ele fazendo seus exageros vestido de lorde rico da corte. O vestido dela era novo, obra das senhoras da cidade que eram ótimas nas fantasias. Elas já haviam começado a costurar as saias do vestido antes de saberem quem o usaria, então precisaram ajustar o corpete para o tamanho dela e fazer a bainha. Ele era branco e creme, com mangas pontudas indo até seus pulsos. Já a sobreveste era um item que elas tinham produzido há um tempo, já pensando nessa edição do festival, era verde e dourada com pele clara nas abas.

Diferente daquela época, a parte peluda era imitação. Para uma roupa medieval, era muito bonita e bastante fiel. Até os sapatos que ela usava foram confeccionados para parecerem com os do século XV, mas feitos de forma mais moderna.

– Vamos logo que quando abrem o portão e o pessoal entra, nós saímos do castelo como se fôssemos o cortejo de recepção. Se prepara pros flashes, porque turista é um bicho danado – disse Afonso.

Eles foram descendo a escadaria e pararam, mas Afonso era dado a um show. Se ele não fizesse entrada triunfal, não era ele.

– Atenção, ralé, saiam da frente. E não pisem na calda da minha lady – ele disse, enquanto a levava pelo meio do pessoal fantasiado que trabalhava dentro do castelo.

Peggy foi rapidamente para lá e se enfiou no meio deles, soltando o braço de Luiza do apoio que Afonso dava.

– Sua lady uma pinoia! Tire as patas de cima da minha donzela intocada – ela apontou para ele e empurrou Luiza um pouco para frente. – Você não tem lady, você chega da corte sozinho.

– Que disparate, um lorde tão rico e lindo como eu sempre tem uma lady – ele disse, empinando bem o nariz e falando de forma pomposa enquanto passava a mão pelo cabelo castanho e lustroso.

– Você não teria lady nem se tivesse nascido naquela época! – ela empurrou o braço do irmão. – A lady é dele! – Peggy apontou para Devan, quase como uma ameaça. – Só ele pode tocar a minha donzela. Depois de anos, o conde arranjou uma dama. Esse é o papel dela. Você pode ser o vilão e tentar roubá-la. Mas vai ter que entrar na luta de espadas – determinou Peggy e ela levava muito a sério a divisão de papéis que se tornara sua responsabilidade.

Quando Peggy apontou para Devan, Luiza virou o rosto e olhou para ele, parado em frente às portas do salão, recebendo diretamente toda a iluminação do dia ensolarado. E perfeitamente trajado como um conde do século XV. Ela ficou ali, estática, observando-o de longe, sem escutar os outros que riam e falavam. Ela pensava que ela já havia visto algo muito parecido. Mas não se lembrava de ter um quadro como aquele no castelo. Mesmo assim, tinha certeza, podia sentir que já havia visto aquela cena, ou melhor, o conde, com trajes como aqueles.

– Deus me livre! – Afonso disse num tom agudo e abriu as duas mãos no ar.

Claro que o pessoal já estava rindo, Marcel tinha até tampado a boca para se conter. Devan não havia prestado atenção à discussão dos irmãos, estava olhando para Luiza, com aquele vestido tão bonito e luxuoso que só podia fazer o papel de condessa. Seu cabelo estava todo enfeitado e coberto por um véu tão leve que parecia que seria levado no primeiro vento. Ele não podia tirar os olhos de cima dela. Era a lady mais encantadora que já vira em sua vida.

– Já que a lady é minha – Devan voltou até ela, todo o tempo com seu olhar preso nela e deu-lhe o braço. – Vamos fingir por um dia – ele lhe disse, tirando-a do torpor e trazendo-a à realidade.

Afonso ficou olhando os dois saírem e virou para a irmã.

– Eu não me arriscaria por donzelas intocadas, mas para roubar o lorde dela eu precisaria lutar usando o quê? Colher? – disse baixo.

Peggy riu e o empurrou para irem atrás dos dois.

– Ela ia te dar uma surra – caçoou a irmã.

– Provável – confirmou Afonso.

Havia tanta gente querendo tirar foto com ela que Luiza estava até tonta. Felizmente estavam do lado de fora e devido à claridade diurna, as câmeras não estavam disparando os flashes. Mas era sem dúvida o personagem mais requisitado, estava ganhando até do conde porque era uma novidade. E isso quando não estavam juntos e as pessoas queriam sair entre eles. Mas ela já estava há duas horas junto com Devan e fingindo que era sua lady. O pior é que muita gente levava a sério.

As pessoas haviam decidido que ela estava fantasiada de Elene de Havenford porque Devan tinha que ser o conde, devido à semelhança. Mas e ela? Será que os outros estavam percebendo também? Ela estava fugindo do sol fraco para não ficar com calor, mas sob a claridade seu cabelo adquiria um tom mais vivo. No fundo ela continuava achando que só Marcel e Devan enxergavam a semelhança que ela se negava a ver.

– O que vai acontecer agora? – Luiza perguntou a Peggy.

– Já teve o tiro ao alvo dos arqueiros. Agora tem a luta.

Tudo acontecia no meio do pátio externo, onde todos tentavam ver. Hoy e Devan se afastaram, puxando as mangas das camisas rústicas e desembainharam as espadas.

– Eles sabem usar espadas? – perguntou Luiza.

– São esgrimistas. Os dois são muito bons, precisa vê-los lutando sobre a linha lá no salão de armas. Tem um bando de regras – explicou Peggy.

–

Está

falando

sério?

Peggy riu do assombro dela quando os dois começaram.

– Claro que sim! Olhe pra eles, não estão fingindo. Mas já combinaram o desenrolar antes. O conde perde a primeira parte, para o público ficar preocupado. E vence a segunda para todos ficarem felizes – Peggy cochichou. – Mas quando estão praticando eles não combinam. É interessante.

– Eles fazem isso aqui?

– Sim, no prédio adjacente. Das armas. Lá tem espaço.

Eles encenavam a luta baseada em movimentos de esgrima, faziam floreios só para divertir. Não era nada parecido com o jeito que os cavaleiros medievais lutavam, mas ninguém ali estava reparando, era mais divertido ver a encenação. E o pessoal participando acabava se divertindo ainda mais do que os visitantes, o que era toda a graça de se preparar para o festival.

O pátio estava realmente cheio, mas pouco depois quando o pessoal dispersou para participar das outras atividades ou visitar o interior do castelo, Luiza sentou-se ao lado de Devan e deu-lhe um copo de limonada gelada.

– Não é hidromel, mas aquilo deve ter lhe dado calor.

– Sim – ele aceitou e bebeu um gole. – Isso é melhor, obrigado.

Ela sorriu e bebeu um gole do seu próprio copo, mas continuou sentada ao lado dele. Só que ali eles não tinham um minuto de descanso de posar para fotos, porque continuava chegando gente. Para descansar um pouco, eles entraram no castelo e foram até a sala de descanso dos funcionários, ao lado da cozinha.

– O que você está fazendo perto de mim, Luiza? – ele perguntou muito diretamente, assim que ficaram sozinhos.

Ela se surpreendeu um pouco com a pergunta súbita, mas não totalmente. Porque era exatamente o que estava fazendo o dia todo, ficando perto dele. E ambos já tinham tentado se proibir.

– Estamos fingindo, não é? – ela moveu o ombro como se aquilo não tivesse importância. – Estou no papel de lady que precisa de um marido.

– Eu pensei que você fosse a condessa, ela já é casada.

– Não, Peggy disse que meu papel era o de uma donzela intocada.

– Bem, isso seria um tanto difícil de contornar. A menos que você ficasse sozinha comigo.

Luiza virou de lado para a janela e ficou encarando-o. Devan nem havia se mexido, continuava com um dos braços sobre o parapeito da janela, do lado de fora eles ouviam as pessoas passando e conversando. Ela deu um passo para mais perto dele que fechou o punho, mas continuou observando-a.

– Marcel me avisou que você ia acabar comigo, mas eu não o levei a sério. Não achei que seria tão rápido. Nem parece que já se passaram meses desde que coloquei os olhos em você.

Ela arregalou aqueles olhos verdes, belos e sedutores que foi um dos motivos

do encantamento imediato que ele sofreu. Devan achava que ela nem precisava usar maquiagem, aquele olhar já era arrebatador demais. Ele havia descoberto o que significava aquela história maluca do seu antepassado. Sempre achou que o antigo conde estava exagerando quando falava do feitiço. E aqui estava ele, em 2012 e finalmente entendendo o drama de Jordan.

– Ele sabe? – ela perguntou surpresa.

– Ele nos viu. E não é nada tolo.

Luiza teve a sensibilidade de corar. O que só piorava a situação de Devan.

– Não seria ao contrário? – ela perguntou.

– Não. Ele estava certo.

A vontade que ela tinha de beijá-lo agora era tão forte que desafiava seu juízo. E estava vencendo. Ela queria saber se seria como na primeira vez ou se aquele dia foi uma exceção e fruto da sua imaginação. Porque não era possível beijar alguém uma vez e ficar marcada como se sentia agora. Marcel estava errado, se ela se envolvesse com Devan ia acabar muito mal para ela. Ficaria sem ele, com o coração despedaçado e sem o único lar que encontrara.

Apesar do que tinha certeza que aconteceria, ela se inclinou e tinha que ficar na ponta dos pés para tentar alcançá-lo, mas ele precisava abaixar a cabeça para ela. Ele ajudou, mas ela quem tocou os lábios dele e o beijou duas vezes. Na primeira suas bocas se encontraram e selaram o beijo, mas não se moveram além disso. Mas ele entreabriu os lábios e ela aceitou, começou a beijá-lo lentamente, receando o que viria. A mesma sensação deliciosa se espalhou pelo seu corpo e ela se segurou a ele, já tomada pela vontade de chegar cada vez mais perto.

Devan apertou o puxador da janela, tentando não tocá-la, mas sua outra mão estava livre e ele a passou por trás de sua cintura, trazendo-a para mais perto. Ela ainda o provocava, com um beijo íntimo e que se tornava mais sensual a cada segundo com o desejo fluindo entre eles. Mas era como se ela evitasse se conectar completamente, faltava só mais um pouquinho, talvez pressionar a boca dele com mais força. Mas Luiza mantinha o toque leve nos lábios dele, deixando suas línguas se acariciarem como uma brincadeira, seus lábios estavam úmidos, o gosto do beijo ia ficar novamente perseguindo-os por dias, pedindo por mais. Seus corpos estavam arrepiados e ela estava com as mãos sobre o peito dele, impedindo-se de colar ao seu corpo e deixar seus mamilos rígidos encontrarem conforto junto à quentura dele. E Devan estava pegando fogo.

Ele tirou a mão da janela e pegou no cabelo dela; quando ele apertou, o lado do penteado soltou e um dos enfeites foi ao chão. Ela gemeu baixinho contra seus lábios e ele perdeu a noção, não fazia ideia de onde estava.

Era o segundo beijo, mas o primeiro foi tão surpreendente para ambos, derrubando-os como pinos, que nada mais fez sentindo desde então. Dessa vez estava real demais, eles estavam mais preparados para o que viria. Mas tudo que

não precisavam era adicionar desejo incontrolável ao pacote que já estava pesado. Seus corpos haviam respondido ao contato com tanta intensidade que suas mentes haviam ficado em branco. Subitamente o dia fresco parecia ter virado um verão infernal. As roupas estavam incomodando sobre a pele e eles simplesmente não conseguiam parar de se beijar.

Quando uma onda de desejo abalava o seu corpo, o sentimento era real, não havia nada de figurativo. Eles sentiram, uma mistura de calafrio com arrepio e descontrole. Era quente e dava vontade de sentir por horas sem deixar ir. E acabava com o bom senso. Suas mãos ganhavam vida própria, a respiração perdia o ritmo, o coração acelerava e dava certo nervosismo, quase um frenesi. Uma vontade louca de sentir o gosto e o toque do corpo do outro. E você saberia, tinha que acreditar porque era algo que não sentiria com muitas pessoas, talvez só uma lhe desse isso.

Luiza afastou a boca e virou o rosto, passando a língua pelos lábios e ainda se recusando a abrir os olhos. Ela engoliu devagar e tentou dar um passo para trás, mas suas pernas estavam parecendo geleia, então precisou se apoiar no braço dele. Devan a manteve firme, apesar de não tentar andar com ela, mas olhou—a demoradamente.

– Acho que alguém está na cozinha... – ela murmurou.

Era verdade, dava para escutar o barulho agora que eles haviam emergido no mundo real novamente. Mas ele não estava nem um pouco interessado nisso. Impediu-a de fugir e estavam tão perto que ela teve que encará-lo.

– Eu não sou um homem que se mantém com esmolas, Luiza. Não faça isso comigo e nem com você.

Ela balançou a cabeça.

– Desculpe se eu não posso. Só queria... saber se seria assim mesmo entre nós. Estamos errando desde o primeiro beijo e não sei por que a curiosidade foi mais forte do que meu bom senso.

– Você vai me fechar do lado de fora de novo, não é? Seja lá o que passa na sua cabeça ou qualquer problema que nos impeça, você não vai me dizer. Como você vai saber se pode confiar em mim se não me dá a primeira chance?

– Confiar em você não significa que não vamos ser péssimos um para o outro. E nem torna essa relação correta.

E menos perigosa pra mim – ela pensou.

Devan apenas a olhou seriamente, odiando a forma como se sentia, odiando estar naquela situação. E odiando mais ainda ser a primeira vez e ele não saber o que fazer. Mesmo nos momentos mais inexplicáveis daquele seu casamento, ele ainda tinha controle sobre as próprias escolhas. Mas com Luiza nada parecia explicável. Ela não se deixava conhecer, ele também não podia explicar o que acontecera com seu bom senso depois que ela chegou e tampouco podia explicar para si mesmo porque não conseguia deixar para lá. Ela estava certa, do jeito

que parecia, iam ficar melhor se não acontecesse.

Ele concordava, deviam esquecer isso agora.

Mas daqui a uma hora seus pensamentos iam estar nela e quando a visse de longe ia estar novamente desejando sua chance.

– Como foi sua vida na faculdade? Dói muito sua mãe ter preferido um marido novo a você? Onde está o resto da sua família? O que você fez pra sobreviver sozinha? Por que decidiu vir pra cá? Como era seu último namorado? Sua vida pessoal foi uma droga que nem a minha ou é inexistente? Quem é você, afinal?

– Devan! – ela disse em tom de aviso.

Ele balançou a cabeça, ignorando e só chegou perto dela novamente.

– Eu não quero ter um caso. Eu quero saber quem você é, quero saber tudo. Preciso saber como entendê-la e descobrir os seus medos. Principalmente por que você parece não ter medo de mais nada, só de mim. Deve ter sido difícil chegar até aqui sozinha, muitos problemas e mágoas no caminho. E por que eu sou uma ameaça quando todo o resto não parece ser?

Agora ela quem balançava a cabeça negativamente. Ele não entendia que não era possível para ela arriscar a única certeza que podia guardar. Ela só tinha uma coisa segura na vida e para ficar com ele ia ter que abrir mão. Quando tudo desmoronasse, não ia lhe sobrar absolutamente nada. E ele ia continuar lá em Havenford, no seu lar, com sua família e sua vida como sempre foi. Ela só queria um pedacinho do que aquele lugar representava para ele. Mas levá-lo junto no pacote era demais.

– Eu não quero – ela disse, cruzando os braços e desviando o olhar, fazendo força para não acreditar nele e simplesmente começar a contar tudo a alguém pela primeira vez na vida.

Ela estava mentindo e ambos sabiam. Mas Devan assentiu e prensou os lábios, deixou-a e foi para a porta que se escancarou antes que ele a alcançasse. Brenda estacou assim que os viu. Ela estava com uma bandeja cheia de pratos e xícaras, provavelmente para armar a mesa do chá. Antes que ela derrubasse, Devan pegou dela e deixou em cima da mesa, pois a mulher estava ali parada com um sorriso enorme.

– Meu Deus! Vocês estão lindos! – ela exclamou, claramente maravilhada. – Nem parece ser uma fantasia. Parece que pularam direto de um daqueles quadros da galeria!

Os dois ficaram sem reação por um momento.

– Esse é o melhor ano das roupas. Passei por Afonso e ele também está fantástico de lorde rico. Vocês estão fazendo o conde e a condessa! Estão perfeitos! – ela juntou as mãos no ar e voltou para a cozinha, para pegar mais itens para o chá.

Devan não olhou Luiza antes de sair atrás da mulher. Pouco depois ela o viu lá fora, com um dos gaviões no braço, fazia parte da agenda e as pessoas observavam a ave com curiosidade e alguns com medo de chegar muito perto. Os dois não se aproximaram mais, não ia mais haver fotos entre eles para os visitantes que chegassem de tarde.

Setembro de 1435,

Estou começando a ficar preocupada. Devan está dormindo agora, mas Délia está lhe dando mais daquele seu tônico. Não adianta ela me explicar o que é. E nem eu ficar me torturando sobre a próxima vez que ele vai fingir que está tudo bem. Não sei o que é e continuo sozinha, mas ela também não saberia.

Meu coração está tão apertado.

Ao menos vamos virar o ano ficando um pouco mais surdos com o choro dos bebês. Meus filhos felizmente não choram mais; eu até gostaria que Haydan e Christian ainda corresse chorando para os meus braços. Eles só têm dez anos e já estão se transformando em garotinhos muito durões para a idade. Só me sobrou a birra ocasional de Helena que, pelo menos, parou de se rebelar contra as lições agora que aprendeu que seu pai não vai livrá-la do castigo. Mas ele adora recompensá-la levando-a para passear em seu cavalo.

Ao menos ainda tenho a pequena Callie para carregar por Erin. Mas quase não vejo mais Jolene, pois ela vive no casarão com Lavine.

Capítulo 9

Quando o festival finalmente acabou todos estavam esgotados. No sábado e domingo, Luiza e Devan não tiveram escapatória e realmente fingiram estar ótimos enquanto ficavam praticamente mudos ao lado um do outro e aceitavam tirar fotos. Na segunda-feira o castelo não abriu e Afonso ficou de cama, fazendo muito drama, dizendo estar exausto, acabado e com os pés em frangalhos porque aquela bota de lorde rico do século XV não tinha amortecedor.

Luiza também ficou no próprio quarto. Era verdade que todo mundo estava com os pés doendo e ela aproveitou para terminar de ler aquele livro das cartas, e para piorar a situação, terminou chorando sem parar e soluçando após ler a última carta que o conde escreveu para Elene. Cortou o coração dela, que já não estava em bom estado. E agora havia as cartas da condessa para ler, ela não ia conseguir encará-las.

Devan tomou um analgésico para qualquer dor que tivesse depois daqueles três dias de festival e usou a mesa do seu quarto onde escreveu por horas, tanto tempo que quando percebeu já estava de noite. E o livro acabou precisando de quatro capítulos para ser finalizado.

Na terça-feira o castelo ainda estava sendo limpo e desmontado. Mas estava aberto e os funcionários tinham bastante trabalho. Dentro de algumas semanas a época de palestras começaria e tinham oito casamentos agendados para acontecer ali e Luiza ia passar o próximo mês ajudando nisso e preparando a mudança das exposições. Esperavam que ela assumisse essa função enquanto estivesse ali.

– Por que Marcel sumiu e disse que só vai atender urgências? – Afonso perguntou à Luiza.

– Não sei.

– Você não é a assistente dele?

– Em tese... Mas ele está lá na biblioteca e só despacha se precisar.

– Ele terminou – disse Hoy, como sempre, curto nas palavras.

– Quem terminou o quê, homem? – Afonso deixou o croissant no prato e virou pra Hoy que estava no canto, enchendo a caneca de café.

– O conde terminou o livro – esclareceu.

– Ah! – Afonso bateu palmas. – Que beleza! Agora ele vai ficar menos antissocial e sair da toca.

Luiza fechou os olhos, imaginando a tortura que seria. Se ela precisasse ficar olhando para ele, ia enlouquecer. Já não bastava estar sonhando com ele no passado e no presente. Eram sonhos loucos com o conde em algum século da época medieval e na época atual. Ela ia ficar louca. Os sonhos eram vívidos

demais e estavam acabando com ela. Estava cada vez mais enrascada. Como podia ter caído de amores nessa situação? Não era apaixonite, era paixão mesmo. E doía.

Seu alento era que a cada dia se sentia mais parte de Havenford, já memorizara o nome de todos os empregados, mesmo aqueles do pátio externo. E eles também a conheciam agora. Afonso e Peggy não a deixavam em paz, o que era novo e ela estava gostando da perturbação deles. Estava desenvolvendo um convívio com Marcel, tomavam chá no Café de Havenford e conversavam sobre os mais variados assuntos, sobre a região, história, livros, arte...

E finalmente suas malas estavam na parte de cima do closet, embaladas e completamente vazias. E embalara roupas velhas numa caixa para enviar a uma instituição para jovens carentes que Marcel lhe dissera que era uma das obras de filantropia com as quais Rachel Warrington se ocupava.

Agora as suas camisas eram novas e dava para ela guardar uma boa quantidade para o futuro porque não sabia viver sem pensar nisso. E ainda pagar mensalmente as parcelas daquela dívida exorbitante do empréstimo estudantil.

Mas estava apaixonada pelo conde. E isso estragava tudo.

De fato, Devan saiu da toca. Ele até passou a deixar o castelo à noite, o que vinha fazendo raramente. E viajou por três dias para um evento literário e para visitar sua avó. Quando ele voltou, Marcel não só tinha acabado o livro como relido e feito suas anotações.

– Devan! – Marcel entrou, na verdade invadiu mesmo o terraço onde Devan ficava relaxando, lendo e escutando música.

– Que diabos, Marcel! – disse Devan, sentando-se direito na espreguiçadeira, tinha levado um baita susto.

– Isso não está certo! – ele brandia o manuscrito, porque Marcel ainda preferia imprimir para ler.

Devan se levantou e entrou, com Marcel em seus calcanhares. Ele se sentou em sua escrivaninha e olhou para o homem.

– O que não está certo?

Marcel andou até lá e deixou o manuscrito sobre a mesa num gesto dramático.

– Você deve considerar rever esses capítulos finais.

– Por quê?

– Crueldade.

– Estão ruins?

– Estariam ótimos se fosse o seu intuito. Mas não é! Não faz seu estilo, você vai matar uma legião de leitores e quebrar o coração de todas as leitoras!

– Lamento.

– Você não é nenhum Martin! Não seja cruel.

– Eu não matei ninguém nos últimos capítulos.

– É como se houvesse matado um reino inteiro! E não venha me dizer que há como resolver isso no próximo livro.

– Não há.

– Reescreva.

– Não sei se tenho outra ideia de desfecho.

– Releia o que você fez.

– Eu reli algumas vezes.

– Devan... – Marcel parou e cruzou os braços, mudando a abordagem. – Uma mulher nunca havia afetado a sua escrita, não é?

Ele o olhou seriamente, levantou e voltou para o terraço.

– Para tudo existe uma primeira vez – Marcel disse da porta, mesmo que Devan houvesse parado de costas, olhando a paisagem escura.

– Eu vou reler. Mas não quero escrever agora – ele respondeu, cruzando os braços.

Ainda bem que era Marcel lhe dando aquela dura, pois a opinião dele era a principal que levava em conta. E ele nunca havia feito declarações tão veementes sobre seus livros. Geralmente dizia frases similares a “quero ver como resolverá isso” ou “você deveria reler esses trechos”. E as anotações sobre erros ele deixava no manuscrito.

– Não escreva, peça mais tempo ao editor. Você enviou o manuscrito à sua avó?

– Sim e à minha irmã – Devan se virou para ele. – Aliás, por que você e minha avó continuam se odiando? Eu nunca vou entender isso.

Agora foi a vez de Marcel fechar a cara e voltar para dentro. Devan se apressou e o seguiu. Ele sempre quis saber, procurava oportunidades para descobrir, mas não adiantava. Sua avó só torcia o nariz e dizia que aquele homem era um problema. E Marcel dizia que ela era intratável.

– Nós não nos odiamos, só não nos damos bem – disse Marcel, querendo mudar de assunto.

– Vocês têm pouca diferença de idade, não é? Uns dez anos?

– E o que tem?

– E você começou a trabalhar em Havenford muito novo. A rixa começou nessa época?

– Esqueça isso.

Devan franziu a testa e ficou o observando.

– Você e minha avó não... – ele já estava desconfiando disso há um tempo. Mas nunca disse.

Se estivesse certo, poderia ter acontecido algo quando ele era bem mais novo, sua avó sempre foi solteira e Marcel teve relacionamentos espaçados. Quando ela tinha uns quarenta anos, talvez a relação com Marcel houvesse ido mais longe do que gostariam. Mas desconfiava que nunca teria certeza, não era um dado que

podia acessar ou pesquisar.

– Não continue essa frase.

– Vocês tiveram alguma coisa – disse Devan, tendo certeza só pela cara de Marcel.

Ele não queria pensar em sua avó e em Marcel, era estranho demais. Pelo que sabia o pai dele também foi fruto de um caso, eles nem sabiam quem era o homem, ela preferia que fosse assim e Devan achava que o avô, se estivesse vivo, estava perdido em algum canto da Europa por onde Rachel andou em suas viagens lá pelos anos sessenta, época que ela engravidou.

– Isso é uma alegação ridícula. Nós sempre nos desentendemos. Desde novos. E não vai mudar agora que somos dois velhos rabugentos. Ao contrário de você e da minha assistente.

Devan também não queria tocar nesse assunto, então ele voltou para o terraço e Marcel foi embora.

Dois dias depois, Devan estava na sala de segurança com Hoy que lhe falava sobre uns alarmes que dispararam e que ia mandar checarem o castelo todo. Eles concordavam em fazer isso quando o celular dele tocou. O visor identificava que era Rachel ligando de casa.

– Que final maldito é esse, Devan? O que diabos aconteceu com você? Se você cansou e quer terminar a série, escreva um bom próximo livro e finalize. Mas não ouse deixar esse desfecho amargo e incompatível com sua escrita. Nem parece que faz parte do livro.

Um dia depois, Alaina Warrington, irmã de Devan, mandou um e-mail muito malcriado para o irmão sobre seu livro ter despencado da colina nos últimos capítulos.

Uma hora depois Devan estava ligando para o editor e avisando que não cumpriria o primeiro deadline e iriam trabalhar com o segundo. Caso a vontade de escrever aquela história voltasse. No meio tempo, ele tinha outro livro, fora da série, para trabalhar, mas esse estava sem prazo em cima.

O coitado do editor, que também tinha um chefe para se reportar, vivia equilibrando pratos em cima de garrafas. Devan era uma aposta sua, o que fez sua carreira dar uma arrancada sensacional, assim como seu salário. Mas também significava mais responsabilidade e os donos da editora ligavam para ele querendo saber onde estava o próximo livro. E reclamavam com ele quando as turnês não saíam e especialmente quando os livros atrasavam.

Luiza não sabia se era pior encontrar com Devan constantemente ou se doía mais não vê-lo com frequência e ficar imaginando o que ele fazia agora que não estava mais “preso na toca”. De manhã ele nem estava tomando café com eles, pois havia voltado a se exercitar nesse horário ao invés de à noite. No último andar, sob o teto do prédio que foi o alojamento dos cavaleiros, havia a sala de exercícios do castelo. Sua localização permitia acesso a hóspedes, mas eles

ficavam por pouco tempo e geralmente tinham tempo para exercícios.

Por sua vez, Luiza preferia andar ou correr colina abaixo e dar a volta na rua do rio e subir novamente. Ela não conseguia fazer isso de manhã e havia conseguido arrastar Afonso para acompanhá-la nos dias que tinham pique para ir. Ele havia cismado com a barriguinha que estava crescendo e como era preguiçoso para ir à academia, fosse ali ou na cidade, segui-la foi uma opção mais convincente.

Na sexta-feira da semana seguinte, Luiza saiu em mais um de seus passeios. Passou na livraria e comprou mais dois livros. Ela já havia acabado de ler o terceiro livro da série de Devan e estava no quarto. Não conseguia parar, apesar de que ter um livro escrito por ele nas mãos e acompanhando-a na cama não era uma boa tática para deixar de pensar nele. Também passou na loja de doces e comprou uns gramas de bala de gelatina sortida, lamentou que não encontrasse por lá os seus bombons preferidos. Olhou uns jeans na loja da esquina e desceu até o rio, onde sentou e leu um pouco.

Seu celular tocou, era Afonso dizendo que ela já estava com status de fugida lá no castelo. Ele também contou que estava gripado e enfiado na cama e para ela não ir lá. E no final, ele ligou mesmo porque precisava contar para alguém que Hoy tinha tomado coragem e convidado Peggy para tomar um drink e comer alguma coisa. Ora essa, nem um convite para jantar ele conseguia fazer direito, reclamou Afonso. Mesmo assim, a irmã dele tomou o banho mais rápido de sua vida, se arrumou e caiu fora com ele.

Hoy estava era enciumado de Peggy estar se divertindo um bocado nas saídas noturnas para o outro lado do rio. E ele não era o único com esse problema.

– Está perdida por aqui? Já está um pouco tarde.

Luiza se sobressaltou e se virou rapidamente, tão rápido que seu cabelo bloqueou sua visão e só depois de afastar as mechas ela viu Devan parado a uns três passos de distância. Ela estava sobre a calçada baixa que havia rente ao rio e era limitada por estacas trabalhadas e grossas que ficavam chumbadas ao chão e eram todas conectadas por largas correntes de cobre. Os turistas tiravam fotos do rio e dessas estacas que eram bonitas e de aspecto antigo. Havia bancos em certos intervalos e lá no começo da rua ficava o pequeno porto de embarque e desembarque.

Devan estava com um pé sobre o meio fio e com uma mão apoiada na coxa, numa típica pose relaxada e nem parecia que havia feito uma pergunta, pois apenas olhava para ela como se tivesse todo o tempo do mundo.

– Como você me achou aqui? – ela olhou em volta e como já passara um

pouco do anoitecer, os postes negros estavam ligados por toda a beira elevada do rio, iluminando a vista.

– Eu ainda não comecei a segui-la, mas também desço do castelo às vezes. Tenho um amigo que só aceita beber cerveja naqueles bares à beira do rio. Quase sempre no mesmo – ele apontou para trás com o polegar.

A Rua do Rio que tomava toda a extensão desse lado da cidade, ao menos a partir da curva ao pé da colina, não era feita para tráfego; os veículos podiam passar na rua logo atrás daquele quarteirão. Era calçada com pedras grandes que tinham um tom cinza claro e de frente para a área do rio havia uma infinidade de bares e restaurantes com mesas do lado de fora. Alguns eram cercados e tinham mesas com guarda-sol e outros tinham um estilo mais espalhado. Mas era bem turístico.

Do outro lado do rio havia lojas apontando para eles, a maioria com cobertura verde protegendo a vitrine do sol. E a rua lá era de asfalto e os carros eram permitidos, mas o tráfego pesado não era incentivado. Esse realmente era o paraíso turístico para comer e passar um tempo. Era também o point dos moradores locais e turistas.

O olhar de Luiza acompanhou o movimento que ele fez, logo atrás havia um dos bares antigos, com aquelas mesas de madeira e com o tampo trabalhado e muitas pessoas sentadas aproveitando o início de noite de sexta-feira. Ela nunca havia parado ali nesse horário, mas já almoçara uma vez com Marcel num lugar mais no final da rua. Afonso e Peggy sempre a levavam para o outro lado do rio, onde ficavam os locais mais agitados.

– Legal, seu amigo é muito velho?

Devan riu, pensando no que Rud ia dizer ao saber que uma garota uns dez anos mais nova estava querendo saber se ele era um velhinho com mania de comer sempre no mesmo local.

– Não, não mesmo – ele disse, ainda com um sorriso. – Ele é só uns anos mais velho do que eu.

– Foi mal.

Ele balançou a cabeça, como se isso não importasse.

– Você quer vir? – ele moveu a cabeça como se indicasse e ainda havia um resquício do sorriso nos lábios dele, mas seus olhos já estavam sérios.

Luiza se surpreendeu com o convite e não pode conter suas sobrancelhas de se elevarem. Isso foi bem inesperado, desde o festival que eles estavam nessa de fingir que o outro não era exatamente um ser pensante. Podia ser visto, dava até para se comunicar quando necessário, mas não era preciso forçar a convivência. Especialmente da parte dele que desde aquele dia desastroso na sala de descanso dos funcionários, havia tomado a distância que ela pediu como uma missão de vida.

– Não, eu não... obrigada – Luiza sabia que havia balançado a cabeça junto

com a resposta, mas achava que havia feito rápido demais. Não tinha certeza.

Da última vez ela havia cruzado os braços e dito “eu não quero”. Ela era louca, completamente enlouquecida. Enquanto olhava para ele, parado ali tão casualmente, com seus olhos azuis, mas que no momento estavam especialmente cinzentos e ignorava o vento que subia o rio e jogava seu cabelo claro para o lado direito, ela só podia pensar que estava louca.

– Eu não vou importuná-la. Estou acompanhado, não ficaremos sozinhos.
Acompanhado de uma mulher?!

Ah, ótimo, Luiza. Toma o seu “eu não quero”. Engula-o e vire uma dose de vodka para descer rápido e queimando. Aprenderá a não mentir mais. E vai ser muito bom, você devia aceitar, pois é o remédio para curá-la definitivamente desse problema que já ficou maior que o castelo enorme onde está morando no momento. Vê-lo com alguma outra mulher vai ser maravilhoso para uma noite deliciosa de sexta-feira.

– Eu não pensei nisso... – será que ela estava negando novamente com a cabeça? – É que eu não conheço seus amigos.

Ele negou e um leve sorriso apareceu em seus lábios, então fez novamente aquele movimento com a cabeça que sinceramente, nele ficava adorável. E Luiza andou na direção dele, jurando que quando chegasse lá e visse sua acompanhante, nunca mais ia andar para perto dele pensando sobre qualquer coisa em relação a ele ser adorável. Era um pensamento tão tolo, achar que um homem daquele tamanho, com absolutamente nenhum item nele que não fosse maduro e masculino, tivesse coisas adoráveis. Era coisa de cabeça de garota apaixonada.

Apesar de que, o sorriso dele, principalmente aquele que ele dava com os lábios prensados e levantava as maçãs do seu rosto, era para lá de adorável, até fofo.

Onde estava a maldita acompanhante?! – ela pensou, quase em desespero.

Ele não a tocou, mas esperou até ela estar bem ao seu lado para atravessarem a rua juntos e irem até a mesa. Os amigos dele estavam na cervejaria que ficava quase em frente ao ponto onde ela parou em sua caminhada pela beira do rio. E quando Devan se sentou e olhou para o rio, ele franziu o cenho e pulou de pé, movido por resposta automática. Se tivesse pensado um pouco na questão antes de atravessar a rua, talvez desse tempo do seu raciocínio funcionar e sua memória lembrá-lo outra vez que aquela mulher já havia dispensado-o duas vezes.

Claro que ele não disse a ela que a pergunta sobre “como você me achou” era tola. Ele a reconheceria em qualquer lugar, a qualquer distância que pudesse enxergá-la distintamente. Mas era mesmo uma droga de uma coincidência. Ele já havia cansado de encontrar com os outros funcionários de Havenford quando andava pela cidade. Mas o carma podia tê-los poupado dessa. Enquanto estava

ao seu lado e o vento jogava o cabelo dela para cima dele, assim como seu cheiro, o raciocínio de Devan ainda não havia conseguido lamentar seu impulso.

– Eles adoram interrogar o pessoal do castelo. Conhecem Afonso, Peggy, Marcel, Aura e até Hoy, que depois de umas cervejas fica mais falante. Faltava você – disse Devan quando chegaram à mesa.

Ele puxou para ela a cadeira ao lado dele. Luiza sorriu sem graça e aceitou. Ela estava na cadeira de alguém? Sentado à mesa havia um homem atraente usando uma boina e apresentando uma barba negra e bem aparada. Acompanhando-o estava outro homem com o cabelo castanho escuro, algumas sardas sobre o nariz e um semblante simpático. Ele estava com o braço em volta de uma mulher bonita com olhos e cabelo cor de mel e um corte chanel moderno que deixava as partes da frente do cabelo mais compridas.

– Essa é Luiza Campbell, ela é a trainee do castelo – apresentou Devan.

– Ah! – disse o homem de boina. – Essa é a bela do castelo!

– Bem que eu vi sua foto no jornal. Ficou ótima de condessa – disse a mulher.

Era “donzela intocada”, pensou Luiza, mas apenas sorriu em agradecimento.

– Esse é Rudolph, o cara da cerveja no mesmo lugar – continuou Devan, indicando o homem da boina. – Esse é Hugo e essa é Shannon. Eles vão se casar lá no castelo.

Ela cumprimentou todos eles e quando prestou atenção em seus rostos, reconheceu que ao longo dos meses, já os havia visto entre as pessoas que iam lá procurar Devan. Rud parecia ser o cara de boné que subiu depois de perguntar a Afonso onde encontrava Devan. E tinha certeza que há umas semanas vira Hugo entrando no carro com Devan, mas não sabia que eram seus amigos. Mas Shannon ela nunca havia visto, apesar de ela ter ido lá há pouco tempo visitar o espaço para casamentos.

– Ela achou que você era um velho de noventa anos quando eu falei do meu amigo que só bebe no mesmo lugar. Sempre – disse Devan, fazendo Hugo e Shannon rirem.

– Por favor, me chame de Rud – ele falou para Luiza e depois voltou a olhar Devan. – E garanto que você não fez nada para mudar essa impressão.

– Falei que você era só um pouco mais velho do que eu – Devan ainda se divertia com a história do amigo velho.

– Rud está passando por uma crise de idade, ele acha que estar perto dos quarenta é um problema gigantesco – esclareceu Shannon.

– Faltam quatro anos! Não estou tão perto assim.

A revolta dele só fez os outros rirem mais. E ele aparentava ter uns trinta e poucos, até menos do que realmente tinha.

Devan tentou descobrir o que Luiza bebia e o cardápio era simplesmente enorme, tinha cervejas de todos os tipos e lugares. E ela nem era uma bebedora experiente de cerveja, mas achava que aquelas que terminavam doces eram

melhores. Ela acabou escolhendo uma Broadside, que tinha um leve sabor de melão e mel ao fundo e com o final leve.

– Ótimo! Não bebo essa faz tempo! – disse Rud. – Vou acompanhar. Bom gosto pra uma iniciante. Essa combina com uma bandeja de queijo e umas batatinhas fritas. Huum... – ele chamou o garçom para fazer o pedido.

– Ah, não Rud – disse Shannon. – Você não vai colocá-la no vício da cerveja toda sexta-feira – ela olhou pra Luiza. – Você não é muito chegada, não é?

– Eu não presto muita atenção, bebo essas cervejas comerciais. E desde que cheguei aqui, só bebi hidromel.

Os três olharam para Devan como se ela houvesse acabado de denunciar um grande pecado dele.

– Qual é, Devan! Que sacanagem! Ainda está provendo os funcionários só com hidromel leve? – acusou Rud.

– Tem o bar no segundo andar, mas acreditem, ninguém lá é chegada – ele explicou e resolveu pedir a cerveja que ela escolheu porque não lembrava do gosto dessa e queria saber porque ela a preferira. O especialista em cerveja ali era Rud, ele era mais a companhia e também menos exigente.

– Só Marcel! – disse Hugo, pegando seu copo. – Ele adora um uísque. E da última vez deu um banho na gente. Saiu todo mundo cambaleando e ele intacto.

Luiza fez cara de choque, mas riu.

– Ele não vai gostar de vocês contando os talentos dele na frente de sua nova protegida – comentou Devan, sem conseguir esconder a diversão.

– Ah, meu Deus. Ele te adotou também? – perguntou Hugo.

– Ele é ótimo! – afirmou Luiza.

A cerveja nova chegou e eles aproveitaram para brindar.

– Quer dizer que você é londrina – Rud começou o interrogatório, porque era isso que eles gostavam de fazer, saber da vida dos novatos à base de cerveja e aperitivos. Era sempre bom ter uma novidade à mesa.

– Não! – ela exclamou, abaixando o copo e limpando o bigodinho. – Eu morei lá por um tempo quando saí da faculdade.

Ela teve que explicar a que exatamente era o curso que fez na faculdade e o que estava fazendo em Havenford e os escutou contando histórias de faculdade e dos seus cursos também. Descobriu que Hugo era um engenheiro e em certo momento, enquanto ele falava algo sobre seu trabalho, pintou umas piadinhas sobre alguém que ele conhecia e ainda encontrava vez ou outra. Luiza custou a pegar, mas quando Shannon riu e soltou uma piada sobre ter escondido Devan uma vez, ela finalmente sacou que era sobre uma ex dele. Aparentemente “A ex”. A última que ele teve.

Devan não estava ligando nem um pouco dos amigos estarem se divertindo às custas dele, agora era tudo realmente engraçado. Especialmente as situações, não havia como não rir com as pirações da história. Shannon se divertia demais,

até porque ela quase apanhou uma vez quando Devan estava lhe dando uma carona para ir encontrar o noivo.

Luiza descobriu que ele conheceu os três em momentos diferentes da vida, mas Rud era quem estava na vida dele há mais tempo, desde a pré-adolescência quando Devan e a irmã passavam o tempo livre em Havenford e todo o lado antigo do rio era parte de seu reino para brincar. Como se um castelo inteiro já não fosse suficiente. Shannon também era dali e ele a conheceu no final da adolescência. Hugo entrou em sua vida no primeiro ano da faculdade. Ele morava em Carlisle, mas havia se mudado para lá por causa da noiva. Luiza estava se divertindo e comendo batatas fritas enquanto descobria muito sobre Devan através daqueles três.

O problema é que até agora não havia aparecido acompanhante nenhuma e ela estava bem ao lado dele, o que era até bom, porque sua cadeira estava retinha e ela a manteve assim. Desse jeito não precisava ficar encarando-o. Esperava que não desse para notar que às vezes ela corava e não era por causa da cerveja. Ainda bem que havia anoitecido.

Quanto mais tarde ficava, mais esfriava e já não estavam com um céu limpo e repleto de estrelas. A semana havia sido particularmente abafada e avisavam do risco de chuva todos os dias, mas até agora nada. Luiza saiu ainda com o sol de final de tarde e usava um vestido leve e com mangas de enfeite que só cobriam seus ombros. Seus braços estavam arrepiados pelo vento vindo do rio.

Os três tinham casacos pendurados em suas cadeiras e usavam blusas mais quentes, menos ela. Devan lhe deu seu paletó e ela ficou um minuto sem conseguir se mexer direito e só colocava batatas na boca enquanto Rud contava sobre como estava um caos na sua agência e das dificuldades com o bloqueio dos voos e das maluquices que aconteceram por lá no festival.

Eles estavam numa mesa com lugares sobrando e isso se explicou uns dez minutos depois quando mais três pessoas chegaram, duas mulheres e um homem. Eles vieram animados, aparentemente chegando de outro lugar onde estiveram juntos. E pediram logo cervejas enquanto rodavam a mesa cumprimentando. O homem, que eles estavam chamando de KJ, deu um beijo no rosto de Luiza sem nem se importar por não conhecê-la. Ele fazia o tipo que beijava garotas por aí assim que as conhecia, porque sempre podia haver uma chance.

O nome do beijeiro era Kole, ao menos foi assim que Devan o apresentou para ela. A mulher baixinha e com as bochechas vermelhas lhe deu a mão em cumprimento e beijou a cabeça de Devan antes de sentar do outro lado de Luiza e beber um belo gole da cerveja que acabava de ser servida. Aquela era Edith, ex-mulher de Rud e pelo jeito que ele ajeitou a postura, talvez ainda houvesse algo ali.

A morena com o longo, liso e belíssimo cabelo negro azulado era Diane. Ela

se inclinou no espaço entre Luiza e Devan e deu um belo e demorado beijo no rosto dele, deixando a marca do seu batom rosado bem ao lado da boca dele. Ela aproveitou e demorou mais, passando os dedos para limpar a marca e afastou-se lentamente, passando as mãos pelos ombros dele onde se apoiou para ficar ereta novamente.

E sobrou para Luiza um olhar hostil de quem perguntava o que ela estava fazendo ali. Bem que quando sentou na cadeira ao lado dele, Luiza imaginou que estava sentando no lugar de alguém, pelo jeito Diane achava que era o lugar dela. E seria, pois se Luiza não houvesse aceitado o convite era ali mesmo que ela se instalaria e puxaria a cadeira para mais perto, se agarraria ao braço de Devan e o provocaria por todo o tempo que estivessem ali.

Edith por sua vez estava segurando o riso ao lado dela e Shannon foi chutá-la por baixo da mesa, errou e chutou Luiza que deu um pulo no lugar, derrubando o paletó de Devan. Edith riu mais ainda. E a risada dela era contagiante, dessas maravilhosas de escutar. Rud balançou a cabeça e riu também porque ela tinha esse efeito nele.

– Ai, meu Deus! – disse Shannon. – Me desculpa, senti algo na minha perna e chutei! Desculpe!

– Tudo bem. Eu só me assustei – disse Luiza, ajustando sua cadeira no lugar.

Devan pegou o paletó do chão e recolocou sobre os ombros dela.

– Enfie os braços e dobre as mangas. Acho que ela vai acabar chutando-a de novo – ele aconselhou e lançou um olhar malévolo e divertido para Shannon e ela devolveu, mas estava sorrindo e isso estragou o efeito.

Ela seguiu o conselho e dobrou bem as mangas, o paletó caía pelos seus ombros às vezes, mas ela só puxava e continuava como se nada estivesse acontecendo. Kole, o beijoqueiro, resolveu que queria saber um bando de coisa sobre ela.

– Ignore-o, Luiza. Ele é um paquerador, tem certos lugares aqui desse lado do rio que ele nem pode entrar – implicou Hugo.

Kole moveu o ombro com pouco caso e bebeu um bom gole de sua cerveja. Também não tinha vergonha de em um bar com cervejas do mundo todo, começar pedindo Carling, basicamente a mais popular do país.

– Não tem problema, do outro lado do rio ainda me amam! Um brinde ao meu charme! – os outros seguiram o brinde, divertindo-se.

Shannon olhava para Luiza às vezes, mas dava para ver pelas suas bochechas que ela estava segurando o riso, especialmente quando seu olhar batia no de Edith que era muito engraçada. Bem, Luiza não era nenhuma boba, ela entendeu que tinha alguma coisa ali com Devan e a morena fatal que jogara todo aquele cabelo em cima dela. Só não sabia o que era. Pela cara de Shannon, que parecia estar adorando a situação, Luiza estava empatando os planos de Diane.

Ora essa, claro que havia mulheres na vida de Devan. Provavelmente umas

centenas voando em volta do mel. Se um cara bem mais humilde estava fazendo lista com os nomes das pretendentes, Luiza podia imaginar as tabelas no Excel que Devan poderia fazer. E que se dane seja lá quanto dinheiro os Warrington tinham agora. Era só olhar para o cara. Nem precisava de esforço, se você fosse o tipo levado pela aparência, ia grudar nele que nem super cola. Mas não, que tal um pouco de massa cefálica funcional? Também havia de sobra. E um pouco de animação na vida, algo fora da mesmice. Também tinha! Um castelo inteiro repleto de turistas e festivais servia para os seus pré-requisitos? E o beijo mais devastador da face da Terra, cabe nas suas necessidades? Estava tudo no pacote.

E vamos nos manter só no beijo, porque não temos florais para oferecer agora.

O mais difícil era o cara estar definitivamente fora de suas possibilidades. Proibido, com placa de caveira e tudo. Mas para piorar, ele estava interessado em você. E agora?

Rud já sabia, Hugo não era cego e Shannon estava querendo rir por isso. Devan estava interessado na nova moradora do castelo. Se a velocidade com que ele pulou de pé quando a avistou não desse a pista, dava para tentar sacar enquanto ele ficava olhando para ela. Seu olhar se demorava, admirava e sempre voltava. Ele até perdia uma piada ou outra por causa disso. Se você não tivesse entendido ainda, talvez a forma como ele colocou as mãos nela quando a ajudou a vestir o seu paletó ajudasse. Ele não queria terminar o contato.

Se eles fossem bem cegos, o fato de ela estar fazendo tudo para não olhar para ele podia ajudar também. Mas até aí, ela podia ser tímida, apesar de já estar à vontade e conversando como se conhecesse todos ali há dias. A última mulher com quem ele ficou antes de conhecê-la havia chegado, podia ainda haver uma faísca ali. Da parte de Diane havia uma cidade em chamas. Mas ele já estava completamente encantado por outra.

Já era quase meia noite quando Luiza se despediu dos outros. Havia experimentado mais cervejas hoje do que em todo seu tempo em Londres, especialmente depois que Edith chegou e cismou que ela precisava descobrir mais. Mas só bebeu inteira a sua Broadside e uma Tangle Foot que virou sua nova preferida.

– Vamos subir juntos – disse Devan, indo com ela para a praça no centro e logo na saída da Rua do Rio. Era lá que os táxis ficavam parados essa hora.

– Não precisa, vou encontrar um táxi.

Do jeito que a resposta veio rápido, ele achou que ela não queria sua companhia nem pelos poucos minutos que levariam para subir a colina. A autoestima dele estava abalada, não se achava um homem irresistível, mas tinha experiência suficiente para saber o efeito que podia conseguir e nunca havia sido tão rejeitado por uma mulher como estava sendo agora. Até aquela sua ex-mulher que vivia viajando, não o rejeitava, só queria que ele fizesse as vontades

dela e largasse a vida dele e a seguisse para todo lado. Como um cachorrinho.

Ele quando acabou, quando ele viu que não a amava e ela também não, decidiu pelo divórcio e não doeu como agora. Na decepção que sofreu no casamento, lá no começo, bem antes do fim real, foi outro sentimento, que até se assemelhava ao primeiro fora que Luiza lhe deu. O que sentia agora era estranho e ele ainda não sabia como chamar. Mas o abalava.

– Sério? Não podemos pegar o mesmo táxi?

– Não precisa ir lá só por isso – ela disse, odiando tirá-lo dos seus amigos que pareciam que ficariam mais umas horas por lá. Ele a havia convidado, mas ela realmente não via problema em ele ficar e aproveitar mais tempo.

Só ia odiar saber que assim que deixasse a cadeira, aquela Diane ia se instalar nela e passar o resto da noite jogando seu charme para ver se era na cama dela que Devan acordaria. Quando ele levantou para ir embora também, Diane disse que era cedo e não se sentiu nada constrangida em citar que ele não precisava ir. O resto da frase, um “ela já é grandinha, vai se virar” ficou implícito no ar. Ele veio com um olhar mortal para Luiza que levantou a sobancelha para ela, mas como já estava partindo e não tinha mesmo que se meter na vida amorosa de Devan, só fechou o paletó por causa do frio, se despediu e foi embora.

– Eu estou subindo e mesmo que não estivesse, o que me custaria? Dez minutos da minha vida? – ele perguntou, num misto de irritação e mágoa.

Eles entraram no táxi que os levou pela cidade e colina acima, preferiram descer logo no portão externo ao invés de esperar abrir os dois para o carro passar, assim era mais rápido. Luiza lembrou que se ele não houvesse ido embora com ela, teria partido vestindo seu paletó que estava roçando em suas coxas e para andar ela segurava as lapelas. Assim que entraram no castelo, ela começou a tirá-lo, pensando no inadequado que era.

– Se quiser pode esperar estarmos no aquecimento do castelo para arrancar meu paletó – ele sugeriu, mas pelo tom dele, Luiza entendeu o que se passava por sua mente.

Eles pegaram uma entrada lateral e saíram no salão principal. Essa hora só havia as luzes de canto acesas, então ligaram os celulares para subir a escadaria ao invés de procurar o interruptor.

– Obrigada por me convidar – ela disse quando chegaram ao patamar da escadaria, ao menos ali havia luz vinda dos corredores.

– Tudo bem...

Luiza retirou o paletó dele, dentro do castelo estava mais aquecido, mas o frio tocou sua pele imediatamente e ela lamentou a perda do conforto. Sentiria falta do cheiro dele também que ela podia sentir quando aproximava o rosto da lapela. Devan o recebeu a contragosto, imaginando o que ia fazer agora com aquela peça que com certeza carregava o cheiro dela e, mesmo que mandasse lavá-la, não havia como lavar sua mente, havia?

Ele continuou ali como se esperasse ela ir. E Luiza pensava que já havia aprontado demais para também virar e ir para o quarto na paz da sua indecisão. Ela se virou para ele de repente e soltou:

– Terminou o livro?

– Não.

– Pensei que estivesse saindo tanto para comemorar o término – ela continuou, agora que estava ciente dos amigos e da existência de Diane, podia imaginar o que ele andara fazendo saindo tantas vezes do castelo.

Ele levantou a sobrancelha. Quem estava notando que ele estava saindo muito?

– Não. E você cansou das festas do outro lado do rio? – ele devolveu, estava notando muito as idas dela para o outro lado. E a mente dele era ativa e imaginativa. Neste momento ele podia estar ali desejando o que não tinha enquanto ela havia dado a chance para um idiota qualquer que conheceu numa dessas saídas.

Ela franziu a testa para ele. Não havia saído tantas vezes assim.

– Tenho livros para terminar de ler. Mas Marcel estava todo feliz porque você terminou.

– Ele mudou de ideia quando leu tudo.

– Por quê?

– O final está uma merda.

– Não pode estar tão ruim assim.

– Ah, está.

– Mas... por quê?

– Você quer mesmo saber? Seria um spoiler.

– Não! – ela disse rápido. – Terminei o quarto livro.

Ele não comentou sobre dessa vez ela não ter ido lhe pedir o autógrafo.

– Bom. Só falta um... – ele disse.

Ela ficou quieta por um momento, só olhando para ele. Mas sua curiosidade foi mais forte.

– O que você fez de tão ruim?

– Sabe, ninguém disse que se apaixonar dava certo. Até mesmo para um personagem.

– Você não fez isso... – ela balançava a cabeça.

– Você não leu o quinto livro. Não faz ideia do que eu fiz.

Ela o olhou como se houvesse aceitado um desafio. Amanhã ela ia lá naquela livraria, ia comprar o quinto livro e ia saber tudo que acontecia. Não, melhor! Ia entrar no quarto dele escondido e ia pegar um dos livros que ele tinha sobrando e começar a ler nessa madrugada.

É, ela nunca ia entrar no quarto dele escondido. Mas ele não precisava saber que a mente dela conjurara esse absurdo.

– Pois eu vou ler – ela declarou.

Um sorriso leve foi nascendo muito lentamente nos lábios dele, o primeiro que ele dava desde que deixaram a mesa da cervejaria.

– Ficou curiosa, não é? – se ele tivesse dito algo bem indecente no lugar dessa frase o tom caberia perfeitamente.

Luiza apenas soltou o ar, começando a odiar o autor naquele momento. Nem estava tão feliz assim com ele. O quarto livro foi bem cruel para os sentimentos e expectativas dela. E cortou seu coração. Bem que ele havia dito que o personagem principal tinha sofrido uma perda.

– Eu tenho outro livro para terminar antes – ela disse, recusando-se a admitir.

Devan assentiu e fez um movimento de aceitação com a boca o que chamou atenção para aqueles lábios tentadores que ele tinha. Se a pessoa ficasse reparando naquela boca, com o lábio inferior um pouquinho mais carnudo, seria impossível resistir à vontade de experimentá-lo.

– Você... quer o livro? – ele perguntou baixo e a hesitação no meio da frase quase a levou a ofegar.

– Sim...

– O quê? Você sussurrou – ele disse, inclinando-se um pouco.

– Eu quero.

Devan a observou, ele queria ouvir essa resposta para outra pergunta, mas não tinha nada a ver com livros. E estavam na penumbra, na escada do castelo, já passara da meia noite e dessa vez só um fantasma os interromperia. Ou ele recolhia a trouxinha do seu orgulho e ia embora dali ou ia acabar propondo o que não devia.

– Que tal amanhã?

Luiza fechou os punhos e soltou o ar com força.

– Isso foi uma provocação deliberada. Você está sendo cruel.

Ele inclinou a cabeça e ela não conseguiu ler sua expressão.

– Eu? – Devan perguntou.

Como se soubesse que era sua deixa, Timbo desceu a escada e passou por entre as pernas de ambos, antes de dar pulinhos pelos degraus restantes e sumir no salão, provavelmente para sair por algum local que só ele conhecia.

– Bem, obrigada novamente por me convidar. Eu me diverti muito com seus amigos. Ainda tenho cabeça de turista, fico surpresa quando vejo que tem tanta gente que mora aqui e não só visitantes.

– Você também mora aqui agora.

– É...

– Você gosta daqui? – ele perguntou, surpreendendo-a.

– Sim, eu adorei o castelo e a cidade e tudo que estou descobrindo. Mais do que você possa imaginar.

– É, eu realmente não posso, mas fico feliz em saber.

Ele continuava segurando o paletó que ela devolvera, bem amassado e dobrado em sua mão. Luiza estava com algo em mente, mas precisou tomar coragem para falar. Não podia chegar e soltar “senti sua falta”. Então teria que procurar algo mais para dizer.

– Eu estava me sentindo muito mal sobre nós não nos relacionarmos mais. Então eu pensei se depois de hoje nós podemos... – ela moveu um dos ombros, não sabia bem o que eles podiam.

Devan esperou ela decidir o que queria dizer, mas era óbvio que ela também não sabia. Tinham poucas opções ali, se ela não fosse completar a frase com “nós podemos nos beijar por um dia inteiro” ou “nós podemos ir pra sua cama ou pra minha e fazer amor por uns dias”, então não. Eles não podiam. Pois tudo sempre acabaria chegando à mesma questão.

– Não, sinto muito, mas dessa vez eu que não posso – ele respondeu.

Ela assentiu e subiu as escadas, indo direto pelo corredor que dava no seu quarto e quando chegou à porta da divisão, descobriu que ela estava trancada. Claro, por que ficaria aberta essa hora? Na verdade não devia ficar aberta hora nenhuma. Aquela porta separava o quarto dela e o acesso à escada da ala dos funcionários da casa de Devan.

O jeito era esperar. Luiza se recostou a parede e ficou quieta, vendo se os passos de Devan se afastavam para o outro lado, então ela poderia descer e dar a volta no salão para chegar a escada de acesso ao outro lado. Mas ao invés disso, ela escutou os passos dele se aproximando, até ele entrar no alcance da luz fraca dos poucos pontos de iluminação que ficavam acesos essa hora. O curioso era que agora ela não achava mais o castelo macabro à noite. Na primeira semana, não teria saído sozinha do quarto quando passava da meia-noite.

– Vou fazer uma chave daqui pra você – ele comentou, enquanto destrancava a porta para ela.

– Não precisa, eu esqueci que devia usar a outra escada.

– Use essa, fica mais perto.

Luiza assentiu, passou rapidamente pela porta e fugiu para o seu quarto. No minuto seguinte estava embaixo do chuveiro e pouco depois estava em sua cama, sem querer ler, mas com as lágrimas molhando seu travesseiro sem nem conseguir explicar por que ficara tão magoada. Começava a pensar se valia a pena manter distância do primeiro homem que arrancava esse tipo de sentimento dela.

Devan tomou banho, vestiu uma calça de dormir, tomou um analgésico para dor de cabeça e sentou à frente de seu notebook para começar a refazer os últimos capítulos do livro.

*Meu marido está morto.
E agora estou sozinha. Completamente sozinha em minha mente e sem ele.
Duas perdas que jamais superarei.*

Capítulo 10

Luiza tinha a intenção de passar a manhã de sábado enfiada em seu quarto, na cama e fingindo que umas duas garrafas de cerveja eram as culpadas. Mas quando eram umas nove da manhã, Timbo pulou para cima da cama e começou a andar por cima dela. E ele adorava brincar com o seu cabelo. Então, ficava batendo a patinha, principalmente se as pontas houvessem formado aqueles cachos grandes. Aí ele fazia a festa, até rolava por cima.

– Timbo! – disse Luiza, se mexendo na cama e batendo os braços para afastá-lo.

Quando ela parou e abriu os olhos, o gato estava deitado na parte livre do colchão, apenas olhando para ela atentamente.

– Não estou num bom dia – ela disse para ele e sentou, passando a mão pelo rosto. Acabou desistindo de pegar o turno da tarde, tomou um banho e desceu para trabalhar.

De tarde ela encontrou Peggy na cozinha e as duas fizeram um suflê e uma salada. Nos finais de semana, Brenda não costumava ir até lá e em geral eles se viravam. De noite, todo mundo ali pedia comida ou eles combinavam e preparavam o lanche. Hoy adorava ser o chef do churrasco. Havia também o serviço do hotel que tinha seu próprio restaurante e onde eles podiam comer e o pátio externo, que durante o dia tinha opções de lanches.

– Meu bem, vamos falar sério aqui. Que história é essa de você estar saindo com milorde por aí até altas horas da noite? – perguntou Afonso, indo direto ao ponto.

– Não é nada disso – resmungou, Luiza.

Eles estavam comendo na sala de descanso dos funcionários e ninguém mais havia aparecido. Marcel estava em algum lugar do castelo e Hoy devia estar mais uma vez cismando com algum aspecto da segurança de Havenford. Devan ainda não havia sido visto naquele dia.

– Nós sabemos. Você chegou tarde da noite com milorde! – cantarolou Peggy.

Pelo jeito até o maldito segurança do portão estava metido na rede de fofocas.

– Desde que você chegou aqui que os dois estão de historinha – decretou Afonso.

– Não estamos com história nenhuma. Nunca daria certo – Luiza juntou os pratos de todos e foi para a cozinha.

– Só porque ele tem um péssimo histórico de relacionamentos? – perguntou Peggy, mais inclinada a entender o lado dela.

– O quê? – exclamou Afonso, entrando na cozinha também. – Duas mocreias malucas aterrorizam a vida do bofe e ele subitamente é esnobado e taxado como estragado?

– Afonso, por que você o está defendendo? – Peggy colocou as mãos na cintura.

– Não é por causa disso. Nós não temos nada. E ele é o dono do castelo e isso nunca daria certo. Assim que um enjoasse ou fizesse alguma merda, íamos brigar e não conseguiríamos mais olhar um pro outro e eu teria de ir embora – explicou Luiza.

Peggy franziu a testa e Afonso cruzou os braços.

– Meu bem, que novela maldita é essa que você anda assistindo? Eu já te falei pra não ficar até tarde da noite lendo aqueles livros de drama – ele balançava a cabeça.

– Eu não estava lendo drama! – reagiu Luiza.

– Então que drama é esse? Quem faz a rainha do drama aqui sou eu – ele se aproximou e os três formaram um grupo mesmo sem querer. – Você está abrindo mão do conde porque está com medinho de cair morta depois que ele sapatear em cima de você? Ficou louca? Deixa sapatear, sambar, dançar até o tango e o cha-cha-cha. Como é que você vai saber?

– Vocês já não estavam mesmo se falando... que diferença faria? – Peggy comentou, enquanto botava mais suco no seu copo. – Só você pra achar que ninguém percebeu.

– Ela acha que somos cegos, deixa – disse Afonso, indo sentar no banquinho alto.

– Eu não posso, ok? Vocês por acaso iam sair se envolvendo logo com ele? A principal pessoa aqui com quem você não deve fazer isso.

Os dois irmãos ficaram olhando-a como se ela houvesse enlouquecido.

– Você está de sacanagem? – perguntou Peggy.

– Meu amoor! Se “aquilo” – Afonso ficou de pé fazendo movimentos exagerados no ar que descreviam o formato do conde, desde a altura até os pés. – Gostasse da minha fruta, você não tem noção do que eu ia fazer nesse castelo. Eu dava a louca, aquele homem não ia me esquecer jamais. Quando ele piscasse, eu já estaria lindo e cheiroso com minha cueca nova só esperando naquela cama enoorme.

Luiza tampou os olhos tentando não rir, mas Peggy gargalhou.

– Só que o mundo é injusto e “aquilo” – ele fez o movimento descritivo de novo. – Aquele deus nórdico saído dos sonhos molhados das leitoras mais ávidas de livros eróticos, não curte a minha fruta. Pelo jeito ele está querendo a sua. E você está fazendo o limão azedo em fim de feira.

– Por “aquilo” – disse Peggy, só imitando o tom do irmão. – Eu botava até lingerie sexy.

– Ah, para de graça. Que você está colocando fio dental até pro Hoy.
– Que mentira, Afonso! Estamos apenas nos conhecendo! – disse Peggy, levantando e o empurrando. – Além disso, Hoy é muito atraente, ok?

– E ele abre a boca nos encontros? – perguntou Luiza.

– Até você? – ela virou, mas não deu para não rir. – Ele abre até demais.

– Sem detalhes... – disse Afonso, fazendo cara de nojo.

– Eu acabei de ouvir você descrever ricamente o que faria com milorde! Acha que me recuperarei dessa imagem facilmente? – disse Peggy, apontando pro irmão.

– Ai... – Afonso se largou na cadeira. – Nem eu... sonhos são de graça.

– E eu fiquei sabendo que ele curte um romance e não só nos livros – Peggy virou para Luiza. – É verdade?

– Eu não faço ideia! – ela foi andando para a porta. – Terminem de lavar aí que eu já volto, lembrei de uma coisa.

Luiza subiu as escadaria principal e virou para o lado direito, pegando o corredor contrário ao seu. Eles estavam pensando em instalar portas de segurança com dispositivo de abertura através do crachá deles. Aliás, Hoy estava querendo fazer isso há muito tempo e estava quase convencendo Devan a aprovar o custo da mudança e começar a implantar ainda esse ano. Não ia fazer muita diferença para os moradores do castelo, ia facilitar um pouco, porque eram todos avoados no quesito “onde estão minhas chaves”.

Mas Hoy ia dormir melhor à noite e o conde nunca mais acharia que tinha algum estranho no castelo, porque o travamento não ia ser apenas automático, ia ter um sistema online de controle caso alguma porta desse um problema. Afonso não parava de zoar que Hoy devia estar tendo orgasmos noturnos só de sonhar com o novo sistema de segurança das janelas e de toda e qualquer entrada que houvesse naquele castelo. Já havia um, muito efetivo. Mas ele queria outro mais moderno e que ele poderia tomar conta até pelo tablet.

Luiza entrou no gabinete do segundo andar que também tinha tantos livros que não passava de outra biblioteca mais intimista. Só que ali estava o acervo pessoal de Devan e até alguns do pai. Numa de suas explorações atrás de Aura, ela descobrira onde ele guardava os livros que tinha sobrando. Porque ele era desses que largava coisas na mesa e esquecia a porta da estante aberta.

– Vejo que encontrou o que queria – disse Devan, entrando no gabinete, deixando o notebook fino e prateado sobre a mesa e chegando mais perto. Ele segurava uma caneca com um líquido que soltava fumaça e um perfume apetitoso.

Luiza levou aquele tipo de susto que não tem como disfarçar. Ela estava sentada sobre as pernas e lendo a introdução do quinto livro dele, então soltou um gritinho assustado e jogou o livro no ar.

Ele riu. Bem que gostaria de ter se mantido sério, mas foi obrigado a dar uma

boa risada do susto que ela levou. Típico de gente que está fazendo o que não deve. Luiza virou a cabeça e seu rosto não perdeu a expressão de choque.

– De onde você saiu? Marcel disse que você não estava.

– Marcel acha que eu nem voltei para casa ontem à noite. Mas nós dois sabemos que voltei, não é?

Ela bufou e recuperou o livro que tinha caído no chão com as páginas abertas.

– Não deu pra segurar a curiosidade?

– Comecei a trabalhar tarde hoje, não quero ir à cidade – ela tornou a virar a cabeça, mas se arrependeu de novo, mesmo assim se manteve firme. – Sabia que já são umas duas horas da tarde?

Ele apenas bebeu mais um gole do seu cappuccino recém feito na cafeteira compacta e moderna que ele tinha na antessala do seu quarto. Ela o estava alfinetando, dava para notar pelo seu tom e também pelo olhar. Isso o divertia. Luiza devia estar se referindo ao fato de ele estar com uma calça de moletom, uma camiseta, descalço e não se lembrava de ter penteado o cabelo depois de ter saído do banho, só passou a mão, empurrando-o pra trás.

Obvio que ela achava que ele estava saindo da cama agora. Também não era para tanto. Antes de sumir, Timbo fez questão de acordá-lo antes do meio-dia. E ele tinha ido dormir às quatro e meia da manhã. Aliás, não tinha “ido para a cama”; tinha caído lá e entrado em coma.

– Tenho certeza que o castelo está funcionando às mil maravilhas sem mim.

– Parece estar – ela arrumou os livros onde esteve mexendo. – Mas já são duas horas da tarde e Marcel acha que você está na esbórnia.

– Interessante escolha de palavra. Eu tenho certeza que Marcel está mesmo achando que estou por aí bêbado, provavelmente cometendo algo ilegal e metido no meio de orgias.

Luiza fechou o livro e ficou de pé, mas quis voltar para o chão; não sabia se era pior de baixo para cima ou com visão panorâmica. Ela não queria saber como ele dormia porque isso ia voltar para assombrá-la. E por que ele estava andando por aí só de calça de moletom e com aquela camiseta inútil? Às duas da tarde! Era a casa dele, mas ainda assim. Alguém – como ela – podia aparecer!

– E o castelo ainda está aberto, sabia?

Devan continuou bebendo seu ótimo cappuccino enquanto olhava pra ela. Estava adorável nesse sábado usando um jeans skinny, camisa de botão e um colete justo e de lã. E maquiara os olhos, o que os deixava não apenas arrebatadores, mas também sexy como o inferno.

– Você está particularmente encantadora hoje, dormiu muito bem?

Ela o olhou seriamente, mas gostou do elogio e tentou ordenar suas bochechas a não suavizarem a expressão num arremedo de sorriso, mas falhou.

– Seu gato me acordou – ela declarou.

– Saiba que ele também me acordou.

- Agora?
- Não sei se notou, mas eu bebi umas dez cervejas a mais do que você.
- Você não estava bêbado ontem.
- Estava um bocado relaxado. E enquanto você tinha sua ótima madrugada de sono, eu estava escrevendo.
- Não está com olheiras.
- Vou tomar isso como um elogio – ele deixou a caneca sobre a mesa e abriu o notebook que voltou à vida e começou a emitir sons baixos de notificações.
- Espero que não se importe... – ela disse, falando do livro que segurava. – Eu não imaginei que você ia sair da cama e me pegar aqui.
- Assim parece que sou um monstro que sai da cama só para assustar garotas curiosas.
- Luiza piscou umas quinhentas vezes em um minuto tentando manter seu olhar longe dos ângulos rígidos da musculatura do abdômen dele que dava para ver pela camiseta branca. Ela precisava sair dali.
- Mas eu já estava acordado. É um tanto trabalhoso cuidar do Twitter, Facebook e do e-mail. Eu tento responder todo mundo, mas é realmente impossível. Os assuntos são tão intermináveis que parece que escrevi uns cem livros e não meus nove.
- São nove?
- Tem os chatos que são mais dirigidos ao público acadêmico. Tem um fora da série...
- Vou ter que roubar mais livros.
- Você não quer largar o Marcel e ser minha assistente?
- E responder suas milhares de fãs enlouquecidas?
- Olha o preconceito – ele disse, divertindo-se. – Eu gosto muito delas e apesar de hoje você estar com disposição para me alfinetar, meu público é diversificado. Homens e mulheres de idades variadas.
- Eu vi o quanto elas gostam de toda a sua obra e também da sua pessoa. Cometi o erro de entrar numa comunidade no Facebook para saber dos livros.
- São todos tão espirituosos – Devan sorria, para si mesmo. – Hoje em dia é difícil ser um autor recluso. Eu adoraria ser só um nome escondido aqui no meu castelo mal assombrado.
- Com toda a agitação que tem aqui? – ela perguntou, cética.
- Espere só até chegar o Halloween.
- As crianças sobem até aqui só para pedir doces? – ela estava ainda mais descrente.
- Onde você acha que é a festa?
- Mentira!
- Ele só balançou a cabeça e foi para o lado da mesa, onde olhou para a tela do notebook que não parava de apitar.

– Mal posso esperar para ver a sua fantasia – ele declarou.
– Pode ser de Mata Hari? – Luiza não resistiu a essa provocação.
– Não me provoque – ele avisou, mas já podia até imaginá-la usando a fantasia reveladora.

Ela também não pretendia seguir em frente com essa ideia, mas qual mulher não gostaria de ter visto a expressão no rosto dele? Mas ver era tudo que ela faria, por isso seguiu para a porta, agarrada ao livro como se fosse seu salvador.

– O que você achou que poderíamos? – ele perguntou, fazendo-a parar antes de passar pela porta.

Luiza estacou e se virou lentamente. Ele estava encostado na mesa, bebendo o que restava na caneca. Devan havia pensado sobre isso enquanto estava tentando responder os leitores e ignorando seu Skype. Não havia deixado-a terminar, porque julgou que se ela não conseguira dizer, com certeza não era o que ele precisava ouvir. Mas talvez..

– Ontem?

Ele assentiu.

– Eu menti – ela soltou, surpreendendo a si mesma. Não foi isso que planejou dizer e também não foi o que deixou de falar lá na escadaria.

Ele deixou a xícara sobre a mesa e continuou olhando-a. Luiza se inclinou para trás e olhou para o corredor, para ver se tinha tempo de falar antes que alguém os interrompesse, porque parecia que nunca estavam sozinhos. Ela voltou alguns passos, para não ter que ficar falando alto lá da porta.

– No festival, eu menti – ela esclareceu.

– Você ia me dizer isso nessa madrugada?

– Não e nem agora.

Devan desencostou da mesa e parou perto dela, mas falou baixo como se houvesse pessoas passando em frente à porta.

– Eu sabia. Mas eu queria saber se você tinha noção que estava mentindo pra mim e acho que pra você também.

– Mas ontem eu queria mesmo saber se podemos continuar assim. Não faz sentido não aproveitarmos a afinidade que temos se estamos fazendo de tudo para não nos envolver e estragar exatamente isso – ela argumentou, como se estivessem prontos para entrar num acordo.

Estamos?

Devan não estava fazendo de tudo para não estragar nada, pelo contrário. Ele queria se envolver muito. Ela nem imaginava quanto. Era melhor ela não ter começado a achar que ele estava colaborando só porque respeitava as decisões dela. Enganando-se ou não, ela havia lhe dado um fora. Quando uma mulher dizia que não queria, então era um não, e ele lhe deu espaço. E se o caso fosse só uma atração, ele já teria deixado para lá. Mas como não conseguia esquecer-lá, não importava o que fizesse, pretendia convencê-la a mudar da ideia.

– Não, não podemos – ele disse, surpreendendo-a.

Ele pegou-a pela mão e foi andando para a porta. Luiza arregalou os olhos, achando que ele ia jogá-la da porta para fora. Não conseguia nem imaginá-lo fazendo isso, mas quem sabe?

Devan fechou a porta e encostou-a na parede, ao lado da tapeçaria, tirou o livro da mão dela e este aterrissou com muita sorte sobre o aparador ao lado da tapeçaria.

– Eu quero ficar com você. Não estou colaborando para você fugir e não consigo me saciar com esses beijos de um minuto que trocamos. Meu mínimo é uma hora para começar a me satisfazer da sua boca.

Ele a puxou contra ele, surpreendendo porque ela pensou que sentiria a parede contra as costas, mas Devan era muito mais fã de usar seu próprio corpo como apoio. Sentia melhor a mulher em seus braços e o prazer de tê-la bem grudada a ele era maior. Podiam brincar com a parede depois, com menos roupas também.

– Você demanda certo trabalho... Uma hora é bastante tempo – ela murmurou, enquanto suas mãos pairavam no ar, porque ele estava só com aquela camiseta, todo lugar que ela tocava, sentia a pele quente sob seus dedos.

– Sim, mas sempre faço valer a pena.

Ele soltou um som de masculino contentamento, como se fosse alívio quando conseguiu recapturar os lábios dela e Luiza deu-lhe espaço, permitindo que ele penetrasse a língua. O desejo aumentou rapidamente e ela colocou as mãos nos ombros dele e foi tocando-o, sentindo a força dos seus braços, acariciando a pele, percebendo os pelos arrepiados dos seus antebraços.

Devan havia passado os dois braços em volta dela e apertava-a contra ele, movendo-os apenas para acariciar e chegando a incliná-la um pouco a cada vez que a puxava mais pela cintura. Ele queria ficar assim por uns minutos, deliciando-se no sabor daqueles lábios que ele desejara tanto.

Não pensou que hoje seria seu dia de sorte, muito menos quando chegou ali trajado de forma que não considerava atraente o suficiente para seduzir uma mulher. Estava até chuviscando. Mas que dia lindo!

Luiza passou os braços em volta do pescoço dele e esticou-se contra seu corpo, suas bocas mal se separavam, o beijo estava intenso, úmido e tão bom que a mente dela estava imersa em prazer, recusando-se a pensar em qualquer coisa. Nada que estivesse longe daquele corpo tão quente e deliciosamente rígido e daqueles braços fortes que lhe arrancavam gemidos a cada vez que se moviam podia importar.

Quando a sentiu tão entregue, Devan experimentou um momento de pura satisfação. Ele desceu as duas mãos pelas suas costas e pegou seu traseiro sem a menor cerimônia. Luiza mal tinha soltado um som de surpresa e ele a tirou do chão. Ela se segurou nele que a carregou até colocar sobre a mesa. Devan parou

de beijá-la só para bater com a mão sobre o notebook e fechá-lo, acabando com aqueles sons chatos.

Ele parou à frente dela e segurou seu rosto, dando alguns beijos mais leves sobre seus lábios. Sentada ali Luiza não precisava se esticar ou ficar na ponta dos pés, mas não sabia o que era mais perigoso, ficar enroscando as pernas nas dele ou tê-lo entre elas.

– Você sabe que eu preciso voltar pro trabalho.

Ele estava adorando que os protestos dela tinham virado outros e não aquela história de não poder ser envolvido com ele.

– E você é a trainee, não é? – ele a beijou no queixo e a cabeça dela pendeu para dar acesso. Devan escondeu o rosto na curva do seu pescoço e amaldiçoou mentalmente a gola da blusa dela.

– Mas tenho horas pra completar..

– Você pode ser minha assistente hoje. Mas isso implicaria em passar as próximas horas comigo.

Ele mordiscou o pescoço dela e enfiou a mão por dentro do seu cabelo, voltando a beijá-la intensamente, arrancando suspiros e acabando com seu fôlego. Luiza se segurou à cintura dele, ela realmente estava tentando fazer seu cérebro voltar a funcionar, mas ele não parava de beijá-la daquele jeito tão bom e que a tirava de órbita.

Agora ela entendia perfeitamente porque havia fugido tanto, era praticamente seu instinto ajudando-a a ficar bem longe. Como alguém resistia aquele homem? Aliás, como é que se separava dele? Nesse momento, ela estava com pena das duas ex e era muito compreensível que elas quisessem mais uma chance. Sério, como? Depois que o beijava, você estava ferrada, perdidinha. Provavelmente ia começar a dizer uma daquelas frases que nunca deveriam sair da sua boca: *Faça o que quiser comigo*. Ah, essas sempre voltavam e te assombravam. Nunca diga uma dessas. Ao menos não em sua consciência.

– Não é a mesma coisa – ela respondeu.

Devan apoiou as mãos no tampo da mesa, dos lados do corpo dela e inclinou-se sobre Luiza, olhando-a de cima. Ela teve que por as mãos para trás e se apoiar ou ia acabar tombando e não ia ser bonito. Ele a beijou assim, só com as bocas se tocando e ela prendeu o calcanhar por trás da perna dele porque só seus braços não estavam adiando.

– Um beijo e eu estava perdido – ele disse, encostando a testa na dela e depois virando o rosto para reconectar suas bocas.

Eu também!

– Eu tentei impedi-lo...

– É mesmo? Pois eu me lembro de você usando um vestido de época, aproximando-se de mim com esse seu olhar tão verde e sedutor e me beijando ao lado da janela. Era assim que planejava que eu a esquecesse?

– Era...

Luiza se segurou nos braços dele e soltou o ar lentamente, sua mente a alertava para não seguir com isso e fugir dali. E tudo que queria era receber outro daqueles abraços longos, apertados, repletos de conforto e de uma dose de desejo bem no ponto certo. Decidida a dar o último abraço, Luiza passou os braços em volta do pescoço dele. Devan abraçou-a de volta, seus braços envolvendo seu corpo e apertando-a contra ele.

– Eu a queria tanto que preferia nem olhar pra você. Nunca quis tanto uma mulher, por meses sem receber nada e sem que a paixão cedesse.

Ela sabia de algo que estava cedendo ali, ela. Derretendo também servia.

E ele também precisava parar de falar. Ainda estava abraçado a ela e escutar isso perto de seu ouvido definitivamente ia dar um curto circuito em sua mente. Será que ele já havia parado para escutar a própria voz? Já era difícil o suficiente escutá-lo dizer o quanto a queria, mas ele podia até começar a contar até cem que ainda ia soar sexy.

– Já te disseram que sua voz é... forte? – Luiza perguntou enquanto puxava levemente as pontas do cabelo dele entre seus dedos.

Devan sorriu contra o cabelo dela. Parecia ser um elogio, mas ele sabia o que ela estava fazendo, fugindo do assunto. E fugindo dele, apesar de ainda estar nos seus braços.

– Não sei se usaram a palavra forte.

Ela não queria saber o que as outras mulheres que passaram pela vida dele disseram, mesmo que não pretendesse entrar nessa categoria. Mas agora era tarde, ela ao menos podia ser colocada na seção das ficadas rápidas. E difíceis de esquecer.

Quando ela ficou em silêncio, ele voltou a olhá-la e deu um passo para trás. Luiza se inclinou, capturou o rosto dele, trazendo-o para ela e beijando-o com tanta sofreguidão que ele teve que se aproximar novamente e abraçá-la. Era o último beijo que trocariam, decidiu Luiza. Já que não dava para mudar o que havia feito, ao menos que se despedisse para sua mente conseguir encarar como um capítulo terminado.

Acabou durante um pouco mais que o planejado e eles se esqueceram de onde estavam. Tinham acabado de se separar quando a porta abriu.

– Eu aqui pensando em descobrir em que cama você poderia estar e no fim, estive todo esse tempo em casa – comentou Marcel, entrando com uma pasta.

Devan virou-se lentamente e um sorriso no mínimo maldoso foi se desenhando lentamente em sua face. Luiza pulou da mesa tão rápido que o movimento podia até entrar para a lista de efeitos especiais de Matrix. Em compensação o passo que ela deu para o lado, saindo de trás de Devan foi tão lento que deixaria qualquer câmera lenta com inveja.

– Ah... – Marcel assentiu, sua cara dizia tudo. Ele odiava interromper.

– Você está começando a ficar com uma péssima impressão sobre mim – disse Devan.

– Baseado em experiências reais – ele respondeu, mas se virou para sair. – Vou ao lavabo, com licença – disse Marcel.

Luiza foi rapidamente até o aparador, recuperou o livro e estava muito mais perto da porta.

– Imagino que agora você me diz para não dificultar mais – disse Devan, percebendo que ela já levantara novamente o escudo contra ele.

– Adoro passar o tempo com você, mas... Isso não vai dar certo – ela disse, antes de deixar o gabinete.

Quando Marcel voltou, Devan já estava atrás do notebook, digitando rapidamente. Ele apenas se sentou e antes de abrir a pasta com as petições do dia e atualizações de pedido a fornecedores que a governanta do hotel lhe entregou, apenas disse:

– Você sabe que ela pode te processar por assédio no local de trabalho, não é?

Devan parou de digitar e lhe lançou um olharzinho sacana.

– Ela não vai me processar, Marcel. Talvez pense em me dar um tapa, mas você sabe que ela não vai fazer isso.

– Droga, eu sei – Marcel botou a pasta na mesa. – Tem um pedido urgente lá do hotel. E temos outro problema. O antigo administrador de Riverside me ligou. Ele disse que acha melhor você ir lá.

– Eu? – Devan franziu o cenho enquanto olhava o que Marcel lhe trouxe. – Da última vez ele não pediu pra você ir?

– Sim, mas aquele velho doido queria mesmo era me ver e falar da troca de artefatos que íamos fazer. Dessa vez, ele ligou e disse que encontraram mais um dos cofres.

Devan recostou e olhou bem para Marcel.

– E ninguém morreu?

– Não. Talvez porque dessa vez o cofre estava vazio.

Julho de 1437

Meu amado lorde,

O fim do período de luto está se aproximando, mas meu coração ainda dói como se não houvesse se passado um dia sequer desde que você partiu. Eu estou perdida e fingindo que sou tão forte quanto as paredes desse castelo. Nossos garotos estão sofrendo sem a sua liderança e Helena ainda não voltou a ser a nossa garota rebelde e feliz.

Mas a vida não é só um poço de tristeza onde podemos nos enterrar, você aprendeu isso e agora eu sei. Sempre há uma luz de felicidade ou problemas demais para resolver. E eu tenho ambos.

Temos um novo bebê, Erin e Cold desencantaram e tiveram um garotinho chamado Vance. Uma fofura e adivinhe só, ele tem aqueles olhos lindos do pai.

Quanto aos problemas... Você me deixou um herdeiro de onze anos. Jovem demais para assumir e para ser deixado apenas sob os cuidados de uma condessa viúva e instável. Ao menos assim pensa a sua família maldita. Meu ano de luto nem terminou e eles já querem me rebaixar na vida do nosso filho.

Não me importa o que eles digam, para levar Haydan daqui, eles terão que derrubar esse castelo. Eles terão de vencer uma guerra para levar nosso filho e nós dois sabemos que eles não têm recursos para isso.

Como eu sinto a sua falta...

*Saudosamente,
Elene*

Capítulo 11

Marcel resolveu que preferia ficar em Havenford e administrar na ausência de Devan, como sempre fazia. Enquanto isso, o conde ia viajar até sua segunda maior propriedade. Ele tinha que levar alguém e foi quase com má vontade que Marcel lhe disse:

– Levando em conta o que você vai fazer lá e que, segundo meu amigo, eles têm novos tesouros para lhe mostrar, o ideal seria que você levasse Afonso ou Luiza. Eles supostamente sabem lidar com isso. E sem você por aqui, vou precisar do auxílio de Peggy.

Marcel estava vendo Devan tentar não rir dele enquanto continuava tirando as malas da parte de cima do seu closet.

– Afonso está lidando com isso há mais tempo e é muito profissional, ótimo no trato com artefatos. Não sei se ele gostaria muito de Riverside, mas se concentraria só no trabalho. Em compensação vai enlouquecê-lo na viagem até lá. E não vai parar de falar – seguia Marcel, no seu melhor tom profissional.

– Eu poderia dopá-lo para acordar só quando chegarmos lá – opinou Devan, voltando para o closet.

– Luiza sabe lidar bem com documentos históricos, ela tem ótimas referências dos seus empregos anteriores. Mas está há menos tempo aqui. Acho que Riverside a fascinará, mas a concentração dela no trabalho poderia ser prejudicada. Ela provavelmente vai ignorá-lo por parte da viagem. Em compensação, vocês vão acabar tendo algum tipo de relação carnal e eu vou matá-lo se perder minha assistente por isso.

Dava para escutar as risadas de Devan lá de dentro do closet.

– Por isso, meu conselho racional é que a gente dê suco com calmante para Afonso, assim ele só acordará no final da viagem. Por outro lado, eu gostaria muito que você levasse Luiza para ela adquirir experiência, assim poderá ir no meu lugar no futuro.

– Você sabe que eu já escolhi, muito antes do seu discurso – disse Devan, voltando para o quarto e deixando várias camisas sobre a cama.

– Eu senti um dever profissional de discursar assim mesmo – devolveu Marcel.

Ao menos dessa vez Luiza precisaria apenas de uma mala. Ela estava arrastando-a pela escada enquanto não queria nem pensar no que iria fazer por duas horas de viagem de carro com Devan. Marcel havia lhe dito que ela iria

para Riverside por uns dias para escolher umas obras para trazer para Havenford e ver os novos achados. Ela ficou maravilhada. Nunca pensou que conheceria o outro castelo da família, o mais misterioso também. Era quase uma regra falar pouco daquele lugar.

E ao contrário de Havenford, ele não era totalmente aberto à visitação. Mas recebia casamentos enormes nos seus campos, pois sua área de terra era maior. Luiza tinha pouca informação sobre Riverside, só sabia que antes de serem condes de Havenford, os Warrington tinham apenas o título de barão de Riverside. Tanto que o famoso conde do século XV foi apenas o terceiro conde. Mas o sétimo barão. Ela também lera que Christian foi morar lá depois de casado e por uns anos seus descendentes continuaram, mas acabaram construindo outros lugares e aos poucos foram se mudando.

– Está pronta? – Devan pegou a bagagem de Luiza e colocou na mala do seu utilitário Mercedes.

– Sim – ela respondeu, mas era mentira.

Marcel, Afonso, Peggy e Hoy se reuniram na saída do castelo e lhes desejaram boa viagem. Hoy falou que era bom o conde ir mesmo lá para lhe trazer um relatório da segurança do castelo. Os outros não sabiam, mas o sistema de segurança de Riverside sempre foi atualizado antes de Havenford, desde antes dos tempos da tecnologia. E mesmo de longe, Hoy mantinha suas orelhas em pé para o que acontecia lá. O problema era que, ele não confiava na nova administração do lugar.

Eles partiram, pretendendo chegar lá no horário do almoço, porque Devan disse que nas cercanias havia duas cidades e poderiam passar por lá. Luiza pensou se deveria ler ou só observar a bela paisagem pela qual passariam nas duas horas seguintes. Devan não era um motorista falante, mas ela não sabia disso. Ele podia manter conversas, mas isso o faria diminuir a velocidade e indo pela autoestrada M6, ele estava com o pé no acelerador o tempo todo.

– Quanto tempo nós vamos ficar? – perguntou Luiza, tirando seu copo de café gelado do suporte do carro.

– Acho que uma semana seria bom. Você consegue?

– Claro que sim, que pergunta é essa?

– Nem todo mundo é fã de Riverside. E você vai acabar passando parte do dia comigo.

– Pelo que li, o lugar é lindo. E você vai se comportar.

A palavra comportar devia ter algum tipo de efeito, porque ela sentiu a potência do carro diminuir quando ele tirou o pé do acelerador e desistiu de ultrapassar um pequeno caminho.

– Segundo o antigo administrador, eles encontraram mais um cofre. Mas estava vazio, algo que é inédito na história de Riverside.

– Marcel ficou falando sobre cofres, mas eu não entendi nada – ela

comentou.

– Riverside é conhecido na família como o cofre dos Warrington. Todo mundo que tinha algo valioso e não tinha espaço ou já não queria em sua casa, talvez por não ser seguro, mandava para Riverside. Também era onde deixavam heranças para determinados membros da família. Em algum tempo na história, disseram que era o depósito, cheio de coisas velhas. E eu não duvido. Mas acontece que as velharias deles, hoje são nossos tesouros.

Luiza ficou olhando-o enquanto ele falava, mas Devan mantinha os olhos na estrada, prestando atenção no tráfego. Quando terminou a frase, ele cansou do maldito caminhãozinho lento e o ultrapassou, daquele jeito que o motorista ultrapassado só sente o vento e escuta o som de algo passando muito rápido e logo o carro some de sua vista.

– Foi por isso que Marcel me disse para escolher peças para levar?

– Sim. Riverside é realmente um depósito. Nós trocados quadros, móveis e outros itens de exposição. Havenford não foi construído pra isso, não temos espaço para manter tudo. Então, mandamos para lá e algumas vezes ao ano, trocamos peças.

– Mas então por que ninguém mora lá?

Devan sorriu levemente antes de responder.

– É mal assombrado.

– Você está dizendo isso pra me assustar. Não pense que vou me esconder com você.

Dessa vez ele riu.

– Eu adoraria. Mas, não. Além de ser o cofre da família, é a casa dos espíritos. Dizem que foi por isso que os Warrington se mudaram de lá tão rápido. Havenford foi uma construção muito ágil para os padrões da época e para as dificuldades da colina.

– Então seus antepassados morrem e vão morar lá?

– Como é que eu vou saber? Eu estou lhe contando boatos históricos. Mas as coisas mais estranhas acontecem por lá. Dizem que eles guardam os cofres.

– Tem muitos?

– Ninguém sabe. Pelo que diziam, há histórias de centenas de cofres escondidos na propriedade. Mas só há pouco tempo nós permitimos que voltassem a procurar.

– Por quê?

Ele balançou a cabeça e pegou o seu cappuccino do suporte de copos, bebendo um gole enquanto segurava o volante com a outra mão.

– Você quer a versão curta ou longa? – ele perguntou.

– Você ainda não percebeu que eu sempre prefiro a versão longa?

Devan mordeu a língua e depois bebeu mais um gole para não dizer nada que não devia.

– Meu pai tinha um primo. Mas juro que há séculos não tínhamos primos tão problemáticos quanto esses. Enfim, eu mal me lembro dele. De qualquer forma, ele era o responsável por Riverside. Mas ele era um dos que defendia que a propriedade era negligenciada pelos condes que só se importavam com Havenford.

– É verdade?

– É complicado. Não me pergunte porquê, mas a propriedade sempre foi mantida em perfeito estado, com a segurança até melhor do que Havenford. A estrutura dela é inclusive mais forte, por causa do terreno. Nunca foi abandonada, então eu não sei por que haviam cismado com isso.

– E o que esse primo fez?

– Ele queria alienar a propriedade do título. Assim como Havenford e Mounthill, ela pertence sempre a quem for o conde. E você sabe que nem tudo são flores, por muitos anos uma parte da família quis separar Riverside. Mas é impossível, porque seria como tirar a casa do barão. E um não se separa do outro, como você já deve saber.

Ela assentiu, lembrando-se de toda a informação legal sobre os Warrington que já lera até ali.

– Enfim, esse primo resolveu encontrar o máximo de cofres possíveis. Ele achou alguns pequenos, escondidos na base do castelo e até em locais subterrâneos do jardim. Mas há dois tipos de cofres. Esses menores e os grandes, escondidos dentro do castelo. É um patrimônio histórico, você não pode ficar derrubando paredes e quebrando tudo à procura de tesouros. E parte das terras já havia sido vendida. Hoje em dia não precisamos de toda a extensão de terras que pertencia a Riverside. Mas ele queria vender mais, tinha planos modernos. Fez de tudo pra convencer minha avó e meu pai e eles não concordaram.

– Eu sei que isso não vai ficar bonito... – ela murmurou.

– Ele roubou alguns itens que achou, nos custou um bocado de dinheiro para comprar alguns de volta e outros nunca mais recuperamos. Mas quando descobrimos isso já era tarde. Ele achou uma das entradas secretas do castelo e assim que eles a arrombaram, todo o chão do cômodo cedeu.

– O castelo caiu! – ela exclamou a pergunta, quase de engasgando.

– Um cômodo cedeu, ele tem porões e é construído sobre pedras. O terreno dele é elevado. Foram três mortes. O primo do meu pai, o administrador da época e um dos operários. E mais quatro feridos. Desde então, era proibido procurar as entradas.

– Você conseguiu me assustar! Isso foi um castigo para ele. Diga que está zoando.

– Não, ele está morto. E depois de todo esse tempo eu mesmo paguei para ter de volta um dos mapas que ele vendeu para um colecionador. É aquela nova moldura lá no prédio dos cavaleiros.

Eles pararam para comer e depois de uma hora e quarenta minutos no carro, Luiza nem estava mais pronta para pular do lugar. Trinta minutos depois, eles estavam passando por uma paisagem campestre, ainda muito verde nessa época. Bem antes de ver o castelo de perto, eles chegaram a muros muito altos, com portões duplos de ferro negro que se elevavam acima da altura da muralha. Eles tinham pontas mortais apontando para o céu, mas o desenho do portão era bonito e você até esquecia que ele podia ser uma ferramenta de tortura se alguém tentasse pular.

O guarda se aproximou do carro e Devan mostrou a identificação, o homem sorriu, cumprimentou e o outro lá dentro da vigia acionou o botão que abria os portões. O carro ainda percorreu o caminho de terra até a subida que dava no pátio do castelo. Esse estava com o portão aberto.

Luiza saiu do carro e esticou as pernas enquanto se inclinava, olhando para a estrutura à sua frente. Era completamente diferente de Havenford. Era menor também, mas enganava fácil, pois era mais espalhado, com torres redondas apenas nas pontas. Com exceção das torres, a construção tinha uma forma mais quadrada e tomava toda a frente e os lados do pátio. A pedra das paredes era mais escura, cinzenta e em alguns pontos era misturada com pedrinhas menores. Algumas paredes estavam cobertas por plantas.

Ela não sabia o histórico de construção e reforma daquele castelo, mas sua arquitetura diferia demais da grandiosidade de Havenford que era capaz de intimidar alguém que chegava lá pela primeira vez. Riverside era bonito, combinava com os campos verdes que o envolviam, mas tinha um ar mais campestre, exatamente como se fosse a residência de férias do conde. Aquela sensação de ter ficado preso no tempo era mais forte ali, não só por não ter sofrido tantas intervenções de gerações e gerações de moradores. Mas tudo em volta fazia Luiza sentir como se houvesse voltado no tempo.

Devan também estava parado, passando os olhos por todo o castelo, apoiando as mãos na cintura e se inclinando levemente para conseguir levar o olhar até o topo da torre mais próxima. Ele sorriu levemente, com aquele olhar carinhoso de quem voltava a um lugar do seu passado, onde teve boas memórias, mas que não era visitado há um tempo.

– Até que enfim, eu fiquei com medo de você não vir – disse um homem idoso, que não saía do castelo. Ele viera pelo caminho que dava num dos jardins alguns degraus abaixo.

– Como vai, Rômulo? – Devan se adiantou e cumprimentou o senhor.

– Bem, lutando com a velhice. Cada vez que o vejo parece que cresceu mais.

– Já faz uns anos que parei.

– Sei disso. Eu que estou diminuindo. E quem é essa bela moça?

– Essa é Luiza Campbell, trainee de Havenford – ele se virou para ela. – Luiza, esse é Rômulo, administrador de Riverside.

– Ex-administrador, não é? Já estou velho demais para dar conta disso tudo.

Luiza o cumprimentou e voltou-se para olhar o resto do castelo. Devan abriu a mala do carro e tirou a bagagem dos dois.

– Antes que eles apareçam, quero que saiba que não apoio isso. Não creio que esteja aqui para que eles achem. Se você que é o conde não está tão preocupado, por que mexer em algo assim?

– Está falando dos cofres? – Devan franziu o cenho e tirou uma mala rígida de trabalho de dentro do carro.

– Sim, claro. Eu estava lá quando meu irmão morreu. Só me feriu levemente, mas nunca vou esquecer – disse Rômulo, falando de seu irmão mais velho que foi o administrador que morreu junto com o primo de Devan.

– Tem algo demais? – ele fechou a mala e se virou para o idoso.

– O cofre vazio – o homem disse mais baixo. – Nenhum cofre dessa propriedade foi lacrado enquanto vazio.

– Talvez haja uma exceção... – Devan franziu o cenho, olhando o homem atentamente.

As portas do castelo se abriram e um grupo de quinze pessoas saiu, indo direto para uma van branca que estava parada do outro lado do pátio. Riverside não chegava perto da agitação que havia em Havenford, mas por causa da distância do portão, geralmente as pessoas eram levadas ali por vans. Nos dias de alta visitação, muita gente ia andando e podiam lanchar nos jardins e descansar na grama que circundava o castelo.

Logo depois, dois homens foram na direção deles. O primeiro era mais baixo, devia ter menos de um metro e setenta porque Luiza era um pouco mais alta do que ele. Ele tinha cabelo escuro e cortado baixo, com as pontas cobrindo parte de sua testa. Era esguio e com um rosto fino, com olhos de um azul muito claro. Suas sobrancelhas estavam bem franzidas. Ele estava acompanhando um homem mais alto, robusto, de rosto rosado, nariz gorducho e grandes olhos castanhos.

– Devan – o homem mais baixo deu um sorriso, mas não dava para distinguir se era fingimento ou desagrado. – Eu não o esperava tão cedo. Aliás... Eu pensei que Marcel que viria semana que vem pra suprir a curiosidade dele e olhar o cofre vazio.

– Ora essa, me disseram que seria bom vir aqui e que os artigos dos cofres menores estão precisando que alguém dê uma olhada.

– Nós demos uma olhada...

Devan aparentemente ignorou o que ele disse e se virou.

– Luiza, esse é Austin, ele mora aqui e administra – disse Devan, indicando o homem mais baixo. – E esse é Jules. Ele é responsável pela segurança – ele indicou o homem alto de rosto rosado.

Jules deu um passo à frente e apertou a mão de Luiza com força demais, mas

ele parecia mesmo desajeitado no cumprimento e deu um sorriso nervoso. Quando Austin pegou sua mão e lhe lançou um olhar atento, ela sentiu aquela sensação desagradável de quando alguém que você não gosta toca sua pele e um choque incômodo e rápido partir daquele ponto. Ela odiou o olhar apreciativo que ele lhe lançou e quis sair de perto dele.

– Vejo que já se adiantou para cumprimentar os visitantes – disse Austin para Rômulo, seu sorriso era desagradável.

Foi Rômulo quem ligou para Havenford e disse a Marcel que dessa vez era bom ele mandar Devan ir lá. Austin estava esperando o historiador com seu humor fácil e sua curiosidade latente. Mas teria que aturar o verdadeiro dono do lugar, que só de olhar já o deixava irritado. Ao menos ele trouxera algo bom para a vista, uma mulher bonita, mas que nunca havia ido ali.

– Por sorte sua, mandei abrir um quarto, achando que Marcel viria – disse Austin.

Devan seguia um pouco à frente dele, puxando a mala de Luiza e carregando a sua. Ela seguia atrás, só com a bolsa de mão porque Jules se encarregara do material de trabalho deles.

– Eu tenho um quarto aqui, Austin. Vai me dizer que ele caiu também? – Devan entrou no castelo, parando um momento e olhando em volta. – Tem um quarto ao lado do meu, Luiza pode ficar lá. Afinal, vocês não abrigam nos quartos os convidados dos casamentos? Imagino que estejam todos abertos.

– Sim... – disse Austin que nunca se preocupou em fingir para Devan que gostava de vê-lo.

Mas era mútuo, eles não iam com a cara um do outro. Desde crianças. Com a vida adulta a distância cresceu e agora mantinham a civilidade. Na verdade, Austin era antipático e Devan era implicante. Ele nem notara que perguntar se seu quarto também caíra havia sido uma alfinetada e tanto.

– Eu estou imaginando coisas ou aquele cara não gostou muito de te ver – Luiza disse baixo quando entrou no quarto da ponta do corredor onde ele ia dormir.

– Ele é assim mesmo. Desde sempre – ele não parecia se importar.

– Ele trabalha aqui há muito tempo?

– Pouco mais de um ano, antes morava aqui perto.

– Ah, ele é um local.

– Sim, nos conhecemos há anos. Desde pequenos.

– Que fofo! Se vocês brincaram juntos, por que ele não gosta de você?

– Vai saber – ele deu de ombros e largou sua mala na cama enquanto Luiza olhava cada detalhe do lugar. – Levando em conta que ele é meu primo. Imagino que seja coisa de família.

Ela girou tão rápido no lugar que poderia ter caído.

– Mentira!

– Sabe o primo do meu pai que derrubou um cômodo inteiro do castelo? Era pai dele.

Luiza ficou apenas olhando para ele por um momento, assimilando as implicações.

– Ao menos ele não quer te matar.

– Espero que não mais. Quando éramos pequenos ele jogou uma pedra no traseiro do meu cavalo. Foi a primeira vez que quebrei a perna. Aliás, criamos cavalos aqui.

– Cavalos assassinos como o do conde?

– Não que eu saiba. As guerras com cavalos acabaram faz uns séculos.

– Que pena. Eu acho que gostaria de ver os cavalos de guerra.

– Não gostaria não. Você tem medo até dos gaviões.

Bem que Devan havia dito a Luiza que eles acabariam passando muito tempo juntos. Eles jantaram juntos naquela noite. E ela descobriu que os empregados de Riverside eram mais reservados, mas pareciam interessados em saber sobre a visita do conde. Sempre que vinha, ele mudava umas coisas. E eles tinham umas reivindicações que pelo jeito só podiam ser feitas diretamente a Devan. E não havia correspondência de cargos com Havenford, a maioria dos trabalhadores exercia cargos práticos e gerais, diferente de Peggy, Afonso e os outros.

– Afinal, onde está o tal cofre? – Devan perguntou a Austin que hoje parecia estar um pouco menos mal humorado.

Como previra Marcel, Luiza era menos concentrada do que Afonso. E num castelo novo para explorar, ela estava mais interessada em andar pelos cômodos e olhar cada detalhe do que apressar alguém para lhe mostrar logo o que havia para ela fazer. Ela notou que Riverside também tinha um clima menos iluminado por dentro. As janelas eram menores. E a planta era absolutamente diferente de Havenford, mas era mais prática, nem dava para se perder. Era só seguir os corredores principais. Ele também não tinha aqueles grandes espaços do castelo dos condes, os cômodos eram menores.

Em compensação eram mais numerosos, cheios de entradas e pequenos espaços. Havia aposentos minúsculos espalhados pelos corredores, mostrando salas de chá, de leitura ou de cavalheiros.

Eles foram para o segundo andar do castelo, seguiram por toda a ala principal até um cômodo na ponta da ala noroeste, conhecida como Woodtrack, porque era toda em madeira. Quase não se via a pedra escondida por trás dos painéis e forros de madeira.

Jules pegou uma ferramenta que de longe Luiza achou ser um grande machado e inseriu a ponta numa quina da parede com uma gorda viga quadrada e repleta de detalhes e agora arranhões e lacerações na madeira.

– Droga, Austin – disse Devan, olhando o estrago. – Você não podia ser mais

cuidadoso? Nós vamos ter que restaurar essa parede inteira e a viga. Você checou pra ver se essa viga abala a estrutura?

– Não chegue já sendo insuportável – respondeu Austin. – Achemos o que queríamos.

Jules fez o painel de madeira deslizar, mostrando um depósito que ia até atrás da lareira. As paredes de Riverside eram muito grossas e enganavam perfeitamente, com espaços onde você não podia nem imaginar que havia. Era como Havenford com aquelas passagens secretas, quase como um backstage de teatro. Os turistas nem imaginavam que os funcionários podiam se locomover por ali. A diferença é que Riverside era o baú de ouro dos Warrington. Em todos os locais imagináveis podia haver um tesouro antigo escondido. Desde espadas e arcos quebrados, mas com valor sentimental para pessoas mortas há séculos, até caixas de joias e outras preciosidades que deixariam alguém rico.

– Está vazio – disse Luiza, entrando no cofre com uma lanterna e olhando todo o espaço. Ela passou a mão enluvada pelo que parecia ser uma prateleira e não encontrou nada.

Devan olhou a pequena porta de madeira, escondida ali e viu se ela ainda podia ser travada, mas estava danificada pelos esforços brutos que usaram para abrir. Só então ele entrou e começou a procurar por compartimentos secretos ali dentro. Jules e Austin se afastaram para perto das janelas, já haviam entrado ali.

– Isso não faz o menor sentido – comentava Devan, ajoelhado, procurando por algo nos cantos e no chão.

– Eu também acho – Luiza se abaixou em frente de Devan e disse muito baixo, porque o local provocava um pouco de eco. – Tem algo errado aqui.

Ele apoiou as mãos nas coxas e a olhou. Sim, ele havia notado isso também, mas para não ser redundante, resolveu expor outro fato.

– Sim, tem um bando de coisa errada aqui. Pra começar, estamos sozinhos no escuro e num lugar apertado. Eu só prometi a Marcel que me comportaria na viagem. Pra mim, isso é o tempo que passamos no carro.

Ela lhe deu um empurrão, mas ele já estava ajoelhado, não ia perder o equilíbrio.

– É a viagem inteira! – Luiza ficou de pé.

Depois de meia hora ali dentro e já começando a transpirar e sem seus casacos, Luiza olhou para cima e cruzou os braços.

– O que foi? – ele perguntou, parando ao lado dela.

– Me levanta – ela pediu. – Quero olhar algo ali.

Devan abaixou e a segurou pelas coxas, levantando-a até ela poder tocar algo na parede, bem acima dele. Luiza ficou passando os dedos e iluminou com a lanterna, depois olhou para algo embaixo dela.

– Está vendo algo aí? – ele perguntou, basicamente abraçado as coxas dela para mantê-la naquela altura. Mas não estava reclamando.

– Shii! – ela fez, antes de dar uma batida na cabeça dele.

Ele achava que isso significava que era para descê-la e a deixou deslizar para baixo, virando-a antes de seus pés tocarem o chão. Luiza pisou em cima dos pés dele e se segurou em seus braços.

– Como você dorme quando lembra o que andamos fazendo no gabinete? Eu tenho problema de insônia e outras coisas... – ele disse, olhando-a muito de perto naquela posição.

– Você já não dormia cedo antes – ela respondeu.

– O que você achou lá em cima?

– Tinha uma prateleira ali. E não faz muito tempo, não parece que foi tirada há mais de um século. As marcas na poeira estão frescas. Na prateleira embaixo também. Várias marcas de mãos e algo arrastado. Eu sei que esses babacas devem ter estragado tudo aqui com as mãos suadas e pegajosas, mas aquela prateleira estava ali.

– E o chão também, todo varrido. Esses idiotas limparam tudo para procurar algo no chão.

– Sim, tudo contaminado. Milhões de possibilidades.

Devan apertou-a mais contra ele e a beijou. Luiza não lutou contra, de fato até retribuiu, mostrando mais entusiasmo quando ele continuou o beijo ao invés de soltá-la. Eles estavam presos um ao outro, sem mover seus corpos, só seus lábios, as línguas se entrelaçando enquanto matavam a saudade dos beijos que trocaram no gabinete.

– Por que você piora tudo? Isso é porque anda dormindo mal? – ela se soltou dele e o iluminou com a lanterna.

– Você me excitou ao ter essa ideia brilhante de olhar as marcas na parede e na poeira num lugar que ficaria esquecido.

Eles ouviram os passos do lado de fora e depois a voz impaciente de Austin.

– Vocês vão ficar aí o dia todo? Acharam alguma coisa?

Devan balançou a cabeça negativamente para Luiza, antes dos outros dois aparecerem no espaço da entrada.

Janeiro de 1438,

Meu amado lorde,

Não se preocupe tanto, as crianças estão bem agora. Os garotos não apenas cresceram, mas seu amadurecimento precoce que já vinha me surpreendendo, agora me assusta um pouco. Especialmente de Haydan. Eu quero que ele entenda que pode continuar sendo um garoto, apesar de já saber matar com aquela espada que você lhe deu. Eu já não posso controlá-lo como antes. E ele saiu do castelo atrás de Rey.

Quando voltou, tinha as mãos sujas de sangue pela primeira vez. Eu as lavei e soube ali que não podia fazer mais nada para retardar o inevitável. E depois de me contar o que fez e aceitar ser abraçado, ele disse: Agora eu sou como meu pai. Ele também foi obrigado a ver a morte na minha idade. E eu vou provar que posso assumir o lugar dele e defender nossa casa. Você não precisa mais chorar de noite, mãe. Eu vou mantê-los longe.

Ele não precisa me provar nada, mas... Creio que agora ele não pode mais ser tutelado. E escreveu aos seus familiares avisando isso.

Rey me disse que não pode detê-lo e nem quer, mas pode protegê-lo.

Christian ainda vem ao gabinete sentar perto da janela. Mas ele está com essa ideia fixa de que precisa proteger o irmão e você sabe o que vai acontecer. Logo vão ser as mãos dele que irei lavar.

Sinto tanto sua falta. Você saberia o que fazer.

*Saudosamente,
Elene.*

Capítulo 12

Para irritar Austin ainda mais, Devan tomou conta do escritório principal para fazer seu trabalho. Não era como se ele usasse o cômodo, mas só o fato do primo chegar e fazer isso, já o irritava. Assim como ele dormir no quarto principal e a “traição” dos funcionários que cumpriram a ameaça de conversar com o conde quando ele visitasse novamente a propriedade.

No fim, Devan tinha pouco tempo ali para olhar toda a loucura que parecia estar acontecendo. Já que fazia meses que Austin e Jules andavam ocupados demais na busca pelos cantos de Riverside. Ele iria mandar tudo para Havenford e arrumar ainda mais trabalho para acabar com seu tempo.

Enquanto isso, Luiza conversou com Rômulo que aparecia lá como se estivesse escondido. Ela descobriu que Jules era seu filho e ele lhe mostrou locais onde acharam cofres menores, alguns danificados pelo tempo. Mas outros ainda estavam bem lacrados. Só que aqueles locais grandes dentro do castelo, Rômulo só ficava sabendo porque era intrometido. Mas ele não concordava com os danos. Além disso, tinha medo. Ele acreditava nos espíritos que viviam no castelo. E segundo o idoso, eles derrubaram um cômodo inteiro uma vez, fariam de novo se quisessem. E eles estavam sendo insultados.

– Só o conde pode dar um jeito nisso. Ele não acabou aqui à toa – ele olhou bem para ela. – E acho que nem você.

Depois o senhor sumia facilmente no jardim, porque conhecia o lugar como a palma da sua mão. Se não houvesse tocado nele e soubesse que era pai de Jules, além de Devan dizer que o conhecia desde criança, Luiza ia começar a achar que Rômulo era a única assombração de Riverside. Mas ela percebera que ele não queria ser visto por Austin.

– Eu quero ver. Não me importa se você não tem certeza. Mostre-me o lugar, quero ver o estrago que já fizeram. Não me obrigue a ter que ir de cômodo em cômodo – Devan dizia a Jules enquanto os dois desciam a escadaria.

Luiza entrou correndo e os seguiu.

– Acho melhor esperar Austin, ele que está fazendo os estudos sobre as localizações... – disse Jules, timidamente. Ele corava quando Luiza estava junto.

– Que estudos? – retorquiu, Devan, já impaciente. – Ele está é quebrando meu castelo inteiro. Ele é um administrador, ele não faz estudos sobre estruturas de castelo, artefatos e patrimônios que precisam ser conservados. E você tem que parar de se deixar enganar por ele – Devan disse a Jules, num tom menos agressivo.

Luiza viu Jules lançando um olhar para Devan que não parecia algo novo. Ela não havia parado para incluí-lo na cena porque ninguém o havia citado ainda.

Mas Jules também circulava por ali desde criança, já que seu pai foi administrador por tantos anos. Ela não sabia a idade exata dele, mas parecia ser um pouco mais novo que Devan. Era o caçula da turma na época das visitas de férias.

– Fica na saleta da Rainha – disse Jules, contrariado.

Pelo jeito aquilo tinha algum significado, pois ele não quis nem olhar para Devan que subitamente parecia que ia matar alguém.

– Eu não acredito que vocês estão destruindo a saleta – ele saiu andando, independente do tempo que ficava sem ir ali, sabia exatamente o caminho para todos os cômodos do castelo.

Luiza teve que correr para segui-lo e Jules também se apressou para ir junto, enquanto olhava para os lados. Não dava para saber se esperava um fantasma ou Austin pulcar de algum buraco na parede. Devan abriu as portas duplas de cor branca e dourada. Era uma saleta toda forrada, o papel de parede era de tecido verde turquesa com padrões florais num tom de verde mais escuro. Estava toda mobiliada. Ou melhor, a mobília estava fora do lugar, a mesa de chá deveria estar bem ao centro. E as estantes de livros que deveriam ficar embaixo das janelas haviam sido desacopladas. Mas o verdadeiro estrago era no fundo, o tecido pendia de um dos lados e havia algo que parecia o formato de uma porta por trás.

– Eu vou arrancar a cabeça dele – disse Devan, antes de ir até lá.

No momento ela não duvidava. Jules olhou para o local como se estivesse com dor.

– Você fez isso, Jules. Aquele parvo não conseguiria fazer isso sozinho – disse Devan, passando os dedos pelo estrago. – Não tem como recuperar isso. Vamos ter que mandar fazer cópias.

Austin escolheu o pior momento para entrar correndo e já reclamando. Jules ficou perto de Devan, tentando impedir que ele realmente arrancasse a cabeça do primo. E Austin se recusava a ver que preservar o interior do castelo era tão importante quanto encontrar os cofres. Luiza se aproximou da parede, colocou as luvas e começou a tocá-la e bater enquanto colocava o ouvido. Abaixou-se procurando a alavanca ou os sinais de que havia algo ali.

– Não tem nada aqui – ela disse, voltando a explorar a parede. – Ei, acho que isso é um pega-bobo!

Devan passou a mão pelo cabelo e foi até lá, recusando-se a continuar se irritando tanto com Austin. Toda vez que ia lá, eles se desentendiam. Mas dessa vez ele estava indo além do seu normal. Aquilo era contra o seu trabalho, contra todo o ideal que mantinham com tanta preocupação em Havenford.

– Você devia voltar pros seus livros e me deixar trabalhar – disse Austin. – Já terminou o próximo best-seller? Você tem sido melhor nisso do que em encontrar o passado da nossa família. Aquele que você supostamente nasceu pra tomar

conta. Que outra merda de grande propósito tem em ser o conde, barão e o cacete de tudo isso?

– Que passado? O mesmo que o seu pai quase mandou pelos ares? Estou até hoje limpando a merda que ele fez.

Dessa vez Jules teve que segurar o ombro de Austin, apertando-o e mantendo no lugar com facilidade. E ele lhe deu um olhar de aviso. Luiza franziu o cenho enquanto os observava, momentaneamente em dúvida se Jules era tão dominado assim.

– Eu acho que vocês destruíram a parede à toa – disse Luiza.

– Ótimo, você ainda trouxe uma dessas garotas que só serve pra ser bonita e puxar o seu saco – reclamou Austin.

Ela o fuzilou com o olhar e lhe deu um empurrão.

– Olha aqui, seu babaca, eu também sirvo pra quebrar seu nariz. Vou esfregar sua cara nessa parede arruinada pra ver se abre alguma porta – ela disse e com as luvas e aquele olhar raivoso, parecia alguém pronto para cometer um crime sem deixar digitais.

– Agora até a sua garota não tem nenhum respeito por mim – disse Austin, se afastando dela.

– Cala a boca, você reclama demais – Devan andou até a lareira, sorria, divertindo-se por Austin estar se sentindo ameaçado por Luiza.

Ele se inclinou e enfiou o braço ali, procurando algo pela parede interna e pela ponta da chaminé. Depois procurou do lado de fora, no lado esquerdo que dava para a suposta porta. Devan ficou de joelhos e parecia ter encontrado algo no pé da lareira, ele pediu uma ferramenta porque obviamente estava emperrado. Luiza lhe deu uma chave de fenda, ele foi inserindo a ponta até soltar o que parecia ser só um detalhe de embelezamento da lareira.

– O que é isso? – Austin havia esquecido a animosidade, mas estava quase pulando em cima dele para pegar o pedaço da base da lareira.

Norte. Nada de leste.

Era o que estava entalhado em dois lados da madeira maciça que Devan arrancara da base lateral da lareira. Ele encontrou porque em Havenford, duas passagens se abriam assim, na lareira. E apesar de não parecer, os lugares tinham muitas similaridades. Era só estudá-los direito que era fácil encontrar. E seus antepassados tinham um humor negro.

– Aqui, sua pista – ele jogou no ar e Austin pegou.

Luiza foi rápida e tomou a peça da mão dele, rodando-a enquanto observava.

– Sabe, nem toda beleza do mundo salva garotas irritantes – Austin pegou o pedaço de madeira de volta.

Devan afastou-a do primo e o olhou de forma irritada.

– Chega, Austin. Perdeu a graça – ele avisou. – Quer insultar alguém, contente-se só comigo. E agora que já arruinou toda a parede, eu quero que você abra aquilo ali e veja se atrás tem algo. Já que estamos no canto da ala leste.

Ele levou Luiza para fora porque se alguma coisa ali fosse cair, ele não ia ficar e nem deixá-la para se machucar. Até Devan que não levava a sério a história dos espíritos, não confiava tanto assim naquele castelo. Ele já se provara traçoeiro algumas vezes na história dos Warrington. Não era à toa que em pleno século XXI ele continuava uma incógnita.

– Sabe, eu sei me defender – comentou Luiza, enquanto o acompanhava. – Até posso xingá-lo.

Devan sorriu. Desde que chegara ali só ela conseguia melhorar seu humor.

– Eu sei disso. Mas ele não tem que te insultar.

– E agora, nós vamos procurar no norte do castelo enquanto ele tenta abrir aquela porta?

– Eu tenho que fazer um bando de coisas – em dois dias ali ele já parecia mais cansado que em uma semana de festival em Havenford. – Que tal você ir dar uma olhada. Eu te encontro mais tarde. Se Austin importuná-la, me ligue.

Ela não ia ligar coisa nenhuma. Se aquele babaquilha metido à besta se metesse com ela, ia apanhar. Mas apenas assentiu e eles se separaram na escadaria.

Em sua segunda noite ali, Luiza estranhou a cama, o quarto e devia estar tão impressionada com o que Rômulo lhe disse que via sombras onde não havia nada, só o vento movendo as árvores. Na noite anterior ela estava cansada, deitou e apagou. Mas essa noite demorou. E em determinado momento teve um sonho tão real que foi como se houvesse realmente saído dali.

No sonho, Luiza estava andando pelos corredores do segundo andar de Riverside e sentiu que segurava o vestido enquanto descia a escadaria com leves pulos contentes. Ela sabia que era 1433, sem explicação, apenas essas informações que flutuam nos sonhos. Lá fora o tempo estava fechando, já ficava escuro, ela viu quando passou pelas janelas do salão. Então voltou, foi até a porta e gritou:

– Entrem agora! Eu quero todos limpos antes da ceia. Haydan, vá capturar sua irmã e a leve pra Erin limpá-la.

Ela escutou o som de vozes infantis e os gritinhos de uma menina, mas se virou e continuou o caminho que estava seguindo antes. O lugar que ela percorria era Riverside, mas também era diferente. Eram outras janelas, não havia aquele piso tão bonito e nem as alas e cômodos com pinturas tão diferentes. Mas ela seguiu, pegando o corredor e saindo da ala principal até entrar no último cômodo,

com vista para uma vasta extensão de terras.

– Devan? – ela chamou e foi andando até passar para um cômodo menor onde havia uma lareira e uma banheira de madeira.

Não havia ninguém. Ela cruzou os braços e olhou para cima, como se houvesse algo no teto. Então voltou pelo mesmo caminho e passou novamente pelo salão principal. Havia dois garotos loiros e idênticos rindo, um carregava uma menina ruiva que esperneava e o outro estava segurando um bando de plantas e flores. Os três começaram a falar ao mesmo tempo assim que a viram.

– Olha, mãe. Trouxe para por no seu quarto – disse Christian, entregando a bagunça de flores que ele colheu no campo junto com mudinhas de plantas.

– Você é um amor – ela segurou as plantas, tentando equilibrar tudo com um braço e bateu no vestido para tirar a terra.

– Olha, mãe. Trouxe a fedelha ruiva – disse Haydan, imitando o irmão de propósito e levando um cutucão do seu gêmeo por causa disso. – Devo jogá-la nos seus braços também?

– Me solta, seu feio! – Helena se debateu.

– Você merece é um cascudo – sorriu para ele e depois disse aos três. – Vão se lavar! – ela olhou a filha que estava até corada. – E você, pare de espernear como uma cabrita.

Helena choramingou e Haydan a colocou no chão, ela voltou para mãe e se agarrou às suas pernas. Ela se abaixou e beijou seu rosto carinhosamente enquanto tentava arrumar a bagunça de ondas ruivas que o cabelo da menina se transformara depois de passar o dia correndo atrás dos irmãos. Por pura ironia, o cabelo liso e loiro dos gêmeos estava limpo e pouco desarrumado.

– Vai ficar limpinha, meu amor. Vamos ceiar logo – ela deu um abraço reconfortante na filha.

Christian já estava lá na frente dizendo que estava morto de fome. Haydan concordou e quase saiu correndo atrás do irmão, mas parou e se virou.

– Vem logo, vermelhinha! – ele estendeu a mão.

Essa oferta Helena não conseguia recusar. Ela largou as saias da mãe e foi correndo pegar a mão do irmão que a levaria para onde Erin estava. Luiza se viu subindo novamente a escadaria, seguiu pelo corredor que com a pouca luminosidade, já estava na penumbra. Ela entrou no último cômodo, ali havia mais janelas e ela podia ver perfeitamente. Alguém também já acendera as velas e luminárias da parede. Ela deixou as flores de Christian sobre a mesa perto das janelas e seguiu até o canto do aposento. Onde devia ser a junção que fazia a quina do castelo, havia uma daquelas vigas grossas e bem ao lado havia uma luz leve.

Luiza foi até lá e de pé no espaço estreito estava Jordan, com sua vestimenta azul, a túnica mal fechada sobre a camisa de laço e seu cabelo loiro e abundante cobrindo seus ombros. Ele depositou algo sobre uma prateleira e virou-se quando

ela apareceu.

– Você demorou – ele abriu um sorriso e saiu lá de dentro, abaixando para mexer em alguma coisa e então fechando a porta e encaixando a beira dela atrás da viga.

– Pensei que estivesse lá embaixo – ela respondeu.

– Hoje não – ele se aproximou dela e passou a mão à frente do seu vestido. – Andou rolando na terra sem mim?

– Christian – ela disse como se isso explicasse tudo.

– Está gostando daqui? – ele perguntou

– Adorando! Mas ainda não vi nenhum fantasma.

Ela levantou as mãos e tocou o rosto dele, deixando seus dedos fazerem leves carícias pela bochecha, pelas maçãs do rosto e depois descendo até a mandíbula. Ele a abraçou e a visão no sonho rodou e ao invés de estar encarando os olhos azuis do conde ela viu a mulher que o tocava. E ela era ruiva, bonita e seus olhos verdes estavam lançando um olhar divertido. Aquela era Elene.

Luiza acordou num pulo, com certeza arquejando alto. Ela se moveu na cama, enredando-se com as cobertas enquanto tentava sair até que efetivamente caiu no chão. Mas ficou de pé e saiu correndo do seu quarto, indo direto para o final do corredor onde bateu com força. Não teve resposta, então girou a maçaneta e estava aberta. Ela entrou como um furacão, foi até a cama e se ajoelhou ali.

– Devan – ela chamou baixo e balançou levemente seu ombro. – Devan...

Ele franziu o cenho antes de começar a sair do torpor do sono. E ela ficou observando seu rosto na penumbra do quarto. No sonho, quando tocara aquele outro conde, havia sentido tanto amor, era um sentimento tão forte e arrebatador que parecia duplicado. Quando Devan conseguiu parar de piscar e focalizá-la, ela sabia que acabara de ver aqueles mesmos olhos.

– Você está mesmo na minha cama ou eu acordei dentro de um sonho? Odeio sonhos passados na realidade atual – ele disse baixo, com a voz ainda falha e rouca de quem esteve adormecido por horas.

– Eu sei onde está o cofre da pista na lareira – ela disse, simplesmente.

Ele se sentou na cama e agora que a agitação passara e seu coração estava começando a desacelerar, Luiza pensou que talvez desse ter jogado água nele ou algo assim. Agora ele estava sentado na cama, sem camisa e ela rezava para ele ser do tipo que dormia com algo tampando as partes íntimas. Ela desviou o olhar, já era normalmente afetada por ele. Mas estava piorando a cada dia e ter sua imagem atraente para observar não ajudava.

– Como assim? Você teve uma epifania no meio da madrugada? – ele olhava para ela, estranhando a informação repentina.

– Não e eu acabei de deitar.

Devan se inclinou e pegou seu celular no criado-mudo, apertando para o

visor acender.

– São quatro e dezesseis. Você só deitou agora?

– Não, eu deitei era quase meia-noite – ela franziu o cenho.

– Bem... – ele empurrou as cobertas e graças aos céus estava com uma calça larga de pijama. – Onde é?

– Aqui.

– Na minha cama?

O olhar que ele lhe lançou fez com que Luiza ficasse muito ciente de que ambos estavam sobre a cama dele, mesmo que ela estivesse ajoelhada perto da beira. Ela pulou de pé e procurou o interruptor.

– Na viga – ela apontou.

Devan ficou de pé e naquela luminosidade toda, ela ia ter que fingir que ele não existia do pescoço para baixo. Era uma droga estar tão atraída por alguém para quem não se deve olhar.

– Se você está me dizendo para arrancar a viga sozinho e no meio da madrugada, eu fico lisonjeado, mas não vim de Krypton – ele ficou olhando o lugar onde ela falara.

– Não sei se vamos conseguir abrir. Mas acho que precisa soltar esse acúmulo de tinta da junção e empurrar.

Agora ele se virou e ficou olhando bem pra ela.

– Como é que você sabe disso?

– Eu sonhei.

– Está me sacaneando?

– Não, está aí. Acredite em mim. Norte, como disse a pista. E esse é o último cômodo antes da virada para a ala oeste. O dono da casa é um conde, mas ontem eu vi na planta que o nome desse cômodo é morada do barão. Faz sentido estar aqui.

– Tudo bem, eu também duvido que você se arriscaria a entrar no meu quarto, no meio da madrugada e com essa camisola fina se não tivesse um propósito – ele a olhou bem, só para deixar claro o que estava achando.

Luiza cruzou os braços e olhou disfarçadamente para baixo, para ver se estava transparente, mas ele só estava implicando. Enquanto isso Devan enfiou uma camiseta pela cabeça, pegou seu canivete suíço na mala e foi até a viga olhar a junção que ela apontara. Ele enfiou a ponta do canivete, descobrindo que a tinta ali era fácil de tirar porque atrás havia ar. Provavelmente um espaço entre a viga e a parede.

Devan passou os dez minutos seguintes tirando a tinta e o chão a seus pés já estava repleto de cascas. Ele precisou pegar uma cadeira e subir, para tirar a tinta mais acima, mas descobriu que a partir de determinado ponto, ela não saía mais com facilidade. Ele desceu e foi retirar a parte mais difícil, rente ao chão.

– Acho que está bom – ele disse, olhando o que fizera. Fora cuidadoso o

suficiente para só mexer no espaço onde ela falara. – E agora?

Luiza se aproximou e ficou olhando, começou a tatear em volta e passar as unhas, procurando uma entrada fina.

– Acho que você vai ter que raspar em volta também. Senão não vai desencaxar. Tem outro canivete aí? Posso ajudar.

– Toma – ele lhe deu o canivete e arranjou algo maior, que não parecia faca de comer.

– Por que você tem tantos objetos cortantes?

– Todo mundo devia ter um canivete suíço, pode te salvar nas mais diversas situações. Sou prova disso. Mas isso aqui – ele girou a faca na mão de um jeito digno de um trombadinha experiente ou de alguém que saberia usar aquilo como arma caso precisasse. – É uma adaga. Eu ganhei aos quinze, é coisa de família.

Ela se virou de novo para a parede.

– Eu imagino quantas boas famílias tradicionais por aí dão adagas para garotos de quinze anos – Luiza encontrou um ponto e escolheu a lâmina mais pontuda e afiada do canivete para abrir caminho.

– Você já devia ter percebido que os Warrington tem um apreço por armas cortantes – ele subiu novamente na cadeira e procurou acima deles um lugar para delinear a entrada.

Eles levaram mais de meia hora abrindo espaço na parede, encontrando os locais a serem delineados. Quando terminaram o quarto já estava iluminado pela luz do dia. Eles ficaram ali olhando a parede com a marca do formato de uma porta estreita.

– Eu acho que preciso de café – ele disse, ainda olhando a parede.

– Você não trouxe a cafeteira. Eu vou tomar banho, que tal se lidarmos com isso depois do café?

– Tudo bem pra mim.

Eles tomaram café lá na cozinha, era muito cedo e não havia nem sinal dos outros. Então voltaram para o quarto de Devan levando seu material e fecharam a porta.

Um pouco depois, Austin surpreendeu Jules sentado do lado de fora, observando a paisagem, bebendo seu café e comendo um sanduíche.

– Cadê aqueles dois? – perguntou, assustando o outro.

Jules pulou no lugar e quase derrubou sua caneca.

– Trancados lá em cima – ele respondeu.

– No escritório? – Austin levantou a sobrancelha, descrente.

– Acho que não.

– Eu sabia que o putinho do meu primo estava pegando aquela garota.

– Ele não era casado? – perguntou Jules, totalmente desinformado sobre a vida pessoal de Devan.

– Era, seu babaca. Era! Esse condezinho idiota deve trocar de vadia mais

rápido do que a gente troca de cueca.

– Ser conde deve dar o maior barato nas garotas, né? – Jules deu um sorrisinho, imaginando uma vida cheia de glamour e mulheres aos seus pés.

– Não, ser rico é que funciona. Vem logo, temos que encontrar o outro local antes deles. Se não acharem nada, vão embora logo.

– Mas grana você também não tem? – perguntou Jules, lembrando que da turma das férias, ele quem era o mais humilde e não Austin. Mas apesar do dinheiro, Austin era o mais ganancioso. E não tinha a aparência necessária para ser um arrasador de corações.

– Não tanto quanto preciso – resmungou Austin, irritado com a observação.

Devan ainda estava bebendo seu café e odiando porque preferia um cappuccino e pensava que só porque não tinha tempo para escrever nada, estava com mil e uma ideias. E Luiza estava piorando o mar de criatividade que o dominara. Ela ficava andando para lá e para cá, falando coisas sem muito sentido. E não queria lhe contar o sonho todo.

E para piorar, agora estava aparecendo em sua cama. Sinceramente, era o tipo de coisa que só podia mesmo acontecer em Riverside. Lá em Havenford ela provavelmente arrancaria o braço, mas não entraria em seu quarto.

– Tudo bem – ele largou a caneca na mesa. – Eu vou procurar na viga, deve ser igual as alavancas escondidas lá de Havenford – Devan se abaixou no canto da parede.

Levou uns minutos para ele encontrar, pegar o canivete, retirar a tinta e encontrar uma tampa.

– Luiza, vai esperar lá fora enquanto puxo isso, por favor. De preferência no final do corredor – ele disse, ainda de joelhos perto da viga.

– O quê? Pra quê?! Não vou mesmo – ela se aproximou mais para ver o que ele encontrara.

– Vai sim. Se acontecer alguma coisa, eu prefiro que você não esteja aqui.

– Algo como o chão ceder? E daí você morre e eu fico viva e traumatizada, me culpando eternamente e sonhando com você toda noite. Depois acabo depressiva e com aquelas paixões eternas de quem perdeu alguém sem nunca ter podido descobrir se sentiria o mesmo caso houvesse tido a chance. Isso não é vida. Não saio.

Soltando o ar, Devan se levantou, surpreendeu-a ao invadir seu espaço pessoal e segurá-la pelos ombros, logo depois passando um braço por trás de suas costas e lhe dando um beijo surpresa.

– Você prestou atenção no que acabou de me dizer? – ele perguntou.

– Não vai cair – ela afirmou. – Eu sei.

Ele a inclinou um pouco em seus braços e tornou a beijá-la, dessa vez ela fechou os olhos, aceitando a carícia. Ainda se sentia abalada pelo sonho, nunca

havia sido assim. Era diferente, foi como partilhar aquele sentimento, verdadeiramente. Parecia mais uma lembrança do que um sonho. E ela ainda estava perturbada por isso, mas escondeu-se por trás do firme propósito de abrir o cofre. Assustava-a que Devan a beijasse agora e a fizesse sentir daquele jeito outra vez.

Quando a beijou de novo, ele tinha outro propósito em mente. Mas não era imune a paixão que se desencadeava quando a tocava. Devan estava tão insatisfeito, precisava de muito mais. Também havia se escondido por trás do grande motivo para estarem em Riverside e passar todo esse tempo com ela sem fazer nada. Nem um abraço, nem um beijo. Era tão difícil. Só olhar para ela já o fazia contar até dez para não agarrá-la e fugir com ela para um daqueles cômodos minúsculos espalhados pelos corredores.

Luiza passou os braços sobre os ombros dele e Devan aproveitou para pegá-la no colo. Ele ainda estava beijando-a, começando a ficar ofegante e distraído pelo doce gosto de uva da boca dela. Provavelmente por causa das frutas que ela comeu quando desceram. Mas ele atravessou a porta e colocou-a no chão. Foi difícil separar os lábios quando tudo que ele queria era passar o dia a beijando. Mas Devan voltou rapidamente para o quarto e trancou a porta.

Quando escutou o som da porta, era tarde demais para reagir. Luiza correu até lá e esmurrou a madeira.

– Devan! Isso foi um golpe muito baixo! – ela dizia do lado de fora, acompanhando tudo com batidas.

Ele não respondeu, foi andando até a viga, desenceixou a tampa e precisou fazer muita força para empurrar a alavanca que soltava o trinco. Um minuto se passou enquanto Devan ficava ali de pé, esperando algo cair em sua cabeça ou tudo começar a desmoronar. Mas o único som eram as batidas de Luiza que agora estava nervosa por ele não responder.

– O lado que abre é o mais perto da viga? – ele perguntou alto o suficiente para ela escutar.

– Sim. Abre logo essa porta. Eu não vou perdôá-lo por isso.

– Se afaste da porta, Luiza.

Devan se inclinou contra a abertura, apoiando seu ombro ali e ficando bem os pés no chão para ter impulso e colocou uma das mãos na viga e a outra na porta. Então empurrou só aquele lado. Ele precisou manter a força até ouvir um som de algo raspando, começando a desenceixar. Apoiando as duas mãos na porta, ele fez mais força para conseguir soltar a madeira. A entrada se deslocou e Devan entendeu o mecanismo. Ele já tinha visto várias vezes no castelo onde morava.

– Devan! Por que você não me responde! O que aconteceu aí dentro?

A porta abriu de repente e Luiza caiu contra o corpo dele, mas se desvencilhou rapidamente e o empurrou. Depois lhe deu outro empurrão no peito

que mais fez barulho do que o tirou do lugar.

– Nunca mais faça isso! – ela o empurrou de novo, ainda não descontara toda a sua revolta.

– Você estava gostando do beijo – ele sorriu levemente, divertindo-se com o ultraje dela. – Mas eu não podia arriscar seu peçoço. Esse castelo tem um longo histórico de acidentes fatais.

Depois que ela passou, ele tornou a trancar a porta.

– Aí está o seu tesouro. Belo sonho – ele disse.

Ela foi até a entrada e ficou olhando para o local escuro, com cheiro típico de um cubículo que passou muito tempo fechado. Como eles iriam saber qual foi o último Warrington que o abriu? O mais recente podia ter sido até o bisavô dele. Quem quer que fosse, recolocou todas as pistas no lugar e tornou a lacrar tudo.

– Nós vamos ser presos por isso? – ela perguntou. – Eu me sinto como se houvésemos descoberto um daqueles tesouros enterrados no deserto.

– Não, nós não vamos se presos por pegar algo que me pertence – ele deu uma lanterna e um par de luvas a ela.

Devan entrou primeiro, iluminando o chão, o teto e olhando bem as paredes como se esperasse que algo ruim acontecesse a qualquer momento. Luiza ficou ali parada, tendo um déjà vu da visão em seu sonho.

– Nós precisamos de um ponto de luz – ele disse lá de dentro.

Ela continuava ali parada, só olhando.

– Luiza? – Devan voltou e parou a sua frente. – Tudo bem?

– Sim – ela assentiu e se forçou a se concentrar. – Tem aquela lanterna redonda.

Ela foi buscar o ponto de luz movido à bateria que era um círculo robusto e brilhante em volta de um pino grosso e com uma alça em cima. Quando Devan descansou aquela lanterna no meio do cubículo, os dois ficaram ali parados, olhando as prateleiras.

– Meu Deus... – ele murmurou.

– Acho melhor ligar pro Marcel – ela comentou, iluminando uma caixa que havia a sua frente.

– Não, ele vai enfartar e vamos ter que voltar.

– Vamos precisar de ajuda – ela avançou e olhou melhor a caixa de madeira. Achava que no seu sonho, o conde estivera de pé exatamente ali.

– Ah, vamos. Muita. Vou ligar pra equipe técnica que cuida dos artefatos de Havenford.

Devan saiu para pegar seu celular. Luiza se aproximou da caixa e viu que o trinco dela estava sem nada a prendendo. Ela o levantou e empurrou com cuidado, dentro havia um rolo e três pilhas de papéis antigos. Similares ao material usado nas cartas do conde que estavam preservadas lá em Havenford. Ela pegou a lanterna e iluminou dentro da caixa, tinha que ficar na ponta dos pés

para conseguir ver algo.

– Quer começar por essa caixa? – Devan perguntou.

Luiza se assustou e soltou um gritinho. Eles estavam exatamente na mesma posição que o conde e Elene estiveram em seu sonho. Só que dessa vez ela quem estava dentro do cofre escondido. Devan entrou e examinou a caixa, então voltou para o quarto e pegou a bandeja onde havia café, retirou tudo de cima e levou para o cofre.

– Empurre devagar – ele disse a ela.

A caixa deslizou lentamente para a bandeja, assim ficaria segura e não corria o risco do fundo cair. Ele a levou para a mesa perto da janela e a depositou ali. Ambos ficaram um tempo olhando o conteúdo, sem tocar em nada. Devan testou a resistência do que havia ali dentro, mas estava mais bem conservado do que muitas das cartas guardadas no castelo.

– Isso é do conde – ele disse, examinando a letra antes de checar a assinatura.

– Para o administrador.

Sir Eldrich,

Espero que esta carta o encontre em boa saúde. Agradeço-lhe por me manter informado da reforma depois das últimas chuvas. Creio que já está em tempo de lhe fazer uma nova visita.

Tenho algumas coisas para guardar e minha esposa e meus filhos estão curiosos sobre Riverside. Imagino que há um tempo não aconteça nenhum acidente aí. Depois do último infortúnio, meus parentes devem ter desistido de aproveitar a minha hospitalidade sem me informar previamente.

Se tudo correr bem, chegaremos ainda na primavera, antes da época de chuvas.

Dê lembranças à sua família. Espero conhecer seus filhos em breve.

*Cordialmente,
Havenford.*

Havia muitas outras cartas trocadas entre sir Eldrich e o terceiro conde. Algumas tinham um conteúdo difícil de entender, pois falavam de encomendas, trocas e obras que só os dois conheciam. E faziam questão de não citar detalhes. Só nas ocasiões que o conde mandava instruções. Em uma delas, Jordan claramente dizia a Eldrich para criar um novo “armário” em suas dependências. E uma “janela” na sala dos teares, atualmente conhecida como saleta da rainha.

– Isso aqui vai criar um burburinho – ele comentou.

Devan havia desenrolado o rolo e estava olhando para um mapa de construção de Havenford, mais velho que o outro que estava exposto no castelo. Luiza continuava olhando as cartas; havia uma escrita pela mãe do conde. E ela sabia que lá dentro acharia coisas ainda mais antigas.

Eles voltaram lá e abriram mais caixas, ambos ficaram sem saber o que fazer quando as caixas menores se revelaram esconderijos de joias, moedas de ouro e pedras preciosas que ainda seriam trabalhadas.

– O que você faz com isso? – ela perguntou, fechando uma das caixas.

– Faço seguros e guardo em cofres.

– Em Havenford?

– Bancos especializados em cofres que nunca devem ser abertos sem minha autorização. E as joias, você sabe que mando fazer réplicas para expor no museu.

– Você sabe por que eles acumulavam isso? – Luiza perguntou e iluminou dentro de outra caixa repleta de itens de ouro.

– Pro futuro. É só ler as cartas dentro das caixas. São iguais as encontradas em Havenford.

Seguindo a orientação dele, Luiza caçou uma carta dentro da caixa mais perto da porta. Eles já haviam descoberto que estavam arrumadas de acordo com a época do barão e depois dos condes. O terceiro conde andou enviando suas encomendas para a parede da direita, mais perto da porta. Exatamente onde Luiza o viu no sonho. E deve ter arrumado ali coisas de seus antepassados, porque aquele cofre foi construído a pedido dele. Ela não queria nem imaginar o que mais poderia haver escondido naquele lugar se todos os condes depois dele continuaram usando Riverside como o cofre de segurança da família.

Ela ao menos imaginava que os condes dos tempos modernos passaram a usar bancos. Mas antes disso acontecer, foram séculos e séculos de segredos, memórias e tesouros. Era mesmo de se esperar que os supostos espíritos estivessem dando uma olhada nos seus pertences. Não que ela acreditasse nisso, mas...

Para meus filhos, Haydan, Christian e Helena.

Se chegarem ao ponto de precisar se refugiar na antiga casa de nossa família, estarão sem dinheiro e em apuros. Usem bem esses recursos, reconstruam sua casa, paguem seus homens e mantenham-se em segurança. Se o primeiro lugar onde vive nossa memória já não lhes pertence, esse é o último lugar onde estarão seguros. É onde os Warrington vivem para sempre.

Cuidem-se, protejam uns aos outros e sejam felizes. Eu estarei sempre olhando por vocês.

*Saudosamente,
J. D. Warrington*

Devan abriu outra e iluminou a carta, eles não tocavam nada que duvidassem da conservação, mas tendo lidado com o material em Havenford por anos, ele estava muito satisfeito com a conservação de coisas que ficaram tão bem

escondidas e lacradas.

– Sua família é bem precavida, não? – ela comentou, dando outra olhada nas caixas.

– Nunca se sabe o que pode acontecer amanhã – ele declarou.

– E quando encontra você só guarda de novo?

– Não estou em dificuldade, não é minha hora de usar – ele iluminou para ela uma carta que encontrou numa caixa pequena bem a frente dele. – Meu achado do dia. Parece que vamos ter que editar aquele livro que Marcel me fez romantizar.

Minha amada condessa,

Se precisar abrir esta caixa, creio que já não estarei aqui para protegê-la. Mas eu estarei ao seu lado, seja onde e quando for. Essa caixa e tudo mais que encontrar aqui é seu. Use da melhor maneira que puder e fique em segurança com nossos filhos. Espero que nunca precise encontrar este bilhete.

Mas se encontrá-lo e for um momento difícil, seja forte, meu amor:

Eu lamento não estar aí para abraçá-la. Você sabe onde se esconder.

*Saudosamente,
J. D. Warrington*

– Eram tempos difíceis – Devan disse baixo, vendo que ela só encarava a carta.

– Mas... eu li tudo. Ela não precisou fugir com os filhos, não é? – ela perguntou, preocupada.

– Não, Havenford nunca caiu. Sempre protegeu a família do terceiro conde e muitas depois – ele guardou novamente a carta, fechando a caixa de madeira com cuidado. – Mas viver sempre se protegendo e com a incerteza de que a mulher que você ama e os seus filhos vão continuar seguros depois de sua morte, faz você pensar. E você até sabe o nome das pessoas que os querem mortos, além dos desconhecidos que sua imaginação só pode conceber. Era difícil. Por muitos anos ser um Warrington nunca foi seguro.

Luiza ficou apenas olhando-o enquanto ele recolocava a caixa no lugar com muito cuidado e também a encarava por um momento, como se quisesse ter certeza que ela ficaria ali na prateleira. Ele falara com tanta certeza, como se soubesse como era sentir isso.

– O bom é que além de eles terem ficado seguros, o desejo dele se realizou. A condessa não encontrou esse bilhete – disse Luiza, também olhando a caixa.

Devan virou o rosto para ela e balançou a cabeça como se pensasse.

– Não mesmo? Você sabe que ela veio aqui depois que o conde faleceu, não é? – ele saiu do cubículo e voltou para a mesa, onde deixara a planta de

Havenford.

Ela saiu atrás dele e voltou a olhar a outra caixa maior que continuava sobre a mesa.

– Você acha que ela abriu esse cofre?

– Talvez você devesse me dizer. Afinal, o sonho foi seu.

Ela quase disse “mas ele ainda estava vivo no sonho”, só que prensou os lábios e guardou o pensamento para si mesma.

Os dois ficaram horas ali, falando sobre o que encontraram. Não chegaram a abrir tudo, ainda mais o que eles desconfiavam que era mais antigo. Mas tinham muito material para lidar. Devan queria fazer mais perguntas a Luiza. Afinal, ela entrou no seu quarto no meio da noite e lhe disse onde encontrar e como abrir o cofre. Mas todas as vezes que ele pressionava, ela se retraía e dizia que não sabia explicar. Ela dizia que sonhou e foi sorte ser verdade.

Capítulo 13

Mais tarde, ainda naquele dia, Austin estava esperando os dois finalmente aparecerem. Ele estava de péssimo humor. Devan o irritava em absolutamente tudo. E agora mais essa! Chegava ali, fazia o que queria, levava quem ele queria.

– Você bateu na porta? – ele perguntou a Jules.

– Sim, ele disse que viria logo – Jules não parecia nem um pouco preocupado com isso.

– Ele pelo menos teve a decência de responder.

– Sim. Ele respondeu assim que bati.

– E a garota está lá, não é?

– Onde mais estaria? – Jules deu de ombros.

Austin andou para lá e para cá. Aquele pega-bobo que eles descobriram na sala da rainha destruiu completamente o seu humor. Ainda mais por Devan e a maldita trainee que ele trouxe terem descoberto.

– Ele vem pra cá, altera a droga da nossa rotina. Faz tudo que quer e ainda...

Como se houvesse sido conjurado, Devan entrou na saleta da rainha, acompanhado de Luiza que ainda estava com as luvas.

– Ah! – Austin abriu os braços. – A margarida saiu da cama!

– O que você quer, Austin? Estou ocupado – disse Devan, se aproximando ao ver que eles haviam aberto o pega-bobo.

– Ocupado? Eu gastei meu dia aqui abrindo essa porcaria de acordo com suas regras idiotas de não estragar nada. E você quem estava ocupado?

Luiza ignorou os dois e foi olhar o local. Era uma pista falsa, mas não era inútil. Por trás havia um armário muito raso, mas com caixinhas pequenas perfiladas lado a lado. Ela ficou observando e estudou uma delas, vendo como estava sua conservação, acabou abrindo e encontrou algumas moedas antigas.

– Devan, isso não parece ser tão velho assim – ela pegou uma das moedas e observou. – Essa aqui é do século dezenove, dá pra ver a data na moeda.

– Bando de velharia – resmungou Austin. – Empurrando as caixas que ele colocara sobre a mesa.

Eles foram até lá olhar o que havia sido encontrado, eram mais duas caixinhas pequenas, com outras três moedas dentro. Depois de abaixar e estudá-las, Devan viu que uma estava virada e a segunda com o fecho lateral quebrado.

– Austin, eu quero que você pare de mexer nas coisas que encontra. Você está destruindo tudo. Não só o castelo como os artefatos. Por que tenho que viver lhe pedindo para não estragar nada?

Jules fez novamente aquela cara de quem sentia dor. Austin ficou vermelho como um camarão fervido.

– Você só dá as caras aqui de dois em dois meses! Por que está ocupado demais escrevendo essas idiotices e cuidando do seu outro castelo enorme. E agora me acusa de destruir tudo? – Austin andou até perto da janela e a empurrou, fazendo-a bater com força. – E quando vem pra cá ainda traz uma mulher – ele voltou e apontou para Luiza. – E passa o dia todo no quarto com ela. Você podia comer suas vagabundas em qualquer outro lugar, não precisava vir aqui esconder essa!

O momento seguinte foi muito estranho. Jules ficou com os olhos arregalados e sua boca acabou se abrindo também. Luiza só teve tempo de piscar, nem conseguiu por para fora os insultos que ia devolver. No segundo seguinte, Austin saiu do chão. Antes que ele efetivamente caísse, seu corpo foi projetado para trás quando Devan lhe deu um soco tão rápido e pelo jeito com tanta força que o homem foi direto para o chão. E apagou.

– Meu Deus, será que você o matou? – Luiza perguntou, mas ela estava com um sorriso. Estava achando muito divertido o jeito como Austin se esborrachou no chão e ficou lá todo mole como um mamão maduro.

Jules correu e se ajoelhou ao lado do homem.

– Por que será que vocês não se suportam? O último verão que brigaram foi um inferno. O pai dele disse que você tinha tentado matá-lo – Jules dava leves tapas no lado bom do rosto de Austin.

– Eu só reajo – disse Devan, nem um pouco arrependido. – Naquele verão ele quase me matou quando jogou a pedra no meu cavalo. Cair da ponte foi consequência do ato dele. Além disso, quem o jogou lá de cima foi minha irmã. Eu assumi a culpa na época, mas eu estava lento e com a perna engessada.

– Eu sempre soube que foi ela – respondeu Jules. – Os outros que não acreditaram.

– E ele sabia nadar – Devan foi até lá, agarrou Austin pela gola e o sentou. – Pare de drama. Nunca levou um soco na vida?

Luiza se inclinou, apoiando as mãos nas coxas.

– Acho que nem todos são como você que tem apreço por viver perigosamente – ela sorriu.

– Eu sou um escritor, que perigo há nisso?

– Há escaladas e trilhas em locais quase inabitados, surf em praias escondidas, tiro ao alvo, lutas de espada, tiros com arcos, passeios com ladrões nas passagens secretas do castelo...

Devan largou Austin e parou ao lado de Luiza, olhando-a com interesse.

– Não sabia que você se interessava pelo meu tempo livre. Eu não faço muito disso habitualmente, só às vezes.

– Afonso e Peggy – ela disse e isso já explicava tudo. – Sabem tudo sobre você.

Jules deu o braço para Austin que o agarrou e ficou de pé.

– Você é um filho de uma... – Austin estava com o punho pronto para devolver o soco.

Antes que Jules pudesse impedi-los de entrar numa briga, Devan esticou o braço e agarrou Austin pela gola, trazendo para bem perto do rosto dele.

– Pare de insultar os outros, Austin. É por isso que você sempre acaba com o olho roxo – Devan lhe disse baixo e o afastou dele.

– Você é um babaca – disse Luiza passando entre eles e empurrando Austin, ainda estava irritada com o insulto. – Mesmo se eu estivesse lá em cima com ele, você não tem nada com isso, seu idiota pretensioso. Garanto que você tem algum trauma pra ser tão mal amado. Ele roubava suas namoradinhas, não é?

Austin a fuzilou com o olhar. Na visão dele, Luiza era parte do pacote irritante de Devan, seu primo pretensioso e metido a intelectual. Mas no fim tinha tudo, conseguia o que queria, era inteligente e as mulheres que o seguiam eram todas assim, areia demais para o caminhãozinho de Austin. Mas ele queria que tudo isso se danasse. Só estava interessado no dinheiro.

– Ele não tem namoradas. É insuportável demais pra isso – disse Jules, se metendo.

– Cala a boca! – Austin lhe deu um empurrão e saiu para buscar gelo para o seu rosto.

Luiza e Devan descobriram que as caixinhas guardavam uma coleção de moedas antigas escondidas no armário. Podia não ser um tesouro com séculos de idade, mas quem fez aquela coleção gastou tempo e dinheiro. Havia moedas de vários países, algumas tão antigas que quando o colecionador as guardou, já não eram mais fabricadas. Houve muito esforço colocado na coleção.

Austin as ignorou e quebrou algumas caixinhas. Mas pelas marcas na poeira do armário e a quantidade de caixas, ela notou que estava faltando algumas que só podiam ter sido tiradas agora, pois a marca era muito nova.

Luiza estava com medo de dormir, era como se soubesse o que aconteceria. Ao mesmo tempo, estava ansiosa com a possibilidade de um novo sonho e com medo de se desapontar. Afinal, ninguém pode controlá-los, não é? Ela rolou na cama por muito tempo, agitada demais para dormir até que seu corpo foi cedendo ao cansaço e ela nem sentiu quando apagou.

Quando achou que havia acordado, Luiza se viu na torre oeste de Riverside, o local com a melhor vista para a estrada que levava das muralhas lá embaixo até o castelo. Ela havia acabado de fechar uma caixa e a levava para mais uma das aberturas secretas na parede. Só que essa não era tão grande quanto aquela do quarto do conde. Dava para ela entrar e dar um pequeno passo para o lado. Mas ela parou de frente para a parede direita e depositou ali sua pequena caixa.

– Por que você insiste em ficar aqui sozinha? – perguntou uma voz masculina.

Pelo som ela também sabia que não era o conde, a voz ainda era jovial demais. Sua visão no sonho mudou e ela tomou o ponto de vista da outra pessoa que observava tudo enquanto se aproximava de onde Elene, a condessa de Havenford, estava. Quem quer que fosse, sentia um profundo carinho por ela, porque Luiza podia sentir. Era um amor bem diferente do que ela sentiu no sonho anterior quando viu o conde.

Ela pôde ter um vislumbre do cômodo e parecia um escritório porque não era muito grande já que estavam na torre, mas havia cadeiras e uma boa escrivaninha com papel, tinteiro e penas sobre ela.

Pelos olhos de quem se aproximava, Luiza pode observar a mulher de cabelo ruivo, parada dentro do que parecia um pequeno closet. Quando parou bem na porta, a condessa a olhou e naquele momento ela soube que tudo havia mudado. Elene estava mais velha, ela sabia disso não pelas sutis pistas que seu rosto dava. Mas os seus olhos a denunciavam. Seu olhar mudara, pertenciam a alguém mais velho e experiente e que no momento estava triste.

Luiza observou enquanto Elene voltava a olhar para frente e levantava as mãos e tocava delicadamente na caixa de madeira que havia acabado de depositar ali. O vestido que ela usava tinha mangas compridas, mas Luiza notou que suas mãos eram delicadas e claras e ela só usava uma joia, o anel dos Warrington. Ela não era mais aquela jovem mãe, corada pelo ardor da juventude e feliz ao lado do conde, já vivera muito além daqueles dias. Mas ainda era a mesma mulher do sonho anterior.

– Por favor, encontre isso. Eu vou deixar aqui pra você. Assim como deixei em todos os lugares – Elene disse baixo, aparentemente falando sozinha.

Ela viu que lágrimas se formavam nos olhos de Elene e isso a incomodou, mas na verdade, estava incomodando mesmo a pessoa que olhava para ela e de quem Luiza tomara o ponto de vista. A condessa virou o rosto, escondendo sua reação, mas Luiza viu a mão masculina lhe estender um lenço. Ela aceitou e secou as duas lágrimas que haviam furado sua barreira emocional.

– O que eu posso fazer por você? – a voz masculina e grave tornou a perguntar.

– Eu estou bem. Só estou dizendo adeus.

– Você não vai voltar, não é?

Elene demorou um momento a responder e Luiza sabia que ela estava escondendo alguma coisa.

– Você sabe que não posso ficar muito tempo longe de Havenford. Eu vim pra ver como você havia se instalado e estava sentindo muito a sua falta. Eu espero que você volte para casa muito em breve para me visitar.

Subitamente, o ponto de vista de Luiza mudou outra vez e agora ela estava encarando a caixa que havia deixado na prateleira. Elene virou o rosto

lentamente e levantou o olhar. Era Christian que estava ali de pé, parecendo preocupado enquanto a observava com curiosidade. Olhar para ele era como ver uma versão mais jovem de Jordan. Ele era muito parecido com o pai, até seus olhos eram da mesma cor. O que o tornava muito parecido com Devan também.

Luiza podia sentir o amor de Elene pelo filho, mas em momentos como esse, quando estava se sentindo frágil e o passado voltava para magoá-la, olhar para ele também a machucava. Para seu filho já estar adulto, muito tempo havia se passado e, mesmo assim, a falta que ela sentia de Jordan nunca cedia.

– Vem, mãe. O jantar que você mandou preparar está pronto. Helena está lá embaixo esperando.

Elene concordou e tocou a caixa uma última vez antes de cobri-la com o lenço que Christian lhe deu, então saiu. O filho passou o braço em volta de seus ombros e apertou-a de um jeito terno e reconfortante. Ele já era bem mais alto do que ela, a ponto de inclinar-se e beijar sua cabeça antes de soltá-la e ocupar-se em fechar o cofre escondido.

Quando Luiza realmente acordou, já fora do sonho, estava de pé no corredor dos quartos. Andava lentamente, com a mão roçando a parede. Ela não se lembrava de ter se levantado. Mas sua mente estava muito mais abalada do que no sonho anterior. Ela não parava de repetir:

– Eu já estive aqui, eu já estive aqui... Eu já estive aqui.

Ela não sabia, mas já eram sete e meia e Devan abriu a porta, pronto para ir tomar café e começar mais um dia de trabalho ali. Ele a viu, vagando junto à parede e foi andando até lá. Chamou seu nome, mas ela não lhe deu atenção.

– Luiza! – ele a segurou pelos braços e balançou levemente, puxando-a para perto dele porque sentiu sua pele gelada. – O que está fazendo aqui fora de camisola? Está frio.

Ao som da voz dele, ela o olhou e escondeu o rosto nas mãos. Era como se as emoções de Elene ainda não a houvessem deixado. Foi diferente, no sonho anterior assim que acordou, a conexão cessou. Mas dessa vez continuava a perseguindo.

– Pelo amor de Deus – ele disse quando a ouviu fungar. – Nós vamos ver um médico. Você não vai escapar dessa vez.

Ela e levantou no colo e a levou para o quarto dele onde ainda estava quente. A lareira estava quase apagada, mas ele a deixou na cama e foi até lá reavivar o fogo. Luiza ficou sentada, mas encolheu-se junto às cobertas dele. Quando o viu de pé, bem à frente dela, aquela sensação estranha do sonho já estava passando.

– Eu sonhei de novo... – ela murmurou.

Ele se sentou na cama, pegou as cobertas e apertou em volta dos ombros dela.

– Essa é a segunda vez que você sai da cama e não se lembra. Ao menos que eu saiba. Isso é perigoso, você vai ao médico quando voltarmos para Havenford.

Luiza ficou olhando para ele demoradamente, reparando em seu rosto e até no timbre de sua voz. O primeiro sonho ainda era tão real como se fosse uma lembrança sua e não de Elene. Diferente do segundo que havia apenas deixado aquela marca sentimental nela.

– Por que você tinha que ser a droga do dono do castelo? – ela perguntou tão baixo que se não estivessem no silêncio daquele quarto e de um lugar tão isolado, ele não teria entendido.

Agora foi a vez dele de observá-la demoradamente.

– Pare de me castigar por isso – ele abaixou o tom, para combinar com o dela.

Luiza deixou suas costas se apoiarem na guarda da cama e apertou as cobertas em volta de seu corpo.

– Se eu pedisse você me beijaria agora? – ela perguntou.

– Da última vez que você quis me beijar acabou muito mal e eu quase desisti.

Ela virou o rosto, odiando os sonhos, odiando a forma como se sentia, odiando o que estava sentindo por ele e se obrigava a ignorar.

– É que eu realmente preciso de um abraço agora – Luiza mordeu o lábio, forçando-se a não deixar aquela emoção dominá-la. – Eu me sinto tão mal que é como se fosse duplo.

Devan chegou mais perto dela e estendeu os braços.

– Vem cá – ele disse, antes de ajudá-la a se inclinar contra ele.

Ele a abraçou bem apertado, do único jeito que se deve fazer ao confortar alguém. Mas ele ficaria o tempo que ela quisesse, do jeito que ela pedisse. Porque ele já sabia que estava apaixonado por ela, cada vez mais. E ir para Riverside tinha piorado tudo. Devan estava até se achando um babaca sentimental, porque tudo que queria fazer era ficar junto com ela. Bem perto, como agora. A sensação de conforto era tão boa que parecia até o efeito de uma droga.

Um tempo depois, parecendo mais dona de si, Luiza se sentou direito e até deu um leve sorriso para ele, como agradecimento.

– Eu vou me vestir antes que seu primo apareça aqui – ela informou.

– Eu mato aquele filho da mãe se vier aqui – ele respondeu, sem desviar o olhar dela.

Agora que o quarto já estava quente, Luiza empurrou o cobertor e se ajoelhou. Devan só a acompanhou com o olhar e o jeito que ele olhava para ela era tão claro, estampava em sua face o que ele sentia. Era impossível resistir aqueles olhos, especialmente se não quisesse. Ela tocou o rosto dele e lhe deu um beijo, depois outro e no terceiro se demorou um pouco mais. No quarto começou a acariciar a língua dele com a sua e logo estavam entretidos demais no beijo.

Era tudo que ele queria e precisava agora e ela lhe deu. Devan só deitou a cabeça e aproveitou o beijo que durou mais do que deveria.

– Eu realmente preciso de mais disso – ele murmurou quando ela afastou os lábios.

Luiza enfiou os dedos por dentro do cabelo dele, penteando para trás enquanto o olhava de cima já que estava ajoelhada. Ela continuou fazendo aquilo, não só até todo o seu cabelo claro e abundante estar jogado para trás, mas continuando enquanto ele fechava os olhos e aproveitava o toque.

– Devan, eu acho que sei outra coisa – Luiza o olhava muito de perto.

Ele abriu os olhos e a encarou seriamente.

– Você sabe que isso não faz o menor sentido, não é? – os sonhos dela estavam deixando de intrigá-lo para começar a assustá-lo. Se ela lhe dissesse onde ficava o terceiro dos cofres que eles sabiam que existia, Devan ia começar a acreditar nas lendas sobre Riverside ser assombrada.

– Sim, eu sei.

– Por que será que eu herdei um castelo cheio de lendas, outro assombrado e uma terceira propriedade supostamente enfeitiçada? – ele acariciou a cintura dela e continuou a olhando, enquanto ainda sentia suas mãos em seu cabelo.

– Você não tem nenhum lugar comum para morar?

– Não que eu saiba. Até meu prédio na época da faculdade era estranho e velho.

Devia ser contagioso, porque desde que chegou a Havenford e o encontrou, Luiza também havia perdido a parte normal de sua vida. E só ficava pior, porque a cada dia que passava, parecia que tudo que andou fazendo por toda sua vida foi para chegar exatamente onde estava agora.

– Eu acho que temos outro lugar para olhar – ela lembrou.

– Eu receava que dissesse isso. Imagino que também não vai me dizer como, não é?

– Sonhei – ela resumiu, talvez nunca estivesse pronta para explicar aquele sonho.

– Como foi o sonho?

– Eu vi Elene e ela sabia onde ficava o cofre.

– Ela te disse?

– Eu só vi...

– É no mínimo macabro logo você sonhar com Elene – Devan se levantou, pois mesmo que quisesse continuar perto dela, aquele assunto o deixava inquieto.

– Eu não me pareço com ela, Devan – agora ela ia teimar ainda mais.

– Sim, negação com certeza vai me deixar menos desconfortável com isso.

Luiza ficou de pé e cruzou os braços enquanto o olhava. Ele realmente parecia incomodado com aquilo.

– Vai me dizer que você nunca sonhou com o seu antepassado famoso, o terceiro conde?

Ele deu de ombros, querendo mostrar que não fazia diferença.

– Umás vezes – respondeu num tom de normalidade forçada.

– E como são seus sonhos?

– Normais. Uma vez eu estava no meio de uma guerra que parecia muito se passar no século XV. Foi um dos melhores sonhos, mais divertido do que ver filme. Brutal também, mas assim são os sonhos. Eles não lhe dizem onde estão coisas.

Apesar de ele estar lá perto da janela falando, Luiza continuou observando-o.

– Você já conheceu Elene? – ela perguntou de repente.

Devan virou-se para ela e franziu o cenho.

– Que pergunta é essa, Luiza? Ela está... morta há alguns séculos.

– Nunca sonhou com ela?

– Acho que sim. Mas Marcel sonha com eles constantemente, você sabe disso, não é? Eu digo que é perturbação por lidar demais com a história da família. E mesmo assim os sonhos dele não estão lhe dizendo onde ficam coisas.

– E nem dizem a você? Por exemplo, como encontrar todos aqueles locais escondidos em Havenford, onde gerações e gerações da sua família viveram e não encontraram tudo. Marcel me contou.

– Você está me acusando de falar com sonhos?

– Não! – ela bateu os braços dos lados do corpo e respirou fundo. – Só estou procurando outra pessoa para envolver nos meus problemas e não me achar estranha.

– Você não é estranha, mas ainda vai ao médico tratar esse sonambulismo.

– Eu não sou sonâmbula! – ela até bateu o pé, danada da vida com o diagnóstico dele. Até por os pés em Havenford nunca tinha acontecido isso.

– Não é esse o nome que dão a pessoas que andam dormindo por aí?

Luiza se virou e foi andando para a porta.

– Não! E eu vou encontrar, com ou sem a sua ajuda! – ela deixou o quarto e foi pisando forte pelo corredor.

Dando uma corrida, Devan saiu do quarto também e foi atrás dela.

– Você podia colocar umas roupas antes. Isso me desconcentraria menos – ele sugeriu.

Ela parou e olhou para baixo, notando sua camisola e o fuzilou com o olhar. Devan levantou a sobrancelha e pendeu a cabeça como se houvesse provado seu ponto.

– Eu te espero lá embaixo – ele avisou e continuou pelo corredor.

Quando ela lhe disse para onde iriam, Devan soube que não poderiam esconder isso de Austin e dos outros no castelo. Era diferente de trancar a porta do seu quarto e ficar quieto enquanto esperava a equipe técnica chegar para mover os itens e levá-los sem correr o risco de destruir nada. Era algo metódico, eles tinham que fazer o inventário e armazenamento, datar a origem e ele

decidiria para onde iria cada item. No fim acabava sendo bem burocrático depois que a excitação da descoberta passava.

Luiza ainda não havia entrado na torre e ali era diferente de Havenford. Os andares eram cômodos com escadas no fundo. Eles foram até o terceiro andar e quase tudo estava diferente. Agora o cômodo era uma sala de estar luxuosa, o piso era outro, assim como a cor das paredes. Havia sofás bonitos no canto oposto às janelas que ainda apresentavam a vista da estrada e dos extensos jardins da propriedade. Hoje havia visitantes por ali, mas comparados à agitação interminável de Havenford, era algo mais discreto.

Mas observar as pessoas aproveitando o sol sobre a grama e agindo como se tivessem todo o tempo do mundo para admirar a paisagem dava sensação de calma. Partindo das janelas, Luiza olhou para onde houve uma mesa na época de Elene.

– Já houve uma mesa aqui?

– É possível – Devan estava sentado em um dos sofás, apenas esperando ela jogar a bomba no seu colo. – Se ela foi conservada, pode estar em um dos escritórios.

Luiza só assentiu, era apenas curiosidade. Ela ficou olhando a parede e o local era bem claro. Afinal era a torre, três das suas paredes davam para a paisagem, só uma delas fazia a conexão com o castelo. Ela andou até lá e ficou passando os dedos. Era diferente do quarto do conde, não tinha um mecanismo de abertura. E no seu sonho, ela não viu quando Christian fechou, não fazia ideia de como abrir.

– É por aqui – ela tocou a parede com a mão espalmada. – Talvez atrás dessa parede.

– Talvez? – Devan se levantou e foi até lá olhar.

– Você mesmo disse que é só um sonho...

– Estava certo da outra vez.

– Nunca se sabe – ela olhou bem para a parede. – Dessa vez vamos precisar causar estrago. Muito mais do que raspar camadas de tinta.

Devan olhou para suas mãos. As camadas de tinta e alguns pedaços de gesso não foram tão fáceis de tirar, os dois ainda estavam com as mãos esfoladas.

– Acho que vamos precisar de ajuda – ele opinou.

Ela sorriu, satisfeita em saber que ele acreditava nela e estava disposto a tentar. Devan a deixou ali e foi encontrar um dos empregados do castelo. Ele voltou uns dez minutos depois com um rapaz chamado Wilson que cuidava dos reparos. E para sua surpresa, Rômulo veio junto, se apoiando em sua bengala e fazendo um barulho característico sobre o piso forrado em madeira corrida.

Os homens levaram um tempo medindo e estudando a parede até que Wilson abriu sua mala de ferramentas e começou a testar os sons. Ele se decidiu por um espaço e iniciou seu trabalho ali. Devan procurou auxiliá-lo e Rômulo apenas se sentou. Suas costas não estavam num bom dia. Luiza tentou ajudar, passando as

ferramentas.

– O que vocês estão fazendo aqui? – Austin entrou intempestivamente no cômodo.

Luiza já havia decidido que ele não era apenas desagradável, também era dramático e sempre que entrava num cômodo parecia uma deixa de teatro quando um personagem escandaloso entra em cena.

– O que você acha? – Luiza perguntou, já que Devan e Wilson estavam ocupados.

Austin se aproximou e cruzou os braços, olhando-a de cima a baixo. Ele chegou a abrir a boca, com certeza para dizer algo desagradável. Mas acabou desistindo e se virou para a parede onde os outros trabalhavam.

– Então agora você também está destruindo paredes! – ele disse para o primo.

– Não fique tão feliz, Austin. Estamos causando pouco estrago.

Austin ficou por ali, sem ajudar e fazendo comentários odiosos. Ele queria saber por que eles haviam decidido quebrar logo ali. E não parava de insistir até que alguém lhe dissesse. Mas Luiza não ia lhe contar sobre seus sonhos e Devan não ia entregar o segredo dela.

– Eu achei uma mapa velho e esse local parecia estar marcado.

– Onde você achou esse maldito mapa? – Austin exigiu.

– Que diferença faz? É meu – disse Devan, começando a ficar irritado com as exigências do primo.

– Você não tem o direito! Estou há muito tempo trabalhando nisso! Se você sabe onde estão os outros cofres, é melhor me dizer logo.

– Lamento, não sei onde estão os outros. Muito menos os pequenos que você e Jules têm encontrado fora do castelo.

Isso não deixou Austin satisfeito. Ele olhou em volta como se procurasse algo para descontar sua frustração. Como ainda estava com o olho roxo e dolorido por ter mexido com Luiza, ele ficou longe dela e viu Rômulo.

– O que esse velho bisbilhoteiro está fazendo aqui? Esse maldito fofoqueiro que fica ligando pra Havenford pra dizer besteiras.

– Ele pode ficar aqui o quanto quiser – disse Devan.

Mas Rômulo realmente não gostava de ficar perto de Austin, ele se levantou, antes que escutasse mais insultos.

– Eu faço o que devo. E não me arrependo – ele disse, apoiando-se na bengala.

– Nunca serviu para achar nada aqui! Esse lugar ficou anos lacrado como um cofre! – acusou Austin.

Jules entrou no cômodo e foi direto até Austin, espalmando a mão em seu peito e o empurrando um pouco.

– Deixe o meu pai em paz. Já falamos sobre isso – Jules lhe lançou um olhar

sério e se afastou, indo para perto da parede e vendo o que Devan e Wilson faziam. – Precisam de uma mão aí?

Eles já haviam encontrado o que queriam, agora precisavam retirar uma camada de gesso enquanto delineavam uma entrada. Quanto mais aparecia, mais Austin ficava nervoso. Com a ajuda de Jules o trabalho começou a ir mais rápido, mas eles pararam para o almoço. Luiza não estava com fome e continuou ali com Devan, raspando as laterais da entrada para conseguirem soltá-la. Austin era uma presença incômoda que não os ajudava, mas ao menos parou de falar.

No meio da tarde, Luiza sentou-se ao lado de Devan embaixo da janela em frente à entrada. Ela mordeu um dos sanduíches que havia feito para eles e se ajeitou junto a ele, apoiando seu ombro no braço dele e dobrando as pernas. Ele estava ali recostado, mastigando e com as pernas esticadas, encarando o trabalho do dia. Aquela porta estava dificultando para eles. Retirar a cobertura foi uma pequena obra e as laterais estavam limpas, mas não soltavam. Ele não encontrou nenhum dispositivo de abertura. A última opção seria arrombar.

E todo mundo sabia que o cômodo que desmoronou ali e matou o pai de Austin, assim como o irmão de Rômulo, foi exatamente numa situação de arrombamento. Como se não ligasse para isso, Austin já estava se divertindo, dizendo que eles também haviam dado de cara com um pega-bobo. Mas o deles nem iria abrir.

– Viu, nem vocês são tão espertos assim! – Austin riu. – Deram de cara com um pega-bobo! – ele se aproximou e olhou novamente a entrada. – É igualzinho aquele que eu achei na saleta da rainha. Só que esse não vai ter nem moedinhas!

Depois de um tempo convivendo com Austin, você acabava aprendendo a ignorá-lo. E agora todos pareciam pensativos, atrasando a decisão de arrombar. Luiza se encolheu e apoiou o queixo no braço de Devan, segurando-o com as duas mãos enquanto seu olhar estava perdido em algum lugar. Ele virou o rosto e a observou, intrigado demais com ela. Não importava se iam descobrir o maior tesouro da família ou só um pega-bobo vazio. Ela havia descoberto algo e sozinha, sem ajuda, sem olhar nenhum mapa.

Agora ele não sabia dizer se ela estava nervosa ou amedrontada. Ou mesmo triste. Mas com certeza pensava em alguma coisa enquanto se encolhia junto a ele. Devia estar com amnésia também, porque só isso explicava ela ter subitamente perdido o medo de ficar junto com ele. Lá em Havenford ela fugia como gato escaldado e agora estava agarrada a ele como se fosse seu único porto seguro.

– Afinal, você vai ou não abrir o pega-bobo? – Austin estava muito excitado em ver o primo fracassar depois de quebrar parte de uma parede.

Devan o ignorou e olhou o rapaz dos reparos.

– Wilson, seu turno já acabou, não é? Pode ir.

– Tem certeza que não precisa mais de ajuda, patrão?

Austin resmungou algo sobre Wilson não ser tão prestativo com ele.

– Tenho. Pode ir, até amanhã.

Wilson foi embora, sem saber que na verdade Devan estava pensando que se alguma coisa desse errado, não queria o rapaz como vítima. Ele virou o rosto para Luiza.

– Tudo bem?

Ela levantou o olhar para ele e disse baixinho:

– No meu sonho, eu não vi o que ele fez para fechar. Mas sei que ele abaixou.

– Quem? – Devan falou tão baixo quanto ela.

Luiza pensou os lábios, mas resolveu dizer.

– A outra pessoa no meu sonho, era Christian. O filho dela.

Ela ficou olhando para ela por uns segundos, tanto tempo que Luiza olhou para baixo, franzindo o cenho, parecendo preocupada e triste. Toda essa história a estava perturbando muito, mas ela escolhia usar a informação mesmo assim.

– Eu via as passagens – Devan disse de repente. – Eu sempre vi, eu sonhava, sei lá. Quando achava uma, as outras eram fáceis de achar. Minha vida toda, Havenford mora aqui – ele bateu levemente com a ponta do dedo ao lado da tábua. – Acho que nem me ensinaram – ele completou dando de ombros.

Ela havia levantado o olhar assim que ele começou a falar e ficou o observando.

– Mesmo? – ela perguntou.

– Shii – ele levou o indicador aos lábios ao fazer o som e disse baixo. – Nós somos estranhos. E isso não é o máximo? – ele sorriu levemente pra ela.

Devan ficou de pé e foi andando decididamente para a entrada, pegou a alavanca de metal que eles já haviam usado tentando abrir a porta, mas ela não cedia e eles não queriam arrombar.

– Eu gostaria que vocês saíssem, caso algo aconteça. Mas façam agora, pois vou abri-la – ele avisou.

Apesar de estar pressionando o primo para abrir o suposto pega-bobo, quando Austin o viu ir andando para lá com a alavanca de metal e aquele olhar determinado na face, foi rapidamente para a porta. Rômulo era medroso, mas apertou a bengala e continuou sentado onde estava. Jules olhou para a porta, mas se o seu pai tinha coragem de ficar ali, ele também teria. Até a garota havia levantado e ido para o meio do cômodo esperar.

Já que ninguém mais ia sair, Devan enfiou a ponta da alavanca por baixo da entrada, precisou fazer certa força para isso. Depois usou a força dos seus braços e o peso do seu corpo para empurrar a alavanca para baixo o que faria a ponta envergada empurrar a porta para cima. Foi quando ele ouviu o estalo. Era nessa hora que tudo devia cair e Austin pulou para longe do cômodo. Mas Luiza correu para junto de Devan e o ajudou a empurrar a alavanca. Mais outro estalo e a

porta havia se movido.

Eles precisaram arrancá-la do local, estava emperrada e presa ali pelo tempo. O jeito que ela abria era diferente da outra no quarto de Devan. Jules foi ajudá-lo e eles finalmente se livraram da maldita porta. Tudo para ficar encarando um espaço pequeno, escuro e que imediatamente fez Luiza espirrar.

– Meu Deus! Vocês acharam! – Rômulo se firmou na bengala e também foi lá ver.

Devan e Luiza se entreolharam, isso não era mais uma novidade para eles.

– Eu não acredito nisso! – disse Austin, fazendo outra entrada intempestiva.

Ele os empurrou para o lado e entrou correndo no pequeno cofre, quase colidiu com a parede de fundo e começou a espirrar. Devan o agarrou pelos ombros e o puxou para fora, antes que molhasse tudo.

– Não seja um estraga prazeres! – disse o primo.

– Fique aqui – disse Devan enquanto colocava as luvas.

Os outros ficaram assistindo enquanto ele entrava e ligava a lanterna para olhar em volta, checando o conteúdo do pequeno cofre que na verdade não passava de um closet escondido. Luiza ficou ali observando, seu olhar toda hora ia para a parede direita onde ela vira Elene colocando a caixa, mas não queria mexer lá com os outros presentes.

Eles abriram uma das caixas, encontrando um conjunto de adagas com o cabo em marfim entalhado e enfeitado. Depois encontraram moedas e pequenas esculturas de ouro. Mas continuavam sem tirar nada de lá. Luiza abriu uma das caixas no chão e depois de iluminar o conteúdo, fechou-a rapidamente. Devan fez a mesma coisa com outra que encontrou lá no fundo. Aquilo era um tanto perigoso.

– Ótimo, já exploraram bastante – disse Austin que não tinha paciência para o trabalho metódico que era encontrar itens tão antigos. – Já podemos começar a tirar tudo.

– Nem pensar – Devan saiu lá de dentro, pegou seu celular e ligou para a equipe técnica que atendia Havenford. Ele agora tinha dois pedidos de armazenamento e transporte.

Austin aproveitou e entrou para olhar as coisas, ele abriu uma caixinha pequena, mas o conteúdo não o interessou, quando ele encontrou uma caixa de madeira coberta com o que parecia ser um tecido desfiando, ele tirou aquilo da frente e colocou para trás com cuidado, apenas para não ter que escutar seu primo insuportável reclamando. Mas antes que pudesse continuar a exploração, Luiza o atacou e empurrou. Ela havia estado abaixada olhando algo quando viu o que Austin fazia, deu um impulso ao se levantar e acabou o atacando com mais força do que precisava para jogá-lo longe.

– Não mexa nisso! – ela esbravejou quando o empurrou e ficou ali de pé com os punhos fechados, olhando-o ameaçadoramente como se protegesse algo

muito valioso.

– Mas que... Que loucura é essa? – ele gritou de volta, quando se recuperou do susto. – Você que tem de sair daí agora! Quem você pensa que é, sua estagiariuzinha de merda! Isso é da minha família!

Ele avançou para cima dela, mas Luiza pouco se importou com o insulto, manteve os punhos fechados e permaneceu ali, pronta para se defender.

– Austin! – Devan agarrou o primo pela gola da camisa na parte de trás e quando o botou para o lado chegou a tirá-lo do chão. – O que eu lhe disse sobre insultá-la? Você parece o mesmo garoto da nossa infância. Pare com isso!

– Por que você não trouxe Marcel? Aliás, por que ele não veio no seu lugar? Eu não vejo em que essa garota inexperiente vai ajudar. Ela só serve pra ser irritante como você. E tão lerda quanto você. Marcel já teria mandado tirar isso tudo daí – reclamou Austin. Mas pelo menos engoliu o insulto que pensou, já que ele estava pensando que Devan havia trazido a garota porque estava dormindo com ela.

– Sério? Você quer discutir a competência da minha trainee enquanto a única utilidade que você teve até agora foi destruir tudo. Não teríamos achado nada disso sem ela. Por que você não volta pro seu trabalho de administração? Você é bom nisso quando não está tentando destruir o castelo. Eu não consigo entender porque está com essa ideia doentia de abrir os cofres. Você não vai mexer nessas coisas, elas precisam de cuidado.

– Sabe, Devan, não sou o único da família que discorda dos seus métodos. Você, sua maldita irmã, aqueles velhos idiotas, a sua avó que acha que manda no mundo. Nem tudo sobre os Warrington gira em torno de vocês. Quem disse que tudo que está aí dentro foi deixado pra vocês?! Eu sou tão Warrington quanto você. Tenho tanto direito de mexer e quebrar tudo quanto você. Assim como o resto da família!

Devan ficou olhando para ele, imaginando quando ele ou alguns dos outros que reclamavam ajudaram em alguma coisa. Eles queriam gastar, queriam dividir tudo, vender o castelo, vender o terreno, desmembrar a herança, investir em qualquer outra porcaria que rendesse muito. Encontrar todas as joias e vender, vender e vender. E Havenford ia dar mais dinheiro se fizessem um hotel maior ali dentro. Pra eles, Riverside não tinha propósito, podiam fazer outro hotel também. E começar a explodir paredes para achar os malditos cofres.

– Você, seus irmãos e todos os outros que nunca nos visitam, não aparecem em aniversários, Natal ou qualquer outro momento que não seja uma leitura de testamento, podem ir pro inferno – disse Devan. – Nós paramos de nos matar há uns séculos, mas nem tudo muda, não é? Sabe o que você pode fazer, me processe. E talvez eu deixe você mexer no que encontrarmos aqui. Mas só se você ao menos colocar as malditas luvas! – exaltou-se Devan, escolhendo o detalhe mais ridículo e fácil de fazer. E mesmo assim Austin se recusava

categoricamente.

Austin saiu e bateu a porta com muita força. A mesma porta que tinha mais de um século. Riverside não era uma residência, não era toda feita e reformada para moradia. Só parte do castelo atendia a esse propósito, o resto era para exposição. E era um patrimônio histórico, não era para o administrador do lugar ficar quebrando as dobradiças das portas que não eram mais feitas atualmente. Assim como não era para ele quebrar paredes, janelas, lareiras e o chão em busca de cofres.

– Você tem que lhe arranjar outra coisa pra fazer – disse Jules, soltando o ar. – Não está dando certo.

Brigar com Austin era algo que Devan fazia desde sempre. Quando era um garotinho, ele e o primo já se desentendiam. Nunca se deram bem, em hipótese alguma. E o lado da família do qual vinha Austin era justamente o mais afastado. A relação ficou pior depois que o pai de Austin derrubou o interior de uma ala de Riverside ao arrombar um dos cofres. E agora seu filho começava a demonstrar a mesma fixação.

Mas ele ia causar mais um drama na família se despedisse o primo do cargo de administrador. Austin tinha um bom currículo, o cargo demandava um bando de pré-requisitos, ele atendia alguns. Mas não servia para o cargo. Aquele trabalho era manter a história viva. Era protegê-la e garantir que nem tudo se perdia no tempo. Restavam poucos lugares como aquele e também era toda a história de uma família que ao longo de séculos, lutou para sua história não se perder. Se não soubesse valorizar isso, então não servia para trabalhar ali.

– Resolvo isso mais tarde – ele se virou para Luiza que havia cruzado os braços, desconfortável por ter sido o estopim da nova rusga entre os primos. – Desculpe por mais essa. Ele sempre foi assim. Insultava até a mãe, não sei como ainda não lhe deram uma surra.

– Você não tem que se desculpar por ele. Além disso, eu não devia tê-lo empurrado.

– Nós teríamos essa discussão agora ou mais tarde. Tanto faz. Mas afinal, o que ele quebrou aí dentro para você jogá-lo do outro lado do cômodo.

Rômulo era um senhor e tinha problemas de artrite nos quadris e vinha sofrendo de dores nas costas. Ele disse que estava cansado e sua face demonstrava isso. Pediu para lhe contarem tudo amanhã e foi embora. Jules resolveu ir ajudar o pai na escadaria.

Assim que ficaram sozinhos, Devan fechou a porta e voltou até Luiza, ela indicou o lenço puído e encardido que ia se desfazer a qualquer momento. Depois tocou a caixa que viu Elene colocar ali. Ela olhou Devan antes de abri-la e ele assentiu. Ele iluminou o interior e dentro havia uma carta daquelas que eles já conheciam o papel de tanto ver. Foi Devan quem a pegou e Luiza iluminou o interior da caixa, encontrando uma medalha de ouro e louça com um falcão

vermelho pintado nela.

– Por que abriu esta? – ele indicou a caixa.

– Deve ser da mesma época da que encontramos no seu quarto – ela estendeu a mão e ele lhe deu a carta.

Luiza foi sentar-se no chão e desdobrou a carta com cuidado sobre a pequena mesa de centro, pois era o lugar plano que havia disponível. Ela estava curiosa para saber o que a antiga condessa estava guardando com tanto apreço quando o filho a encontrou. Mas as palavras que leu a seguir a surpreenderam:

Para minha melhor amiga,

Sinto muito que tenha precisado partir tão abruptamente. Eu sinto sua falta todos os dias. Foi um golpe doloroso não ter podido dizer adeus.

Estou lhe escrevendo porque assim como eu, você também tem um propósito. Se até agora não o encontrou, procure. Se fizemos tudo certo, há o que encontrar.

Existe algo sobre você que eu nunca soube. De onde exatamente você veio. Por isso, deixarei algo para você em todos os locais que eu passar. Para encontrar, terá que me reencontrar. E eu estarei onde ele estiver.

Você me fez tão feliz.

Por favor, encontre.

*Carinhosamente,
Elene.*

Por um momento, tudo que ela fez foi encarar a carta, com teorias passando pela sua mente.

– Quem era a melhor amiga dela? – Luiza perguntou, ainda olhando fixamente para a carta.

Devan saiu do cofre e ela lhe indicou a carta, ele apoiou o joelho no chão e leu o conteúdo.

– Não sei.

– Como você pode não saber? – ela exclamou, muito indignada. – Isso é para ela. A amiga provavelmente nunca encontrou!

– Luiza, você sabe que não é possível saber de absolutamente tudo sobre as vidas de pessoas que viveram há tanto tempo. Aliás, só sabemos tantos detalhes pessoais porque eles os escreviam. Do contrário, nem isso.

Ela bufou, chateada por não saber a resposta. Mas continuava lendo e relendo a carta. O que será que Elene estava dizendo para sua amiga encontrar? E quem foi essa mulher que aparentemente partiu do nada, mas deixou a felicidade como lembrança?

Começou a escurecer e Devan deixou o cofre, sentindo-se sujo e dolorido depois de passar o dia trabalhando ali. Ele disse à Luiza que precisavam deixar aquela torre e esperou enquanto ela tornava a guardar a carta na caixa e saía.

Eles trancaram a porta e se separaram no corredor dos quartos. Ela não disse mais nada e Devan também estava pensativo. Agora tinha dois cofres abertos e ele escondia um em seu quarto. E Luiza foi a responsável pelas descobertas.

Ela queria saber para quem era a carta. E ele queria saber mais sobre seus sonhos.

Capítulo 14

Quando já passava das nove da noite, Luiza se arrastou até a porta depois de ouvir as batidas. Pela cara dela, dava para ver que descobrir dois grandes segredos de Riverside tinha lhe custado todo o bom humor. Agora estava preocupada e cheia de suposições na mente.

– Vem, vamos lá pra fora – disse Devan, enquanto secava as mãos como se houvesse acabado de lavá-las.

Ela pensou que ele houvesse tomado banho e dormido, mas a despeito do cabelo úmido, ele não parecia nada sonolento.

– Para onde? – ela perguntou, saindo do quarto.

– Pegue um casaco leve. A noite esfriou – ele avisou e a esperou na beira da escada.

Luiza o seguiu até a cozinha enquanto vestia o casaco. Sobre a mesa havia duas tigelas, uma redonda e outra comprida e rasa.

– Depois de comer só um sanduíche hoje, achei que também estivesse com fome.

– Não estava muito animada para comida – ela deu de ombros. Toda aquela história estragou seu apetite e a perspectiva de dormir novamente deixava-a ansiosa.

– Ótimo – ele encaixou a tigela comprida sobre a redonda e foi carregando-a. – Pegue a garrafa e os copos pra mim.

Ela pegou a garrafa térmica e os copos e se apressou para segui-lo. Eles saíram pela porta traseira da cozinha, desceram pelo caminho do jardim e continuaram seguindo.

– Vai ser bom ficar uma hora longe do castelo – ele disse, enquanto ia logo à frente dela.

Ela concordava, era uma ótima ideia. Mas não sabia que Devan estava exagerando na atitude prática e descompromissada porque queria que ela fosse com ele e melhorasse de humor, sem pensar que ele estivesse “dificultando” as coisas entre eles.

Depois de três degraus, chegaram à área da fogueira. O chão ali era de pedra e terra, a vegetação fazia um círculo perfeito em volta e devia dar trabalho ao jardineiro para manter tão bem cortado. Mas era área de visitação pública e precisava parecer bonito.

A fogueira em forma de estrela já estava armada com as toras arrumadas dentro do círculo de terra e pedras. Assim como a toalha para sentarem também estava lá. Devan juntara tudo antes e preparara o jantar deles. Imagina como seria decepcionante se ela houvesse se recusado a ir.

Luiza se sentou enquanto ele acendia a fogueira e remexeu com curiosidade no que ele trouxera.

– Você acampava? – ela perguntou, quando o fogo pegou rápido e ele se sentou ao seu lado.

– Não por vontade própria – ele puxou a garrafa térmica para perto e surpreendeu-a ao não despejar chá ou café nos copos descartáveis como se esperaria dele, mas sim uma limonada de morango, repleta de pequenos pedaços de gelo. – Mas fogueiras foram parte da infância.

Ele lhe entregou o seu espetinho e mostrou a ela como assá-lo, explicando-lhe o que era o kebab e dizendo que era bom. Os dois ficaram ali assando os pedaços de carne e vegetais em espetinhos e torrando os pães com creme de cebola.

– Você é mesmo muito urbana, não é? – ele disse, quando ela confessou que era sua primeira vez em volta de uma fogueira.

Luiza não era exatamente acostumada a esse tipo de atividade, mas ao menos não causou nenhum acidente e seus espetinhos não ficaram crus.

– Eu gostei disso – ela disse, depois de comer mais uns pedaços de carne e tomates assados.

– Experimente colocar dentro do pão. Fica ótimo.

– Esse é o melhor jantar desde que chegamos aqui – ela colocou seu último espetinho dentro do pão e puxou o palito, devolvendo-o a tigela e voltando a comer.

Ele sorriu levemente e continuou comendo, oferecendo a ela mais limonada de morango que ainda estava muito gelada por causa da garrafa térmica. Quando eles terminaram e juntaram as tigelas, colocando-as para o lado, Devan lhe ofereceu uma barra individual de chocolate ao leite Cadbury.

– Eu imaginei que, se trazê-la para fora, fazer uma fogueira e assar boa comida não melhorasse a sua noite, então chocolate com certeza daria cabo da tarefa.

– Onde você achou isso? É claro que sim! Mas a minha noite já melhorou, agora ficou ótima! – ela pegou a barra que ele lhe oferecia, abriu e mordeu.

– Na cafeteria na parte da frente do castelo. Os visitantes precisam de um lugar pra lanchar – ele desembulhou a sua barra e mordeu também.

Ela deu duas mordidas e reparou que o dele era diferente.

– O seu é de que?

– O meu tem menta – ele virou o chocolate, mostrando.

– Urgh, você gosta?

– É delicioso. Ao menos dessa aqui é. Experimenta – ele ofereceu a ela.

Luiza negou com a cabeça, mas olhou com curiosidade.

– É só um gosto leve de menta, a consistência é muito macia. Derrete na língua.

Com ele fazendo aquela propaganda enquanto oferecia um chocolate, quem ia negar? Podia ser até de pimenta. Ela se inclinou e deu uma mordidinha no chocolate que ele oferecia e ficou mastigando devagar enquanto ele a observava. Luiza franziu o nariz e negou rapidamente, mas estava sorrindo.

– Bom? – ele se divertiu com a reação dela, mas continuou olhando-a.

– Melhor do que eu esperava. Acho que você podia vender chocolate.

– Seria cômico. Escritor, conde e vendedor de chocolate. Imagine só as novas piadinhas que Austin faria para me provocar.

– Ele é um idiota. Você ia conquistar um vasto público feminino de chocôlatras.

– Mas eu só quero conquistar você – ele declarou.

– Conseguiu, eu aceitei seu chocolate. Quer o meu?

Devan assentiu e a beijou nos lábios. Eles já estavam perto o suficiente para ele apenas se inclinar. Sim, ele estava “dificultando”, mas era mais forte do que ele. Mas quando ele desencostou os lábios dos dela, Luiza lhe deu um beijo de volta. Eles podiam parar ali, naqueles dois beijos breves como se houvessem sido só gestos de carinho.

Mas eles não queriam ou talvez não conseguissem mais.

Ele se inclinou novamente e ela o encontrou no meio, aceitando o beijo até que ficou tão entretida que esqueceu o que segurava.

– Se você soltar esse chocolate aí, formigas enormes aparecerão de todos os lados e estaremos ferrados – disse Devan, conseguindo arrancar uma risada dela.

– Formigas assassinas?

– Uma mordida dói por dias.

Ele pegou o chocolate dela e colocou dentro da tigela, depois se virou e voltou a beijá-la. Luiza passou o braço por cima do ombro dele e pouco depois estavam deitados ao lado do fogo e sobre a toalha de piquenique, ocupados apenas em se beijar de forma lenta e longa. Era melhor não falarem nada e não pensarem se haveria consequências. Por ora, apenas abraçar-se ali, sob aquele calor confortável estava perfeito.

Eles só se separaram quando já passava das onze e meia. Devan olhou para ela demoradamente, mas não disse nada. Apenas tocou a ponta do nariz dela com o seu e se afastou. Eles recolheram tudo e voltaram para o castelo, sem se preocupar em olhar para cima e ver que Austin estava na janela de uma das salas, porque o quarto dele não dava vista para aquele lado.

Naquela noite o sonho que Luiza teve não foi nada parecido com os outros. Ela não viu ninguém, nenhum rosto, apenas locais de Riverside. Mas não era o corredor, nem cômodos que distinguisse. Em algum momento ela subiu uma escada estreita a partir do que parecia ser um quarto e chegou num local com uma janelinha pequena e o teto irregular. O chão era de madeira e precisava se abaixar para andar ali. Ela acordou de repente, ainda perdida pela quantidade de

voltas que deu no sonho. Mas pela luz que entrava pela sua janela, já era dia claro.

Luiza pulou da cama e foi até a porta, porque não acordou do nada, foi um barulho do lado de fora. Ela olhou para o final do corredor e a porta do quarto de Devan estava aberta. Ele vinha acordando antes dela ali em Riverside, mas parecia cedo demais. Ela andou até lá na ponta do pé e no meio do caminho, seu corpo se arrepiou quando ouviu a voz de Austin.

– Eu sabia que você estava escondendo algo, mas isso foi além das minhas expectativas até pra você.

Ele falava baixo, mas o que Luiza estranhou foi não ouvir a resposta de Devan. Mas podia ouvir Austin mexendo nas caixas e o som de coisas arrastando. Ela empurrou a porta e olhou em volta, mas Austin ouviu o som da porta.

– Mas que merda! Sua garota exnerida, por que você não podia continuar na cama! Seria melhor para todos nós!

Ela ouviu o som e viu Devan tentando se levantar, ele apoiou os joelhos e as mãos no chão, mas sua cabeça estava abaixada. A xícara de café estava estilhaçada, um pouco a frente dele. Ela não precisava ser nenhum gênio do crime para concluir que o único jeito de Austin entrar ali e dominar Devan era o dopando.

– Seu desgraçado! – ela reagiu quando viu Devan daquele jeito.

– O inútil não serviu nem pra beber tudo – disse Austin.

Ela avançou para a mesa, agarrou a bandeja que esteve segurando a caixa que eles tiraram do cofre e agora ela não sabia onde estava. Mas avançou para cima de Austin e o atacou com a bandeja de prata.

– Seu maldito! Ele é seu primo! – ela conseguiu acertá-lo, mas ele se atracou com ela, tentando tirar a bandeja dela.

– Dane-se! – Austin disse de volta e conseguiu que a bandeja caísse no chão, então a olhou com superioridade, achando que com a mão pura ela não era páreo pra ele.

O sorriso dele não durou nem um segundo, ela fechou a mão e acertou em sua cabeça bem do lado, jogando-o contra a mesa. Nos segundos que ele levou para se recompor, ela agarrou a bandeja e ele só a viu indo direto para sua testa.

– O que você está esperando, seu idiota. Nocauteie essa vadia! – Austin esfregava a testa enquanto falava com alguém atrás dela.

Luiza girou no lugar e viu Jules um pouco atrás dela.

– Você enlouqueceu? Eu não vou bater nela! – disse Jules, horrorizado.

– Dane-se, seu babaca! – Austin empurrou Luiza, jogando-a no chão, perto da cama. – Vamos logo.

Devan se escorou e conseguiu levantar, ele estava tonto, mas via o que estava acontecendo.

– Você não pode fazer isso – Jules o alertou. – Seu primo não apagou, ele vai

lembrar. E agora ela o viu e você a agrediu. Não vou te ajudar nisso.

– Anda logo, seu palerma. Mais tarde, eu me safo e você quem vai ficar preso! – avisou Austin, apontando o dedo para Jules.

Eles saíram do quarto e Luiza levantou correndo, quando Austin a jogou no chão ela machucou a mão, mas ajudou Devan a ficar de pé.

– O banheiro – ele disse, querendo que ela o colocasse na direção certa.

Luiza o levou até lá e ele entrou sozinho, escorando-se e disse:

– Tranque a porta do quarto enquanto isso...

Ele devia achar que aqueles dois podiam voltar e fazer algo com ela enquanto ele estava tonto demais para ajudar. Ela foi até lá, trancou e ainda escorou com a cadeira. Enquanto isso ela ouviu a porta do banheiro bater e aguardou, preocupada. Quando se aproximou, ouviu o som da descarga e depois da torneira que não se fechou mais.

– Devan, você está bem?

– Tonto conta? – ele respondeu.

Ela não queria esperar, mas ali colada à porta, ela conseguiu ouvir os arquejos e soube que ele estava pondo para fora o que ingeriu. Não sabia o que Austin havia colocado no café dele, mas aquele idiota não calculou direito. Devan estava longe de estar desacordado.

– Posso entrar? – ela perguntou.

– Não está trancada.

Ela entrou e o encontrou sentado ao lado da banheira, onde havia conseguido abrir o jato e lavara o rosto com água fria.

– Quanto você bebeu?

– Pouco, não gosto de café puro. E tudo começou a rodar logo. Eu caí, não cheguei a apagar. Ele estava lá embaixo quando fui tomar café o que eu já deveria ter achado estranho. Austin acordando tão cedo...

– Eu vou matar ele! – ela disse, ficando de pé.

– Ele pegou umas coisas do cofre, acho que só o que interessava – ele se apoiou e ficou de pé também, foi até a pia e lavou novamente o rosto e a boca.

Luiza saiu do banheiro e ficou andando de um lado para o outro. Devan saiu pouco depois, bateu no próprio rosto, obrigando-se a ser mais forte do que a droga que ainda havia em seu sistema. O celular dele havia sumido.

– Vamos lá fora pegar o meu – ela disse, tirando a cadeira.

Eles foram até o quarto dela, Devan ligou para Hoy e informou que a situação ali estava complicada, para dizer o mínimo.

– To chegando aí – Hoy disse decididamente.

Como ele faria a viagem de no mínimo duas horas, eles não sabiam. Devan saiu dali e foi direto até o quarto de Austin, onde ele obviamente não estava.

– Agora sabemos o que aconteceu com o material do primeiro cofre – ele disse, olhando em volta. – Desgraçado.

Luiza olhou o quarto e passou os olhos em volta e entendeu o que ela havia sonhado. Como se o dia pudesse ficar ainda mais estranho.

– O sótão. Acima desse quarto não tem uma entrada?

Devan colocou as mãos na cintura e ficou olhando para cima, tentando se lembrar. Sua mente ainda não estava no seu normal, mas ele se esforçou mais para enxergar e viu o lugar onde poderia puxar a escada. Era no canto, onde o teto era mais baixo, como se formasse uma câmara de leitura. Ele foi até lá e puxou, pelo jeito vinha sendo muito usado, porque a escada desceu facilmente.

Luiza subiu na frente e encontrou a cordinha para acender a luz. Ela viu caixas de papelão e algumas de madeira, então se aproximou e foi olhar o conteúdo, não se surpreendeu ao encontrar artefatos antigos.

– Tem coisa demais aqui, isso só pode ser do cofre vazio – ela disse lá de cima.

– Fique aí – Devan disse de lá.

Ela se virou, estranhando ele ter dito isso, mas os barulhos embaixo logo lhe disseram que havia algo errado. Especialmente após o som de coisas caindo. Ela gritou o nome dele e correu de volta para a passagem e chegou lá bem na hora que empurraram pra cima, tentando prendê-la lá em cima. Luiza pulou em cima dos degraus, usando seu peso para impedir que levantassem mais, mas a pessoa que estava embaixo era forte porque continuava lutando com o peso dela.

– Devan, se for você está tentando me...

– Vai ser melhor – era a voz de Jules, o que a surpreendeu.

– Jules! – ela começou a pular e tentar descer. – Larga isso, agora!

Ele era forte, mas não tanto e com a pressão dos pulos dela, Jules foi empurrado para trás e o vão do sótão voltou a se abrir, fazendo Luiza cair lá embaixo. Ela gemeu, agora com a mão no quadril pela dor do impacto. Enquanto isso Devan e Austin continuavam falando.

– Você não consegue me derrubar nem quando eu estou tonto? Isso é ridículo, Austin. Até pra você – disse Devan.

Luiza não sabia porque ele estava provocando o primo e nem porque estava com a boca sangrando. Mas foi quando viu o outro cara na porta.

– Apaga logo ele! Aumento sua porcentagem – Austin disse para o brutamontes parado na porta.

Devan alternou o olhar entre os dois, ele estava encurralado, só havia uma parede atrás dele, então sua saída foi avaliar o outro cara e suas possibilidades, já que ele sabia que mesmo tonto, podia derrubar Austin com um soco. O cara começou a falar que a picape estava lá embaixo, mas os acontecimentos seguintes se bagunçaram. Luiza percebeu que Jules estava se aproximando e ela não sabia o que ele iria fazer, Devan também não. Por isso ele tomou impulso da parede e atacou o cara na porta, derrubando-o lá fora.

Austin ia se aproveitar disso para acertá-lo com o porta-retrato que estava

em cima da mesa. Luiza correu e pulou nas costas dele, se agarrando ao seu pescoço com os braços e ao seu quadril com as pernas, enquanto tentava sufocá-lo.

O cara voltou para dentro do quarto, ainda se engalfinhando com Devan que estava mais preocupado em se livrar dele para acabar com a desvantagem numérica e tirar Luiza dali. Mas ele viu o primo se batendo no quarto, tentando se livrar dela. E Devan ainda sofria pelos efeitos remanescentes da droga, as coisas rodavam à sua frente e piorou quando ele levou um soco, mas agarrou o cara, derrubando-o no chão e acertando um soco que o deixou tonto o que colocou a luta em pé de igualdade.

Para surpresa deles, Jules agarrou o cara pela roupa e o jogou para fora do quarto. Austin se jogou no chão e conseguiu se livrar de Luiza, mas os dois ficaram de pé ao mesmo tempo, enquanto se encaravam.

– Sua vadiazinha, eu vou cuidar de você também – Austin ameaçou.

– Desde que eu cheguei aqui você só me insulta. O que eu falei que ia fazer? – ela devolveu.

– Dane-se!

Antes que Jules ou Devan pudessem impedir, Austin foi para cima dela que se desviou, mas ele conseguiu pegá-la com o braço mesmo assim. Ela agarrou a cabeça dele, puxando também seu cabelo e bateu com a cara dele na parede, onde o braço dela também se chocou, mas a dor para ele foi maior.

– Vê se abre algum cofre nessa parede, seu babaca! – ela disse, segurando a cara dele colada na parede.

Ela o soltou e Austin caiu de joelhos e soltou um grito de dor.

– Eu falei que ia quebrar seu nariz, seu filho da mãe! – ela disse e o empurrou, fazendo-o cair de vez. – E isso é por dopar o seu primo!

Devan foi até lá e a segurou, tirando-a de perto de Austin, mas ficou à sua frente, encarando Jules, ainda em dúvida se ele era uma ameaça, apesar de ter o ajudado.

– Eu vou prender o outro cara – disse Jules, mostrando que não ia atacá-los. – E uma picape já foi. Ainda deve dar tempo de pará-la.

Jules saiu para o corredor e Luiza agarrou o braço de Devan.

– Você ainda está vendo tudo rodando? – ela perguntou baixo.

– Não, na verdade estou vendo duplo – ele piscou algumas vezes e esticou o braço, puxando-a para perto. – Você está bem?

– Sim, irritada, mas bem.

– Quebrar a cara dele foi o máximo! – ele sorriu para ela e a abraçou mais apertado.

Devan foi até o telefone e ligou para a polícia, Jules disse a descrição da picape e parte da placa que ele lembrava. Não demorou muito para eles ouvirem o som mais inesperado, parecia um helicóptero pousando bem ali na extensão

campada de Riverside.

– Não vai me dizer que você também alugou um helicóptero para fugir – Devan virou-se para o primo que estava lá perto da cama, pressionando o rosto com o lençol.

– Não! Chama uma ambulância, seu maldito. Ela quebrou meu nariz! – quase não dava para entender o que ele falava.

– Já chamei, mas não foi pensando em você – ele respondeu e se virou para Luiza. – Está muito machucada?

– Não estou machucada. São só hematomas – ela deu de ombros.

Pouco depois, Hoy apareceu na porta do quarto, com Jules atrás dele.

– O que eu perdi? – ele olhou em volta. – Teve briga aqui?

– Era você no helicóptero? – perguntou Devan, vendo dois Hoys.

– Claro que sim, eu tenho meus meios. Trouxe dois garotos lá do castelo, estão lá embaixo com o motorista de uma picape preta. Já estava cheia de coisa e com o motor ligado pra partir.

Devan contou que uma já tinha ido e que avisara a polícia, mas Hoy pegou o celular imediatamente, pelo jeito ele também tinha seus contatos na polícia e estava falando sobre fecharem as vias de acesso.

– Então, saiu mais alguma coisa daqui? – Hoy quis saber.

Como Austin não ia abrir a boca e ainda estava no chão como se fosse morrer a qualquer minuto, Jules teve que abrir o bico antes que Hoy o obrigasse. Ele contou do cofre que quando foi aberto estava repleto de artefatos, mas também de muitas coisas valiosas. Contou também que Austin já tinha vendido achados dos cofres menores para colecionadores de raridades antigas. E falou que ele havia pirado quando encontrou o primeiro cofre e quis todos, mas depois que Devan chegou, todo o seu plano ficou ameaçado.

Austin havia armado tudo para a culpa dos roubos cair em Jules. E eles sabiam que o rapaz não era dos mais espertos. Além disso, ele era medroso, achava que ia acabar na cadeia e como não tinha dinheiro para bons advogados, ia levar a culpa por Austin que no mínimo ia se encher de advogados e sair rapidinho. Por isso, ele concordou em fazer vista grossa para certas coisas. Mas acabou saindo do seu controle.

– Mas eu juro que não concordei com isso. Quando você chegou eu quis falar, ele ameaçou meu pai. E hoje cedo, fui procurar meu velho e ele não estava em casa. Foi quando eu vi a picape lá fora. Eu sabia que ele ia se livrar das coisas do porão. Eu não acho certo ele machucar vocês. Sou um babaca, ele até me convenceu que tinha direito as coisas que encontramos nos cofres menores, porque ele também é da família. Mas isso... – Jules moveu os braços como se abrangesse toda aquela confusão. – Não podia acontecer.

– Não fique com pena dele – Hoy avisou a Devan. – Ele vai prestar contas também. Quero saber detalhe por detalhe.

– Reze para estar tudo intacto e para acharem aquela picape – Devan disse ao primo, soltando-o na cama.

– Rezar uma ova! – Luiza foi até lá e deu um chute no pé de Austin. – Onde estão as minhas cartas? – ela gritou pra ele.

Ela estava um pouco fora de controle, pelo que ele fez com Devan, pelas cartas, pela traição e por ter tentado bater nela. E sua mão e seu quadril ainda estavam doendo, tudo por culpa daquele maldito. Mas ela não sabia por que havia dito “minhas cartas”. Mesmo assim, o sentimento persistia, como se ele houvesse lhe roubado algo muito valioso. Ela o odiava, como ele teve a coragem de mandar aquele seu capanga maldito “apagar” o conde?

– Marcel e Afonso estão vindo. Imaginei que fôssemos precisar de ajuda com tudo – comentou Hoy.

E hoje era o dia que a equipe técnica que cuidava da restauração e manutenção dos artefatos de Havenford viria buscar o material. Austin não tinha como saber disso, mas seu timing foi ótimo.

Jules não parava de pedir desculpa e contar mais detalhes do que sabia que Austin havia feito. Devan explicou a Hoy como Austin o dopou e relatou os acontecimentos até ele chegar.

Depois que os policiais chegaram e Luiza e Devan foram obrigados por Hoy a se deixarem avaliar pelos paramédicos, Austin, Jules e os dois caras da picape foram levados. Eles ainda seguiam esperando notícias do outro carregamento que havia sido roubado. O delegado prometeu que ia arrancar as informações de Austin.

Assim que se sentiu recuperado e parou de ver tudo duplo, Devan foi checar o material que eles impediram de ser roubado. Marcel e Afonso chegaram e depois de se inteirarem dos fatos, foram para o sótão ver o que estava lá. Isso depois do calmante que precisaram dar a Marcel. Era muita coisa para a mente dele saber que quase mataram seu conde e também quase deram uma surra na sua assistente. E junte isso às notícias sobre o tesouro antigo dos Warrington que havia sido encontrado ali, mas adicione a parte em que uma parcela já estava desaparecida e a outra estava sendo perseguida pelas estradas locais.

– Eu não fui envenenado, Marcel. Fui dopado – Devan repetia, mas até Hoy queria acusar Austin de tentativa de assassinato além do roubo monumental.

– Não sabemos ainda o que havia ali, se tivesse tomado tudo, não sei nem o que aconteceria. Além da sua morte, já imaginou seus primos herdando tudo – dizia Marcel, ainda muito preocupado.

– Eu adoro o Caden, se algo me acontecer, ele será um ótimo conde – ele disse, referindo-se a outro primo.

– Nem brinque com isso! – reagiu Marcel. – Mas você não me explicou direito a história de como encontraram os cofres.

– Deixe isso pra lá, depois eu conto – desconversou Devan, sem saber se

Luiza concordava que mais alguém soubesse dos seus sonhos.

Pouco depois, Devan encontrou Luiza sentada na escada principal enquanto olhava distraidamente para o salão. Ele sentou ao lado dela e ficou olhando para o mesmo lugar.

– A carta da condessa sumiu, não é? – ela disse baixo, de forma triste.

Ele entregou a ela uma folha de plástico transparente, envolvendo um suporte rígido que mantinha um papel antigo esticado e protegido. Mas a folha agora estava rasgada, exatamente no local onde esteve dobrada por tantos anos.

– Sinto muito, mas ainda dá pra ler – ele disse, vendo-a pegar com cuidado.

Luiza ficou encarando a carta que Elene havia deixado para sua “melhor amiga”, pedindo-lhe que encontrasse algo que pelo jeito ambas sabiam.

– E a outra que o conde deixou pra ela, pros filhos... – ela lembrou.

– Está dentro do baú, não achei nas coisas que ficaram.

Eles ouviram passos rápidos e Hoy desceu a escada, parando no degrau abaixo deles.

– Parece que conseguiram pegá-los! – ele avisou.

Devan pulou de pé imediatamente e pediu para ela cuidar da carta e saiu atrás de Hoy. Eles entraram no carro e partiram. Luiza ficou mais um tempo cuidando da carta, mas levou-a de volta para Marcel e a equipe técnica.

Eles só voltaram bem tarde, junto com o delegado da polícia local e uma van onde estava o material recuperado já que a picape foi apreendida. Devan decidiu que iriam levar tudo para Havenford e lá trabalhariam no material. Riverside precisava ter cômodos reformados, mas ele ia ficar mais um pouco porque agora que estava sem Austin e sem Jules, precisava arrumar as coisas ali.

No final da manhã seguinte, o pequeno caminhão que levaria tudo para Havenford já estava carregado. Rômulo havia aparecido e estava arrasado pelo que aconteceu. Afonso levou sua bolsa e colocou na mala do carro onde havia vindo com Marcel.

– Luiza, você não vai voltar com a gente? – ele olhou em volta, procurando a mala dela.

Ela abriu a boca para respondê-lo, na verdade não sabia exatamente o que fazer.

– Tem lugar, além disso, você já vai poder nos ajudar a separar e catalogar, já que viu o que há aqui dentro – disse Marcel, colocando sua bolsa de viagem na mala também.

Luiza se virou e olhou para Riverside, deixando seus olhos percorrerem a fachada. Era hora mesmo dela partir, afinal, ela também estava só visitando. E no momento não queria mais ter sonhos com Elene, o conde, seus filhos... Pois a deixavam muito confusa e emocional. Mas estava feliz por terem conseguido recuperar o que ela encontrou através destes mesmos sonhos.

– Vem me ajudar com a mala! – ela disse a Afonso.

Um tempo depois, eles voltaram com os pertences dela devidamente guardados, Afonso puxava a mala de rodinhas e ela levava a bolsa de mão. Enquanto seguia atrás dele em direção ao carro, levando a bolsa à frente do corpo, ela olhou por cima do ombro, não só para a entrada do castelo. Devan havia parado lá e a observava ir embora.

Afonso guardou a mala e entrou no carro. Luiza estacou ao lado do carro e soltou o ar. Marcel chegou e também entrou. Ela abriu a porta de trás e jogou sua bolsa para dentro, virou e voltou até a entrada do castelo. Devan enfiou as mãos nos bolsos da calça e a observou voltar.

– Eu vou voltar com eles e os artefatos. Você vai ficar bem?

Era óbvio que ele sabia se cuidar, não era uma pergunta idiota. Mas no dia anterior ele havia sido dopado e entrado em uma briga, dava para ver um hematoma no seu queixo da briga com aquele cara da picafe.

– Sim, o seu pulso melhorou?

Ela o moveu no ar, mostrando que estava bem.

– Nem está doendo.

Ele assentiu e tirou as mãos dos bolsos, na falta do que fazer com elas, cruzou os braços.

– Ótimo. Eu já a agradeço por me ajudar nessa confusão?

Ela moveu o ombro e balançou a cabeça como se isso não importasse.

– Foi uma aventura e tanto. Tudo. O final foi inesperado. Eu achava que seu primo era só um babaca mimado, não um ladrão perigoso.

– Eu achava a mesma coisa. Até quando ele me dopou ainda custei a levar a sério. Mas depois... Se você não fosse briguenta, ele teria te machucado de verdade.

– Você realmente vai começar a me chamar de briguenta? – ela cruzou os braços também.

– Prefere encrenqueira? Você quebrou o nariz dele – ele sorria, divertindo-se com isso.

– Uma garota precisa saber se defender.

– Eu não podia concordar mais.

Eles ouviram a buzina do carro.

– Bem, de volta ao mundo real – ela disse, se afastando dele.

– E a nossa amizade forçada.

Luiza apenas o olhou, em um daqueles momentos que ficava sem palavras.

– Tudo bem, eu finjo – ele disse, decidindo que depois de tudo que aconteceu em Riverside, era o mínimo que podia fazer.

Ela assentiu e ele fez o mesmo como se tivessem fechado um acordo.

Meu amado conde,

Haydan está rebelde. Ele vai ser um homem corajoso e difícil. Mas andou se comportando inconsequentemente e se machucou. Ele está grande e forte demais para pouca idade. E a falta que você faz... Ele já está bem maior do que eu, o que complica um pouco as coisas. Mas ainda posso dar uma surra nele! E em Christian que acabou de “descobrir as garotas” e está impossível.

Morey é um tio muito compreensivo com eles. Ele conversa. E agora que tem saído pouco por causa das dores nas pernas, é melhor conselheiro do que qualquer outro. Estou triste por essa notícia, mas não acho que ele vá viver muito mais. Lavine vai ficar sozinha lá no casarão com Jolene e Cyrus que ainda estão muito pequenos e Aleck está ocupado acompanhando Christian.

Sabe que Cold continua forte como um touro, um pouco mais rabugento, mas ele passa umas descomposturas nos garotos que são incríveis. Mas o único que ainda consegue pegá-los pelo cangote é Rey. Ele tem ajudado muito com os garotos e com tudo que preciso. Seu único problema é Helena. Eu não posso mantê-la de castigo o tempo inteiro. Ela só tem doze anos! Não tem idade para ficar dizendo que está apaixonada!

E agora que ele tem uma noiva, ela está insuportável. Aliás, sobre a noiva dele... Ele resolveu que precisa de filhos para continuar sua linhagem. Mas aquela flor delicada e sempre com fraqueza que ele escolheu, não parece que passará do inverno. Imagine por uma gravidez. Vou ficar muito triste se tiver que vê-lo de luto.

Mas o que faço com Helena?

*Saudosamente,
Elene.*

Capítulo 15

Depois de toda aquela confusão, Devan só retornou a Havenford uma semana depois, quando Hoy já havia conseguido outro chefe de segurança para o local e ele tinha um administrador em fase de teste. No tempo que se seguiu depois disso, Devan pareceu adotar uma postura diferente ou quem sabe uma estratégia, dependia do ponto de vista. Quando tinha tempo livre, ele sentava lá naquele sofá vitoriano embaixo da primeira janela e conversava com Luiza. Conversavam desde coisas sobre o castelo e sua vida até besteiras sobre alguma boa série policial de TV que ele tinha que assistir online, porque seu cronograma não batia com os horários da televisão.

E ele não tocou no assunto dos sonhos dela, parecia ter deixado isso lá em Riverside por um tempo.

Por um lado, Luiza adorou porque ele estava fazendo o que ela pediu. Ela adorava o tempo que passava com ele e não queria perder isso. Ainda achava muito errado se envolver romanticamente com ele. Mas no fundo, uma decepção que ela queria esconder dela mesma havia tomado conta dela. Ele parecia ter aceitado o que ela queria e isso a fez baixar muito a guarda.

E exatamente por isso, quanto mais tempo ele passava lá no lindo sofá vitoriano sendo amigável, mais ela percebia que havia se apaixonado por ele. Podia ter ficado em dúvida antes, mas o tempo que passavam juntos na biblioteca eram as melhores horas. Não eram diárias, às vezes aconteciam só duas vezes na semana, mas eram constantes. Além disso, sempre haveria Riverside. Aqueles dias lá mudaram tudo que poderia acontecer entre eles.

– Você já está uma expert no assunto. E com a memória melhor do que a minha! – disse Marcel, afastando-se da mesa de Luiza. – Ainda bem!

– Não seja exagerado – ela respondeu com um sorriso. Esteve se esforçando muito e era bom saber que Marcel gostava. Com um castelo aberto há tantos anos, alguém conseguir pensar em novas ideias era renovador.

Devan estava lá perto da primeira janela. Hoje ele parecia ocupado e sua mesa estava bagunçada, mas ele estava sentado no sofá, olhando algo em seu notebook enquanto franzia o cenho. Dava para ver perfeitamente a diferença de quando ele estava escrevendo no notebook e quando estava trabalhando. Até porque ele gostava mais de trabalhar no notebook negro e lustroso e preferia escrever no Macbook prateado e leve que sempre estava perto dele e costumava morar na capa de couro que ele carregava por aí.

– Passou um furacão por aqui! – implicou Marcel, quando passou pela mesa dele, antes de sair.

Como nunca mais viu nada entre eles, até Marcel havia achado que depois de

umas experiências, os dois haviam perdido o interesse. E ele era discreto demais para ficar perguntando.

Luiza descruzou as pernas e se levantou, estava ali sentada há horas e sentia os músculos duros. Andou lentamente até a frente da janela do meio e olhou para o lado de fora. O dia estava feio e escuro, entrava pouca luminosidade pela última janela e ela precisou ligar a luminária para continuar trabalhando.

Ao se aproximar da janela, ela piscou algumas vezes e tocou o vidro frio. Luiza estava ficando louca, porque não estava escuro, estava apenas nublado. Mas ela tinha certeza. Ela passou a mão pelo vidro que não parecia embaçado pela calefação como os outros e ficou ali parada.

Devan virou o rosto e percebeu que ela continuava ali parada, agora muito compenetrada em alguma coisa. Ele inclinou a cabeça enquanto a observava, gostava de olhar para ela quando estava distraída. Para ele nada havia mudado, mas passar o tempo conversando com ela lhe agradava. No início pensou que ia conseguir conhecê-la melhor e se explicar para si mesmo. Ou entender por que continuava tão interessado nela. Mas não aconteceu.

Ainda não entendia nada, conversou tanto com ela que acabou ainda mais interessado em se envolver, mas ao menos não era mais um mistério. Ela acabou lhe falando mais de sua vida em Essex e depois em Londres, só que se mantinha nos fatos comuns, ainda preferia manter a verdade sobre como se sentia só para ela. E evitava falar sobre como foi viver sozinha esse tempo todo. Devan imaginava que ainda doía, mas ele não se importava de ela ter problemas não resolvidos com a mãe e família. Quem não tinha seus traumas? A mãe dele também não era nenhuma maravilha.

Quando ela estivesse disposta a falar sobre, ia perceber que eles tinham um traço em comum aí. A mãe dele não foi presente em sua vida, apesar de não ter sido tão radical quanto a dela, que simplesmente sumiu.

Ele estava distraído em suas conjecturas, mas viu quando ela mexeu na janela. A maldita janela do meio que era eternamente emperrada e segundo diziam, para mexer nela iam ter que fazer uma obra e mexer na parede inteira porque era um castelo antigo e bla, bla, bla. Coisas que Devan não entendia, mas também só se interessaria se lhe dissessem que era obrigatório para não desabar nada. Fora isso, para que estragar a lenda?

– Ai, meu Deus! – ela exclamou.

Ele derrubou o notebook no chão e saiu correndo quando viu o que ela havia feito. A janela estava solta, ela abrira o trinco, mas estava se segurando nela com medo de abrir mais e algo quebrar. O vento empurrava um dos lados para trás e Luiza se segurava dos dois lados, sem sucesso ao tentar fechar novamente. Devan a equilibrou com um braço e segurou a janela com a outra mão, então a ajudou a fechar. Ela quem enfiou o trinco no lugar.

– Me desculpe, eu só mexi nele! Eu pensei que era emperrado e nunca abria!

– Ele é. Ao menos era – ele mexeu nele e na opinião dele continuava emperrado.

– Eu vi uma coisa! – ela exclamou, tocando no vidro.

– Vem pra cá – ele a puxou para longe da janela e olhou para cima, checando se estava tudo no lugar.

– Tinha algo lá – ela disse, voltando para o lado dele.

Devan se aproximou do vidro e olhou bem.

– Não tem nada, as pessoas não passam ali.

Luiza voltou para perto do vidro apesar de ele parecer estar com medo de ela ficar muito próxima dali. Ela quase colou o rosto e agora só estava vendo o tempo escuro lá fora.

– O que tinha ali? – ele perguntou, parado bem perto dela, tentando ver a mesma coisa.

– Alguém.

– Ali? Impossível, os visitantes não podem, só os funcionários, mas ninguém iria ali com esse tempo. É perigoso.

Ela ficou apenas olhando, não estava doida. Viu o vulto meio ao longe, não conseguiu distinguir, mas viu algo vermelho.

– Será que estou vendo coisas? – ela perguntou se virando para ele, estava aborrecida.

– Não – ele tocou o ombro dela e o apertou levemente. – Pode ter sido as árvores se movendo.

– É, faz sentido – ela gostou dessa explicação e assentiu, dando-lhe um leve sorriso.

Ele queria beijá-la. Muito. Era quase irresistível.

Não, tire o “quase”.

Devan se inclinou e a beijou na boca. Foi inesperado, mas ela sentiu a pressão dos lábios dele contra os seus e a retribuição foi instantânea. Ele a observou logo depois, porque o fato de ela ter retribuído o surpreendeu. Luiza prendeu o lábio inferior entre os dentes e ficou imóvel, apenas olhando-o, sentindo como se houvesse sido pega no flagra. Ele só lhe deu um beijo rápido e ela o devolveu como se estivesse esperando.

– Você não está surpreso por eu ter soltado o trinco e aberto a janela? – ela perguntou.

– Muito – ele assentiu rapidamente.

Apesar de saber que devia recuar, Luiza permaneceu no mesmo lugar quando ele deu o único passo que os separava. Ela até pendeu a cabeça para trás e o deixou segurar seu rosto e depois beijá-la de novo, dessa vez devagar. E ela afastou os lábios, dando-lhe espaço e devolvendo as carícias de sua língua. Eles ainda não haviam trocado um beijo tão lento e nem tão revelador.

Dessa vez ninguém entrou e interrompeu. Eles conseguiram terminar aquele

beijo, até o jeito como suas bocas se desgrudaram foi extremamente lento. Luiza demorou a abrir os olhos, mas pendeu a cabeça e encolheu os ombros. Ela engoliu a saliva com vagar e deu alguns passos para trás, sentando-se novamente em sua cadeira porque subitamente não confiava no seu equilíbrio.

Ficou claro para ambos que nada havia mudado e estiveram esse tempo todo brincando de ser só amigos.

– Você já confirmou as presenças e o número de lugares? – perguntou Afonso, sentando ao lado de Luiza.

– Sim, fiz tudo. Alguns vão chegar antes, outros virão de trem e vão partir logo depois – ela comentou, enquanto digitava em seu notebook.

Devan entrou acompanhado de um homem mais velho e foram conversando enquanto se dirigiam para a frente da sala e mexiam no computador que era ligado ao projetor. O editor havia chegado antes porque adorava aproveitar uma oportunidade para visitar o castelo. A estratégia da editora para os livros de Devan desde que o segundo havia mantido o fenômeno de vendas era bem agressiva. Eles davam uma data apertada de pré-venda e não adiantava reclamar, mas isso criava um pico de vendas. E um dia antes de o livro ser liberado para encomenda, a editora arrumava a coletiva.

O primeiro capítulo havia sido liberado para leitura online assim que terminaram a edição, o que já estava há semanas movimentando a seção cultural dos sites de notícias. Luiza havia terminado de ler o quinto livro só para poder ler a prévia do sexto. E na coletiva que ia acontecer no castelo, dariam notícias sobre a série de livros e a adaptação que ia sair para os cinemas.

Devan estava dividido entre imaginar o que fariam com o que ele escrevia e ficar animado com as cenas de ação que iriam se transformar em espetaculares momentos cheios de efeitos especiais. Ou temer o que fariam com a sua obra. Segundo o contrato, ele seria consultor dos filmes e tinha que auxiliar o roteirista que faria as adaptações.

Assim que o editor foi aproveitar seu tempo de turista, Hugo e Shannon chegaram acompanhados da organizadora do casamento. Luiza havia esquecido que eles vinham hoje para a penúltima visita. Ela fechou o notebook e enfiou na bolsa nova que havia comprado para ele. Era de pendurar no ombro e Afonso já estava até caçoando dela, dizendo que ela estava parecendo Devan, abria o maldito computador em qualquer lugar para trabalhar.

– Olá, vieram para ver o espaço e confirmar as reservas da pousada? – perguntou Luiza.

– Sim! – disse Shannon, animada.

Sem Gertrude por lá, durante a semana, Luiza estava atendendo as demandas

dos casamentos e nos finais de semana, quando ela não dava expediente, ficava a cargo de Afonso ou Peggy. Eles estavam se saindo muito bem na divisão das tarefas e pareciam estar se divertindo com isso, porque os mantinha circulando pelo castelo além do prédio principal.

– E aí, bela do castelo? – disse Hugo, com um sorriso maroto. Depois daquele dia na cervejaria eles haviam oficializado o apelido.

– E estamos aqui novamente – disse Bridgit, dona da principal empresa de organização de casamentos da região. Já havia feito tantos casamentos ali que parecia até que trabalhava no castelo, eles até a indicavam quando as pessoas os procuravam diretamente. E nos últimos meses os quatro maiores e mais caros foram dela, então já estava íntima de Luiza.

Hugo foi encontrar com Devan enquanto Bridgit e uma de suas assistentes foram olhar o local onde ia ficar a decoração. Luiza levou Shannon até o hotel, onde confirmou a reserva de todos os quartos e do maior no terceiro andar que se transformava no espaço da noiva.

– Esse é seu! – disse Shannon, lhe entregando o convite. – Desculpe, os convites atrasaram um pouco. Estou correndo contra o tempo.

Luiza olhou o papel cartão e abriu o fecho, sorriu enquanto lia o texto.

– É lindo, Shannon. Mas eu trabalho aqui, não vou aos casamentos.

– Você está se negando a ir ao meu casamento? – ela colocou a mão na cintura e fez cara de indignada. – Eu sou a noiva, não se nega um convite direto da noiva porque dá má sorte!

– Eu não neguei, mas eu provavelmente estarei vendo se Bridgit tem tudo que precisa.

– Nada disso! Ela sabe tudo, faz casamentos aqui há anos. Por isso que a contratei. Além disso, eu já dei o de Afonso e ele com certeza vai. Vou encontrar os outros e entregar também. Até a Aura vai! Você sabia que ela mora perto de mim e conhece minha mãe?

– Eu acho que todo mundo desse lado do rio se conhece...

– E só você não vai? E eu tenho poucos convidados – ela falou mais baixo, enquanto elas retornavam para o castelo. – E o Hugo vai trazer Deus e o mundo.

Luiza sorriu para ela, se algum dia se casasse, também teria poucos convidados. O que a lembrava do que leu há pouco tempo, Elene não teve nenhum. Naquela época isso costumava acontecer, especialmente quando os noivos eram desconhecidos, mas não mudava a verdade.

– Claro que eu vou – Luiza fechou o convite e o enfiou em sua bolsa. – Muito obrigada pelo convite.

– Ótimo, minha despedida de solteira é na outra sexta. Edith também vai, ela gostou de você.

Apesar de não saber quando concordou em ir à festa antes do casamento, Luiza assentiu enquanto sua mente já começava a fazer a lista de tudo que ela

precisaria para estar pronta. Fazia muito tempo que não ia a um casamento, não fazia ideia do que vestiria.

Shannon estava muito satisfeita quando entregou o convite a Peggy, ela também já bebera umas cervejas com ela. Depois daquele dia na Rua do Rio, quando Devan encontrou novamente com os amigos, foi obrigado a confessar que estava caidinho pela bela do castelo. E Shannon gostava de ajudar e além de conseguir convidar todos no castelo, achava que talvez, quem sabe, se eles ficassem juntos fora do ambiente de trabalho, algo rolasse de novo.

Quando voltou ao salão, Luiza percebeu a mulher ali de pé conversando com Peggy. Shannon foi ao encontro de Devan e Hugo e Luiza se aproximou dela.

– Resolveu tudo com a noiva? – Peggy perguntou a ela, parando de falar com a mulher por um momento.

– Sim, e Bridgit já sabe o que fazer.

Ela percebeu que a mulher havia olhado-a de cima a baixo antes de dizer:

– Ah, então é você que ficou no meu lugar.

– Não, Luiza é a trainee – disse Peggy. – Essa é Gertrude – apresentou.

Ah, a fujona!

Luiza sorriu, reprimindo o pensamento que veio na ponta da língua e encarou a mulher de cabelo negro e cortado um pouco abaixo do queixo. Ela tinha traços maduros, aparentando os quarenta anos que tinha e seu rosto era atraente, com um nariz pequeno e arrebitado.

– Você voltou? – ela perguntou.

– Não pro trabalho. Eu me casei, estou só visitando, deixei umas coisas aqui.

Afonso chegou andando rapidamente e pegou-as de surpresa.

– Que isso, Gertrude? Voltou da fuga? Seu padeiro veio junto?

Luiza cerrou os dentes para não rir. Afonso era terrível!

– Não – ela disse, virando-se para ele e lhe lançando um olharzinho azedo. – Vim visitá-los, senti saudade.

– Claro, saiu fugida e nem se despediu! – exclamou Afonso. – Você faz falta, sabia?

– Acho que estão se virando bem sem mim – ela comentou, olhando em volta.

– Nós três estamos metidos nos seus assuntos – disse Peggy.

– Ah, agora que vocês têm uma trainee, deve estar mais fácil – disse Gertrude, olhando Luiza criticamente. – Agora eu lembrei, te vi no jornal nas fotos do festival.

Luiza notou que o tom dela não era exatamente de elogio.

– É, foi minha primeira vez me fantasiando – ela comentou.

Gertrude só assentiu e abriu um sorriso ao se virar para Afonso.

– Estão fazendo reformas, é?

– Ah, aquelas coisas de Hoy. Sabe como é – ele deu de ombros.

– Sei... Estou adorando ficar mais livre, mas sinto falta de andar aqui pelo castelo. Vão trocar tudo? – ela perguntou, parecendo muito interessada.

– Sei lá – disse Afonso.

– Fiquei sabendo que trouxeram duas vans abarrotadas de artefatos lá de Riverside – comentou Gertrude.

– Os guardas te contaram? – perguntou Afonso, mas entre os trabalhadores de Havenford, essas coisas se espalhavam mesmo. – Pois é, temos novos tesouros para trabalhar.

– Que maravilha! Vou passar aqui na quarta pra ver se vocês organizaram a coletiva direito sem mim! – disse Gertrude, parecendo animada.

– Se quiser deixar seus segredos de eventos no castelo, não reclamaremos – disse Peggy.

Devan apareceu junto com Hugo e Shannon e Gertrude os deixou para ir falar com ele, disse que precisava se desculpar por sair tão subitamente e sem aviso prévio. Quando ela se afastou, Afonso se inclinou e disse baixo:

– Ela era tão puxa saco dele...

– Eu ainda acho que ela tinha paixão platônica – Peggy completou.

– Acho que ela não gostou de mim – comentou Luiza.

– Deve estar achando que você a substituiu no trabalho – respondeu Afonso.

Na quarta-feira, o salão da ala sul estava cheio de repórteres para o anúncio dos detalhes da adaptação dos livros para o cinema e para o pré-lançamento do sexto livro do detetive Holden. Tudo mundo estava excitadíssimo com as novidades e Afonso, Peggy e Luiza estavam lá no fundo assistindo. Marcel entrou sorrrateiramente e sentou-se também. Eram quatro curiosos e não conseguiam se conter, mesmo com trabalho esperando lá fora.

O editor falou do lançamento em Londres, mas não pode dizer que ainda não convencera Devan a fazer uma turnê de divulgação. Por enquanto só as três cidades de sempre estavam confirmadas. Ainda aconteceu um buffet típico lá no salão e Luiza notou que Devan conseguia ser muito sociável com toda aquela gente. Mas agora estava perto do lançamento do livro e estava tentando não focar tanto nisso.

– Bem, acabou. Vamos logo – disse Afonso, pegando Luiza pela mão e a puxando para fora do castelo.

– Calma, Afonso!

– Calma uma pinoia! Temos que iniciar a caça pro figurino do casamento!

– Sério? Você vai usar terno e eu um vestido qualquer..

– Um vestido qualquer não! Alto lar! Não ouse dizer uma coisa dessas perto de mim!

Na primeira incursão deles, não conseguiram comprar o que precisavam, mas fizeram uma lista. No sábado, a tarde foi mais proveitosa. Luiza conseguiu um vestido e a dona da loja disse que na segunda estaria com as medidas acertadas. Peggy conseguiu um na mesma loja e Afonso arranhou um terno lindo no lado moderno da cidade. Ele quem escolheu os sapatos delas, porque discordou de todas as opções “confortáveis” e ficou dizendo que casamento não era pra ser confortável. Era glamour e beleza. E elas tinham a semana toda para usar o sapato no quarto e amaciar o danado.

Acabou que na terça-feira, Luiza estava para lá e para cá no corredor com seu sapato novo.

– Se passar vela na parte de trás, vai ficar uma beleza e não vai machucar! – Peggy olhava criticamente para a vermelhidão em seu tornozelo.

Luiza não era nenhuma caipira, mas fazia um tempo que ela não se aventurava em cima de um sapato de salto fino e com dez centímetros. No dia a dia, o mais alto que ia era um salto largo de cinco centímetros num sapato confortável.

– Mas o meu não está machucando atrás – ela respondeu, sentando no chão, perto da porta que a separava da ala de Devan.

– Por que o seu é preso no tornozelo e o meu é esse assassino de parte de trás do pé? – Peggy sentou também e começou a passar a vela na parte interna, mas nos encontros que teve com Hoy, ela andou colocando saltos como aqueles.

Afonso apareceu, vindo da escada leste e parou olhando para as duas.

– Será possível que eu vou ter que botar o sapato pra você, criatura? – ele pegou o sapato da mão da irmã e esfregou a vela direito porque do jeito que ela fazia a cera não estava aderindo.

– Antigamente elas não tinham esse problema – Luiza comentou, soltando o fecho do seu sapato.

– Mas andavam em cima daqueles tamanquinhos horrendos de madeira para não sujar os sapatinhos de pano! Se você quer enfiar seu pé na lama me avisa que eu salvo o sapato! – exclamou Afonso.

Quando enfim chegou a sexta-feira da outra semana, Luiza desceu apressada pela escadaria principal porque realmente era mais perto. Os saltinhos dela faziam barulho enquanto ela corria ao atravessar o salão até que chegou às portas principais e estacou. Onde estava seu táxi?

Se havia algo comum em Havenford era o roubo de táxi alheio. Era só dar mole e demorar um pouco que alguém aparecia, pronto para descer a colina.

– Acho que roubaram seu táxi – Devan divertiu-se com a expressão de ultraje que ela fazia.

Eles se mediram por uns segundos, ela franziu o cenho e desceu o olhar dos seus ombros até as pontas dos seus sapatos de couro, brilhantes de tão limpos. E ele franziu bem suas sobrancelhas marcantes, desde o colo nu que dava para ver

pelo casaco aberto que ela tiraria quando chegasse ao seu destino, até os sapatinhos de salto que ela usava, completando o conjunto da blusa e saia e... estava frio. Aquela meia calça era praticamente transparente.

– Quer dizer que nós vamos fazer a mesma coisa em lados diferentes – ele comentou.

– Eu não sei bem o que você está pretendendo fazer – ela cruzou os braços. – Vestido pra matar desse jeito.

Ele puxou a gola da camisa, ajustou o paletó e moveu os ombros como se confirmasse suas suspeitas.

– Está um pouco frio, você e suas meias finas não concordam? – ele perguntou, devolvendo o olhar dela.

– Não, nós não concordamos.

Ele assentiu e foi descendo as escadas. Luiza o olhou e fechou os punhos, odiando o ladrão de táxi e a situação em que ia colocá-la agora.

– Ei! Você não quer me dar uma carona até lá embaixo? Vai demorar até outro táxi chegar aqui! Eles somem depois que o castelo fecha.

Devan parou do lado do motorista e olhou-a por cima do capô do seu SUV Mercedes, então fez uma expressão engraçada e encostou-se ali, como se pensasse.

– Estranho... Eu pensei que nós não pudéssemos ficar sozinhos em espaços fechados. Naquele dia você não saiu da biblioteca falando algo assim?

– Vai me dar a carona ou não?

– Eu adoraria levá-la onde precisa. Mas depois você vai me acusar de dificultar as coisas e isso me deixa tão constrangido...

– Só até o ponto de táxi, eu não abro a boca. Estou atrasada!

– Eu pensei que eu quem não podia abrir a boca. Entra aí – ele disse, entrando e batendo a porta.

Ela foi cuidadosamente até lá porque o pátio interno não era liso, a pedra do calçamento era estilizada para parecer com uma época, não para saltos de sapatos.

– Se você vai beber, por que está dirigindo? – ela perguntou, enquanto ele manobrava para sair pelo portão.

Ele não virou o rosto para ela, mas sorriu levemente.

– Não fale comigo, Luiza. Eu posso ficar tentado a levá-la para um local muito além da festinha da Shannon.

Ela virou o rosto para a janela e Devan olhou-a pelo canto do olho antes de atravessar o portão e ter que se concentrar na descida em curva do castelo.

– Comporte-se – Devan disse quando deixou Luiza na casa de Shannon onde havia marcado de encontrá-la.

Luiza teve vontade de lhe dar uma banana ou mostrar a língua. Duas coisas bem infantis, mas sabe aqueles momentos tentadores que um gesto vale mais do

que mil palavras?

Ele encostou a cabeça no banco do carro e olhou-a.

– E não dê meus beijos a outro – ele disse num tom que misturava pedido e lembrete.

Luiza cruzou os braços e ficou olhando o carro se distanciar, imaginando que ela podia muito bem ter dito isso a ele também. Afinal, para onde ele estava indo, todo arrumado e cheiroso daquele jeito?

Edith apareceu ao lado dela e a levou para onde as outras estavam esperando. Shannon havia decidido que saíam dali, porque não queria que Hugo descobrisse onde seria a sua festa. Ele era desses que era capaz de aparecer ou mandar um amigo “capanga” só para descobrir o que elas haviam preparado. E Shannon fizera questão de fingir que não estava interessada no que ele aprontaria hoje.

No domingo de manhã, a noiva já estava rodeada de gente lá no hotel. Ela ia ter uma equipe para cabelo, unhas e maquiagem e uma fotógrafa documentando tudo. Enquanto isso, Afonso arrancava Luiza da cama. Ele a jogou no chuveiro, pegou uma roupa no closet e agarrou a bolsa dela. Ele saiu arrastando-a pelo corredor e deu um tapa na cabeça de Peggy que tinha cochilado na poltrona lá da sala de descanso. Eles tinham horário no salão e ele teve que rebolar para conseguir marcar tão cedo para os três porque ele queria aparar e hidratar o cabelo.

Quando eles voltaram, tinham tempo de sobra para descansar. Afonso proibiu ambas de deitarem, para não estragar o cabelo. O casamento ia começar de tarde, os noivos queriam dizer seus votos ainda sob a luz do dia, mas quando começasse a festa, já devia estar anoitecendo. A organizadora estava praticamente cronometrando o pôr do sol e do jeito que ela era, o sol que não ousasse se atrasar para sumir no horizonte.

Luiza escutou as batidas na porta, mas ainda estava dançando no seu vestido. Ela correu até lá e Peggy entrou rapidamente, carregando seus sapatos e uma bolsa pequena.

– Ai, me ajuda a acabar antes que Afonso, o Tirano, apareça!

Ela fechou o vestido dela que, ao contrário do seu com o fecho escondido do lado do corpo, era preso bem no meio das costas. Luiza passou o delineador para Peggy que dizia ser um desastre quando precisava que ficasse perfeito. Mas Afonso chegou bem no meio, elegante no seu terno, alto, esbelto e de cabelo recém-cortado.

– Acabou a palhaçada, me dá esse pincel aqui. Vocês vão levar dez mil anos!

Eles encontraram com Marcel e saíram pela porta lateral, passando pela ponte que ligava a torre e subindo as escadas até a capela. Ela estava toda decorada e iluminada para o casamento. O espaço destinado aos convidados da

noiva era muito menor, mas o local já estava cheio de gente, todos bem trajados e as mulheres com belos vestidos dentro do tema mais leve de um casamento diurno.

– Vamos, garota! – disse Aura, dando um tapa no traseiro de Luiza e quase a jogando para frente.

Ela havia estacado bem na entrada, imóvel enquanto seus olhos registravam a capela, com aquela iluminação do dia dando uma ênfase especial aos tons vermelhos e dourados. Ver a capela preparada para um casamento a fazia ter aquela sensação estranha de reconhecimento. Luiza piscou algumas vezes, voltando à realidade. Aura seguia à frente dela, com aquele quadril bem largo. Ela tinha o corpo num formato muito pronunciado de pera, usando seu uniforme de guia disfarçava um pouco, mas com o vestido formal, Luiza foi obrigada a reparar.

Devan era um dos padrinhos do noivo e estava lá falando com Hugo que tentava não parecer nervoso. Ele não chegava a ser bonito, tinha uma aparência agradável e simpática, mas hoje estava especialmente radiante enquanto aguardava sua noiva.

– Quando milorde se veste de milorde, não dá pra aguentar – disse Afonso que estava comentando baixo com Peggy sobre os padrinhos e fazendo notas mixurucas.

Luiza desviou o olhar para Devan e ele estava lá parecendo um cara esperando no backstage para as câmeras ligarem e ele bancar o conde dos seus sonhos em algum editorial de revista de moda masculina. Havia se arrumado com capricho para ser o padrinho no casamento do amigo. Estavam todos de terno escuro, bem cortado e ajustado, adornados por gravatas num brilhante tom de azul Columbia.

Ela sempre achava charmosa a forma como o cabelo dele vivia se separando em mechas mais claras e nunca ficava no lugar, obrigando a empurrá-lo para trás com a mão. Mas hoje estava perfeitamente penteado e elegante. Ela não sabia o que era pior. Sim, pior porque um, dava vontade de pentear com os dedos e o outro, ela queria despentear.

Esse foi um momento muito inapropriado para ela se lembrar daquela manhã em Riverside quando se sentiu tão vulnerável e ele a abraçou por um longo tempo e depois deixou que ela penteasse seu cabelo com os dedos.

A capela ficou em silêncio, todo mundo se levantou e os padrinhos e madrinhas tomaram seus lugares, Shannon entrou acompanhada do pai. A cerimônia não foi longa e depois todos desceram pela torre e passaram pelo corredor suspenso que os levava ao castelo. O pôr do sol estava um pouco adiantado, mas a visão foi linda assim mesmo. Logo todo mundo já estava lá na estufa, que tinha esse nome só porque era uma tenda coberta e protegida. A iluminação estava acesa e Bridgit, a organizadora, estava um pouco danada da

vida com o sol.

Foi divertido, o grupinho do castelo tinha uma mesa só deles e estavam rindo um bocado com Aura e suas histórias. Só de olhar para ela e aquele seu rosto redondo e moreno, sempre com um sorriso zombeteiro pregado nele, você já tinha vontade de rir. E ela ainda era extremamente cômica contando suas histórias. Havia quatro irmãs muito parecidas com ela e morando no mesmo lugar. As situações eram inacreditáveis.

– Depois que o marido dela chegou, ainda ficou pior. Adivinha quem o jogou de ceroula florida pela janela?

– Sua avó – chutou Marcel.

– Deus que me livre! Ela já tinha batido as botas nessa época. Foi minha mãe, que Deus a tenha. Ele voou no canteiro de flores da vizinha. Saiu todo espetado, com as coisas de fora. Minha irmã jurou que nunca mais ia se meter com homem – ela bebeu um gole do vinho branco, fazendo a pausa de efeito. – Está no quinto marido, a maldita!

Todo mundo na mesa apertou o nariz e prensou os lábios para não gargalhar em plena festa do casamento. Havia música tocando, mas se os quatro rissem juntos ia ser chamativo.

– Ai, minha maquiagem... – Peggy apertou a ponta do dedo perto do cantinho do olho pra ver se não borrara nada.

Havia uma cadeira livre na mesa deles porque Devan havia ficado lá um tempo, ele conhecia os noivos, os padrinhos e algumas pessoas, mas não toda aquela gente. Rud e Edith estavam lá e no momento dançavam juntos. Segundo o que soube na despedida de Shannon, Luiza achava que os dois podiam ter uma nova chance. Ele parecia interessado, mas Edith não estava facilitando. Rud ia ter que conquistar sua nova chance com ela. E sim, ele havia sido um cachorro e Edith quem pedira o divórcio.

Kole e Diane também estavam lá, na mesma mesa que eles. Ele estava com uma acompanhante que Luiza não conhecia, mas pela sua fama, devia ser a gata da vez. Diane tinha com quem conversar, porque também conhecia alguns dos outros convidados locais. Mas ela estava passando quase todo o tempo que dispunha, na cadeira ao lado de Devan, servindo de acessório para o braço direito dele, onde ela cismava de se apoiar.

Luiza tinha certeza que se ele precisasse levantar de repente em uma das “inclinadas chave” dela, Diane ia acabar estatelada no chão. Ao menos hoje ela não estava dando cabeladas em ninguém, porque prendera aquela linda massa negra num penteado muito elegante.

– E aquela ali é o quê? Biscate nova, lanchinho da noite, aspirante a condessa, alpinista da nobreza... não é outra grudenta que nem a última não, né? – Aura conseguia ser pior do que Afonso. Tanto na clareza do que dizia quanto nos apelidos.

– Tudo isso num pacote – resumiu Afonso, com azedume e também dando uma olhada para Diane.

Marcel não aguentou e deu uma risadinha, ele era o mais discreto.

– Eu conheço aqueles dois. Se eu fosse ela, dava uma surra nele antes de aceitar de volta. Quando bebi uns negócios com eles, deu o maior barraco no final – comentou Aura, indicando Rud e Edith.

– Barraco é sempre com você no meio! – exclamou Afonso.

Rud e Edith voltaram para mesa, um tanto acalorados depois de dançar duas músicas. Ele estava dando em cima dela como se fosse a primeira vez. E ela estava sem Shannon para lhe fazer companhia, já que a noiva estava sobrecarregada com os convidados e Edith não parecia ser muito fã de Diane.

– Que tal dançar comigo, Devan? – Edith levantou e ele praticamente pulou de pé para acompanhá-la.

Eles seguiram até a beira do espaço reservado para dançar.

– Te livreii? – ela perguntou, lançando um olhar malvado para onde deixaram Diane.

– Eu devia te fazer essa pergunta – ele não olhou para a mesa.

– Você faz parte do meu plano. Eu vou ao banheiro assim que sair daqui e você trata de me dar cobertura.

– Fugindo tão cedo?

– Não dificulta.

– Você está com medo do quê?

– Você sabe muito bem que Rud não joga limpo.

– Ele ainda gosta muito de você.

– Pare de jogar no time dele.

– Eu o entendo.

– Você não chegou ao nível de cachorrise dele.

– Pode ser, mas eu estou atrás de uma mulher que também está correndo de mim. Eu o entendo.

Eles continuaram dançando e como Edith era muito mais baixa que ele, precisava inclinar a cabeça para lançar olhares pelo canto do seu braço.

– Tudo bem. Eu distraio a medusa e você pode ir lá atrás da bela do castelo.

– Era exatamente o que eu estava planejando – ele girou lentamente, levando-a pela pista.

– Ela não vai querer dançar com você – Edith avisou.

– Vai sim. Peço com jeito – ele lhe deu um sorriso encantador.

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Homem é tudo igual. Não importa se é dono de agência de viagens ou conde!

Por sua vez, Luiza já fora testar seu belo par de sapatos novos e altíssimos na pista de dança com Marcel, Afonso e um amigo solteiro de Hugo que tivera a

cara de pau de convidá-la. Em três minutos de música, ela já sabia tudo que precisava sobre a vida do homem. E Marcel ficou caçoando porque ela ficou mais alta do que ele com aqueles saltos. Ele disse que um velho agarrado à cintura daquela beleza merecia uma foto para as memórias dele. Claro que Afonso sacou o celular e tirou algumas, ele estava fazendo isso desde o início da festa.

– Então, Aura – disse Devan, voltando para perto deles. – É agora que você finalmente vai me dar a honra?

Ela ficou de pé e colocou as mãos na cintura.

– Eu aceito, milorde. Mas nem adianta cair de amores e me pedir pra ser condessa que eu já to muito passada pra aventura!

Eles dançaram uma música e de longe dava para ver que estavam se divertindo. As músicas que tocaram depois não eram exatamente o que Devan tinha em mente, mas eram todas instrumentais, com exceção de algumas escolhas especiais dos noivos. Mas quando escutou uma que estava com toda cara que seria lenta e chata, ele deixou os outros padrinhos e atravessou de volta para sua mesa e parou ao lado de Luiza.

– Sabe dançar, milady? – ele fez um leve meneio e lhe ofereceu a mão.

– Está se vingando por todos os condes e milordes que falei pelas suas costas?

– Não, só quero dançar com a lady mais bonita da festa.

Afonso e Aura já estavam fazendo sons de “huum”, Peggy estava numa fase romântica, então só olhava encantada. E Marcel estava secretamente torcendo para dar certo, mesmo que ficasse dando conselhos ajuizados para os dois lados.

Ela aceitou a mão dele que a ajudou a andar até o espaço plano e iluminado onde os noivos tinham dançado por um tempo e agora havia apenas mais dois casais. Luiza segurou a mão dele e colocou a outra em seu ombro. Devan queria passar os dois braços em volta dela e se mover pouco, mas por enquanto se contentou com um só e a música era tão lenta que em outra situação ele iria bocejar.

Apesar de lento, o som era agradável e eles estavam realmente se movendo pouco, seus pés só iam para um lado e para o outro enquanto iam girando devagar. Os olhos de Luiza estavam cravados no que havia à frente dela e com aqueles saltos, seu olhar estava nivelado com a gravata azul e sedosa que ele usava. Percebendo que a música estava chegando ao fim, ela foi levantando o olhar até encará-lo. E por mais que até esperasse isso, surpreendeu-se quando já o encontrou olhando-a atentamente. Algo que ele estava fazendo desde que fora buscá-la na mesa.

Luiza ficou presa pelo olhar dele e piscou algumas vezes, mas resolveu lhe dar um leve sorriso para dissipar a situação. Ele apenas continuou olhando para ela.

Eles pegaram a música no meio e continuaram juntos quando uma um pouco

mais animada começou. Luiza sentiu a mão dele se mover sobre suas costas enquanto eles se distanciavam um pouco pelo ritmo da música. Então ele a soltou e mantendo-a pela mão, girou-a devagar e quando a puxou de volta, abriu-lhe um enorme sorriso. Luiza retribuiu e voltou a se segurar a ele que passou novamente o braço em volta de sua cintura, a mantendo mais perto do que antes.

– Olhos tão sedutores quanto de uma feiticeira – ele disse baixo, encarando seus olhos que hoje estavam maquiados de um jeito tão caprichado e sensual que ele estava sentindo-se mais seduzido do que nunca.

– Não seria de sereia?

– Não, sereias vivem na água, não faz sentido.

– Feiticeiras têm má fama.

– Uma pena terem sujado o nome delas. Minha lenda preferida as retrata como criaturas mágicas e tão belas quanto ninfas. E certamente com olhos como os seus, da cor de uma floresta no verão.

Luiza ficou olhando-o com um leve sorriso e a ponta dos seus dedos tocou o lado direito da mandíbula dele. Devan vinha deixando a barba crescer um pouco nas últimas semanas, mas hoje se barbeara e estava tão rente que ela sentiu uma vontade incontrolável de esfregar a ponta dos dedos e constatar que podia sentir a suave aspereza. Ele virou um pouco o rosto na direção dos dedos dela, incentivando-a a continuar.

Mas ela parou, porque era o tipo de coisa na sua lista do “não dificulte”. Devan colocou a outra mão dela em seu ombro e passou os dois braços em volta de Luiza que continuava movendo os pés e o acompanhando no ritmo lento da música, mas não estava consciente disso.

– Dance mais uma música comigo – ele pediu.

– Uma lady não deve dançar duas vezes com o mesmo pretendente e muito menos se forem seguidas. Já estou com você há uma música e meia.

– Tem mais pretendentes por aqui? – ele havia visto aquele babaca dançando com ela e com certeza lhe passando várias cantadas. Mas concluiu que colocá-la no ombro e levá-la para longe no meio do casamento não seria legal. Dançar era melhor.

– Isso importa?

– Agora não. Você ainda está nos meus braços.

Ela o olhou novamente e quando levantou o rosto seu nariz tocou o dele que só não roubou um beijo porque ela voltou a olhar sua gravata. Devan mordeu o lábio inferior e depois prensou a boca enquanto engolia a saliva, porque segurá-la tão perto e não beijá-la era um exercício difícil para o seu autocontrole.

A música acabou e antes de dar um passo para trás, Luiza deixou as mãos deslizarem dos ombros dele pelo seu peito, assim como sentiu as mãos dele passando por sua cintura para liberá-la do abraço. Devan a levou de volta à mesa e voltou para seu lugar lá perto de Rud.

– Meu bem! – Afonso exclamou, parando atrás dela que estava de pé bebendo uma taça gelada de champanhe. – Aquele homem está no jogo pro perigo. Ele quer desembrulhá-la, temperá-la e devorá-la todinha. Fiquei com palpitação só de olhar – pra dar ênfase à declaração, ele virou metade da taça de champanhe.

– Eu sei – ela disse baixo.

– E também está pouco humilde, né?

Não, eu só quero fazer a mesma coisa com ele.

– Eu só queria uma vez, ao menos uma vez esquecer todo o resto.

– Eu não dou pra isso não, gente. Não tenho coração e nem estrutura pra lidar com paixonite enrustida. Credo! – disse Afonso, voltando para a mesa deles.

Luiza voltou para lá e fez de tudo para não deixar seu olhar ir procurá-lo, porque sempre que o fazia eles acabavam se encarando de longe.

Os noivos partiram para passar a noite no quarto mais luxuoso do pequeno hotel e este fazia a pessoa se sentir nos aposentos da realeza, ou no caso de Havenford, você se sentia o conde e a condessa pelo tempo que dormisse ali. De manhã eles pegariam um voo para a semana que teriam em lua de mel viajando por ilhas do Mar Mediterrâneo, de onde pretendiam voltar bronzeados e prontos para enfrentar o frio e a neve do inverno britânico.

Janeiro de 1442,

Eu sabia que não deveria ter vindo a esse lugar. Mas não podia deixar Helena ser apresentada à corte só com os irmãos. Aliás, fiz bem em vir. Porque remediei vários dos problemas que meus filhos arranjam por aqui.

Haydan quase entrou num duelo por causa de uma menina descarada. Todos tivemos que entrar no meio.

Christian está dormindo com todas as damas de companhia e suas ladies. Já estou cansada de inventar histórias para que uma não descubra a outra, nem minha imaginação vai tão longe.

Helena está caçoando de todos os seus pobres e encantados pretendentes. E a maioria ainda cheira a leite. Ela odeia garotinhos.

E dá para acreditar que aquele homem maldito ainda está vivo? Que justiça pode haver no mundo quando meu marido está morto e lorde Arrigan, aquele porco, ainda está vivo? Sim, o maldito sempre aparentou ter mais idade do que a realidade. A perna defeituosa e a dor nas costas que foram o resultado da surra que ele levou do meu marido, além da cicatriz no pescoço, continuam lá.

Aquele maldito tarado teve a ousadia de me perseguir num corredor e me encurrular numa sala. Eu com certeza podia ter dado um chute em sua perna ruim e o derrubado.

Meu conde pode não estar mais aqui, mas agora eu tenho dois filhos grandes e fortes. E eles não permitem que ninguém me importune. Eles entraram na hora eu já mencionei que não consigo mais contê-los.

Seja lá para onde a alma daquele maldito vai (porque ele não passará dessa

noite), não será um lugar bonito. E a esposa dele murmurou um “obrigada” quando passou por nós no corredor enquanto fingia chorar.

Capítulo 16

Alguns pontos do castelo eram realmente complicados para uma pessoa em cima de um salto fino transitar. Por isso que todos os sapatos novos que Luiza comprara tinham saltos largos e mesmo assim, quando sabia que ia visitar muito os pátios, ela não os colocava. Ela chegou ao jardim da condessa e o piso ali era plano e sem pedras no calçamento. Era mais uma coisa em Havenford feita por um conde, só para agradar sua esposa. Havia até peixinhos coloridos na fonte construída em um dos lados. Antes do jardim, ali ficava um espaço de serviço que não tinha muito uso e na época de Elene não havia nada, fazia parte do pátio lateral onde os cavaleiros podiam se exercitar e passar o tempo.

Luiza escutou os passos e pelo som que produziam, sabia que eram sapatos masculinos e não era a pisada leve de Afonso, nem a mais lenta e de som estável que Marcel produzia. Ela se virou e olhou para Devan que se aproximou mais alguns passos antes de parar.

– Você devia ter subido, se trancado no seu quarto e ficado lá – ele disse.

Ela ficou olhando-o e soltou o ar. Sua mente dizia: *Só mais essa vez, eu prometo ao meu bom senso e ao meu futuro aqui que não vou estragar tudo e...* Ela estava a ponto de voltar atrás e perceber que não estava tão louca.

– Eu tentei... – ela disse baixo.

Mas simplesmente esquecer essa noite e voltar à solidão do seu quarto era tão... Ele deu dois passos, capturou-a pela cintura e a beijou tão rápido que não deu tempo de ela esboçar reação. Quando os braços dela envolveram seu pescoço, seus lábios já estavam colados e ocupados. Eles deram alguns passos para trás, mas ela nem estava sentindo seus saltos tocarem o chão porque se abraçara ao seu pescoço e ele a levantara. Eles saíram do caminho e bateram contra uma das paredes de plantas mais escondidas ao lado da pequena fonte. Quem passasse por ali rapidamente só ia vê-los se ficasse olhando para lá.

As luzes principais do castelo foram se apagando, mas eles não prestaram atenção. Ali estava escuro e bom. E não havia como ver nada porque não desgrudavam suas bocas por mais que um ou dois segundos. Uma das pernas dela estava enroscada na dele e estava tão presa a ele que não conseguia pensar em mais nada, só em continuar a beijá-lo. Luiza sentia o abraço dele, as mãos em seu corpo sobre o tecido tão fino daquele vestido que não a protegia.

Ela já havia bagunçado todo o cabelo dele, acabando com seu penteado bonito de padrinho do noivo e se agarrou aos fios quando ele chegou a levantá-la contra a parede, como se houvesse um modo de ficar ainda mais grudado a ela. Devan estava beijando-a com força. Ela sentia seus lábios sendo prazerosamente maltratados. E não conseguia sair do frenesi em que havia mergulhado, não

havia nada para impedi-los nesse momento e a necessidade parecia forte demais para suportar.

Eles queriam um ao outro, seus corpos estavam trêmulos de desejo e estavam quase se machucando na tentativa de suprir um pouco o que sentiam. Ele já estava arranhado e com os lábios mordidos e suas mãos estavam pegando-a com tanta força que o corpo dela se contorcia junto ao seu e ela deixava gemidos surpresos escaparem em seus lábios.

Quando eles separaram suas bocas por um momento mais longo, ele a segurou por baixo do cabelo com as duas mãos e manteve-a bem perto dele. Beijou seu queixo e a linha de sua mandíbula e foi descendo pelo seu pescoço, seus lábios deixavam uma trilha úmida e quente e Luiza podia ouvir quando ele puxava o ar com força. Seu corpo se arrepiou inteiro de um jeito que ela chegou a suspirar, fazendo-a mover as costas e sentir seus pelos eriçados. Ela podia sentir os mamilos rígidos e doloridos, pressionados contra o bojo do seu sutiã. Estava com uma vontade louca de empurrar a manga do vestido e deixá-lo continuar a beijar pelo seu ombro.

As mãos dela saíram de dentro do paletó dele e o seguraram pelo pescoço. Devan levantou o rosto e olhou-a, mas beijou seus lábios porque estava impossível perder o contato por muito tempo.

– Esse pátio tem um efeito estranho... – ela sussurrou, sua voz saindo ofegante e muito baixa. E era um milagre sua mente funcionar o suficiente para ela dizer isso, se referindo a mais uma das lendas românticas do castelo que envolvia o efeito que o jardim da condessa tinha sobre os apaixonados. Foi assim que o conde do século XVIII conquistou sua esposa.

– Eu vou levá-la pra minha cama e passar as próximas horas repondo todo o tempo que nós perdemos. E eu vou fazê-la gozar olhando bem pra mim e com tanta força que você nunca mais vai me esquecer, não vai mais fugir de mim e vai gritar meu nome pro castelo inteiro escutar – ele sussurrou de volta, com os lábios colados aos dela.

Os joelhos dela tinham derretido em algum momento, mas ela apoiou todo o peso do seu corpo contra ele e murmurou seu nome baixinho. Não sabia o que estava pedindo ou se estava tentando lhe dizer que não ia aguentar, mas foi tudo que respondeu.

Ele a puxou com ele, levando-a de volta ao caminho do jardim. Ela não fazia ideia do efeito que tinha nele. Se já não estivesse com os planos feitos, ele ia ter as ideias mais pornográficas nesse momento, com ela se segurando nele e lhe murmurando seu nome, com a voz baixa e soando tão sensual e entregue.

– Você também pode murmurar meu nome assim quando eu estiver gozando dentro de você, eu vou adorar – ele disse para ela, mantendo-a perto.

Eles voltaram pelo corredor e saíram no salão principal. Devan ainda andava e a beijava ao mesmo tempo. Quando chegaram ao pé da escada, ele a levantou

no colo e Luiza se segurou bem nele enquanto era carregada escada acima. Ela não achou que ele fosse levá-la por todo o caminho, mas foi o que ele fez. E ainda conseguia beijá-la em alguns momentos. Devan bateu a porta do quarto com o pé e deixou-a no chão, perto da cama. Soltou apenas por tempo suficiente para arrancar o paletó e a gravata.

Luiza não sabia se eles estavam agindo com a pressa que parecia, mas eles realmente queriam se livrar das roupas e cair na cama. No ponto em que chegaram, era tudo que precisavam fazer. Ela chutou seus saltos para longe e o puxou para mais perto quando ele a beijou novamente. Devan a levantou e soltou sobre a cama que era muito larga e mesmo atravessados sobre ela, havia espaço suficiente. Luiza abriu os botões da camisa dele e a empurrou, observou por um momento enquanto ele ficou de joelhos no colchão e se livrou de mais aquela peça.

O quarto estava na penumbra, mais iluminado pela luz que vinha de fora do que pelo abajur que ele acendeu quando entraram. Mas enquanto ele se livrava da calça e das meias, ela podia imaginar por que ele tinha tantas fãs que não se limitavam apenas à sua obra literária. Misturar inteligência com aquele físico era afrodisíaco demais para resistir. Ela já estava vendida, não tinha volta.

Ele deitou-se sobre ela apenas com o boxer e Luiza teve vontade de se agarrar a ele e suspirar de deleite. A mão dele foi direto para o fecho ao lado de seu corpo e soltou o vestido que ela usava. Logo era mais um item voando para longe da cama. Ele afastou as pernas dela e se ajeitou entre elas, abaixando o rosto e beijando seus seios, suas mãos já estavam por baixo dela, soltando o fecho do sutiã. Assim que se livrou daquele inconveniente, sua boca capturou um mamilo, sugando-o de forma faminta, mas as mãos dele estavam empurrando a calcinha. Devan queria tê-la sem nada sobre o corpo, ele seria a única coisa que ela teria contra a pele nas próximas horas.

Não estava acreditando que acontecia, mas não ia perder tempo imaginando se sonhava, estavam excitados e loucos para se saciar um pouco, ao menos para abaixar o topo daquela necessidade. Não dava para impedir, tomara conta deles, precisavam começar rápido. E seguir os impulsos podia se provar ser muito prazeroso.

Devan procurou o outro mamilo, deixando-o úmido com sua atenção. Luiza gemeu e empurrou o boxer dele, recebendo ajuda rapidamente. Devan a beijava, dizendo-lhe o quanto a queria e ao tocá-la entre as pernas já a sentiu úmida. Tão excitada quanto ele estava. Ela gemeu com os estímulos no seu clitóris já sensível e agarrou a nuca dele, movendo-se contra seus dedos e pedindo por mais.

Sinceramente, Luiza não estava interessada em explicar a si mesma o que havia dado nela. A explicação só podia estar no seu parceiro, porque ela nunca havia feito algo assim, perder o controle da excitação e se jogar na cama com

um cara, implorando para ele ser rápido e ficar logo dentro dela. Ela ainda tinha aquela espécie de trava de sua primeira vez que foi uma droga e não era como se alguém houvesse conseguido mudar isso. Então, essa sua devassidão repentina era algo inédito e parecia bom o suficiente para ser explorado.

A gaveta do criado mudo deve ter caído, não dava para ver, mas fez barulho. Devan conseguiu pegar o que queria e felizmente ele era um homem sexualmente ativo e com bom senso ativo também para ter camisinhas esperando sua oportunidade de serem usadas. Os dois provavelmente iam enlouquecer se ele não tivesse nenhuma, Luiza nem sabia em qual nécessaire estava a sua.

Ela se sentiu especialmente devassa quando ele levantou suas duas pernas, que já estavam afastadas no limite, e os pés dela se encontraram atrás dele, acima de sua cintura ao mesmo tempo em que ele a penetrava. Luiza perdeu o ar, agarrou-se nele e pressionou a cabeça contra a cama. Um gemido que ela nem sabia ser seu escapou de sua garganta e ela fechou os olhos. Outros gemidos seguiram àquele e a cabeça dela pendeu para o lado. Devan sussurrou para ela e começou a se mover, Luiza estava muito úmida e seu corpo foi cedendo à invasão. E ele estava lhe dizendo umas coisas muito excitantes enquanto percebia que ia ficando cada vez mais fácil entrar e sair dela.

Devan se apoiou na cama e ela transferiu as mãos para os antebraços dele, mantendo-se no lugar porque ele não estava sendo delicado. E aquela posição estava deixando-o ir mais fundo do que ela esperava. Luiza cruzou as pernas atrás dele, com certeza estavam tendo o que queriam. Um começo rápido e explosivo para abaixarem um pouco aquele desejo incontrolável. Estava vindo, o gozo mais rápido da vida dela. Como ele havia conseguido, ela não queria saber, só queria que não parasse.

Devan inclinou-se sobre ela, apoiando os cotovelos ao lado do rosto dela e segurando sua cabeça. Ficou olhando-a atentamente e mandou que olhasse pra ele enquanto gozava. Luiza o encarou, mas ela não estava acostumada a fazer isso.

– Olhe pra mim, goze olhando bem nos meus olhos – ele disse, prendendo o cabelo dela entre seus dedos.

Ela soltou um gemidinho agudo, ficar presa assim era diferente. Ele estava indo com força e levando-a a um orgasmo rápido e Luiza estava fora de si, conseguindo apenas seguir sentindo-o. Ela tentou mover a cabeça e fechou os olhos, quase choramingando o gemido que ecoou dela junto com o clímax. Ele gozou em seguida, mas não desviou o olhar dela, apenas soltou e a observou deixar a cabeça cair para o lado.

Devan beijou-a pelo pescoço e depois procurou sua boca, dando-lhe um beijo lento e íntimo de pós-sexo. Luiza deixou suas mãos passarem pelo cabelo dele, bagunçando-o todo enquanto o retribuía. Ele se ajoelhou e se livrou da

camisinha usada, apoiou-se sobre os braços e começou a beijar o corpo dela. Luiza sorriu levemente, não apenas pelo toque, mas pelos elogios que ele lhe fazia enquanto ia descendo.

– Eu também adoro o seu corpo contra o meu – ela respondeu para ele. – Mas não vou dizer que você é lindo e macio. Vai acabar com sua humildade.

Devan continuava com a boca sobre a pele dela, mas parecia estar sorrindo apesar do olhar sacana que lhe lançou.

– Isso é um privilégio só seu. Assim como esse gosto delicioso.

Ele apoiou os pés dela sobre seus ombros largos e começou a chupá-la, sorvendo e sentindo o gosto do gozo que ele provocara. Ela gemeu baixinho e sentiu-se derreter sobre a cama, pendeu a cabeça e olhou para baixo. Devan fechou os olhos por um momento e ele parecia estar gostando tanto do que fazia que a deixou imediatamente excitada como estava antes. A língua dele passou novamente por todo o seu sexo e ele voltou ao clitóris onde deixou escapar um som de sucção que a deixou tremendo de tesão.

Luiza o segurou pelo cabelo e moveu o quadril contra a boca dele. Devan levantou o olhar quente e cheio de desejo para ela, mas sua língua continuou trabalhando no clitóris sensível, deixando-a ainda mais úmida.

– Devan... – ela pediu, como se ele precisasse parar.

– Você vai me deixar louco com esse gosto tão bom.

Ela ia gozar e ele quem ia ficar louco? Luiza estava se agarrando ao lençol e ao cabelo dele, sem saber como se conter ou o que fazer naquele momento. Não era como se tivesse algum controle. Estava quase lá e ele estava fazendo do jeito certo, nem precisava pedir nada, só para ele não parar. Devan voltou a chupá-la e Luiza soltou um gemidinho agudo como se fosse um aviso e ele só intensificou o que fazia, mas seus olhos a acompanhavam e uma de suas mãos estava sobre o ventre dela, mantendo-a no lugar porque ela tentava perder o contato quando o prazer ficava intenso demais.

Luiza apertou a mão dele que esteve acariciando seu seio, suas unhas marcaram a palma dele enquanto ela gozava e o sentia ajudando, agora com carícias leves de sua língua. E isso só fez a sensação perdurar mais a um ponto que ela não fazia ideia se havia continuado gemendo ou se gritara de prazer.

– Você não olha pra mim quando estou dentro de você e muito menos quando goza na minha boca. Vamos ter que resolver isso – ele disse, ficando novamente de joelhos sobre a cama. – Não vou deixar que continue fugindo aqui.

Luiza piscou algumas vezes e o focalizou, passou o olhar por ele e umedeceu os lábios.

– E se eu disser que nunca me fizeram gozar assim? – ela queria dizer com sexo oral. Era boa em saber o que gostava, porque depois da péssima primeira vez, aprendeu a se descobrir. Mas parecia que não sabiam tocá-la desse jeito, pelo menos não até agora.

Ele sorriu levemente e se aproximou sobre a cama. Estava de joelhos e com aquele corpo belo e masculino à disposição do olhar dela, a penumbra só ajudava a visão, escurecendo as entradas dos seus músculos, deixando os ângulos quase artísticos. E ele estava muito duro novamente, dava para ver bem. Luiza apoiou-se nos cotovelos, observando-o se aproximar.

– Não vou releva. Enquanto estivermos aqui, você é tudo que existe no meu mundo. E eu a quero olhando pra mim quando gozar e quando eu estiver bem dentro de você.

Devan viu quando o olhar dela foi para o seu membro duro e os lábios dela se entreabriram. Ele sentiu o pênis pulsar, ia adorar vê-la e senti-la com a boca ali. Mas seus sonhos eróticos já tinham passado por isso. Quando acontecesse, ele queria ver aqueles olhos lindos e sedutores cravados nele. Agora, ela provavelmente não o olharia e ele ia resolver isso primeiro. Mais tarde, ela podia fazer tudo que quisesse e com a boca onde preferisse.

Luiza levantou o rosto para ele que aceitou o convite e a beijou. Mas a puxou e colocou direito na cama, juntando-se a ela e esmagando-a contra o colchão enquanto se beijavam e acariciavam. Ela estava adorando o peso dele e o jeito como seus corpos se encaixavam e davam prazer um ao outro. Devan era muito focado na parceira quando estava na cama, não divagava e não perdia a atenção no que estava fazendo. E seu olhar estava sempre nela, olhar para ela o fazia gozar mais intensamente.

Ele era carinhoso e um tanto dominador, uma boa mistura de força e toques muitos carinhosos com aqueles apertos sacanas bem nos lugares certos. Luiza estava um pouco sobrecarregada por ele, não havia passado por uma relação assim. E por agir dessa forma, ele queria que a parceira também se entregasse a ele, especialmente se estivesse apaixonado. Então, ele faria amor com uma intensidade que a estragaria para qualquer outro ou a faria fugir e não querer mais nada com ele. Só havia essas duas opções para ficar com Devan.

E ele estava louco por Luiza, completamente caído. Queria tudo dela, especialmente que parasse de fugir. Ele já havia passado por isso, ganhara a garota ou a perdera.

Mas como não ficar louca por ele? Ele só queria que ela se entregasse, algo que ela tinha tanta dificuldade em fazer que nunca havia nem tentado. Devan gostava de uma séria conexão sentimental durante o sexo, tanto que não era tão fã das relações casuais em que, quando terminava, cada um saía por um lado da cama, vestia as roupas e caía na estrada. Não era a dele. Não se enganava e nem se arrependia quando ia para cama com alguém. Precisa estar focado e conhecer a mulher que escolhia para algo tão íntimo.

Luiza era uma bagunça sentimental, mas ele a conquistara e ela não estava conseguindo resistir. E estar na cama com ele estava sendo maravilhoso, tão bom que sua mente ainda nem conseguira religar o lado que lhe alertava que aquilo

era um erro. Ela suspirou quando ele afastou os lábios dos dela, abriu os olhos e deu um sorriso prazeroso enquanto ele ainda esfregava seu mamilo entre os dedos. Ele quem soltou o ar num gemido porque ela encontrara um ritmo muito bom e torturantemente lento para masturbá-lo.

Sentir aquele membro tão duro em sua mão só a deixou mais excitada por mais corada que houvesse ficado com o que ele lhe murmurava enquanto estava tocando-o.

– Já que você descobriu que gosta de me tocar, pega o preservativo pra mim.

Ela ficou de joelhos e pegou o pacote jogado no colchão, perto do pé da cama. Não estava acreditando que iam fazer de novo, sua mente devia ter ficado perdida em algum lugar entre os lindos olhos azuis acinzentados dele, as entradas sensuais dos músculos abdominais que ela esteve acariciando até agora pouco e aqueles beijos de virar a mente de qualquer mulher. Só podia. Não tinha explicação.

Luiza sentiu o movimento na cama e ele ficou de joelhos também, segurou seu cabelo em um rabo de cavalo e o levantou para poder beijar sua nuca. Ele passou o braço em volta dela e a girou, deitando-a na cama de barriga para baixo, continuou beijando suas costas e mordeu o lábio enquanto acariciava o seu traseiro com as duas mãos. Devan manteve as pernas dela juntas, afastando só o necessário. Pegou o preservativo da mão dela e colocou, ela sentia o membro pesado dele acariciando a entrada úmida que ele estivera tocando com os dedos enquanto se beijavam.

Ele apoiou as mãos no colchão e foi ficando dentro dela, mas não a deixou afastar mais as pernas, deixando ambos cientes demais da sensação da penetração. Luiza sentia-o deslizar facilmente, mas estava muito apertada em volta dele. Ele entrava e saía num ângulo diferente que independente da velocidade, estava estimulando o lugar certo. As mãos dele subiam por suas costas e se apoiavam ali enquanto ele investia, até subirem mais e apertarem seus ombros quando ele começou a ir mais rápido.

O jeito como ele a segurava estava deixando-a tão excitada e o modo como ia e voltava, como se soubesse quando ela queria que ele parasse porque achava que ia estilhaçar de prazer, mas era exatamente quando ele não parava. Devan a segurou pela mandíbula e virou sua cabeça, colocou a outra mão sobre seu cabelo e a manteve cativa assim enquanto suas estocadas ficavam mais enérgicas. Ele era grande em todos os aspectos, bem maior que ela, mas ao invés de preocupá-la, isso a excitava. Quando ele a prendia assim, ela quase não enxergava além dele e sentia-se presa e sobrecarregada por ele. E queria gritar de prazer.

– Pode morder mais forte – ele avisou quando os dentes dela prenderam seu polegar.

Ela realmente apertou e ele puxou o ar entre os dentes, inclinando-se mais e

tirando o dedo para voltar a segurar na mandíbula dela. Estava apertando e lhe sussurrando para manter os olhos abertos e ela estava perto de gozar novamente. Ela tinha certeza que ia perder a consciência, apertava o travesseiro com as mãos por baixo dele e seus gemidos estavam contínuos. Devan lhe disse o quanto aquilo estava bom para ele e ela sentiu o corpo inteiro estremecer e sabia que devia ter tremido também. Mas começou a gozar com tanta força que estilharçar parecia novamente uma opção.

Ele soltou sua mandíbula e apoiou a mão no meio de suas costas, sem lhe dar alívio até que ele começou a gozar também. Mantinha a cabeça dela de lado, às vezes seus dedos puxavam um pouco seu cabelo sem ele perceber. Ela podia sentir perfeitamente as pulsadas do membro dele, mesmo que ainda estivesse estremecendo. Não conseguiu parar e continuou até ele terminar.

Apoiando-se no antebraço, Devan inclinou-se até seu rosto ficar à frente do dela. Luiza ainda não havia tido coragem de se mover. Ele passou a mão pelo cabelo dela com carinho, afastando-o para não grudar em sua testa suada. Aproximou-se e beijou-a demoradamente, com sua boca bem aberta e suas línguas enroscando-se descaradamente. Quando ele a beijava assim, era como continuar o sexo. Foi num beijo desses que acabaram naquela cama.

Ele saiu do corpo dela sem pressa e se deitou na cama, livrando-se daquele preservativo também. Virou-se e passou a mão pelas costas dela, deixando um beijo em seu ombro logo depois. Ele pediu para ela virar e Luiza o encarou assim que ficou de lado também.

– Você não disse que queria que eu olhasse pra você? – ela perguntou.

Ele deixou o corpo tombar e se ajeitou na cama, com a cabeça no travesseiro.

– Você vai olhar agora.

– Como pode ter tanta certeza? – ela se apoiou nos cotovelos e ficou observando seu rosto.

– Não tenho – ele a trouxe para mais perto. – Você não me deixa ter certeza de nada.

– Nem você.

– Sou previsível. Eu quero você e estou fazendo tudo para conseguir. Mas você é minha caixinha de segredos – ele passou as mãos pelo cabelo dela e puxou-a para cima dele.

Luiza deixou seu corpo deitar sobre o dele, aproveitando o contato, seus seios ficaram pressionados contra o peito dele e ela apoiava as mãos em seus ombros.

– Eu queria que você fosse previsível. Ia ser mais fácil escapar – ela declarou.

Devan franziu a testa e passou os braços em volta dela.

– Não vou deixá-la escapar – ele desceu as mãos pelo corpo dela, gostando de servir de colchão para ela.

– Eu não pretendo sair correndo agora. Aqui está bem agradável – ela moveu o corpo como se comprovasse a alegação, mas deitada em cima dele o resultado tinha outro efeito.

Ele puxou-a mais para cima, olhou-a seriamente, estava entrando no clima novamente.

– Me beija – ele pediu.

Luiza tocou o rosto dele e se ocupou beijando-o por um tempo. Descobriu que ele era irresistível quando estava por cima e também quando se deixava à disposição dela. Quando ela empurrou seus ombros, ele até deixou os braços caírem na cama e sorriu levemente, disposto a tudo que ela quisesse. E ela estava se divertindo, não apenas descobrindo sua própria disposição sexual, mas principalmente a dele. Ela se moveu sobre o quadril dele, apoiando as mãos em seu peito. Mesmo com o peso dela, Devan sentou-se e segurou suas mãos, conseguindo acesso aos seus seios.

Ele era ótimo provocando sensações por todos os pontos do seu corpo aos quais se dedicava, fazia com que ela se sentisse à vontade e acreditasse no quanto ele estava gostando, porque ele estava. Luiza apertou a nuca dele e abaixou a cabeça, a boca dele estava ocupada mostrando bem como gostava de saborear o que lhe agradava. Ela havia descoberto essa noite que ouvi-lo falar com ela era tão excitante que um de seus orgasmos se desencadeou com o que ele disse em seu ouvido enquanto arremetia sem parar dentro dela. Ela lhe disse baixo que gostava quando ele fazia aquilo.

Devan deu uma mordida leve e ela puxou o cabelo dele, porque a sensação repentina causou uma resposta inesperada em seu corpo. Ele a tombou de lado na cama e juntou-se a ela pouco depois, já com o preservativo aberto na mão. Luiza havia decidido que ele era guloso e não se saciava facilmente. Ele não discordaria disso, mas ela devia saber que ele estava esperando por ela há meses e em jejum.

Ele abraçou-a e naquela posição ela sentia-se engolida por ele, era bom e deixava-a querendo mais. Sentir-se apertada entre a maciez do colchão e o corpo dele, quente e ao mesmo tempo rígido e suave ao toque, dava-lhe vontade de nunca sair dali. Era bom saber que não era a única, enquanto ela se deleitava com a sensação, ele lhe dizia o quanto era bom tê-la nos braços. Devan acariciou a coxa dela e desceu a mão até puxar sua perna e passar por cima do quadril dele.

Ele estava sussurrando para ela enquanto ficava dentro dela novamente, bem devagar, deixando-a sentir o avanço centímetro por centímetro até ela soltar um gemido longo e prazeroso quando o membro dele chegou ao fundo e ele moveu-se lentamente, gostando de ficar ali. E ela estava olhando bem para ele, apertando-o onde segurava e o beijando sempre que conseguia.

Luiza apertou a perna sobre ele e Devan tirou os dedos do clitóris dela e a

segurou, mantendo bem presa em seu quadril, para continuar naquela posição que lhe dava todo o acesso que ele queria. Ela sentia-se desejada e adorada, parte do que ele lhe sussurrava intimamente eram elogios, a outra, eram coisas bem sujas que só eles saberiam e estavam deixando-a mais excitada. Ela o beijou com mais força e moveu o quadril, pedindo mais. Devan moveu a perna, apoiando-se melhor e o quase silêncio que estava acabou.

Os gemidos dela ficaram mais altos, a cama voltou a se manifestar e os ofegos e sons de prazer que ele emitia era parte do que a levaria a outro orgasmo. Ele a segurou e ela piscou longamente, mas continuou olhando-o fixamente. A resposta dela teve efeito sobre ele que gozou antes, com o prazer tomando conta dele teve que fechar os olhos por uns momentos, mas os abriu novamente, fixados nela. Ele segurou o cabelo dela dos dois lados, movendo-se sobre ela, arrancando o orgasmo dela, não havia para onde ela fugir. Mas dessa vez ela não estava tentando.

Devan liberou-a e tombou para o lado, puxando-a para junto dele. Seus corpos estavam úmidos, doloridos nos lugares mais suspeitos e os membros pareciam moles e não queriam responder direito ao comando de seus cérebros. Ele passou o braço em volta dela e soltou um suspiro de pura satisfação masculina e Luiza sentiu vontade de rir dele.

Era a noite de núpcias de outro casal, mas eles provavelmente aproveitaram muito mais aquelas horas. Devan dormiu daquele jeito, com o braço em volta dela e o corpo relaxado no meio da cama, com as pernas afastadas e sentindo-a sobre seu lado esquerdo. Horas depois, em torno de quatro e tanta da manhã, algo o retirou do sono profundo e ele não percebeu imediatamente o que estava faltando.

As pálpebras dele estavam pesadas, mas Devan moveu a cabeça no travesseiro. Ele viu algo borrado se movendo e piscou lentamente, sua mente ainda muito adormecida para raciocinar direito. Mas ele continuou piscando e achou que estava sonhando. Viu o vulto branco correndo para a porta. Sua mente registrou uma mulher envolta em branco correndo pelo quarto dele, o tecido claro esvoaçava atrás dela e quando ela passou rápido por perto da luz amarelada do abajur seu cabelo pareceu vermelho.

Estava sonhando, claro. Por que uma mulher ruiva e envolta em branco ia estar correndo pelo seu quarto e desaparecendo pela porta. A visão pareceu tão irreal e fantástica que as piscadas dele ficaram mais lentas até que seus olhos se fecharam e ele adormeceu outra vez.

Fevereiro de 1442,

Querida lady Angela,

Muito obrigada por enviar notícias assim que retornamos. Espero ver seus filhos menores em breve. Sei que nos encontraremos no casamento de Arryn!

Sabe que estavam todos começando a apostar se algum dia ele teria uma baronesa. Esse tipo de assunto é o preferido da região como bem sabemos.

Sobre minha viagem, cometi a sandice de levar meus filhos à corte. Haydan já se considera um adulto, mas falta um ano para completar dezoito. Christian manifestou o desejo de partir para Riverside. Ao menos ele não pretende ir para guerra, isso me mataria.

Helena queria apenas saber como era Londres e é minha obrigação levá-la. Mas não deu certo, porque ela desdenhou de todo e qualquer possível pretendente. Sinceramente, aos catorze anos e com dois irmãos como Dan e Chris, que ameaçam cortar a cabeça de qualquer um que chegar muito perto dela, ela vai poder escolher à vontade. O único problema é que ela continua comparando todos a Rey e bem... ele é ótimo.

Ela não diz mais que é apaixonada por ele, mas não superou seu casamento. Eu sinto pena da pobre moça. Rey é muito ativo, a mocinha é apática e doentia. De qualquer forma, o bom de ele ter se casado foi ela ter esquecido essa história de que Rey era apaixonado por mim.

Ele é bem mais velho que ela e é seis anos mais novo do que eu, isso não impediria nada. Mas meu coração será sempre do pai dela. E como explicar a uma jovenzinha apaixonada que o alvo da admiração dela se tornou o melhor amigo e apoio que eu poderia ter? Ele terminou de treinar meus filhos e os protege com sua vida. Especialmente Haydan, já que Aleck não se separa de Cris.

A visita foi uma completa confusão entre todos. E para piorar, eles querem me arranjar um novo marido. Com a “minha idade” acreditam que ainda posso ter filhos. E ao menos, na opinião geral, continuo bela como sempre fui. Estou lisonjeada, mas não. Não me casarei. Sou incapaz de amar outro homem. E se meu marido soubesse dessa história ficaria muito danado da vida.

*Saudosamente,
Elene Warrington.*

Capítulo 17

Quando Devan acordou novamente, o quarto estava muito claro porque ontem ele não parou para fechar as cortinas. Precisou piscar várias vezes para se acostumar à claridade. Mas instintivamente virou na cama e seu braço procurou a mulher que devia estar ali para puxá-la para perto. Não sabia em que parte da noite ela havia saído de perto dele, mas ainda com os olhos fechados e contente por se virar de costas para a janela, ele realmente achou que seu rosto encontraria o cabelo dela e ele sentiria seu cheiro logo pela manhã.

Ele abriu os olhos e seus braços estavam cruzados a sua frente e a cama vazia. Não adiantava olhar em volta, a mente dele já estava funcional o suficiente para ele saber que ela não estaria ali. E aquele seu sonho com a mulher correndo pelo seu quarto já não parecia mais tão irreal. O lençol branco não estava por ali, assim como a única mulher de cabelo avermelhado que havia estado em sua cama. O resto era fácil concluir.

Essa ia para a lista de coisas que ele odiava. Acordar nu não era novidade, mas nu e sozinho depois de uma ótima noite de sexo, ele não curtia. A sensação era péssima, olhar para o próprio corpo tornava tudo pior e sabia que ainda teria que lidar com os preservativos jogados dos lados da cama. Por que as pessoas tinham problemas em acreditar que caras como ele passavam por problemas desse tipo? E a sensação de abandono não era bonita.

Ele a queria de volta, nem precisava haver declarações. Um bom dia, um beijo e um abraço. E que tal tomarmos banho juntos? Não era nada absurdo para querer. Pelo menos não quando sua noite tinha sido com a mulher por quem você estava mais caído do que pneu furado em rua de pedra.

No caminho para o chuveiro, ele pensava que esse era um daqueles momentos que se fosse um livro ele estaria enfrentando parágrafos de desenvolvimento sentimental. Seu personagem já passara por isso, quando se apaixonou por uma mulher que não o queria. De certa forma estava decidida a desprezá-lo pelo que ele faria e pelo seu passado, mas não conseguia resistir a ele. O resultado foi o seu detetive acordando de mau humor por também ter sido deixado para acordar nu e sozinho com os resquícios do que aconteceu à noite.

No final do livro a mulher morreu e aquele episódio ficou esquecido. Agora seu detetive estava amando, passando por um problema muito pior do que antes. A tal mulher não podia ficar com ele de jeito nenhum. Nem seu trauma daquela relação que terminou tão tragicamente podia impedi-lo. E não é que havia mais semelhanças entre ele e os personagens que criara do que havia imaginado? Felizmente não havia ninguém morto em sua história, mas assim como para o detetive Holden, as perspectivas não pareciam boas.

Luiza estava nervosa enquanto trabalhava em sua mesa lá no final da biblioteca. Toda vez que alguém mexia na porta, ela olhava para lá. Estava ali desde as nove horas da manhã e sabendo que o encontro era inevitável. Ela nem tomou café com os outros, até porque Afonso e Peggy estavam querendo saber onde ela havia se metido ontem à noite. Ela disse que foi para o quarto e apagou, nem sabia que estava tão cansada. Eles não tinham como saber que ela estava mentindo, mas ela preferiu não testar e fugiu logo.

A porta bateu e Marcel entrou. Ele pegou alguns documentos na parte de baixo da estante, onde ficavam armazenados alguns que precisavam ser mantidos em ambiente ideal. Ele ficou falando com ela sobre a exposição e a troca dos cômodos que eram representações para os turistas e deu a tarefa para ela. Foi quando Devan entrou e olhou diretamente para onde ela estava, não houve mais jeito de ela prestar atenção em qualquer palavra dita. O olhar dela ficava indo pra lá.

– Bom dia, Devan. É bom vê-lo. Hoy estava procurando-o e temos que fazer as mudanças lá no segundo andar – disse Marcel.

– Tudo bem – ele assentiu, mas Marcel podia ter falado grego que ia dar no mesmo.

O homem o conhecia há muito tempo e notou que ele estava irritado, porque andou de um lado para o outro à frente de sua mesa. Esperando que Marcel terminasse de dar tarefas a Luiza, que estava se esforçando muito para prestar atenção. Ela não queria nem olhar para ele. Já estava vestido, penteado e de banho tomado. Mas podia estar até fantasiado de Coringa, nunca mais ia esquecer dele naquela cama. E já havia sido muito difícil para ela levantar e olhá-lo adormecido. Teria sido muito mais prazeroso ficar lá abraçada a ele. E foi cruel sair e deixá-lo dormindo. Sem nenhuma peça de roupa o cobrindo. Como é que ela apagava tudo o que aconteceu entre eles de sua mente?

Foi só ele entrar e sua imaginação a consolou com uma imagem em que ela levantava e ia se jogar nos braços dele. Seu lado racional estava dominando-a durante toda a manhã, mas agora ela só pensava que havia cometido um erro gigantesco. Onde estava com a cabeça quando passou metade da noite fazendo amor com aquele homem? Não estava estampado e brilhando em neon no corpo todo dele que era o tipo inesquecível?

Assim que Marcel saiu, já percebendo que havia algum problema, apesar da imaginação dele não ter ido tão longe, Devan andou direto até a mesa de Luiza. Ele apoiou as mãos no tampo e perguntou:

– Por que você fugiu da minha cama?

Ela ficou olhando para suas mãos sobre a mesa, mas sentia o peso do olhar

dele, então se forçou a dizer algo.

– Você sonhou.

– Não brinque comigo.

Ele definitivamente não estava satisfeito, para ser sutil. Ela sabia que o assunto não ia simplesmente morrer. Luiza se levantou e foi andando rapidamente para a porta. Devan achou que ela ia sair e deixá-lo ali, sem dizer nada. Então foi atrás dela e a impediu, mas ela só fechou a porta e se virou para ele.

– Isso não pode acontecer outra vez – ela disse, como se explicasse tudo.

Para surpresa dela, ao invés de argumentar ele a encostou na porta e a beijou com força, segurando-a pelo rosto e parando apenas quando ela perdeu o ar e virou o rosto.

– Repita que não pode acontecer – ele a desafiou.

Alguém deu duas batidas fortes na porta e os dois se sobressaltaram.

– Mandê esperar – ele lhe disse.

– Não. Continua sendo errado e você sabe disso. Quanto mais tempo ficarmos juntos, mais difícil vai ser – ela disse de forma aflita enquanto destrancava a porta.

– Difícil o que, esquecer que acabamos de sair da mesma cama? Ou melhor, você fugiu dela no meio da madrugada!

A porta abriu e era Aura que não percebeu de cara que o clima estava pesado.

– Marcel me disse para ir com você lá no depósito da torre – ela avisou, então reparou em Devan que nem olhou para cara dela.

– Está bem – Luiza a empurrou para fora e pretendia ir junto.

– É sério? Agora você vai agir como se nada houvesse acontecido.

Ela virou para ele, ficou sem saber o que lhe dizer, mas fez uma cara expressiva, para ele não falar daquilo na frente de Aura.

– Que droga você pensa que eu sou? Você resolve me usar um pouco e depois descobre que não vai dar certo? – ele perguntou, ignorando a cara dela.

Aura estava em pé na porta com os olhos arregalados, a boca aberta e esquecida, além de paralisada, com seu cérebro tendo problemas em trabalhar o que estava vendo e ouvindo.

– Não é assim – respondeu Luiza. – Dá para não fazer parecer que não sinto nada. É muito difícil.

– E você sente? Sair fugida da minha cama não pareceu ser difícil.

Pronto, agora Aura sabia. Luiza fechou os olhos por um momento e a empurrou para fora antes que eles falassem mais coisas que não deveriam. Teve de ir a empurrando pelo salão para impedir que ela escutasse a discussão deles.

– Você só pode estar brincando comigo – ele disse, olhando-a se afastar.

– Mais tarde. Agora eu preciso trabalhar... pra você!

Ele saiu do castelo dizendo uns xingamentos nada educados. Ainda bem que murmurava para si mesmo porque encontrou com um bando de visitantes.

Aura não teve nem coragem de abrir a boca para perguntar qualquer coisa. Ela teve a consideração de fingir que nada aconteceu e levou Luiza para ver onde guardavam as peças e obras de arte que estavam fora da exposição. Mas o trabalho não andou nada, porque Luiza ficou o tempo todo quieta e triste, sem prestar atenção nas peças.

– Não vou contar, meu bem. Acho que já deu problema suficiente – Aura apertou o ombro de Luiza, antes que voltassem para o castelo.

Para manter a mente ocupada, Luiza começou a preparar o projeto de renovação de exposição do castelo inteiro. Até das peças do hotel. Mais tarde, ela foi à cidade comprar uns itens para repor seu estoque do quarto, talvez fosse precisar passar mais tempo trancada lá dentro.

Isso era exatamente do que estava fugindo, se ficasse se envolvendo com Devan, iam brigar e não conseguiriam conviver. Hoje foi apenas um exemplo do enorme problema em que estava se metendo. Era só uma trainee, qualquer coisa que acontecesse, ela teria que partir.

De noite, depois de arrumar tudo em seu quarto e de tomar um banho, a consciência de Luiza não a deixou em paz e Timbo ainda apareceu em seu quarto como um pequeno lembrete. Ela seguiu pelo corredor, exatamente para o local onde não devia voltar e encontrou a porta do quarto encostada. Bateu duas vezes, mas ele não atendeu. Então empurrou e entrou, encontrou-o no terraço, com o Ipod conectado nas pequenas caixas de som e tocando uma música baixa enquanto ele folheava um livro.

Devan bem que estava tentando ler, mas ainda estava distraído e irritado. Pelo menos havia conseguido escrever umas páginas assim que voltou para o castelo. Ele abaixou o livro lentamente quando Luiza apareceu no terraço, ele o colocou para o lado e ficou de pé, não estava se esforçando para parecer satisfeito. Se o intuito dela era magoá-lo, seria ótimo avisá-la que não era muito difícil e ela já conseguira.

– Me desculpe por hoje cedo – ela disse, parando perto da beira e apoiando a mão na parede baixa que só ia até sua cintura. – Eu não queria que Aura se metesse naquele assunto.

Ele não estava nem aí se Aura ia anunciar no jornal local o que escutara.

– Eu não funciono assim ou seja lá como você acha que funciona. Você não dorme comigo e finge que não aconteceu nada no dia seguinte.

– Não estou fingindo que não aconteceu nada, é por isso que estou aqui.

Ele cruzou os braços e ficou apenas esperando. Luiza deu alguns passos, sem saber como dizer que eles não podiam se envolver. Ela já havia dito isso umas quinhentas vezes e eles continuavam se envolvendo cada vez mais.

– Eu não sei como acabamos indo tão longe – ela olhou para os próprios

sapatos.

– Eu sei, você entrou no castelo, me seduziu, eu caí, investi, você caiu também e aqui estamos.

– Eu não o seduzi!

– Eu é que não seduzi ninguém. Geralmente quem fica tentando acabar com o caso é o culpado.

– Você é muito descarado, é claro que você me seduziu. Ou eu não teria cedido.

– Até agora você não cedeu tanta coisa assim.

Ela parou com o cenho franzido e a expressão indignada.

– Eu não cedi nada ontem?!

– Você saiu correndo da minha cama, assim que me viu disse que não ia mais rolar e veio aqui me dar o fora antes mesmo de conseguirmos ter sequer um caso. Não, você não cedeu. Até as memórias do que fizemos vão ficar amargas, por mais que eu esteja bem à sua frente, desesperado para levá-la de volta pra cama e ver se você desiste de estragar tudo.

– Nós já estragamos tudo. Terminamos o serviço ontem! Você não vê que já é tarde demais? Tudo que eu estava tentando evitar aconteceu e agora só podemos tentar recuar.

– Eu nunca dormi com uma mulher e tive de escutar que isso havia estragado tudo.

Ele se afastou e se virou, apoiando as mãos na proteção do terraço. Ela soltou o ar e decidiu que ele merecia saber a verdade sobre como ela se sentia e o que preferia não contar a ninguém.

– Eu não sei como lhe explicar que aqui eu encontrei tudo que não tinha, mas precisava. Havenford é o primeiro lugar em que eu paro e não fico planejando e me preparando para quando tiver que juntar tudo e partir. A verdade é que desde que meu pai morreu que eu não sei o que é um lar. Pra você vai parecer idiota, afinal, aqui é só o meu trabalho e você é exatamente a pessoa que pode me mandar embora a hora que quiser. Mas tudo que eu queria tanto acabei encontrando aqui. Eu não sei porquê, mas nunca tive amigos duradouros e não tenho familiares próximos. Mas aqui, eu sinto que posso ter tudo isso, mesmo que por pouco tempo – ela suspirou, imaginando que não estava fazendo sentido. – Você não vai entender. Mas é muito importante pra mim. Mais do que eu posso tentar explicar.

Ela não conseguia explicar como queria e não achava que ele se identificaria, afinal, ele morava ali e tinha tudo que ela acabara de descobrir. Os amigos, os familiares e era importante para todas aquelas pessoas. E sua família com certeza fez questão de mostrar a ele o que era um lar e não apenas um teto.

Devan tornou a se virar para ela e olhou-a seriamente. Ela continuava magoando-o. Estava ali achando que ele era incapaz de entendê-la e de fazer

qualquer coisa para que ela tivesse tudo isso que estava descrevendo e muito mais. Ele nunca havia se sentido assim e não sabia mais o que fazer para convencê-la.

– Eu vou entender se você me explicar, se falar comigo como agora e conversar sobre a sua vida – ele disse.

Ela balançou a cabeça e sentiu seus olhos arderem. Queria explicar e fazer sentido sem parecer ridícula. Estava se achando tão tola dizendo essas coisas logo para ele. Ela já parecia louca desde o início. Chegou ali e começou a sair da cama sem lembrar, tinha memórias impossíveis, sonhos ainda mais absurdos. E um medo inexplicável de ter que ir embora de Havenford porque toda sua vida parecia ter se resumido ao momento que ela chegou ali.

– Eu só quero ter um pouco de tudo isso enquanto posso ficar aqui. Se eu me envolver com você, vamos estragar qualquer chance de meu tempo aqui não ser cortado ao meio. Não me sinto feliz em lugar nenhum há tanto tempo que nem me lembro da última vez. Mas isso mudou desde que cheguei aqui.

– Porque nem passa pela sua cabeça que além de encontrar um lar, amigos e sentir-se segura e feliz aqui em Havenford, talvez me encontrar faça parte disso – ele balançava a cabeça, odiando não ser uma opção pra ela.

– Eu nunca disse que não faz parte, mas a realidade é que nós mal ficamos juntos e já estamos irritados um com o outro, fugindo e nos escondendo. E eu trabalho aqui e você está dentro da sua própria casa. Se continuarmos assim, não poderá haver convivência. Eu trabalho pra você e a sua existência é essencial no meu trabalho. Agora nossa relação já não vai mais ser a mesma, se continuarmos, ela não vai existir.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça, sem saber o que dizer a ela. Ao menos não vinha nada à sua mente que não fosse causar uma séria discussão. E ela não lhe deu uma chance de tornar a relação deles realidade, por mais longe que houvessem ido, não tinha direito a nada ali. O que era parte do que o estava machucando.

– Basicamente, na sua teoria, eu vou estragar tudo pra você. E vou impedi-la de ser feliz. Não vou conseguir não atrapalhar o seu trabalho e nem posso ser o cara que vai fazê-la feliz.

– Por favor... eu não posso me apaixonar por você – ela pediu, mesmo sabendo que já não adiantava mais, ela estava apaixonada por ele e ia continuar assim, independente do que fizessem dali para frente.

Podia ir embora amanhã e continuaria sofrendo. Não sabia se estava escolhendo certo e nem se era uma escolha. Mas era assim que sua vida sempre funcionou, ela assegurava sua sobrevivência. Para isso precisava de um lugar para morar e um trabalho para se sustentar e ter como partir para sua próxima parada, porque ainda não conseguira ter nada definitivo em sua vida. Tinha o que precisava ali. Homens nunca fizeram parte do pacote, as raras relações com eles

sempre eram breves e superficiais.

Apaixonar-se nunca aconteceu, exatamente para não perder a linha do caminho que tinha que seguir. No momento sentia-se a ponto de perder tudo. A linha era tênue, se fosse embora de Havenford agora não teria nada e ainda iria com o coração destroçado porque se apaixonara. Não podia fazer isso. Mas também não podia machucar aquele homem, e do jeito que ele olhava para ela agora, dava vontade de sair correndo e se esconder.

E o que Devan ia fazer? Já se apaixonara, não havia volta. E estava tão ligado a ela que não conseguia mais funcionar direito sem pensar nela. Estava perdido, amando alguém que achava que ter qualquer coisa com ele iria estragar sua vida. Luiza era um problema e Devan não tinha imaginação suficiente para fazê-la mudar de ideia. Ela tinha que descobrir por conta própria que não poderia viver assim eternamente. Ele podia ajudar, do jeito que estava caído por ela, faria de tudo para que nunca mais precisasse juntar suas coisas e partir dali.

Os sentimentos dele não eram volúveis, só precisava que ela parasse de pensar naquele seu maldito jeito de sobreviver e lhe desse uma chance. Ele havia entendido, melhor do que ela imaginava. Só não podia aceitar que ela continuasse achando que estava certo ficar se agarrando a essa ideia que tinha de vida. Pelo que entendera sobre ela, estava vivendo assim há tempo demais. Tudo na vida precisa evoluir e isso sempre significa mudança. Mas Luiza estava morrendo de medo de mudar e arriscar. Devan podia jurar que valia o risco. Estava louco por ela, como ia fazer para abandonar o sentimento?

Não podia continuar pressionando-a, ela estava quase chorando na frente dele. Não era vidente e no momento sua confiança estava bem caída. Mas se tivesse que arriscar um palpite, diria que ela já sentia algo por ele também. E por isso que eles acabaram indo tão longe. Não dava para esquecer e fingir que não haviam dormido juntos na noite passada, com tudo que dividiram, a forma que fizeram amor. Ele não conseguiria olhar pra ela e fingir, obrigar-se a ficar longe.

Ao menos nisso ela estava certa, eles não iam conseguir conviver assim. Agora, enquanto ainda estavam conversando, Devan já sentia como se estivesse matando algo em seu coração. Não queria nem pensar nos dias que viriam.

– Nesse momento, eu adoraria nunca ter posto meus olhos em você – ele declarou.

– Eu não posso desejar isso. Parece que tudo que aconteceu na minha vida me trouxe aqui. Eu precisava descobrir Havenford, só não sei porquê.

– Quando você descobrir o motivo, aproveite e investigue também o que você fez comigo. E descubra uma maneira de desfazer. Eu não sei por que simplesmente não digo: Ok, eu tentei, ela não quis, vamos todos esquecer isso. Ao invés disso, sinto como se o mundo estivesse acabando pra mim.

Ela estava secando as lágrimas do rosto rapidamente, tentando que ele não percebesse, mas não conseguia. Era a primeira vez que tinha de conversar com

alguém sobre isso. E não podia admitir o que sentia por ele ou toda a sua teoria cairia por terra. E já era difícil para outra pessoa que não viveu a sua vida entender sem que ela botasse para fora tudo que sentia. Era expor demais, não era nenhuma vítima, mas queria tanto poder viver aquela vida por mais um tempo.

– Me desculpe, a culpa foi toda minha por ter ido tão longe – ela disse, sabendo que deveria ir embora. Não apenas do terraço dele, mas do castelo também.

Só que estava terminando o que eles mal haviam começado exatamente para poder ficar em Havenford. Ela precisava ficar ali, era tudo que sabia e sentia.

– Não, não há como. Não é só o que você quer e não acredita que eu possa lhe dar. Você não confia em mim – ele deu alguns passos pelo terraço. – Eu nem sei se você já confiou em alguém. E continua se escondendo de mim. E no momento, se você mudasse de ideia, eu que não poderia confiar em você. Você quer ficar aqui porque se sente segura, porque encontrou tudo que precisava. Os amigos, a paz, pessoas que se importam com você... Eu não estou incluído nisso.

– Eu juro que não vou ser um incômodo pra você – ela disse baixo e o deixou, destrocada por saber que perdera tudo.

Quando completasse um ano como trainee, teria que ir embora e não renovar o contrato. Não podia ficar vivendo ali depois de se apaixonar por ele, dormir com ele e magoá-lo. E também o perdera. Tudo que ela tentou evitar havia acontecido, teria que se contentar com os meses que ainda tinha ali. Mas agora não seriam mais tão felizes quanto antes. Como é que olharia para ele? E sabia que sua presença ali era um péssimo lembrete. Talvez devesse arranjar coragem, entrar no seu quarto agora, fazer as malas e cair no mundo. Já estava acostumada a isso.

Ele se virou e viu quando ela sumiu pela porta. Apesar de tudo, tinha vontade de impedi-la de ir e lhe dizer que não seria um incômodo. Se era Havenford que a fazia sentir-se feliz e segura, ele preferia que ela ficasse e não precisasse se esconder dele. Quanto a ele, ia ter que dar um jeito de esquecê-la. Não sabia nem por onde começar, estava arrasado e apaixonado. Era uma péssima combinação, ele sabia disso.

Não só porque já submetera seus personagens a essa situação em níveis diferentes, mas estava doendo pra caramba ali na vida real. Quando voltasse a escrever, ia saber dar ainda mais realidade aos sentimentos daquelas pessoas fictícias que ele controlava nas páginas dos livros.

No dia seguinte, Luiza ainda estava sofrendo as consequências dos seus atos. E continuaria assim por um longo tempo. Não conseguiu ficar sentada lá na

biblioteca porque tudo ali colocava Devan em sua mente. E olhar para a mesa vazia onde ele gostava tanto de sentar para escrever ou trabalhar, fazia seus olhos arderem. Ele provavelmente não sentaria ali por muito tempo.

Ela andou pelo castelo, vendo se havia algum outro lugar onde poderia instalar sua estação de trabalho. Como dissera a ele, não queria ser um incômodo e sabia que a biblioteca no primeiro andar era um dos locais preferidos dele. Luiza estava se sentindo ainda mais culpada porque ele havia desaparecido. No final da tarde, escutou quando ele estacionou o carro. Sabia que ele não trabalhava só no castelo, porque como os Warrington fundaram aquela cidade, ainda tinham muitos negócios ali, havia um dos seus escritórios do outro lado do rio. E ele ia até lá pelo menos duas vezes na semana.

Era verdade que ela não sabia tudo que ele fazia fora do castelo. Em sua luta para não se aproximar demais dele e nem se apegar, fez de tudo para não saber mais da vida dele do que o suficiente. O que já era muito, porque sendo um Warrington, era como se ele fizesse parte do seu trabalho. Ela já sabia praticamente tudo sobre a história dos antepassados dele. E Devan lhe falou muito mais sobre seus gostos pessoais quando passava o tempo lá naquele sofá vitoriano.

– Bem, vamos ficar mais uma vez por nossa conta. Tratem de me obedecer, hein – disse Marcel enquanto almoçavam no dia seguinte.

Luiza estava muito quieta e até Afonso estava tirando férias das piadinhas e ficava confabulando com Peggy sobre o que poderia ter acontecido a ela.

– Eu acho bom milorde me enviar um livro autografado! – Afonso empinou o nariz – Já estou me roendo de ansiedade.

– O livro saiu? – perguntou Hoy que pelo jeito também era outro leitor assíduo.

– Vai sair, falta uma semana! – exclamou Marcel, todo contente.

Luiza olhou para ele, não tinha percebido que faltava tão pouco. E provavelmente não leria o sexto livro tão cedo porque simplesmente não conseguiria.

– Quanto tempo ele vai ficar fora? – perguntou Afonso, depois de lançar um olhar para ela.

– Sei lá – Marcel deu de ombros e bebeu um gole de suco. – Dessa vez ele aceitou fazer a turnê de lançamento. Vai demorar.

Agora eles haviam conseguido capturar a atenção dela. Luiza olhou para Marcel e não percebeu que Afonso fizera de propósito.

– Ai, que chique. Ele vai rodar o mundo lançando o livro? – Afonso continuou.

– Sim – disse Marcel, tão contente que parecia orgulhoso. – Ligou pro editor, aceitou e caiu na estrada. Mas vai visitar a avó antes. Então, tratem de se comportar!

– Estamos sozinhos no castelo! – Peggy bateu palmas em comemoração.

– Sozinhos uma ova! – apontou Marcel. – O conde saiu, mas deixou o cavaleiro chefe e o administrador tomando conta da propriedade. Se saírem da linha, digo pra Hoy dar uma flechada no traseiro de vocês!

Luiza terminou seu trabalho e foi para o seu quarto porque ainda não estava com humor nem para gargalhar das conversas com Afonso e Peggy após o jantar. Ela ficou na cama, tentando se distrair com um seriado enquanto Timbo se enrolava na beira do colchão. Não adiantava, o gato não a deixava em paz. Ele já estava sentindo falta do dono. Mesmo que ele só houvesse partido naquela manhã.

Agora, mesmo sem perguntar nada e só escutando a conversa, ela já sabia que Devan havia ido visitar Rachel Warrington e provavelmente ficaria com ela por uns dias. Depois iria para Londres, para o lançamento do seu livro. Quando usou seu notebook para entrar no Facebook, Luiza viu que os grupos sobre a série do detetive Holden não paravam de postar. Estava todo mundo doido e já preparando viagens para encontrar Devan em algum lugar que ele fosse passar. E não paravam de compartilhar as informações que a editora já estava soltando.

Em dois minutos olhando sua timeline, Luiza já sabia que ele iria passar por Nova York para uma sessão de autógrafos e iria a uma convenção de autores de suspense em Los Angeles. E já haviam confirmado datas para Dublin, Edimburgo, Paris, Madrid, Oslo e Lisboa. E mais datas e locais ainda viriam.

Ela esperava que ele estivesse muito animado, mas por seu lado, ia ficar longe dos sites de notícias e do Facebook por um tempo, porque todo lugar que ia havia uma notícia sobre o livro. Iam desde o sistema tosco de tradução que foi usado para que o manuscrito não vazasse ao capítulo que a editora liberou para enlouquecer os fãs e o sucesso da pré-venda. O livro já era o mais vendido e nem havia sido lançado.

Março de 1443

Meu amado lorde,

Odeio lhe responder com más notícias. Mas algo que eu vinha temendo aconteceu. Rey perdeu a esposa, ela engravidou no final do ano passado. A pobre moça havia me dito que queria muito ter um filho dele e odiava o fato de viver em casa descansando. Bem, ela conseguiu. Mas não suportou a gravidez. E três meses depois, faleceu.

Uma vez ele disse que não achava que a amava porque você descreveu para ele o que sentia por mim e ele sabia que não podia expressar tal sentimento. Mas a adorava e está muito triste.

Nossa filha não ficou feliz com a morte dela, o que me fez adorá-la ainda mais. Mas ela está triste porque Rey está arrasado com a perda e agora ela disse que não vai nem falar com ele por pelo menos um ano de luto, para ele não achar que

ela é insensível.

Espero que tenha novos conselhos para mim, porque nosso filho mais velho está a ponto de cair num noivado. Sim, isso mesmo que leu. Ele foi pego numa armadilha! E ele a cavou!

*Saudosamente,
Elene*

Capítulo 18

A casa de campo de Rachel Warrington sempre foi um refúgio para os netos. Ela era a maior defensora viva do castelo de Havenford, mas morou lá por um curto período de sua vida. Assim que seu filho assumiu o título de conde, ela se retirou para a maravilhosa casa campestre. Não era tão longe dali, em duas horas de viagem até perto de Durham, chegava-se à casa de Rachel. Ela não fez perguntas quando o neto apareceu lá para visitá-la e ficou por cinco dias antes de partir com ela para Londres, onde encontraram Alaina e toda a geração mais velha da família.

Atualmente não havia crianças no lado deles da família, só os filhos de seus primos. Mas da geração atual que descendia diretamente do conde, só havia Devan e Alaina. Os outros eram os primos que já estavam velhos e foram dando continuidade à família. Mas a irmã mais nova de Rachel havia sido levada por um câncer há mais de dez anos. Ela deixou filhos que eram os primos mais próximos que Devan tinha. E todos eram Warrington, só que simplesmente caíam em outra linha na árvore genealógica da família que era mantida e atualizada lá no castelo.

E com exceção do lado afastado da família de onde vinha Austin, eles eram do tipo que apareciam quando um dos membros da família precisava do apoio. Na sexta-feira de lançamento do sexto livro da série de sucesso de Devan, estavam todos no coquetel, aproveitando depois para jantar em família. Tinha alguns que ele não via desde o lançamento do quinto livro. E Rachel tinha toda a velharia da família para alfinetar numa noite só. Assim como Devan e Alaina foram as vítimas da noite para as perguntas “incômodas”.

No sábado, Devan passou seu dia autografando na Waterstones, em Picadilly, ainda em Londres. Era a maior livraria da Europa e também onde os autores e personalidades mais famosas do mundo paravam para autografar seus livros. Devan tinha humildade o suficiente para ter ficado um bocadinho excitado de autografar lá pela terceira vez. As pessoas passavam e não sabiam o porquê de toda aquela confusão, mas a fila estava tomando conta do espaço de eventos e chegando à rua. E houve correria quando abriram as portas da livraria, para dar tempo de comprar o livro antes do autor chegar.

Depois ele tinha dois programas de TV e seguiria para a Escócia e em seguida para a Espanha. Então haveria um grande lançamento em Nova York e a partir daí, nem ele lembrava mais para onde iria depois. Devan só tinha certeza de que iria ficar no mínimo um mês longe de Havenford. Não sabia se era tempo suficiente porque nunca curou um caso tão sério de coração partido, mas ao menos encontrar com os leitores o deixava feliz.

– Vem ver, gente! – Afonso gritou tão alto que os cachorros lá no antigo estábulo latiram em resposta.

Marcel foi o primeiro a chegar, já empurrando seus óculos para o topo da cabeça. Peggy passou correndo como um foguete, Brenda secou as mãos e se apressou. Para Luiza sobrou um espacinho para espiar por cima do ombro de Marcel.

– Milorde está na TV! – exclamou Brenda e até ela o chamava assim pelas costas.

– Gente! Que lindo! Adorei o novo corte de cabelo! – Peggy estava toda excitada com a novidade.

– Agora eu quero ver ele fugir da fama. Aceitou ficar pop! – exclamou Afonso.

– Acabou a paz – declarou Marcel.

Dois dias depois, Afonso estava todo animado com seu tablet, vendo as novidades enquanto eles tomavam chá na sala de descanso. Marcel entrou apressado, dizendo estar faminto por não ter conseguido almoçar. Ele sentou perto de Afonso e enquanto passava geleia em um croissant, ficou olhando as fotos do coquetel de lançamento que Afonso estava lhe mostrando.

Luiza imaginava se Devan sabia que além de sua família, seus maiores fãs estavam dentro do castelo. Estavam todos adorando a turnê dele e se divertindo por agora ele ter terminado de vez com suas chances de anonimato fora dali.

Ainda mais que, ele havia sido descoberto também pelos leitores não tão assíduos, era ótima pauta para matérias de entretenimento e febre de compartilhamento nas redes sociais. Não era todo dia que se descobria que o tal autor daquela serie complicada de suspense, era também lindo, inteligente e perfeito para causar infarto na população feminina e não feminina também.

– Olha só, a velharia da família estava toda lá – Marcel comentou displicentemente, olhando as fotos no tablet apoiado na capa no meio da mesa.

– É tudo Warrington? – perguntou Peggy, curiosa.

– Sim, todo mundo nessa foto. Eu não sabia que Pete ainda estava vivo! Tinha até esquecido dele. Olha, até a mãe dele veio da França.

Afonso continuou passando as fotos pra ele.

– Nossa senhora! O tempo deve ter fechado lá – ele comentou casualmente, botando até os óculos para ver melhor.

– Por quê? – Afonso e Peggy praticamente se jogaram para o lado para ver a tela também.

– A ex-condessa e a ex-aspirante a condessa estavam no lançamento. Eu imagino o encontro pra foto...

– O quê? – Afonso e Peggy se agarraram no tablet, querendo ver todos os detalhes e todas as fotos em que elas apareciam.

– Marcel, onde você está pegando esse veneno? Já deu apelido e tudo.

– Passo meus dias com vocês dois, onde mais?

Luiza estava apenas enfiando mais um biscoito doce na boca e se forçando a ignorar o que eles diziam, mas Afonso virou o tablet para ela e mostrou as fotos. Ela ficou mastigando enquanto via Devan com a um grupo de pessoas e depois ao lado de uma loira bronzeada e de cabelo dourado, escovado e volumoso. Ela estava bem agarrada a ele na foto e segurava o livro novo com um braço enquanto o abraçava com o outro e dava uma piscada para a câmera. Era uma mulher sexy e alta. Aquela era a ex-namorada, ao menos assim disse Marcel.

Na outra foto que Afonso fez questão de mostrar, ele estava com o braço por trás das costas de uma mulher bem diferente da outra, era mais baixa e magra, com cabelo castanho e com leves cachos, grandes olhos escuros e pele clara. Ela também segurava o livro e estava com o braço bem enganchado ao dele. E que decote! Aquela era Aryana, a ex-mulher.

– É, minha filha, não tá fácil pra ninguém... – Afonso comentou, voltando a olhar as notícias.

– Se fosse eu, fazia tour mundial atrás dele – comentou Peggy, rindo.

– Ia ser um tanto problemática a turnê em grupo. Algo me diz que elas não estão no jogo pro ménage – completou Afonso.

Uma semana depois, os outros já estavam menos fascinados pelas notícias que saíam sobre Devan, até porque passado o lançamento, começou a enxurrada de postagens de resenhas. E as notícias sobre ele ficaram mais concentradas ao noticiário dos locais onde ele passava. Timbo ainda estava sentindo muita falta do dono e se consolava dormindo na beira da cama de Luiza. Mas não foi ele que a acordou no final de madrugada de uma quinta-feira.

Um alarme muito alto começou a tocar, alertando o castelo inteiro e provavelmente a cidade abaixo, porque arrancou Luiza do sono num segundo. Ela vestiu um robe e saiu correndo do quarto com Timbo em seu encaixe e ele miava, assustado com aquele som e se recusando a ficar sozinho.

Hoy apareceu no corredor, muito acordado, com um rádio numa mão e a arma na outra. Ele mandava todo mundo ir para a sala de segurança. Afonso estava que nem uma barata tonta pelo corredor. Peggy usava um pijama minúsculo e empurrava o irmão. Luiza carregava Timbo e pegou Marcel pelo braço porque ele ainda parecia desorientado. Eles seguiram para a sala da segurança.

Minutos depois a polícia estava no portão do castelo e um guarda correu para abri-lo. Três carros entraram rápido e os policiais se espalharam pelo castelo, ainda sem saber o que procurar. Eles precisariam ser treinados ali ou decorar a

planta. Havenford não era exatamente fácil de circular e de encontrar alguém. Mas eles iniciaram uma varredura completa, alguns grupos guiados pelos guardas.

Hoy só apareceu uma hora depois e junto com um dos detetives da cidade. As câmeras não mostravam nada e no setor que causou o alarme, uma delas havia congelado. E havia pontos dentro da ala onde Devan vivia que não eram filmados, mas toda essa área estava lacrada.

– Parece que está tudo bem, podem voltar para o castelo – Hoy anunciou e colocou um casaco em volta de Peggy que não teve tempo de pegar nada.

No tempo que eles ficaram trancados na sala de segurança, foram praticamente obrigados a descobrir que Peggy e Hoy estavam “se conhecendo melhor” quando foram interrompidos pelo alarme. Mas pelo jeito eles estavam bem adiantados naquele caso, porque do jeito que Peggy corou, não era a primeira vez que Hoy passava a noite no quarto errado.

Há um tempo, Peggy havia lhe dito que Hoy estava inseguro quanto a eles, achando que não ia funcionar e como ele era muito reservado, gostaria que eles seguissem discretamente. Mas ao menos ele confessara que estava muito interessado nela. Com certeza Peggy lhe contaria mais coisa à noite e Luiza ia tomar um analgésico antes, para ver se ajudava na hora que começasse a doer por escutar a fofisse do romance de Peggy com o caladão do Hoy.

– Afinal, que balbúrdia foi essa? – quis saber Marcel.

– Parece que foi alarme falso – comentou Hoy, mas ele não estava contente com isso.

– Parece? – exclamou Afonso. – Pode ter um louco assassino nos esperando lá fora?

– Só se ele voa ou é invisível. E também deve ser bom em escalar portões com sistema de segurança – declarou Hoy.

Eles voltaram para seus quartos, mas já estava claro e ninguém mais dormiu. Tomaram banho e foram comer para começar o dia. À mesa, Hoy explicou melhor como o alarme disparou. O sistema de segurança do castelo funcionava por setores, quando um setor não conseguia se lacrar, ele emitia um alerta para o setor seguinte e se ele continuasse com o problema, ia alertando todos os outros até disparar o alarme geral.

A porta que dava para a ponte que ligava o castelo à torre, não travou como deveria. Por isso o corredor entrou em modo de segurança, depois foi lacrando todo o segundo andar e como a porta para a ponte era considerava externa, disparou direto o alarme geral sem tentar trancar tudo antes. As portas externas ignoravam o alerta de setores e disparavam o alarme que chamava a polícia.

– Alarme falso – Hoy deu de ombros. – O pessoal da segurança vai vir hoje checar o problema na porta.

– Gente, mas que castelo dos infernos. Vocês substituíram os cavaleiros de

espada e escudo por um sistema assassino! Eu quase morri do coração! – exagerava Afonso.

Apesar de tudo indicar uma simples falha técnica que até já havia acontecido com uma janela há um tempo, Hoy não gostou nada disso. Ele acompanhou a avaliação da equipe de segurança no castelo todo e voltou para o seu posto de trabalho, decidido a terminar o projeto para atualizar o sistema das portas, colocar sensores em locais que ele achava críticos e implantar o sistema de cartões.

Ele não estava ali à toa. Os itens que haviam naquele castelo eram em sua maioria inestimáveis. Mas no mercado negro, valiam milhões. Ele queria sensores na galeria e nos cofres. Apesar de as réplicas estarem em exposição, algumas peças originais estavam armazenadas ali. E havia o novo carregamento que chegara de Riverside e estava ali temporariamente. Isso estava o preocupando.

Devan ficou preocupado quando soube do incidente com o alarme, mas Hoy lhe assegurou que estava tudo sobre controle. No momento ele estava seguindo para a Austrália, nunca havia ido lá divulgar seus livros e estava animado. Ele aproveitou e perguntou como estavam todos, mas fazer essa pergunta logo a Hoy era pedir para não ter uma resposta satisfatória. Ele não tinha como perguntar diretamente o que queria saber, então teve que se contentar em ser informado que estavam todos saudáveis e trabalhando muito bem.

Com essa explicação de Hoy, ele podia muito bem ter perguntado sobre os animais no zoológico e receber a mesma resposta. Aliás, ele disse a mesma coisa quando Devan perguntou dos cachorros, do gato e das aves.

– E aquele seu gato malandro quase foi levado embora na bagagem de uma hóspede.

– Timbo? Ela queria roubar meu gato? – exclamou Devan.

– Não, era uma senhora, fã de animais. Timbo fez amizade e se enfiou na mala dela. A sorte foi que ele ficou se contorcendo lá dentro quando iam colocá-la no táxi.

– Tente não perder nenhum dos meus bichos de estimação, por favor.

– Diga isso à menina de Londres. Agora o gato vive junto com ela.

– Ela não é a menina de Londres, Hoy. Ela nem nasceu lá – Devan parou de repente, dando-se conta que não deveria estar se importando em corrigir isso. Mas sorriu levemente ao saber que ela estava cuidando de Timbo.

– Enfim... Farei o possível – prometeu Hoy.

Luiza resolveu que já era hora de por sua calcinha de menina grande e

enfrentar sua timeline. Claro que se arrependeu, pois fãs nunca deixam de lado seu objeto de adoração e ainda era muito recente. Além disso, as páginas não paravam de postar as fotos que os fãs conseguiam tirar com *ele*. E a mulherada estava num compartilhamento constante de fotos de Devan acompanhadas de comentários sobre ler todos os livros que ele quisesse ou ter sonhos eróticos com ele em uma biblioteca e daí para pior.

Como não paravam de perguntar sobre novidades do livro, ele havia dito em um programa na Austrália que se inspirara em uma mulher real para criar a imagem da nova paixão do detetive Holden, que por sinal era encrenca pura. Já havia posts pedindo para ele não matar essa personagem também e isso sem falar no Tumblr com as imagens mais criativas sobre o assunto e todas as sugestões de atores para encarnar os personagens dos livros no cinema.

De acordo com as informações que Luiza era obrigada a ouvir de Afonso, além de trabalho, Devan estava se divertindo muito turstando pelas cidades e até aproveitando os dias livres para praticar esportes locais. Ele estava a caminho do Brasil para a maior feira de livros do país onde ia autografar e bater papo com os leitores. Era outro lugar onde nunca havia ido, mas já havia postado em seu Twitter que ia voar de asa delta no Rio de Janeiro.

Os posts de viagem de Devan eram constantes no seu blog que ficava hospedado dentro do seu site oficial. Ele havia completado um mês nesse ritmo de viajante, pulando de hotel para hotel, em diferentes cidades, países e continentes. Desde o começo do seu casamento que não viajava tanto e mesmo naquela época, as viagens eram mais próximas, em geral dentro da Europa. Agora ele estava fazendo um roteiro mais radical. Era divertido e cansativo, mas muito reconfortante.

Quando conversava com aquelas pessoas e as escutava falar com tanta propriedade de algo que ele escreveu, seus motivos para continuar nisso ficavam muito claros. Era sua primeira vez indo tão longe e a barreira do idioma não era tão difícil. Além do inglês, sua língua mãe, ele falava espanhol, francês, alemão e estava querendo terminar o italiano num curso intensivo. Seus fãs criaram um meme e imagens divertidas sobre as línguas dele e seu primo Jeremy fez questão de marcá-lo e prometeu imprimir os melhores para a próxima festa em família.

Devan ia parar em Florença por quatro dias, depois iria a Zurique e pretendia parar em Creta, na Grécia, para descanso pessoal. Havia uns problemas em seu mundo real, bem diferentes daqueles que as pessoas viam e do roteiro postado no seu blog. Para começar, Aryane, sua ex-mulher, havia ficado deliciada por ele ter voltado às suas origens de viajante inveterado. Ao menos na mente dela era assim. E passara a achar que eles poderiam se entender de novo e que viajar por aí podia reacender alguma chama nele, quem sabe lembrar o tempo que passaram juntos pelas estradas, hotéis e aeroportos.

Ele a encontrara em Londres quando ela foi ao coquetel de lançamento, depois em Nova York onde ela felizmente estava ocupada fazendo compras e ele cansado o suficiente para usar isso como desculpa para não querer jantar fora com ela. Mas ela apareceu em Paris e foi um problema, pois estava inspirada demais pelo clima da cidade e lembrando a primeira vez que eles ficaram ali juntos. E ela realmente achava que ele era dela para seduzir.

– Esse era um dos nossos restaurantes preferidos – ela havia dito, quando saíram do local e havia enfiado o braço por dentro do dele até seus corpos ficarem bem próximos como se fossem realmente um casal após um belo jantar.

De fato, a comida esteve maravilhosa. Devan ainda estava pensando se havia cometido um erro. Foi com muito custo que há algum tempo ele conseguiu que ela parasse de jogar pesado para reconquistá-lo. Não que Aryane deixasse o contato morrer completamente, havia e-mails e telefonemas. Mas ele estava tentando esquecer uma paixão. Será que seu desespero fora tão longe que ele resolveu aceitar jantar com ela para ver se já conseguia ficar atraído por outra mulher?

Não parecia o caso, já que reconhecia que Aryane continuava uma mulher bonita, mas... ele ainda queria tanto rever aqueles olhos verdes que faziam parte do rosto da mulher que deixou em seu castelo. Se ele se concentrasse, a sensação do corpo de Luiza ficava tão real como se aquela noite houvesse sido ontem. E isso estava dificultando o sono dele naqueles quartos solitários de hotéis, cada hora num lugar e numa cama diferente. A lembrança dela lhe dava conforto em suas noites solitárias pelo mundo.

– A comida ainda é tão boa quanto – ele respondeu, enquanto andavam pela estreita rua francesa, já bem gelada nesse horário.

– Eu estou hospedada naquele hotel onde passamos aquela semana maravilhosa – ela comentou, com seu tom cheio de sugestão.

– Então vou levá-la até lá – ele respondeu, apertando o passo para encontrarem um taxi na Boulevard du Montparnasse.

Aryane o entendeu errado e achou que ele queria levá-la porque pretendia subir, e se ele o fizesse, terminar um jantar no quarto só teria um resultado, e ela estava querendo isso há um tempo. Só que Devan não queria transar com ela e deixou-a indignada quando disse que iria encontrar a mãe. Isso vindo dele era estranhíssimo.

– Sua mãe? – Aryane disse alto. Ela sabia que Devan não era nenhum garotinho da mamãe, sua relação com Denise era inclusive mais distante do que deveria.

– Sim, ela termina de filmar às dez – ele olhou o relógio em seu pulso. – E me convidou para um drink – ele ainda lhe deu aquele seu sorriso que a fazia amaldiçoar a forma como se comportou mal durante o casamento deles. – É minha mãe, não posso faltar. Obrigado pela companhia no jantar – ele disse,

antes de partir.

Sua ex mais recente, Mariel, que ele também reencontrou em Londres, devia estar trabalhando muito bem no código de área internacional, porque já ligara para ele umas seis vezes, em países diferentes. Pelo menos ela era ocupada e não podia ficar viajando por aí. Aryane, pelo contrário, continuava com seus trabalhos feitos de qualquer lugar do mundo. E esse parecia ser o seu grande diferencial. Bom para ela. Mas ele não queria ninguém tentando seduzi-lo, não estava no clima.

O fato de Aryane saber que depois dela, Devan havia arranjado uma louca pior que ela, mas que durou pouco, e depois ele se enfiou em seu castelo, parecia ter lhe dado uma impressão errada. Assim como o fato de Mariel saber que depois dela, ele não teve um relacionamento sério, também parecia ter lhe dado uma impressão muito errada. Ele só queria saber como as duas descobriam tanta coisa sobre sua vida pessoal. Ele podia até ser um autor famoso, mas era só isso. Com certeza não havia ninguém atrás dele registrando seus casos amorosos.

E ele tinha tido uns aqui e ali. Nada sério, mas muito saudáveis.

Também tinha certeza que não estava estampado em sua cara que estava curando uma paixão que deu errado. Só que ele já havia esquiado nos montes suíços, gastado seu tempo com comidas exóticas em Bagdá, zoado com sua alimentação saudável em Nova York, descoberto a culinária norueguesa, experimentado pratos típicos no Brasil, surfado na Austrália e descansado na Grécia. Tudo isso entremeado por sua mão doendo de tanto assinar livros, entrevistas em que acabava repetindo a mesma coisa, pessoas lhe tocando emocionalmente ao lhe contar como seus livros as afetaram, muitas propostas indecentes e sem compromisso, outras buscando comprometimento que ele não podia dar... E não se sentia curado. Tentar não examinar seu estado emocional era a meta principal.

Ao menos estava escrevendo bastante. As viagens lhe deram inspiração e ele estava projetando seu livro sobre o conde e rabiscando a trama do livro novo da série do Holden. Ele queria terminá-la, mas precisava de mais dois livros para fechar todos os mistérios que criou.

O carro parou em frente ao castelo e Luiza saiu, ou melhor, pulou para fora tão rápido que se atrapalhou com o xale. Ela bateu a porta do carro com força e foi andando pela subida. Estava com uma sandália de salto baixo e as pedrinhas começaram a entrar. Para piorar o idiota ainda parou longe.

– Ei! Aonde você vai? – gritou o cara, saindo do carro também.

– Entrar! – ela disse, com raiva.

– Mas... Eu paguei seu jantar! – ele gritou, sem acreditar que ela ia deixá-lo

assim.

– Isso só prova que você é um machista idiota que não suporta rachar a conta! – ela disse de volta e entrou pelo espaço do portão que o guarda abriu.

O cara deu uma corrida para alcançá-la e ter uma explicação, mas o guarda lhe lançou um olhar malvado e estranhamente satisfeito e bateu com o portão na sua cara. Luiza arrancou as sandálias e seguiu descalça pelo pátio externo.

– Idiota! Babaca nojent! Urgh! – ela dizia para si mesma, danada da vida.

O cara que a deixara lá era o mesmo do casamento de Shannon que deu em cima dela. Ele morava do outro lado do rio e ligou para o castelo insistindo, mas ela o dispensou. Só que ele insistiu e foi até lá. E a pegou num momento sensível. Ela estava lá na biblioteca num misto de raiva e mágoa, depois de navegar um pouco pelo Facebook

Devan estava mesmo “se arrumando por aí”, ao menos assim ela pensava. Ele tinha um maldito Instagram que mandava suas fotos para o Facebook Sem contar as Fanpages, atualizadas o dia todo. Numa foto ele estava com uma famosa qualquer lá de algum recanto da Europa, uma morena de parar o trânsito e que fora especialmente atrás dele conhecê-lo e conseguir um autógrafo no livro. E ele postara algo como “Encontrei fulana sei lá onde. E ela não parava de falar dos livros. Uma honra!”. Ah! Luiza podia imaginar a honra daquela peituda siliconada!

E isso porque mais cedo ele estava numa foto tirada em outro país da sua turnê, com outra mulher agarrada ao seu pescoço, plantando um beijo em sua bochecha enquanto ele ria sem graça e segurava dois livros. Essa era uma beleza de pele cor de canela, com a barriga de fora (pelo jeito fazia calor no local) e cachos que caíam por cima dos livros que ele segurava.

Eram inúmeras, a última era uma oriental, provavelmente a mais sensual que Luiza já viu na vida, com belos olhos puxados, uma pele linda, um cabelo negro que brilhava tanto que refletiu o flash da câmera. E ela segurava dois livros enquanto se aconchegava a ele, quebrando aquela história de “espaço pessoal”. Essa também era alguma outra famosa lá no país dela, porque pelos comentários de “não acredito que ela também é fã”, Luiza concluiu isso.

E ela estava ali na biblioteca, falhando miseravelmente em esquecer-lo enquanto ele tinha o auxílio de beldades exóticas pelo mundo. Foi aí que Dillon, o cara do casamento de Shannon, apareceu. Luiza foi com ele jantar do outro lado do rio e esticar para um drink Determinada a mostrar sinais de que um dia poderia esquecer Devan.

Mas o cara era um babaca. Tinha um papo idiota, fazia piadas dignas de um adolescente, era grudento e incômodo, conversava sobre tópicos que não interessavam nada a ela. E ainda era um grosseirão. Que cantadas mais repugnantes. E tinha mãos com vida própria. Era o tipo de babaca que esperava um “algo a mais” só porque gastou umas duas horas da vida jantando e

conversando com uma mulher. Que idiota!

Devan a havia estragado. Como ela ia aturar idiotas como Dillon agora?

Dois dias depois o telefone do escritório de Marcel começou a tocar. Ele estava muito ocupado tomando conta da maior parte do trabalho de Devan e dando só algumas tarefas para Luiza e Peggy ajudarem. Quase não parava no seu pequeno escritório. Luiza deixou as pastas que estava arrumando e atendeu.

– Alô, escritório de Marcel Fulton.

A resposta demorou mais do que devia para vir.

– Oi, Luiza. É o Devan. Tudo bem por aí?

Ela abriu a boca, mas o som não saiu. Ele não precisava dizer quem era, ela reconheceria aquela voz em qualquer ligação, mesmo uma péssima e de longa distância. Mas ele também reconheceu a voz dela.

– Tudo indo... – ela se deixou sentar na cadeira, ainda com o fone grudado ao ouvido.

Ele limpou a garganta antes de continuar.

– O Marcel está aí? – ele perguntou.

– Não, ele... Deve estar lá no pátio externo.

– Sem o celular, não é?

– Como sempre.

– Tudo bem, eu ligo depois.

Ela mordeu o lábio e não percebeu que sua outra mão estava embolando a barra de sua blusa. Devan aguardou do outro lado da linha e ouviu quando ela respirou fundo.

– Você... – a pergunta que realmente passou pela cabeça dela foi “quando você volta?”, mas ela disse – está muito longe?

– Grécia – ele fez uma pausa, um pouco longa demais. – Só passando uns dias antes da próxima parada.

Ela mordeu o lábio, escolhendo entre as mil e uma coisas que tinha para dizer a ele e já se torturando ao imaginar a próxima foto que veria, agora com alguma garota grega e bela segurando ele e um livro dele ao mesmo tempo. Isso doía.

– Eu... li – ela devia completar essa frase, mas ele entendeu porque respondeu:

– É mesmo? – ele sorriu, mas ela não podia saber. – E você gostou?

A porta bateu e Afonso entrou cheio de correspondências, o que incluía duas caixas de papelão endereçadas a Marcel, provavelmente encomendas de livros. Ele largou tudo na mesa do telefone.

– Ufa! – ele disse e se virou para partir.

Luiza ficou de pé de repente e praticamente jogou o telefone nos braços de

Afonso e se virou, tropeçou na cadeira, mas saiu da sala. Afonso se embaralhou para não deixar o fone cair.

– Alô, tem alguém aí?

– Afonso? – disse Devan, surpreso pela voz dele.

– Milorde!

– Cadê ela? – foi a pergunta que ele fez imediatamente e Afonso era bom entendedor.

– Jogou o telefone pra mim e saiu daqui a mil.

No dia seguinte, Luiza estava em sua cama, passando por um momento de depressão de coração partido. Se odiando também e fungando enquanto Timbo ficava esparramado na beira do colchão. Vez ou outra ele a olhava, lambia as patinhas e mudava de posição. Alguém bateu na porta e ela amaldiçoou.

– Vai embora! – disse, ignorando quem fosse.

– Deixa de ser mal criada! Se não abrir vou chamar meu irmão – disse Peggy.

Luiza foi até lá e quando abriu a porta, Peggy estava ali de pijama e cabelo preso.

– Eu acho que você devia ligar pra ele – ela disse logo.

– Você enlouqueceu? – Luiza até olhou pros lados.

– Não, liga logo. Sei lá, pede pra ele voltar. Que tal?

Ela ficou balançando a cabeça como se a outra estivesse fora de si.

– Não. Ele está trabalhando, tem compromissos. Além disso, por que eu faria uma coisa dessas? Estou indo bem no processo de esquecer.

– Posso ver... – murmurou Peggy, encarando-a e vendo seus olhos úmidos.

– E eu não tenho direito de fazer isso. Nem de pensar sobre isso. Acabou. E esse tempo vai servir para melhorar nossa relação profissional.

Peggy só ficou olhando para ela e balançando a cabeça enquanto mantinha os braços cruzados.

– Ainda bem que Afonso não sabe, senão ninguém aqui ia ter paz. Provavelmente ele mesmo ia ligar e te delatar.

– Não diz nada a ele – pediu Luiza.

– Oficialmente eu também não sei. Deduzi tudo sozinha. Mas quer saber, Hoy trabalha aqui. Eu trabalho aqui. Estamos há mais de um ano só olhando de longe. Passamos por esse período de achar que era melhor não misturar as coisas. E agora que estamos juntos, pode dar tudo errado ou não. Mas paciência. Aí teremos que dar um jeito de conviver.

Luiza não achava que era a mesma coisa, mas ficava feliz por Peggy finalmente estar admitindo que tinha uma relação com Hoy. E por ter encontrado

algo com o que se identificar um pouco nesse momento. Ainda assim, ela voltou pra cama e ficou pensando sobre o que Peggy disse.

– Mas já? – exclamou Marcel, parando no meio do salão e empurrando os óculos para cabeça.

Fazia um mês e meio que Devan havia partido e ele não pôde deixar de soltar essa piadinha. Não demorou muito para Afonso chegar correndo e fazendo tanta festa que Peggy também apareceu. Hoy já tinha dado as boas vindas, porque viu o táxi estacionar pelas câmeras de segurança.

Era final de tarde de sexta-feira e diferente dos locais mais quentes por onde Devan passou, ali em Havenford o clima já estava bem frio.

– Eu preciso de um autógrafo novo! Agora você está muito mais famoso! – brincava Afonso.

Luiza largou a planta da galeria de arte no primeiro andar onde ficava a exposição de armas. Ela não havia imaginado que o som do carro chegando seria ele. Agora estava ali tentando ficar calma e principalmente não sair correndo para a porta. A planta pousou sobre a mesa e ela ficou parada por uns segundos, mas foi se virando lentamente e andou em direção à porta da biblioteca. Ela só queria ver.

Mais estranho seria se ela nem aparecesse, não é? Com todos ali adorando a volta dele. E ela queria tanto olhar novamente para o seu rosto. Acabou se esgueirando lentamente pela porta da biblioteca que dava bem no salão principal, o que não era nada discreto. Ela saiu e apenas olhou, ele ainda estava segurando sua bolsa de couro e levando a outra mala pequena onde carregava o notebook e itens pessoais. A mala grande ainda devia estar lá fora. Ela reparou tudo isso porque achava estar com os olhos quase arregalados e levou segundos preciosos reparando em tudo em volta dele até fixar o olhar em seu rosto.

Devan parou no lugar e mesmo que estivesse alternando sua atenção entre Marcel, Afonso e Peggy, ele viu a porta abrir e ela sair lentamente e parar olhando-o. Ele estacou, não foi como se comandasse seu corpo, simplesmente ficou imóvel e com o olhar preso nela. Seria impossível não reparar que tudo parou quando ele a viu. Se os outros três ali não desconfiassem de nada, descobririam nesse momento que havia alguma coisa ali.

Ele estava tão ferrado. Não havia superado nem um pouco. De nenhuma forma. Podia dizer que havia piorado, porque caso ainda tivesse alguma ilusão de ter esquecido, foi só pôr os olhos nela. Agora, como se o problema já não fosse grande o bastante, ainda havia saudade somada à conta. A cobertura doce do bolo. E saudade doía, apertava demais o coração, fazia a pessoa cometer grandes tolices.

Como estacar e não conseguir tirar os olhos de cima do seu objeto de desejo. Grande tolice, gigantesca.

Luiza estava ocupada repetindo pensamentos de automotivação: *Não se jogue nos braços dele. Não se mexa. Respire e sorria. Mova os músculos faciais, pelo amor de Deus!*

– Nossa, acho que você está bronzeado – ela comentou, aproximando-se, satisfeita por seu cérebro ter conseguido formar aquele comentário frívolo.

– E de cabelo cortado! – adicionou Afonso. – Aliás, gostei, hein. Vi na TV e fui falar bem do corte no Facebook!

Abençoado fosse Afonso por entrar na conversa. E Luiza nem tentou cumprimentá-lo, até aperto de mão estava fora de questão.

– Eu cortei assim que cheguei em Londres... – ele passou a mão pelo cabelo loiro e sedoso que com aquele corte mais curto, que só pegava o início do seu pescoço, não chegava a formar as ondas nas pontas. – E na Austrália está bem mais quente do que aqui – ele sorriu levemente.

– Ai, esse homem me mata de inveja! Pisa! Pisa mesmo! – Afonso saiu fazendo drama.

Luiza percebeu que todos já haviam dado seus cumprimentos e ela havia sido a última a chegar à roda. Ela não podia ficar ali. Não sabia nem como se mexer perto dele nesse momento. Então murmurou algo sobre ser bom tê-lo de volta e fugiu para seu esconderijo na biblioteca. Como ela ia ficar no mesmo lugar que ele sem cometer uma besteira? Só de ouvir novamente a voz dele achou que ia derreter. Seu coração foi na garganta e caiu direto no seu estômago quando ele a encarou.

Por que ela não havia esquecido? Foram seis semanas inteirinhas nas quais podia ter pensado em qualquer outra coisa no mundo. Mas continuava pensando nele, arrependendo-se diariamente e sentindo tanta falta do toque dele que se sentia como se estivesse há anos vivendo ao lado dele e não meses.

Depois de deixar suas coisas no andar de cima, Devan voltou e pegou o resto da bagagem. Ele olhou a porta da biblioteca e seu bom senso e o lado racional que pararam de funcionar direito assim que a viu novamente, lhe disseram que ele devia se livrar do que carregava agora, de forma apropriada ou esconder tudo no fundo do armário e pronto. Isso não era normal. Ele estava com alguma coisa. Uma síndrome, uma doença qualquer.

– Um brinde à nossa equipe completa! E ao nosso autor ter saído do ninho e retornado! – Marcel propôs e todo mundo levantou a taça para acompanhar.

Ele era sem dúvida o mais animado com a volta de Devan, sua felicidade era genuína. Luiza achava que ele gostava dele como se fosse parte de sua família, quase um filho, porque Marcel vivia envolvido com Havenford desde muito novo e assim que completou seus estudos, voltou e começou a trabalhar ali. Só isso já tinha trinta e cinco anos, ele viu Devan nascer. E agora ele estava ali, todo

crescido e se realizando profissionalmente.

– Gente, meses que não tomo champanhe! – disse Afonso, virando a taça.

– O que era aquilo que você estava bebendo no sábado passado, lá naquela festa? – perguntou Peggy.

– Imitação de pobre!

– Ele até ficou trocando as pernas! Nós tivemos que carregá-lo, não é, Luiza?

– Peggy deu um cutucão no braço dela.

– E jogá-lo no táxi! – Luiza respondeu.

– Que calúnia contra a minha pessoa! O chefe mal voltou e vocês já querem sujar minha imagem! Era sábado à noite, viu, milorde? Terra de ninguém!

Devan não conseguia não rir de Afonso, mas ele só estava era pensando se enquanto ele ficou todo esse tempo fora, Luiza acompanhou muito os irmãos em suas incursões noturnas de fim de semana nas festas do outro lado do rio. Talvez fazendo a parte dela para esquecer o que aconteceu entre eles.

– Sabe que eu senti sua falta, Afonso – Devan disse, sorrindo.

Afonso colocou as costas da mão direita sobre a testa e se inclinou para trás, iniciando sua reação dramática.

– Pelo amor de Deus! Não diz isso pra ele! – Peggy balançou a cabeça.

– Acho que ele não vai nem dormir hoje! – disse Luiza, soltando sua primeira poadinha da noite e já estavam terminando o jantar.

– Milorde me emociona – Afonso secou lágrimas imaginárias, mas até fungava.

– Mas senti falta de todos vocês – ele completou.

– Eu já ia ficar magoada se você não dissesse isso – disse Peggy. – E nós também! Mas não deixe a fama subir à sua cabeça, você faz muita falta aqui. Você vivia precisando dele, não é, Luiza? – ela bateu nela com o ombro.

Luiza se sobressaltou e quase engasgou com a velocidade que engoliu o champanhe que havia acabado de beber. Ela sorriu sem graça enquanto descansava a taça sobre a mesa.

– É, tive que abrir as caixas e catalogar de novo todos os quadros lá do prédio da guarda – ela explicou, obrigando seu olhar a parar nele, mesmo quando ele a observou lá da ponta da mesa, o que não tornava longe, porque o móvel era quadrado e todos acabavam ficando bem próximos. – Você devia saber de cor onde estava tudo.

– Não sei, talvez. Faz um tempo que não mexo lá. Agora você que vai ter de me dizer onde está tudo – ele a observava de volta, percebendo que ela estava fugindo do olhar dele.

– Tudo bem.

– Ela fez um mapa! – Afonso piscou para ele. – Eficiência pura.

Ok, ele sabia que ela era eficiente e se adaptara ao trabalho ali mais rápido do que todos que entraram. Mas voltando ao assunto do que eles fizeram nos finais

de semana e para onde a levaram, ele gostaria de saber disso.

– E o alarme maldito? Vocês ficaram mesmo seminus do lado de fora? – ele perguntou com um sorriso.

– Ai, que horror! – exclamou Afonso.

Eles relataram o que passaram e a conversa seguiu sobre todas as coisas estranhas e engraçadas que aconteceram ali na ausência dele. E Devan teve que contar um pouco de suas experiências na viagem, escolhendo os momentos mais marcantes e engraçados. Pelo menos ele não teve a bagagem desviada nenhuma vez. Mas uma senhora pegou sua mala rígida que era azul e lisa e cismou que era a dela; foi doido porque mesmo com ele mostrando a identificação na mala, ela não queria soltar de jeito nenhum. Até os guardas do aeroporto tiveram problemas em contê-la quando ela resolveu distribuir golpes de mala.

– Você chegou em boa hora – disse Hoy, aceitando a taça que Peggy lhe deu. – Amanhã temos noivado, casamento e festa.

– A agenda está pior. Você foi sair por aí fazendo propaganda do seu maravilhoso castelo – Afonso revirou os olhos.

– O público feminino aumentou – brincou Peggy.

– As hóspedes sem roupa na academia também – adicionou Luiza, porque não deu para se conter.

– Vocês estão me zoando! – ele riu. – E eu não fiz propaganda. Mas não sei o que esses programas têm que pelo menos uns quatro passaram vídeos na minha entrevista e parecia até programa turístico de Havenford.

– Você ambientou umas cenas dos livros aqui – lembrou Marcel. – O pessoal está doido. Já vinham antes.

– Agora que está pop! Loucura! – Afonso completou a frase, melhor do que Marcel poderia dizer.

– Os guias estão com todos os horários de grupos tomados – comentou Luiza. – Vamos precisar de extra pros feriados.

Devan olhou para ela, até parece que ele não havia percebido que ela estava falando pouco e se metia mais quando o assunto não era pessoalmente ligado a ele.

– Tudo bem – ele assentiu.

Hoy terminou de comer e olhou de um para o outro.

– Será que você pode pedir a ele para liberar meus planos e orçamentos até amanhã – ele disse a Luiza, daquele seu jeito característico e não dava para saber se estava brincando. – Com você vai funcionar.

– Sobremesa! – Peggy pulou de pé e saiu correndo para a cozinha. – Esperem só um pouco!

– Eu vou olhar amanhã cedo, prometo – disse Devan, salvando-a de arranjar uma tirada para essa.

Ele não sabia o que havia acontecido em sua ausência, mas pelo jeito todo

mundo no castelo, até Hoy, já sabia que aconteceu alguma coisa entre eles. Devan não lembrava de ter posto um letreiro em cima de sua cabeça e dos dois, Luiza era a mais discreta. Apesar disso, talvez as pessoas ali não fossem cegas e notaram como ele deu em cima dela descaradamente no dia do casamento de Hugo e Shannon. E depois foram dois dias de humor ruim e cabisbaixo, e então ele ficou fora muito tempo. É, talvez alguns detalhes na história houvessem os denunciado.

Como se o pessoal de Havenford precisasse de algum incentivo para ser fofoqueiro.

Junho de 1444

Meu amado lorde,

Haydan está metido em um problema. Aquela maldita garota o enrolou até que ele propôs casamento. Ele estava completamente cego, só isso pode explicar tamanha loucura. É óbvio que ela quer capturar um conde, mas também é óbvio que ela não está apaixonada por ele. E não basta isso, ela tem outro! Dá para acreditar nisso?

Ela pensa que deixarei nosso filho ser enrolado assim. Ela vai me conhecer. E vai saber que eu não funciono de acordo com as "regras". Ela e aquele amante dela não perdem por esperar. São preciso dar um jeito de resolver isso antes que Helena a encontre. Ela vai arrancar os olhos dela por magoar e trair seu irmão mais velho. Ela até amolou a colher para os olhos saírem rápido!

Eu só não sei por que ele não vê que aquela outra menina linda é apaixonada por ele. Tudo bem que ela é uma Couton. Mas e daí? Seus olhos brilham quando o vê e ele cego com aquela menina fingida! É de cortar o coração.

*Saudosamente,
Elene.*

Capítulo 19

Assim que eles dispersaram, Luiza subiu para o seu quarto e às vezes encontrava Timbo nesse horário quando ele não estava em uma daquelas suas missões misteriosas. Mas não viu nem sinal dele. Imaginou se ele estava esparramado lá na cama do seu dono e agora iria abandoná-la. Logo agora que o saquinho de guloseimas de gato que ela comprou lá na cidade ainda estava cheio.

Luiza se enfiou numa camisola de cetim que mais parecia um camisão com botões e se forçou a ficar na cama olhando para o teto. Não conseguia nem ligar a televisão, até ler estava fora de cogitação. Ela poderia ficar naquela cama pelos próximos dez anos. Mas não podia, tinha uma vida que só dependia dela para funcionar. E ela estava a ponto de levantar dali, atravessar o corredor e jogar tudo para o alto quando ouviu as batidas na porta.

Se fosse Afonso, já teria começado a chamá-la. Ela levantou, acendeu as luzes e abriu a porta. Devan estava com o antebraço apoiado no batente da porta e dessa vez ela quem estacou quando deu de cara com aqueles olhos lindos. Era difícil saber que eles pareciam ainda mais bonitos e naquela iluminação baixa, o cinza aparecia mais do que o azul.

– Eu sabia que você não iria me ver, então... – ele falou, sem se mover nem um milímetro apesar de ela ter aberto a porta.

E ele por acaso estava ali para seduzi-la? Porque estava falando daquele jeito. Com aquela voz... E estava com aquele ar de “saí do banho, cheiroso e apetitoso, joguei uma roupa qualquer por cima do meu corpo rígido e másculo e vim só ver como você está”. Sim, claro. Ela também estava só ali, que nem uma estátua, com aquela camisola larga. Nada demais.

– Posso? – ele perguntou, falando sobre entrar no quarto.

Só neste momento, desde que chegou ali, ela lamentou ser a única funcionária com um quarto sem porta entre a antessala e o espaço de dormir. Havia um portal muito bonito, mas dava para ver sua cama, desarrumada e com o lençol lilás esparramado sobre ela como se estivesse pronto para uma pose sensual para o departamento de cama, mesa e banho da loja mais próxima.

Um tanto sugestivo, não acha? Que tal ficarmos aqui no corredor frio e sinistro?

– Sim – ela assentiu e deu alguns passos para trás, dando espaço a ele e que alguém a perdoasse, criando distância para evitar que ela colocasse as mãos nele.

Devan pegou a caixa do chão e entrou. Ela não sabia onde ele havia arrumado, mas era uma caixa de madeira fina e com alças que permitiam carregá-la facilmente. Ele fechou a porta e foi direto até a mesa que ficava no

canto direito. Colocou a caixa em cima do tampo da mesa de madeira e remexeu nela.

– Você não está cansado da viagem? – ela precisava falar alguma coisa. Só ficar parada ali, do outro lado da antessala, era estranho demais.

– Não, me dei ao luxo de uma poltrona espaçosa na volta e dormi um bocadinho – ele respondeu, ainda mexendo na caixa. Aparentemente ele estava abrindo um pacote difícil.

– Que bom... – ela comentou, pensando se começava a falar sobre como ele deve ter tido problemas em passar tanto tempo em aviões.

Devan virou-se para ela e soltou o ar antes de começar a falar.

– Eu sei que é inapropriado e tudo mais e você tem toda liberdade para não aceitar, mas eu lhe trouxe umas coisas – ele tirou um pacote transparente da caixa.

Luiza desviou o olhar e de longe, pareciam doces. Se ela já não fosse fã dele, ia virar agora. Estava realmente precisando encher a cara de chocolate neste momento.

– Eu não conseguia tirá-la da cabeça e tudo que eu via e me fazia lembrá-la, eu acabava carregando. Eu até trouxe aqueles malditos bombons que tinham na sua mesa assim que chegou aqui, mas eu notei que acabaram há meses e não são vendidos aqui, mas em Londres sim – ele estava falando um pouco mais rápido do que o seu normal, mas precisava dizer logo.

Devan estendeu o pacote que estava na sua mão, ao menos havia conseguido falar e já seria um grande passo se ela aceitasse. Ele realmente queria que ela ficasse com tudo que ele trouxe, sentiria como se tivesse uma chance. E estava disposto a consegui-la do jeito que fosse.

Luiza olhou para o braço dele estendido enquanto lhe oferecia o pacote, desviou o olhar para o rosto dele e o encontrou apenas observando-a com um leve traço de ansiedade. Mas ela se aproximou, cobrindo rapidamente os quatro passos que os separavam, pegou o pacote e o abraçou no mesmo movimento.

– Obrigada pelos doces e por não se esquecer de mim.

Ele aproveitou o abraço dela, porque também estava precisando muito desse contato, mas se afastou só um pouco, segurou o rosto dela e beijou-a longamente, colando bem sua boca à dela e sentindo novamente seu gosto. Eles derramaram toda a saudade que sentiam naquele beijo e ficaram um longo tempo sem querer mais nada, apenas continuar juntos.

– Eu estou apaixonado, não consigo mais esconder isso nem de mim e muito menos de você. Coloquei um oceano entre nós, fui pro outro lado do mundo e só piorou – ele confessou e ela podia ouvir alívio e tortura misturados em seu tom.

Luiza o abraçou ainda mais forte e fechou os olhos, sabendo que independente do que achesse ou das decisões que houvesse tomado, não ia mais conseguir seguir assim.

– Eu senti tanto a sua falta, não parei de pensar em você nem um dia – ela apertou ainda mais a bochecha contra o peito dele. – Quando eu atendi ao telefone naquele dia, eu estava a ponto de implorar para que voltasse.

Devan levantou o rosto dela.

– Eu fiz de tudo para não telefonar pra você, repete, por favor.

– Eu morri de saudade – ela inclinou a cabeça e o beijou, agora envolvendo seu pescoço para que ele ficasse mais um tempo junto a ela. – Eu entendi tudo errado, Devan. Essa necessidade de ficar aqui desapareceu completamente quando você partiu. Eu não tinha mais motivo pra ficar em Havenford sem você, eu acho que o tempo todo era você – ela o beijou de novo e ele, ainda surpreso demais com o que ela disse, abraçou-a mais forte e retribuiu.

Quando conseguiu separar os lábios dos dele, Luiza deixou os doces sobre a mesa e escorregou as mãos pelo peito dele. Então se concentrou em abrir a camisa dele, que sorriu, sentindo uma felicidade como não experimentava desde que a teve nos braços antes da viagem.

– Você tem certeza? Dessa vez eu não vou deixar você fugir de madrugada – ele avisou.

– Tenho. E eu não vou a lugar algum.

Ele ajudou-a a se livrar da camisa quando ela a empurrou pelos seus braços e tomou seu tempo acariciando-os e olhando para o que fazia. Devan só conseguia olhar para ela, admirando-a de perto e sentindo seu desejo que vinha sendo tão reprimido se libertar e aumentar ao vê-la demonstrando que gostava tanto do que via e tocava. Isso era ótimo, ajudava muito a reconstruir a autoestima dele que havia sofrido sérios abalos com a rejeição dela.

Mas era bom ser retribuído, pois ele também adorava observá-la enquanto a tocava, porque adorava o que via e ia lembrá-la disso agora.

Ela soltou a calça dele que era de um tecido maleável e foi fácil de tirar, então ficou de pé novamente e se agarrou ao pescoço dele, dando-lhe um beijo faminto. Ele adorou, pegou-a no colo e levou-a para a cama que parecia já estar os esperando, desarrumada do jeito certo. Ele a colocou de joelhos sobre o colchão e abriu a camisola dela rápido demais, jogando-a para o lado sem preocupação.

Quando eles bateram juntos no colchão, rolaram de um lado para o outro com seus corpos bem juntos e as bocas grudadas. Luiza passou a perna por cima do quadril dele e acabou ficando por cima e empurrou os ombros dele contra a cama. Devan sorriu enquanto a olhava, ele achava que ela estava muito sexy em cima dele, só de calcinha e despenteada. Mas gostou mais ainda quando ela começou a acariciá-lo e olhar bem para ele no processo.

A luz da antessala estava deixando a cama mais clara do que Luiza gostaria, mas era bom porque dessa vez estava ocupada olhando para ele. E explorando seu corpo, do jeito que ele fez com o dela da primeira vez. Ele cobriu os seios

dela com as mãos e sentou-se para substituir o toque com a quentura de sua boca. Luiza sentiu um formigamento de excitação no ventre e moveu-se mais sobre o quadril dele.

Devan deixou o corpo cair para trás e também se moveu sob ela, apertando-a contra ele para sentir bem o quanto ele já estava duro. Ambos geraram e procuraram mais contato.

– Você não quer tirar essa calcinha e abaixar um pouco desse nosso pico de tesão?

Ela lhe respondeu com um suspiro e deu um beijo no peito dele, mas continuou se movendo sobre seu quadril e ele não conseguia não retribuir.

– Talvez... – ela provocou.

– Isso é tortura. Um mês e meio fora, eu acho que bati uma pra você diariamente.

– Sério? – ela se inclinou, deixando seu corpo deitar sobre o dele e o beijou, adorando saber que ele esteve pensando nela desse jeito também.

– Quartos de hotéis, estranhos e em cidades diferentes costumam ser solitários, especialmente à noite quando as memórias atacam – ele enfiou as mãos por dentro das laterais da calcinha dela e ela o ajudou a retirar.

– Eu já disse o quanto queria te ligar? Falar com você naquele dia foi tão difícil... – ela perguntou, gemendo logo após, sentindo-o deslizar sobre entrada do seu sexo.

– Você devia ter ligado – ele murmurou e apertou o quadril dela, mantendo no lugar para não escapar dele. – Eu ia estar aqui na manhã seguinte.

– Não ia nada – as unhas dela apertaram a carne dos ombros dele e Luiza se inclinou mais, ficando bem colada ao peito de Devan e só esticou a mão para abrir a gaveta; por causa dele ela adquirira preservativos. No plural.

– Pegaria o primeiro avião pra casa – ele se moveu embaixo dela, ajeitando-a rapidamente e não a deixou se acostumar ao seu membro dentro dela.

Apesar de ela estar por cima ele começou a se mover, fazendo seu quadril dançar sobre o dele e ela correspondeu, tomando o controle e movendo-se sobre ele até alcançarem o objetivo de abaixar um pico de tesão, que era gozar rápido e com força. Então dava para começar tudo de novo e ambos tinham ideias um para o outro que iam demandar tempo.

Eram quase oito horas quando Luiza acordou com algo andando sobre ela, assim que sua mente acordou ela soube que era Timbo. Ela estava de bruços, com o tronco parcialmente sobre Devan e eles estavam bem cobertos porque depois de horas suando no meio do sexo, quando seus corpos relaxaram de vez, o frio fez questão de lembrá-los que estavam no inverno.

O gato esteve sumido ontem e não sabia que seu dono havia voltado. Depois de sapatear pelas costas de Luiza, quando ele percebeu quem estava ali dormindo com ela, ficou doido. Começou a miar e ronronar, sem se decidir que som fazer. Espojou-se sobre a barriga de Devan e depois começou a ir e voltar sobre a cama. Luiza começou a rir do gato que pelo jeito não fazia o indiferente. Ela puxou as cobertas até prendê-las embaixo dos braços e Devan teve que prender o lençol na cintura, se sentar e dar atenção a Timbo até o gato sentir-se satisfeito.

– Viu, ele é malandro, vive sumido, mas te adora – ela disse, olhando Timbo todo relaxado sobre as cobertas e recebendo carinho. – Ele ficou muito triste, até passou mais tempo no castelo. Dormia aqui quase todo dia.

– Eu adoro esse gato, mas ele é muito sem vergonha – ele terminou de brincar com ele e deixou o corpo cair para trás. – Obrigada por cuidar dele.

Timbo ainda passeou por cima das pernas deles e arranjou um lugar que achou fofo o suficiente, deitou, enrolando-se como uma bola e logo estava dormindo. Ele era um gato notívago, sempre vinha acordar os outros de manhã e logo depois ele quem estava dormindo.

Luiza se ajeitou ao lado de Devan e descansou a mão no peito dele, depois de cobri-lo novamente.

– Se não for pedir muito, será que podemos dormir só mais um pouco?

– Por favor, mais umas horas – ele passou o braço por trás dela.

Ainda bem que Devan ficou apagado por mais umas duas horas, porque o espaço onde Timbo resolveu dormir foi entre seus tornozelos.

– Eu tenho que trabalhar – Luiza disse, rolando na cama, mas ela não estava com toda essa convicção; ficar ali abraçada com ele era muito melhor.

– Eu também, mas sério... Volta aqui – ele passou o braço em volta dela e a puxou, desfazendo todo o seu avanço para a beira do colchão.

– Não posso, são dez horas. Tenho que cumprir meio turno aos sábados.

– Que tal a parte da tarde?

Ele capturou-a e ela se virou para ele sob as cobertas, apoiando-se em seu peito e deixando todo o seu cabelo bagunçado pelo sono e pelas mãos dele, caírem sobre ele.

– Você tem aquele relatório do Hoy para liberar – ela lembrou.

– Aos diabos que vou pular da cama às dez da manhã pra ler relatório!

– Você prometeu...

– Sim, tenho até o final do dia – ele puxou-a para ainda mais perto, mas continuou deitado de costas. – Você não acha que depois de tudo que fez comigo, eu mereço ser um pouco mimado?

– Eu te mimei a noite inteira, seu sacana! – ela mordeu o queixo dele e sorriu.

– Você fez amor comigo, mas eu quero umas horas suas pra mim. Juro que mantenho as coisas dentro da cueca.

Ela não conseguiu não rir dele, até porque no momento ele estava nu por baixo das cobertas e não ia poder manter a promessa.

– Mais tarde. É muito suspeito você chegar num dia e subitamente eu acordar quase meio-dia.

– Meu amor, quem fica no quarto aqui ao lado? Essa pessoa já deve saber muitas coisas sobre nossa noite – ele deu um sorrisinho sacana.

– Você esqueceu que meu quarto é isolado? Eu fui relegada a ficar nos seus domínios, não tinha espaço para mim na ala leste.

– Isso é bom, ia ser um tanto embaraçoso escutar Afonso e Peggy discutindo sobre nossos orgasmos...

Luiza ficou muda por um minuto e se encolheu de lado para ele e Devan virou-se para ela, ficando na mesma posição e passando a mão por cima de sua cintura. Eles estavam se mexendo demais, então Timbo já havia arrumado um lugar perto do pé da cama e se ajeitado ali.

– Será que nós podemos manter isso entre nós por um tempo? – ela perguntou baixo.

Ele franziu a testa e olhou-a atentamente.

– Você quer me esconder?

– Não. Eu quero que isso entre nós continue apenas entre a gente por enquanto.

Ele bem que gostaria de saber o que era o “isso” que ela se referia. Mas por hora, não queria pressionar muito e nem começar a rotular. Mas gostou de ela tomar a iniciativa de reconhecer que eles estavam tendo alguma coisa.

– Por quê? – ele franziu o cenho enquanto a observava.

– Nós estamos começando a ficar juntos, não sei o que vai acontecer. Prefiro que a gente decida isso ou deixe o tempo que vamos ficar juntos decidir. Só nós dois.

– No fundo você ainda acha que é errado ficarmos juntos.

– Não acho mais. E mesmo que achasse, nos já havíamos ido longe demais antes de você viajar. Eu nunca conseguiria me afastar agora. Eu quero ficar com você, mas queria que no começo não nos tornássemos a sensação local.

Ele achava que além de ainda ter o pé atrás com aquela relação, ela não tinha a menor certeza se eles tinham futuro. Enquanto isso, ele já podia até começar a planejar o nome dos filhos que queria ter com ela. Era irônico demais, porque ele quem sempre vivera essa especulação em suas outras relações. Já até fora acusado de não rotular para não se comprometer, o que na época era verdade. E agora estava ali, vivendo de incertezas desde o primeiro beijo que deu nela.

– Só um pouco... – ela disse baixo, vendo que ele se debatia internamente.

– Se você vai ficar mais à vontade com isso, acho que vai nos dar mais liberdade. Mas só até nos resolvermos, seja lá como ou quando.

Ela o beijou repetidas vezes e o abraçou. Acabou ficando mais uns minutos com ele, fingindo que o castelo não estava aberto e em funcionamento, provavelmente com turistas passando bem embaixo deles.

O plano deles era manter a relação discretamente, era até bom porque eles não saberiam explicar o que estavam fazendo. E todo mundo que trabalhava no castelo ia querer saber, mesmo indiretamente. Não era como se Luiza fosse sair dizendo por aí “sim, eu estou dormindo com milorde”. Ambos podiam mandar todo mundo para o inferno, porque não tinham nada com isso. Mas não impedia a fofoca e eles não podiam escapar de Marcel, Afonso e Peggy.

Mas tudo isso só serviu na teoria. Poucos dias depois, todo mundo, mesmo os guias que só iam lá aos finais de semana, já sabia tudo e estavam junto com o pessoal que trabalhava lá diariamente torcendo para o romance dar certo. Marcel não tinha mais dúvidas, ele conhecia Devan, só de olhar para ele e para o seu súbito ótimo humor, sabia o que ele havia conseguido quando voltou. E também foi testemunha da apatia de Luiza enquanto Devan estava fora e de sua súbita recuperação já na manhã seguinte após a chegada dele.

Afonso ainda estava um tanto chocado. Ainda mais quando uma semana depois ele deu de cara com Devan saindo do quarto dela de manhã e já de banho tomado.

– Eu não acredito que você está dando pra milorde e não me contou! – ele havia gritado em seu quarto, porque com ele era assim, tudo às claras.

– Afonso! – Luiza bateu o pé e moveu as mãos em punho no ar.

– Pelo amor de Deus! Você está dando horrores pelos quartos desse castelo maravilhoso! Isso é quase um sonho erótico!

– Para com isso, eu não estou fazendo isso! – ela chegou a corar.

– Eu vou enfartar! Isso é pior que minha irmã comprando baby doll sexy pro Hoy!

– Eu sabia que ia sobrar pra mim – disse Peggy lá da cama, onde estava esparramada comendo batatinhas.

Ela não estava falando nada exatamente porque seu rabo estava preso. Sua relação com Hoy estava ficando mais séria aos poucos. Mas ela começava a achar que, apesar do que os outros pensavam do chefe da segurança ser tão quieto e reservado, era ele quem estava seduzindo-a. Porque quando ele abria aquela boca, Peggy derretia.

– Fala baixo, Afonso! Não estou fazendo nada disso! – insistiu Luiza que apesar de não esconder, não conseguia ficar discutindo sua vida sexual.

– Então hoje cedo, às oito da matina, quando ele saiu de lá, cheiroso e de cabelo úmido, ele tinha ido consertar sua banheira e seu vidro de xampu acabou caindo milagrosamente na cabeça dele – sugeriu Afonso de puro sarcasmo.

– Não está muito longe disso... – ela comentou baixo, escondendo o fato de

que eles tinham mesmo estado na banheira naquela manhã e num momento os vidros de xampu e condicionador dela acabaram caindo no meio.

– Só eu que não estou dando pra ninguém nesse castelo? Até o Marcel anda escapulindo muito! Pra onde ele vai?

– Você deu o maior fora no Dwayne... – murmurou Luiza, falando do guia que vinha dando em cima de Afonso e deixando-o danado da vida.

– Aquele filhote de urubu não faz meu tipo! Tenho horror a homem atarracado. E ele é muito peludo. Nunca fui fã de ursão!

– Ele não é peludo, você que é chato. E também não é atarracado, está mais para marombado – disse Peggy.

– Só se for no mundo de Oz! – ele teimou.

Apesar do escândalo de Afonso que passou a achar que Devan e Luiza estavam tendo noites carnavais e selvagens todos os dias e por vários cômodos luxuosos do castelo, eles não estavam se vendo tanto assim. Ao menos não como ele pensava e nem como eles gostariam. Era difícil para eles conseguirem ficar sozinhos durante o dia. Devan até estava escrevendo na biblioteca novamente, mas a mesa de Luiza era lá do outro lado do cômodo comprido. Ficar ao alcance de um olhar ajudava, mas toda hora entrava alguém.

– Que tal se terminarmos o turno e formos pra rua? – Devan perguntou, encostando-se à parede de livros, ao lado de onde ela estava devolvendo alguns volumes.

– Claro – respondeu Luiza, terminando de arrumá-los e checando a ordem. – Jantar?

– Só nós dois.

– Vou gostar disso.

– Depois voltamos e... Eu já te falei como a banheira do meu quarto é enorme? Lá não vamos acabar derrubando os vidros de xampu e condicionador.

– Hum... – ela deu um sorriso, chegando pra perto dele.

Eles trocaram um beijo leve e ela passou os braços em volta da cintura dele e ainda estavam com os rostos bem próximos quando a porta abriu de repente e eles pularam para longe um do outro.

– Sério, vocês acham que sou cego? – perguntou Afonso, trazendo mais livros para Luiza. – Eu queria ver se fosse a Aura, com aquela boca grande, ia dar a notícia até no jornal da Austrália onde você esteve recentemente – Afonso deu uma olhadinha para Devan, deixou o pacote e foi embora.

E à noite eles precisavam dormir. Ambos trabalhavam durante a semana e Devan precisava escrever. Como ele tinha decidido tirar férias da série do detetive Holden por pelo menos um mês, estava se dedicando a textos acadêmicos e ao seu livro novo sobre o conde. Ele não conseguia ficar parado, era muito produtivo e escrever tinha se tornado um hábito muito enraizado em sua rotina. Mas ele gostaria de vê-la dormindo na cama dele mais vezes, mesmo

enquanto ele estava lá na escrivania transformando suas ideias em páginas de livros.

– O tempo voa mesmo – disse Marcel, numa tarde nublada enquanto tomava cappuccino com Devan num café na Rua do Rio. – A última vez que sentei aqui para tomar um café ainda era verão. Estava quente e a brisa do rio era um alívio.

– Pois é, daqui a pouco ela estará congelante – Devan bebeu um gole, mas estava sem cachecol e só com uma jaqueta de couro sobre a camisa lisa, ainda não estava tão frio pra ele.

– E logo vai ser mais um ano que completamos aqui – comentou Marcel.

– Esse ano vamos fazer festa para o seu aniversário – informou Devan.

– Lá vem você – Marcel bebeu mais um gole do café.

– Não se faz sessenta e cinco anos todo dia.

– Ainda bem!

– E de Natal também – Devan lembrou.

– Sempre fazemos o Natal.

– Não só decorar o castelo. Que tal se esse ano for aqui? Há quantos anos a família não vem ao castelo comemorar? Eu nem me lembro quando foi a última.

– Seria muito bom, Devan. Acho que eles gostariam muito – disse Marcel, animado com a ideia dos Warrington se reunirem ali. – Você acha que esse ano os garotos vão viajar para ver suas famílias? – perguntou Marcel, referindo-se a Afonso e Peggy que, pelo que ele sabia, ainda tinham familiares, e a Luiza.

Marcel já sabia que a mãe dela não vivia na Inglaterra, porque eles vinham conversando um bocado enquanto tomavam chá. Mas não tinha certeza se havia algum outro familiar.

– Não sei...

Em algumas viradas de ano, Devan ia encontrar a avó e a irmã, em outras elas que vinham porque era tradição a queima de fogos do castelo. O pessoal da cidade ficava na rua, fazia a contagem e o mar de fogos coloridos explodia sobre Havenford. Mas como pretendia passar o Natal no castelo, gostaria que Luiza ficasse com ele. Se fosse passar a virada de ano com a avó, também gostaria que ela o acompanhasse. Mas precisava preparar a avó antes que ela colocasse os olhos sobre ela e caísse sentada.

– De qualquer forma, ela poderá ver os familiares que tiver em breve. Seu tempo como trainee aqui vai acabar no início do ano que vem – comentou Marcel.

Marcel olhou Devan por cima da xícara e constatou que ele não estava pensando nisso. Mas não o lembrou à toa. O tempo de Luiza ali não era infinito e talvez nem ao lado dele.

– Talvez ela decida ficar.. – disse Devan, abaixando a xícara do seu cappuccino.

– Claro, ela tem tempo para decidir enquanto passa o inverno conosco. Não deve partir até o começo do ano que vem, na primavera – Marcel assentiu, achando que aquela situação o estava lembrando de outra que ele conhecia.

Outubro de 1445

Meu amado lorde,

Esse ano está ainda mais agitado que o anterior. Sim, eu sei, parece impossível que nossos filhos possam aprontar mais alguma coisa. Mas saiba que vai piorar. Já está piorando. Se você estivesse aqui já estaria me dando um daqueles sermões sobre o mau comportamento que inspiro em Helena. Mentira, você riria. Ou não, porque seria tão protetor quanto os irmãos dela.

De qualquer forma, mandei buscarem a menina Couton. Afinal, com aquela família dos infernos, ela precisa descobrir que existem outros bons exemplos por aí. Sim, diga que tenho o coração mole. Mas temos espaço demais nesse castelo. E ela ficou apaixonada por Havenford pelo tempo que passou aqui. Sim, eu já gosto dela. E ela gosta de todos nós. E já passou tempo demais sob a influência dos Driffield. Você sabe que além de pouco espaço, a casa deles é uma loucura.

Mas o que farei com Christian? Parece que sua libertinagem é imune aos meus estratégias.

Sabe os Golwin? É, só de falar nesse nome sinto todos se encolherem de asco. Também acontece comigo. Mas... Assim como todas as famílias, nem todos são iguais. Nós sabemos disso. Afinal, os Warrington tem um lado muito podre que até hoje lutamos para manter a distância e eles ainda adorariam nos matar. A maior parte dos Golwin também adoraria. Mas nem todos. É só uma ideia, meu lorde.

Sinto sua falta.

*Saudosamente,
Elene.*

Capítulo 20

Ainda pensando sobre a conversa com Marcel, Devan levantou a mão à frente da porta de Luiza para bater, mas assim que fez contato com a madeira, a porta abriu, revelando que estava só encostada. Ele havia recebido uma boa educação e mesmo que estivessem juntos, ele ainda olhou em volta do cômodo antes de entrar. Ela não estava à vista, mas ele bateu os olhos nas malas no chão, à frente da cama. Era coincidência demais.

Luiza saiu do banheiro com uma toalha enrolada em volta do cabelo que havia lavado e carregando um monte de roupas.

– Aonde você vai?

– Ai! – ela gritou com o susto que levou.

Ele estava parado sob o portal que dividia o quarto e a antessala, olhando fixamente para as malas, mas desviou o olhar para ela. Luiza empurrou a tampa de uma delas e deixou as roupas que estavam em seus braços caírem lá dentro.

– Eu acho que me tornei um tanto consumista desde que vim morar aqui. É culpa do ótimo salário que você me paga e dessas malditas lojinhas pequenas desse lado do rio. Elas têm tudo! E as donas das lojas ajeitam as medidas pra você em vinte e quatro horas! Tem noção disso? Comprei uma saia, mas a cintura estava larga e a mulher disse para eu voltar em duas horas que a costureira dela iria ajeitar. E elas não cobram nada pra ajeitar! – ela tagarelava, enquanto se ajoelhava e fechava a mala.

Ele ainda queria saber por que ela estava colocando roupas *dentro* da mala. E continuava ali imóvel, olhando para as duas malas com clara hostilidade. E Devan tinha quase certeza que seu coração ainda estava parado, mesmo ela tagarelando com tanta desenvoltura.

– De qualquer forma – ela levantou o olhar para ele que só encontrou o olhar dela. – O inverno está aí, já comprei dois casacos grossos porque Marcel disse que aqui neva muito seriamente. E um sobretudo e uma capa e mais botas. Meu closet já está entulhado. Então resolvi arrumar e estou guardando essas minhas roupas velhas e batidas na mala pra abrir espaço. Quem sabe consigo doar.

Ele podia escutar o Tum–Tum do coração dele novamente e resolveu soltar o ar devagar, normalizando sua oxigenação. Xingou mentalmente e pensou que isso era uma merda. O sentimento podia fazer bem quando estavam juntos, mas era horrível ficar tão apegado a alguém ao ponto de sentir aquele tipo de medo de perder. Ele esfregou a frente do seu peito disfarçadamente, colocando mais isso na lista de coisas que poderia descrever com muito mais realidade nos seus livros. Realmente doía, não era historinha clichê de romances melosos. Doía como o inferno.

Se ela lhe dissesse agora que ia embora, ele não saberia o que fazer. Provavelmente ia doer tanto que ele ficaria sem ação, em suspensão, sem conseguir encarar a verdade porque ela machucaria demais. E vamos ser sinceros, ele ainda estava se recuperando do mês e meio que ficou viajando após o gigantesco fora que ela lhe deu.

Estava decidido, ele realmente tinha problemas para viver imerso em incertezas. Foi aí, que juntando isso à conversa com Marcel, ele decidiu que ao invés de pressioná-la verbalmente, ia iniciar sua campanha. Ia fazer tudo para ela não conseguir ir embora.

– Você vai descer pro jantar? – ele perguntou, já havia mesmo esquecido o que havia ido fazer ali. – Hoy está fazendo churrasco lá atrás. Ele acha que hoje é o último dia ideal, porque segundo ele, vai chover e depois o frio vai se instalar.

– Estou sentindo o cheiro! – ela levantou e empurrou a tampa da mala com o pé. – Coloca lá em cima pra mim? Eu tive que subir no banco pra pegar, mas estavam vazias.

Ele se aproximou e pegou as malas que ele já odiava, colocando-as na parte de cima do closet, mas pelo menos gostou de colocá-las de volta ao lugar de onde esperava não vê-las saindo tão cedo. Se eles fossem viajar juntos, ele ia lhe dar malas novas de presente. Havia pegado uma implicância ridícula, mas real com aquelas malas dela. Elas representavam o fim. Se em algum momento ela pegasse aquelas malas para arrumá-las, era para não voltar.

No jantar, delicioso aliás, porque o churrasco de Hoy era maravilhoso e Peggy também tinha feito aquela sua salada que todos adoravam, eles conversaram sobre o novo sistema de segurança. Devan havia aprovado o plano e liberado a verba. A partir de amanhã, partes do castelo iam ficar fechadas, para trocarem os sensores, renovarem o sistema de câmeras e mudarem a identificação dos funcionários. Determinados espaços iam precisar de senha para serem acessados, todos cômodos que não eram abertos à visitação. As outras portas no segundo andar abririam com o código de barras do crachá dos funcionários.

Como tudo no primeiro andar não era trancado durante o horário de funcionamento, o crachá dos guias também receberia atualização, para o caso de alguma porta se fechar acidentalmente. As janelas que receberiam a grande atualização, porque elas tinham trancas automáticas simples e isso era um sério problema na cabeça de Hoy. E o sistema de emergência ficaria mais efetivo, ao invés de disparar depois da checagem de setor, ele ia emitir o alerta no local problemático, levar apenas segundos para testar aquela área e ia disparar o sistema geral imediatamente. Algumas áreas eram mais sensíveis do que as outras.

Mas ninguém veria realmente as mudanças. As portas eram em sua maioria itens históricos, as travas tinham que ser trocadas com cuidado e os pequenos

painéis modernos seriam fixados nas paredes ao lado delas. Depois da onda de assaltos misteriosos que ocorreram em grandes residências da área, Hoy estava com a pulga atrás da orelha. A diferença entre uma grande casa e um castelo gigantesco sobre uma colina era enorme, mas na mente dele tudo gerava alertas.

– É como se eu tivesse meus próprios cavaleiros tomando conta de cada canto do castelo! – disse Hoy, todo animado.

– Eles só não conseguem atacar sozinhos – adicionou Marcel.

– Os japoneses ainda não inventaram isso – Hoy devolveu e os outros riram mais por ele ter feito uma piadinha, do que pelo que ele disse.

Na sexta-feira, quase todo o primeiro andar já estava atualizado. E só o pátio externo do castelo abriria nesse sábado, porque iam tratar das áreas “sensíveis” e para isso preferiam que não houvesse visitantes.

Devan saiu do banheiro, amarrando o cordão da calça de moletom que ele usava. Hoy estava certo, não só havia chovido como estava mais frio. Mas dentro do quarto, com aquela lareira enorme acesa, ainda era confortável o suficiente para ele dispensar a camisa. Luiza se virou na cama e o olhou, enquanto apoiava o cotovelo no colchão e segurava a cabeça. Os olhos dela desceram pelo seu torso musculoso e repararam nos ossos do quadril dele que formavam aquela entrada sexy que ia se esconder dentro da calça dele. Pelo olhar dele, seus planos não eram ir para a escrivania vencer umas cinco mil palavras antes de bater na cama.

Devan apoiou os joelhos e foi deitando de frente para ela, até estar perto o suficiente para descansar o antebraço na curva de sua cintura. Ele havia encontrado-a ali quando voltou dos seus exercícios diários e havia adorado a iniciativa. Tomou uma ducha e voltou para não perder o tempo que tinha com ela.

– Eu já lhe disse quão sedutores são esses seus olhos de feiticeira?

– Naquele dia no casamento... Eu gosto quando você diz.

– Eu juro que meus pensamentos não estavam tão indecentes até eu sair do banheiro e você me olhar. Eu ainda não havia reparado neles à luz da lareira.

Ela se aproximou dele e passou os dedos pelo seu rosto, afastando as mechas claras do seu cabelo e parando com as pontas sobre a cicatriz no lado direito da testa dele.

– Como consegui isso? – ela perguntou, ainda tocando a marca na lateral da testa dele.

– Escalando a colina.

– Mentira!

– Não, é sério.

– Com quantos anos aconteceu?

– Doze. Foi bem feio. Nunca vi tanto sangue na vida. Minha irmã ficou pendurada.

– Ela estava junto?! – Luiza arregalou os olhos.

– Claro que sim, nós sempre estávamos juntos. Ela escorregou na pedra, minha mão soltou, assim como o apoio de segurança. Despencamos uns metros, bati com a cabeça, mas consegui alcançá-la e prender o apoio novamente, mas não adiantou. Caímos mais uns metros, ambos desacordados.

– Sua mãe deve ter ficado em pânico.

– Ela não morava mais aqui e estava filmando em algum lugar.

– Sua avó?

– Ela e Marcel.

– Marcel! Ele já estava aqui?

– Ele está aqui desde antes de eu nascer. Ele que me contou da morte do meu pai quando eu tinha uns oito anos. Vovó não estava em condições.

– Sinto muito.

Ele só balançou a cabeça, como se isso houvesse passado, mas no fundo a memória sempre marcaria o garoto que ele foi. Eles tinham pontos em comum que eram estranhos e infelizes, mas agora Luiza conseguia ver que Devan podia entendê-la quando ela conversava com ele sobre sua vida e lhe explicava como se sentia. Ela estava se abrindo aos poucos e ele estava deixando-a confortável para ir falando em momentos despretensiosos como esse. Ela também perdera o pai, só que aos treze anos. E sua mãe a deixara para trás aos catorze. A mãe de Devan nunca o abandonou, mas também não foi presente em sua vida. Alaina, a irmã dele, guardara mais mágoa sobre isso do que ele.

– Mas eu tenho certeza que ele e a minha avó tiveram um rápido caso.

– Para com isso! – ela riu, inclinando a cabeça para trás. – Não posso imaginar Marcel tendo um caso! E com a sua avó!

Ele ficou sorrindo enquanto a observava.

– Você já lhe pediu para ver uma foto antiga?

– Não – ela franziu o cenho, nunca pensara nisso.

– Peça. Lá nos anos oitenta, Marcel foi um arrasador de corações. Ele era bonito, tinha o cabelo cor de bronze – ele sorria, divertindo-se em contar isso.

– Ele ainda é, para alguém de sua idade.

– Sim, creio que sim. Mas agora ele e minha avó não se dão bem – Devan fez cara de que lamentava o fato.

– Uma pena... Eles devem ter se ajudado para tomar conta de você e sua irmã enquanto estavam nesse castelo enorme.

– Nessa época só passávamos as férias e os finais de semana aqui, tínhamos que estudar.

– E quantos pontos você levou nessa cabeça dura?

– Muitos. Abriu a parte de trás da cabeça também, mas o cabelo cobriu a cicatriz. Minha irmã quebrou o braço, pela segunda vez – ele riu.

– Duas pestes. Mas você é durão, sobreviveu e só ficou um pouco louco – ela

empurrou novamente o cabelo dele pra trás e deu um beijo sobre a cicatriz na sua testa.

– Um pouco doido e talvez durão o suficiente – ele acariciou as costas dela e a olhou. – Mas se você for embora eu vou chorar que nem o garotinho que era no dia da queda.

Luiza o olhou seriamente, segurou seu rosto e o beijou demoradamente, depois tocou o nariz dele com o seu, um gesto amoroso que ela pegou dele. Ela queria lhe dizer que nunca iria embora, mas como ia afirmar algo tão sério? Nem ela sabia o que seria da sua vida em alguns meses.

Ambos foram forçados para fora do sono umas três horas depois quando era em torno de duas da manhã. Suas mentes sonolentas custaram um pouco para assimilar o que era aquele som. Mas de repente, Devan tirou a cabeça do travesseiro e sentou rapidamente.

– O alarme – ele disse, ficando de pé e vestindo novamente sua calça de dormir.

O telefone do quarto dele tocou e ele só apertou o botão do viva voz enquanto enfiava uma camiseta.

– Devan! O alarme estourou no setor C. E é de verdade! – exclamou Hoy. – Estou indo pra lá. Alguém precisa liberar o portão pra polícia. A guarita do pátio não responde.

Luiza já estava de pé, recolocando a roupa o mais rápido que conseguia.

– Você pode trancar tudo e ficar aqui? – ele abriu o armário, pegou uma caixa e ela ouviu a checagem da munição.

– Você realmente quer que eu fique aqui enquanto o alarme está disparado e você está lá fora com uma arma? – ela exclamou.

– Juro que sei usar. Fique no segundo andar e acione as travas de segurança. Se algo acontecer, entre na porta secreta no meu closet e se esconda.

Ele saiu do quarto e ela esperou um pouco e foi correndo atrás dele, ambos descalços e silenciosos. Ele desceu para o primeiro andar, mas Luiza atravessou para a ala leste. No caminho se chocou com Marcel e Peggy.

– Ai meu Deus! De novo não! – gritava Afonso, em pânico enquanto vinha correndo até elas, carregando um travesseiro.

– Hoy desceu por ali, com uma arma! – disse Peggy, nervosa.

– Crianças, já que ninguém obedeceu as regras de se trancar caso o alarme dispare, vamos atravessar para a torre, descer e ir para a sala de segurança. Não acho que seja seguro ficar aqui – disse Marcel.

– Eu vou liberar o portão – disse Luiza.

– O quê? – exclamou Afonso.

– A guarita não responde – ela explicou.

– Você é louca de pedra!

Ela se virou e foi andando, ao invés de pegar a escadaria principal, acionou

uma das passagens secretas para a escada de serviço e saiu lá embaixo no salão de jogos. Para sua surpresa, os outros três apareceram atrás dela.

– Está pensando que vai por seu traseiro a prêmio sozinha? – perguntou Afonso, indo atrás dela.

Luiza agarrou um atizador de lareira e viu que a porta lateral estava presa e aberta. Ela estava indo naquela direção quando escutou os tiros.

– Ai, meu Deus! – disse Peggy, se abaixando junto com Afonso.

Marcel segurou Luiza e eles se encolheram perto da porta.

– Parece que dessa vez não é mesmo alarme falso – sussurrou Marcel.

– A polícia já deve estar aí fora, precisamos liberar o portão – lembrou Peggy.

– Onde está Devan? Pelo que entendi foi atrás de Hoy para o setor C. Onde diabos é isso? – perguntou Luiza.

– No cofre – disse Marcel, num tom sombrio.

– E onde fica isso?

– Embaixo – ele apontou para o chão.

Luiza levantou e foi até a porta, os outros a seguiram e lá fora eles conseguiram escutar as sirenes e ver as luzes do lado de fora. Dessa vez estavam ilhados, porque não havia como derrubar aquele portão sem uma séria explosão. Eles atravessaram o pátio interno correndo o mais rápido que dava, mas perto do portão, encontraram um dos guardas noturnos caído.

– Está morto? – Afonso já estava até tremendo.

– Não sei, não parece ter ferimentos – Marcel checou o pulso dele e viu que ainda respirava, mas estava apagado e ficaria assim um tempo.

Eles correram até a sala de segurança e acessaram o telefone de emergência que funcionava por satélite, assim se cortassem as comunicações, ainda poderiam chamar socorro, como se o alarme estridente do castelo, ligado direto com a polícia local já não fizesse um trabalho perfeito. Todo mundo das ruas de acesso para o castelo já devia ter acordado e a notícia ia começar a se espalhar. Mas a ambulância não vinha junto e eles precisaram chamá-la.

Quando o portão externo abriu, as viaturas tomaram conta do pátio e os homens entraram com armas em punho. Peggy saiu correndo para abrir o portão interno que não estava respondendo ao comando automático e Luiza voltou para o castelo. Deixando Afonso em choque para olhar as câmeras e os dois guardas caídos enquanto Marcel a seguia.

Dentro do castelo estava um silêncio anormal e ela seguiu ao lado de Marcel até a passagem secreta que ele disse ser a entrada para o porão, onde ficava a passagem para o túnel e o cofre. O túnel havia sido aposentado, mas a entrada ainda era um painel na última sala da ala norte, bem na ponta do castelo e ao lado de uma lareira, com metade dele escondido por trás de uma tapeçaria que era tão antiga que não podia ser tocada pelos visitantes.

– Era essa a saída pela qual Elene e os filhos iam fugir se o castelo caísse? – Luiza sussurrou, olhando com desconfiança.

– Não era tão bonita, deram uma melhorada para viabilizar o cofre.

A passagem estava aberta e havia alguém caído ao pé da tapeçaria. Marcel checou e era um dos guardas, mas este estava sangrando muito e ele não tinha certeza se ainda respirava. Provavelmente os tiros que eles escutaram resultaram no guarda caído. Luiza sentiu um calafrio percorrer todo seu corpo. Onde estava Devan? Se o encontrasse caído como esse guarda, provavelmente ia desmaiar.

– Acho melhor não entrarmos.

– Fique aqui – ela disse, segurando o atizador de lareira, pesado e em ferro pontudo.

– Nem pensar, mocinha.

Marcel entrou atrás dela, as luzes de emergência ajudavam pouco na descida, mas no meio do caminho eles escutaram o som de alguém falando. Depois passos apressados nos degraus, subindo rapidamente, mas a subida fazia duas curvas. Marcel voltou e ficou estático e Luiza ficou bem na virada com o atizador na mão. Ela viu muito mal a pessoa que vinha, mas se era desconhecida, então não devia estar ali. Assim que a pessoa virou a curva da escada, não teve tempo de ver nada, o atizador acertou em cheio no queixo e acabou terminando o golpe no pescoço.

Quem quer que fosse, bateu contra a parede e tombou alguns degraus. Luiza desceu rapidamente, estava descalça e não fazia barulho, mas o corpo tombando chamou atenção de quem estava embaixo.

– Gertrude? – gritou uma voz de homem. – Não se mexa! – ele disse logo depois.

Houve sons de passos lá embaixo, o lugar criava um eco danado.

– Essa porra desse alarme não devia ter funcionado, seu idiota! – disse outro homem.

– Vai lá ver! – gritou o primeiro homem.

– Eu não, a mulher é sua – respondeu o segundo.

– Garotos, nós podemos resolver isso – dessa vez era a voz de Hoy. – Abaixa a arma e não estouro a cabeça do seu amigo.

– Cala a boca! Se acontecer alguma coisa à minha Gertrude eu mato a merda do seu conde!

Luiza engoliu em seco e seu coração acelerou. Ela olhou para baixo e pensou que tinha até sido legal com aquela maldita.

– Atira logo, seu idiota. Ele matou o Cris – disse uma das vozes masculinas que ela não conhecia.

– Ele não está morto – falou o tal namorado de Gertrude.

– Está caído lá em cima com um tiro no peito! Se isso não é morto, não sei o que é – disse o segundo.

Um som estranho chegou à escada. Não dava para distinguir, mas foi uma arma engatilhando. Luiza desceu uns degraus e agarrou Gertrude. Marcel apareceu lá na curva da escada e fez sinais com a mão, dizendo algo sobre a mulher. Luiza lhe disse para voltar e trazer os policiais, pois não chegariam ali sozinhos.

Luiza agarrou a mulher pela roupa e a jogou escada abaixo. Causou uma confusão e tanto quando o corpo desacordado chegou lá embaixo.

– Gertrude! – o homem quase saiu correndo para ir socorrê-la, mas o outro o impediu com um grito.

Hoy aproveitou a distração e deu com o cabo da arma na cabeça do seu refém, mas quando um dos homens viu o que ele fez, atirou e não deu tempo de se desviar, o tiro passou de raspão no seu braço. Ele teve que se esconder atrás de uma das caixas, mas atirou de volta e acertou na perna do homem que o acertara. Devan se adiantou e derrubou o homem, pegando a arma dele.

Gertrude se moveu no chão e gemeu, levou um minuto para conseguir voltar a si.

– Você está bem, meu amor?

O marido dela não era o tal padeiro de sessenta anos, era o filho dele. E ninguém ali no castelo sabia disso, ao menos não até agora que ele estava com uma arma apontada direto para Devan. Gertrude que atirou no guarda lá em cima e na confusão, Devan atirou no tal do Cris quando o encontrou carregando uma bolsa lá para cima.

– Deu tudo errado, seu idiota. Vamos trancar todos aqui e... – disse o homem que estava no chão.

Luiza desceu as escadas e pisou por cima de Gertrude, bem onde ela havia machucado as costas quando caiu pelos degraus. A mulher gritou de dor e o namorado dela apontou a arma na direção dela.

– Aponta a arma pra eles, seu idiota! – gritou o homem caído no chão com o tiro na perna.

Ele ficou momentaneamente sem saber se apontava para Devan ou para Luiza, mas ela usou a ponta do atizador e a colocou no pescoço da mulher, obrigando-a a sentar, apesar da dor.

– Se você não abaixar isso aí eu vou furar o pescoço dela. Você escolhe – ameaçou Luiza.

– Essa vaca chegou aqui depois que eu saí – disse Gertrude. – Atira nela, Tavis!

– Gertrude, seu plano deu errado. É só largar a arma e vocês serão acusados por agressão e tentativa de roubo, caso não tenham matado ninguém lá em cima – disse Devan, com o olhar alternando entre Tavis e Luiza.

Mas eles não tinham certeza se não haviam matado alguém. O plano era entrar sem ser percebido, apagar só os guardas e sair. Não pretendiam que

ninguém acordasse. Estavam roubando assim há semanas, se preparando para o grande roubo no castelo e motivados pela nova carga que veio de Riverside. Mas deu tudo errado quando os sensores do cofre deram o alarme que percorreu todo aquele setor e ativou as portas que eles deixaram travadas para poder sair.

O plano obviamente tinha sido maquiado por alguém que conhecia o castelo muito bem e Gertrude trabalhou lá por anos como organizadora de eventos.

Tavis, o novo marido de Gertrude, apontou a arma para Luiza, agora só queria livrar Gertrude.

– Levanta daí, amor. Vamos embora – ele disse, alternando o olhar entre ela e Luiza.

Gertrude se agarrou na parede, ela até tentou levantar, mas estava com muita dor e o processo era lento.

– Quem disse que você pode? – Luiza deu um chute na perna dela que caiu sentada de novo.

Tavis engatilhou a arma e Devan largou o homem com o tiro na perna e foi correndo até lá. Ele olhou para Hoy, como se lhe passasse uma mensagem.

– Aponta pra mim, aqui! Mantém a arma apontada aqui – Devan mostrou que estava soltando a arma que ele pegou do homem porque teve que soltar a sua quando aquele impasse se estabeleceu ali e ele e Hoy ficaram em desvantagem.

– Fique onde está – exclamou Tavis. – Drake, levanta daí e pega a arma dele. Anda!

Drake, o homem que levava o tiro na perna, estava tentando se levantar, mas estava com medo que Hoy, escondido atrás da caixa, lhe desse outro tiro. No momento a situação estava complicada, mas eles estavam em desvantagem, porque da posição protegida, Hoy podia disparar nele, mas então Tavis atiraria em Devan. E agora havia aquela garota que parecia falar sério sobre enfiar o atizador pontudo na garganta de Gertrude. A menos que Tavis desse um tiro certo na cabeça dela, daria tempo de ela cumprir o que disse.

Ignorando o aviso de Tavis, Devan avançou, preocupado com a arma que ele apontava para Luiza.

Tavis apontou para ele, mas depois voltou para Luiza e viu Gertrude tentando levantar de novo. Pelos sons lá em cima, eles finalmente haviam conseguido desativar o portão interno e os policiais já estavam espalhados pelo castelo e deviam ter achado o resto dos invasores que esperavam lá em cima, assim como os guardas desacordados ou baleados.

– Não a derrube ou atiro! – Tavis avisou a Luiza.

Hoy aproveitou a distração que Luiza estava proporcionando ao maltratar Gertrude e correu pelas costas de Tavis. O homem caído no chão gritou para ele e tudo aconteceu rápido demais. Tavis puxou o gatilho, mas Hoy lhe derrubou. Luiza abaixou e fechou os olhos. O barulho ecoou no lugar fechado, causando um estrondo que pareceu maior que o tiro anterior.

Quando abriu os olhos, Luiza viu que Hoy estava imobilizando o ladrão e Devan estava caído no chão, perto de Gertrude. Com o impacto do tiro, ele foi empurrado pra trás e caiu, batendo a cabeça e ficando desnorteado.

– Devan! – Luiza gritou e viu que a mulher tinha acabado de chutá-lo. Ela deu com o atizador na cabeça da mulher, abrindo um ferimento e desacordando-a.

Com o barulho, os policiais encontraram a entrada rapidamente e estavam descendo as escadas. Marcel tinha voltado correndo para trazer os paramédicos. Luiza rasgou a regata de Devan e pressionou o ferimento com ela. Ela levantou o tecido e olhou o local que ficava abaixo do seu ombro direito, no começo do seu peitoral. Ela balançou a cabeça rapidamente e piscou, sentiu uma sensação de déjà vu tão grande ao ver aquele ferimento que chegou a ficar tonta.

Ela falava com ele, mas Devan ainda estava desnorteado. Ele se movia, mas não a respondia. Ela começou a sentir um desespero familiar, o sangue não parava de cobrir o peito dele.

– Não, não, não! – ela apertava o ferimento e sentia as lágrimas descendo. – Não, Devan, agora não!

De novo, não. – ela pensou, junto com toda a confusão que se passava em seus pensamentos agora.

Devan moveu a cabeça e piscou várias vezes, ele estava confuso por causa da batida na cabeça, sem contar o tiro. Ele conseguiu focalizá-la e depois viu Hoy que tinha se levantado e se aproximado, apesar de também estar ferido. Eles estavam um pouco arranhados e começando a mostrar hematomas. O lugar estava uma bagunça, parecia ter havido uma explosão, o chão estava repleto de detritos, caixas em pedaços e a porta de metal que dava para outro cômodo estava aberta.

– Aquele puto idiota – Hoy xingou, vendo o ferimento onde Luiza continuava pressionando, tentando diminuir o fluxo do sangramento.

Ela olhava para Devan com aflição, mas não ousava fazer a pergunta que rondava sua mente. *Por que você fez isso?* O tiro era para ela e talvez o maldito homem houvesse errado, porque atirou exatamente quando Hoy lhe deu o golpe. Mas não importava, ela estava dois passos atrás, o ferimento nela podia ter sido num lugar menos perigoso. E dane-se todas as teorias. A bala era para ela, não era para ele estar no chão, com uma bala no peito e sangrando através dos dedos dela.

– Onde estão os malditos paramédicos?! Foram fabricar a maca? – ela gritou, frustrada.

– Calma – ele disse baixo, colocando a outra mão sobre a dela. – Não vai ser isso que vai me matar – a feição dele demonstrava dor e ela sentia que ele não estava respirando normalmente, mas estava consciente, só que continuava sangrando.

Marcel apareceu no topo da escada e gritava para o seguirem, dois homens uniformizados apareceram. Mas era um lugar horrível, não dava para manobrar uma maca naquela escada curvada.

O rádio do chefe da polícia local reproduzia sons estáticos de seus homens lhe passando informações. Um deles informava que havia capturado um homem escondido no hotel, mas tiveram de atirar, porque havia potenciais reféns na área. E o outro estava seriamente ferido, porque foi atacado pelos cães do castelo. E reportaram haver encontrado alguns itens roubados do lado de fora, em bolsas negras.

Os paramédicos protegeram o ferimento de Devan e ele subiu as escadas com eles, Gertrude foi carregada no colo de dois homens, assim como o ladrão com o ferimento na perna, o outro ainda desacordado e Tavis, que Hoy havia deixado inconsciente no chão.

Lá em cima, Afonso quase desmaiou quando viu Luiza suja de sangue e teve vertigens quando os paramédicos colocaram Devan na maca e o levaram correndo para a ambulância. Hoy estava se recusando a ir, porque ele tinha trabalho a fazer, mas ele estava sangrando muito e ia precisar de pontos.

Luiza sentiu alguém colocando um cobertor em volta de seus ombros, ela estava com as mãos à frente do corpo, com as palmas para cima, ambas muito sujas de sangue e ela não sabia o que fazer.

– Acho que vão operá-lo – disse Marcel que conseguira manter a calma, sabe-se lá como. – Eu vou com ele. Quando amanhecer, por favor, avise a irmã dele. E venha também.

Luiza assentiu e a porta da ambulância foi fechada, o veículo saiu rapidamente do castelo e ela ficou ali por mais um minuto, tentando assimilar e ainda com as mãos ensanguentadas junto ao peito. Não estava apenas chocada, estava com dor de cabeça e confusa desde que teve aquele déjà vu muito forte lá no cofre. E continuava sentindo-o, estava piorando por causa daquele sangue em suas mãos, o frio, o bando de homens da polícia circulando pelo pátio e os paramédicos correndo com os feridos.

Ela piscava e imagens retorcidas se misturavam em sua mente, aquela sensação de já ter visto isso, a dor no peito, um sentimento terrível de perda... Sua respiração foi acelerando e seu coração estava batendo em sua garganta. Suas mãos se fecharam com força e Luiza começou a piscar mais rápido, sentiu-se ficar tonta, tudo rodou em volta dela e a dor em sua cabeça foi muito forte.

Afonso a segurou a tempo quando ela tombou para o lado. Ele era escandaloso e começou a gritar, nem sabia que aguentava carregá-la, mas a levantou nos braços e saiu correndo e gritando para a ambulância onde Hoy estava sendo atendido.

Quando chegou lá, ele já tinha feito um escândalo tão grande que ela estava voltando a si. O paramédico checkou os sinais vitais dela e disse que foi queda de

pressão. O ferimento de Hoy era feio e Peggy o obrigou a ir até o hospital dar os pontos e fazer curativos. Ele foi de carona na ambulância que levou o homem que ele mesmo baleou na perna.

– Procurem pela van. Esses malditos entraram aqui com a empresa de segurança. Os verdadeiros técnicos devem estar presos lá! – disse Hoy, antes de aceitar partir.

Maio de 1446

Meu amado lorde,

Também estou aliviada por toda essa aventura ter acabado. Você está certo, acho que meu coração não aguenta mais disso. Bem, Rey obviamente resgatou Helena e tentou colocar senso em sua mente.

Claro que ela já estava com o plano na cabeça. Ela pensa nisso há anos. Eu não sei quantas vezes tive de dar opiniões sobre o que ela deveria fazer em seguida. Mas quando falei que fugi, não era para ela levar ao pé da letra!

Imagino que nossa filha tenha vindo com um pouco da magia que joguei em você. Porque eu não vou lhe contar os detalhes, mas ela convenceu aquela cabeça dura de Rey. E eles vão se casar!

Não fique zangado, mas é um casamento às pressas porque ela já está grávida!

*Saudosamente,
Elene*

Capítulo 21

Horas depois, os suspeitos que não estavam gravemente feridos já estavam sendo interrogados pela polícia. Eles acharam os técnicos amarrados e amordaçados no prédio da empresa de segurança. O plano tinha começado há meses, mas teve que ser concluído às pressas quando eles descobriram que já estavam trocando todo o sistema interno do castelo. E após a troca, não conseguiriam executá-lo. O principal problema era sair com os itens roubados.

Teria dado certo, porque Gertrude sabia todos os locais para se esconder. O motorista tinha ido embora com a van, mas eles ficaram no castelo. Dois deles atacaram os seguranças da guarita e os outros dos portões. Gertrude e Tavis abriram a porta que dava na torre da capela. Um dos técnicos, o cara com o tiro na perna, conhecido como Drake, tinha criado os defeitos nas travas e liberado a entrada que dava na escada para o porão. Ele era bom e o plano de Gertrude era ótimo. Eles teriam conseguido roubar peças que no mercado negro valeriam tanto dinheiro que quando descobrissem eles já estariam fora do país e com o dinheiro em paraísos fiscais.

Mas o fator humano era um problema. Drake, o técnico super inteligente, não sabia que Howie, um dos seus amigos de trabalho, tão esperto quanto ele, era metódico e tinha feito uma lista de tarefas que seguia à risca, independente de já ter dado cinco da tarde, horário que terminavam o turno. Howie resolveu que ia terminar seu dia atualizando os sensores do porão.

O cofre não podia ficar aberto por mais de um minuto sem que Devan digitasse sua senha ou sua digital fosse reconhecida. A porta disparava exatamente um dos sensores que o técnico instalou. Eles abriram, pegaram alguns itens e quando estavam lá dentro, o alarme disparou.

Hoy ia descobrir isso. E ia oferecer um salário maior para o esperto e metódico Howie ir trabalhar na segurança do castelo. Até porque agora iam ter que trocar tudo outra vez, o sistema estava comprometido.

Aliás, o grande parceiro de Gertrude que deu o tiro em Devan, além de filho do padeiro, tinha passagem na polícia por assalto à mão armada, mas como na época era o mais bobo da quadrilha, delatou os outros e teve a pena reduzida. Adivinha onde ele resolveu recomeçar? Sim, ajudando o pai na padaria de Havenford.

Se Hoy e Devan não tivessem aparecido, atirando neles e encurralando-os lá embaixo, depois saindo no braço com eles ainda dentro do cofre, eles teriam conseguido fugir e aí teriam que lidar com uma fuga da polícia que já fora acionada.

– Aquela vaca! – dizia Afonso enquanto seguia Luiza, com medo de ela

desmaiar de novo. – Eu disse que ela não fugiu com o padeiro à toa! Aquela filha de uma... Foi embora para planejar o roubo! Claro! Pra roubar esse lugar tem que ser de dentro pra fora.

Agora que sua cabeça parecia estar novamente no lugar, Luiza estava irada. Ela devia ter batido mais na mulher. Ou enfiado mesmo a ponta do atizador bem no meio do olho dela. Aquela maldita. Óbvio que o plano havia partido dela. Os outros não tinham acesso ao castelo para saber das portas secretas. E ela ainda havia encontrado a maldita pouco tempo antes, até pensara que Gertrude tinha superado a antipatia por ela.

Luiza entrou embaixo do chuveiro de seu quarto e ficou se esfregando, tentando tirar o sangue seco de suas mãos, dos antebraços e de seus joelhos. Afonso ficou lá na cama, bebendo água com açúcar. Peggy estava lá embaixo tomando conta de tudo. Os policiais ainda estavam vasculhando cada canto do castelo. E o pessoal da perícia ia chegar logo, ia ser um dia agitado e cheio de fitas amarelas delimitando os locais de crime.

Havia um guarda morto, outro sendo operado e mais dois tomando analgésicos para as dores dos golpes que levaram. Hoy tinha ligado do celular para os outros adiantarem seus turnos. Afonso colocou uma roupa e voltou com Luiza para o salão, porque os policiais não conheciam as entradas secretas do castelo, precisavam de mais gente auxiliando. Apesar de estar funcionando, Luiza só conseguia pensar em Devan e todo aquele sangue no peito dele.

– Ele saiu da operação agora – disse Marcel ao telefone. – Extraíram a bala e o médico acha que precisa de repouso e observação. Perdeu muito sangue, mas vai sobreviver. Foi por pouco que não perfurou o pulmão, mas o médico disse que ele vai passar um tempo de molho.

– Mas já acordou? – perguntou Luiza, sem conseguir fingir que estava calma.

– Não, acabei de ver pelo vidro quando o levaram na maca. Como está aí? A polícia terminou a varredura.

– Sim. E Hoy já tomou conta da situação e fez os guardas andarem tudo de novo.

– Ok, quando ele acordar eu ligo.

Já eram oito horas da manhã e Luiza tomou coragem para ligar para Alaina Warrington e informar que o irmão dela havia levado um tiro. Encontrou o número dela no caderninho em cima da mesa de Marcel.

Devan observou Marcel ir embora, dizendo que pretendia tomar um banho e ver como as coisas estavam no castelo. Pelo que sabia já era fim de tarde, e várias horas haviam se passado desde o incidente no castelo e ele passara boa parte delas dormindo. Ele ficou sozinho por um tempo, mas abriu novamente os

olhos quando escutou barulho ao seu lado. A enfermeira o checkou, anotou alguma coisa e lhe perguntou sobre a dor no ombro. O médico veio lhe falar sobre sua condição e de como iam proceder em sua observação. Depois Hoy apareceu, com um curativo na testa e o braço enfaixado. Devan até riu dele, o desgosto estava estampado em sua face. Um tempo depois ele saiu e Luiza entrou.

Pelo jeito ele estava recebendo tratamento VIP ali no quarto, porque o castelo inteiro ia baixar lá, não adiantava nem tentarem restringir. Ela deixou uma bolsa com roupas dele sobre a poltrona e a sua bolsa de ombro também, andou até o lado dele, segurou sua mão e o olhou como se ele estivesse morrendo.

– Você sabe que eu não corro perigo, não é? – ele falou, vendo a expressão dela.

– Não, você está com um buraco no peito.

– Juro que eles costuraram... E pelo que entendi, é mais perto do ombro. Isso não a deixava nem um pouco calma.

– Está doendo, não é?

– Eu aguento.

– Hoy já lhe contou tudo?

– Em detalhes, foi demais até pra ele.

Luiza ficou olhando-o, a pergunta estava estampada na cara dela. Mas ela não queria repreendê-lo por ter entrado na frente da arma enquanto ele estava recostado na cama, ainda se curando.

– Obrigada por... Eu não queria vê-lo aqui machucado, mas obrigada.

Ele trincou os dentes, ela não tinha que ficar agradecendo. Ele também queria repreendê-la por descer lá e ficar na mira da arma por escolha própria, para ajudá-los a distrair aqueles homens. Ele estava muito bem ali se recuperando e com certeza achava que estava se sentindo melhor agora do que estaria se fosse ela deitada naquela cama.

– Hoy deixou algo ali junto com meus pertences, pega pra mim, por favor?

Ela olhou na mesa e a calça de moletom dele estava dentro do pacote do hospital, Hoy havia deixado um pequeno pacote cor de chumbo e ela o levou até Devan. Ele podia usar o braço esquerdo muito bem, mas ela abriu para ele que enfiou a mão e tirou algo. Estava em uma caixa, mas ele abriu e pegou, apertando dentro de sua palma fechada. Ele olhou por um momento para a própria mão, depois estendeu para ela.

– Eu salvei isso pra você – ele disse, deixando na palma de sua mão.

Ela ficou apenas olhando. Por pelo menos um minuto ela encarou o anel pesado que estava em sua mão, brilhando sobre a luz fria do quarto de hospital.

– Eu o peguei quando entrei no cofre e tirei Tavis lá de dentro. Enfiei no bolso da calça porque... Pra mim, é o item que tem mais valor sentimental do que material. E há uma história em volta dele que significa muito pra nossa história.

Significa muito pra mim e eu quero que seja seu.

Ela continuava encarando o anel e tendo outro déjà vu que não aconteceu quando ela viu a réplica que ficava lá na torre. A joia de ouro, finamente trabalhada com várias pedras preciosas era pesada e ela já lera sobre ela, o conde escrevera e sabia que havia sido tirado do dedo de Elene no dia que a enterraram.

A tarefa ficou para Haydan e para muitos outros. Era difícil acreditar que ainda era o mesmo anel. Mas Devan lhe dissera que com a modernidade, eles passaram a fazer anéis idênticos, usando ouro e pedras com os mesmo quilates e algumas mulheres dos Warrington haviam sido enterradas com suas cópias. Enquanto o anel de Elene permanecia protegido no cofre.

Mal sabia ele que Luiza havia visto aquele anel há pouco tempo, em seus sonhos, bem no dedo de Elene enquanto ela guardava a caixa.

Mas ele mesmo salvara aquele anel do cofre de Havenford. Quando ele o deu para Hoy, ela não podia nem imaginar. E o chefe da segurança andando por aí com aquela joia que não tinha só valor material, era inestimável para seu dono.

– Eu... – como ela ia dizer isso? – Não posso, Devan... Isso é seu e dado quando se casar e...

O fato de ele não ter dado a sua ex–mulher era só um detalhe entre eles.

Devan olhou para frente e franziu a testa.

– O anel é para ser dado quando um conde de Havenford amar alguém mais do que a qualquer outra e quando isso é tão claro que ele sabe que é capaz de sacrificar tudo por essa pessoa. Mesmo a si mesmo. Então é a hora de dar o anel, independente da relação.

Ela abaixou o rosto novamente, sentindo o peso do anel em sua mão. Ele olhou para ela, seu olhar quase lhe implorava para colocar o maldito anel no dedo.

– É seu – ele disse, voltando a olhar para frente.

Luiza passou as pontas dos dedos sobre a joia, incapaz de devolver, mas sem conseguir colocá-la no dedo. Era demais pra ela. Ela havia lido que o anel dos Warrington era colocado no dedo da condessa no dia do casamento, no dia que desse a luz ao primeiro filho ou segundo a tradição, no dia em que o amor existisse entre o conde e a pessoa com quem ele dividia sua vida. Dar o anel era como dar uma parte de si mesmo.

As pessoas não devem dizer que algo é impossível porque a chance de voltar e bater bem em sua cara sempre é enorme. Ainda mais com o carma agindo. Mas essa era uma das coisas que não tinha volta. Nunca. E significava muito para outra pessoa. Era o motivo das cópias, depois que você dava o anel, não o pedia de volta.

Aquilo era irreal. Era bonito ler no livro sobre como foi com o conde e Elene.

Mas ela não...

A porta do quarto abriu e uma loira alta e bonita, com olhos azuis acinzentados como os de Devan, entrou carregando uma pequena mala. Ela abriu um enorme sorriso assim que deu alguns passos dentro do quarto.

– Seu danado, como se atreveu a levar um tiro sem mim! – ela largou a bolsa no chão mesmo e foi até o irmão rapidamente onde o beijou e abraçou com todo o cuidado, mas ela estava do seu lado intocado.

Alaina Warrington levantou o rosto para Luiza e foi ficando ereta lentamente enquanto a encarava e seu cenho ia se franzindo a medida que ela reparava mais nela.

– Você só pode ser Luiza – ela disse, esticando a mão para ela por cima da cama. – Eu sou Alaina, irmã de Devan.

Luiza apertou o anel na mão direita e estendeu a esquerda para apertar a dela.

– É sério? – Alaina olhou para Devan.

– Ela não enxerga a semelhança... – ele explicou a irmã. – Ainda bem que mais alguém viu. Estava achando que Marcel e eu éramos os únicos loucos ou cegos.

– Vovó vai pirar.

– Vai... – Devan não respondeu com muita certeza porque ele não sabia se Luiza queria conhecer sua avó e ser crivada de perguntas por ela e admirada por mais alguém, do jeito que Alaina estava fazendo agora. Mas com Rachel seria ainda pior.

– Obrigada por ligar – Alaina disse a ela, agora parando de olhá-la tanto.

– Eu vou deixá-los a sós – disse Luiza, já se afastando da cama.

– Não! – Alaina se virou para ele. – Meu irmão deve adorar tê-la aqui. Fica mais – ela estava novamente olhando para ela. Agora que a cama não estava na frente, observou melhor, tentando calcular sua altura mentalmente.

– Você continua sem um pingo de discrição – comentou Devan.

– Com você? Claro! Pra quê? – ela se virou para o irmão. – Você me deu um susto enorme, eu quase infartei. Um tiro, sério? Como?

– Ele entrou na frente da arma que estava apontada pra mim – esclareceu Luiza.

Alaina arregalou os olhos e olhou demoradamente para o irmão e depois disse um palavrão com todas as sílabas bem pronunciadas. Aparentemente os dois estavam se comunicando só com o olhar e Luiza quis mais ainda sair dali.

– Meu herói! – Alaina disse de repente. – Pense nas matérias! Conde pula na frente de arma para salvar sua amada!

– Menos... – ele resmungou.

– Mas o que eu faria sem você? Estou nova demais para perder meu gêmeo e ficar amargurada e definhando de tristeza até a morte.

Luiza voltou um passo porque ela realmente estava indo embora.

– Vocês são gêmeos? – ela olhava de um para o outro. Eles eram muito parecidos, apesar de Alaina já ter pintado o cabelo e usar um loiro bem dourado. Mas os traços e a cor dos olhos eram quase idênticos.

– Devan! Você está novamente escondendo dos outros que somos gêmeos? – ela colocou as mãos na cintura.

– Não escondi nada, mas você é minha irmã mais nova.

– Maldito. Você só nasceu dez minutos antes.

– Não muda nada.

Quando eles olharam novamente, Luiza já havia sumido. Devan soltou o ar e Alaina puxou a cadeira, sentando ao lado da cama e acariciando o braço do irmão. Ela realmente tinha passado por um susto quando ouviu a palavra “baleado”. Seu mundo parou e apesar de ter sorrido ao entrar, ela só sentiu que tudo estava bem quando o tocou.

– Você está bem mesmo? – ela perguntou baixo, com um olhar preocupado.

– Sim, não está doendo muito – ele deu uma olhada para o soro enfiado em sua veia e o aparelho em seu dedo.

– Sangrou mais do que aquela vez que despencamos da colina?

– Nem de perto – ele sorriu.

– Então não é nada! – ela sorriu também, mas apertou a mão dele.

Devan devolveu o aperto enquanto olhava para a irmã que estava cheia de perguntas na cabeça, mas decidida a deixar para quando ele pelo menos saísse do hospital.

– Eu dei o anel a ela – Devan soltou de repente e ambos sabiam que ele só podia estar falando de um anel.

– Quando? – Alaina arregalou os olhos.

– Há cinco minutos.

– Puta que o... por isso que ela estava pálida e querendo fugir.

– Acho que sim.

Alaina prensou os lábios enquanto o encarava e disse decididamente.

– Vai dar certo. Ela inclusive vai voltar, porque você a deixou tão fora de si que ela até esqueceu a bolsa – ela apontou para a poltrona.

Dito e feito, Luiza voltou e disse que havia esquecido a bolsa. Alaina ficou de pé e aproveitou a chance.

– Vou ali à máquina pegar um café, porque você me fez sair correndo de casa que nem uma louca e de estômago vazio – ela disse acusadoramente para o irmão e pegou sua bolsa, deixando o quarto por um momento.

Luiza colocou a bolsa no ombro e antes de ir, se aproximou novamente da cama e parou perto da cabeceira.

– Fique bom logo e volte para o castelo – ela disse.

Devan ficou encarando-a, odiando que ela estivesse fugindo dele.

– Acho que vão me manter aqui mais um pouco.

– Eu volto para vê-lo todos os dias.

Ele apenas assentiu, mas seus olhos não saíam de cima dela. Luiza se inclinou e o beijou levemente nos lábios, tomando cuidado para não encostar no ombro dele ou mesmo no braço direito. Devan virou o rosto para ela, prolongando um pouco mais o contato.

– Eu te amo. Fica bom logo – ela sussurrou contra os lábios dele.

Ele mordeu o lábio, guardando o gosto dela e teve vontade de agarrá-la pelo pulso para impedi-la de continuar se afastando. Mesmo com o que havia acabado de lhe dizer, ela continuava fugindo.

– Esqueci de mencionar que vovó está vindo visitá-lo – disse Alaina, entrando no quarto com um copo fumegante de café com creme, tirado daquelas máquinas no corredor.

– Você contou a ela? – Devan quase gemeu, pensando no que Rachel Warrington ia dizer.

– Claro que sim! Foi um tiro! Ela ia matar nós dois se eu não contasse. Aliás... Nossa mãe está vindo também.

– Como?! – ele exclamou.

– Não faça biquinho – a irmã caçoou. – Apesar de tudo, ela ainda é nossa mãe. E ela foi ao lançamento do seu livro, por que não viria quando você levou um tiro?

– Eu não estou reclamando, quem tinha problemas com ela era você.

– Superei. Ela já pegou um voo da França pra cá.

Ele gemeu e Alaina desviou sua atenção para Luiza que estava perto dela, dizendo-lhe adeus educadamente e comentando que foi bom conhecê-la.

– Precisamos nos conhecer melhor – Alaina disse, mas estava mesmo era prestando atenção nos olhos dela. – Você precisa visitar Mounthill.

Luiza concordou e depois partiu, prometendo voltar para vê-lo.

– Pelo menos você ganhou um beijinho – ela sorriu para o irmão e sentou novamente na cadeira. – Não sei porquê, mas acho que somos os únicos Warrington com um tremendo azar no amor.

– Mas uma hora esse azar passa? Eu já esperei muito, não vou desistir dela.

– Ah, passa. Demora um pouco mais, mas passa – sorriu a irmã.

À noite, Luiza acabou conhecendo a mãe de Devan, Denise Warrington, mas ela usava o sobrenome artístico Fontelle. Já tinha cinquenta anos, mas não dava para dizer. Era uma beleza loira, uma atriz francesa famosa, especialmente pelos filmes que fez na juventude. Seria eternamente lembrada pelo lindo rosto e belo corpo e na Europa era considerada uma das divas que revivera o glamour das estrelas clássicas de Hollywood.

Com certeza o conde passado teve muitos motivos para se encantar. Mas ela nunca teve talento para a maternidade. Quando as crianças tinham uns dez anos e

já não eram mais tão dependentes, ela foi ficando mais ocupada e passando mais tempo longe deles. O que causou uma relação distante com os filhos, já que ela os deixava com a avó e ia gravar seus filmes ou simplesmente fixava residência na França, e os gêmeos iam ficar lá quando ela não estava gravando e eles estavam de férias.

Devan voltou para casa dois dias depois. O médico ficou ainda mais cauteloso depois de uma conversa com Rachel que tinha esse pequeno dom. Quando ele saiu, teve que enfrentar alguns flashes, vários jornais da Inglaterra, especialmente os locais deram a notícia do tiro que ele levou e da tentativa de roubo do castelo. E recebeu tantas flores e presentinhos do pessoal da cidade que não tinha onde colocar.

Ele não perguntou a Luiza sobre o anel quando voltou para casa. Mas não podia ficar mexendo o braço direito e isso o irritava porque só conseguia escrever na cama ou na espreguiçadeira onde o notebook ficava em seu colo e ele basicamente só movia os dedos. Mesmo assim, era por pouco tempo. Luiza criou um ótimo sistema para ajudá-lo a tirar a camisa sem machucá-lo e ele só podia usar roupas com botões na frente.

– Parece que você vai ter que aguentar essa cicatriz – ela disse, olhando o ombro dele.

Depois da consulta na parte da tarde, ele estava sem nenhum curativo. Os pontos haviam sido retirados na semana anterior e tinha recomendações de não abusar por mais um tempo, mas estava livre.

– Vou até esquecer dela, é só um buraco de bala.

– Só... – ela murmurou, pensando como o projétil tão pequeno poderia tê-lo tirado dela. Era só ser um pouco mais para baixo e tudo teria sido tão mais feio. Não dava pra fingir que não era um tiro no peito, perto o suficiente do coração para não atrapalhar a paz interior.

– Eu prometi à minha irmã que iria a Mounthill assim que pudesse viajar.

– Você já vai sumir de novo? – ela o olhou de forma triste, relutando em já se separar dele.

– Não – ele sorriu, ajeitando-se na cama. – Só por um final de semana. O noivo dela vai estar lá. Eles resolveram voltar e ela quer que eu interaja mais com o cara. Vem comigo?

– Mas e meu trabalho no sábado?

Ele a olhou seriamente.

– Eu não sei se você deveria ficar me dando regalias. Mas eu sempre quis conhecer Mounthill. Mais por causa de Helena e Rey, fiquei curiosa.

Ele sorriu e se recostou nos travesseiros. Havia começado seu objetivo de convencê-la a não ir embora sem ela saber que estava sendo convencida, antes mesmo de se curar do tiro. Oh, como ele demandou atenção e cuidados para não abusar de seu “estado”. E era o doente mais cooperativo que ela veria na vida.

Na sexta-feira eles embarcaram em mais uma viagem de carro que duraria em torno de três horas. Mas dessa vez em condições bem diferentes de quando foram a Riverside. Eles falaram o tempo todo e namoraram nas duas paradas que fizeram para comer e abastecer o carro.

Em Mounthill, Luiza não passou por momentos estranhos. Ela já estava se acostumando com aquelas sensações de déjà vu e não conseguiu fugir delas no tempo que esteve lá. Mas os sonhos não vieram e ela não sabia se deveria ficar feliz ou desapontada. O mais estranho que aconteceu lá, foi na sala de exposição.

A propriedade também tinha sua história e como acontecia com os Warrington, lá havia uma pequena seção de documentos encontrados no local. Por diversas razões, muitos deles não foram tão bem conservados ali. E estavam borrados, rasgados e com marcas de líquido. Por isso, nunca eram manuseados e era mais fácil ler a transcrição do que as letras dos papéis antigos. Um deles, identificado como escrito por Elene Warrington, dizia:

É uma pena não poder mais consultá-la e pedir sua opinião, você sempre foi mais prática. Mas o que importa agora é que encontre. Você sabe que estará onde eu estiver.

E depois não dava para ler o que mais estava escrito e nem o que vinha antes que fora apagado. Mas no final da folha, as letras borradas eram E. M. Disso todos tinham certeza. Luiza resolveu que no seu tempo livre, ia pesquisar mais a fundo a vida da condessa. Ela queria saber para quem ela deixava aquelas mensagens.

– Minha nossa! Não cai uma tempestade como essa por aqui há anos! – disse Marcel, olhando pela janela.

O céu estava escuro como se já estivesse de noite e ainda era início da tarde, mal haviam acabado de almoçar.

– Odeio tempestades! Odeio tempestades! – disse Afonso, antes de sair atrás da irmã e de Marcel.

Luiza estava de pé à frente da última janela da biblioteca, perto de sua mesa. Olhava para o lado de fora, o vento balançava tanto as árvores que parecia que iria derrubá-las. Às vezes uma rajada vinha tão forte contra a janela que ela a

escutava balançar no lugar. Foi andando de volta para a mesa de Devan. Tempestades na verdade não a abalavam muito. Ela passou pelas outras duas janelas, na última, as gotas de chuva começaram a ser empurradas contra o vidro.

Mas apesar de todo aquele rebuliço, eram gotas leves que nem faziam barulho. As trovoadas roncavam alto e ao longe parecia que a chuva já estava caindo com toda força. Luiza viu o céu clarear e começou a contar os segundos até escutar o som do trovão. Se lembrava bem, podia multiplicar isso por trezentos e quarenta e três e descobrir a quantos metros o raio caiu. Porque a tempestade já estava em cima do castelo. Ela afastou tudo de metal, podia escutar Afonso gritando a cada trovoadas e não conseguia se concentrar com aquela ventania.

Parando a vários passos da janela do meio, Luiza olhou a situação do lado de fora e foi quando percebeu que não estava chovendo. Ao menos não *ali*. Ela piscou várias vezes, estava novamente com aquela sensação de estar revendo uma cena. Lentamente, aproximou-se da janela e a tocou, o vidro estava frio, mas ela podia jurar que não havia gotas de chuva contra o vidro. Ela piscou para clarear a vista e escutou o barulho, não parecia tão perto, só que sem nenhum aviso a descarga elétrica do raio caiu bem à frente da janela, causando um estrondo ensurdecedor.

Uma rajada violenta de vento bateu contra o castelo e ela não teve tempo de fazer nada. Deu um passo para trás e as janelas abriram, uma delas indo direto em sua cabeça, jogando-a para trás e nocauteando-a.

Por causa do estrondo, todo mundo entrou correndo na biblioteca, aquilo parecia o inferno. A ventania lá dentro era surreal, as cortinas batiam no teto, folhas voavam, os dois lados da janela estavam escancarados e bem à frente delas, Luiza estava caída e desacordada sobre o tapete. Devan passou correndo pelos outros e se ajoelhou, segurando a cabeça dela com cuidado, mas ela estava completamente apagada e o pânico tomou conta dele.

Março de 1447

Meu amado lorde,

Eu segurei nossos netos. Não consegui me conter e chorei como uma boba. Fiz por nós dois, porque você também ia ficar com lágrimas nos olhos como um avô tolo. Helena teve gêmeos. Viu como ela definitivamente veio com alguns encantamentos?

Estou realizada, eles são lindos e gorduchos. Nós conseguimos e vamos ainda mais longe. Eu sei que você está vendo. Mas vou segurá-los o quanto puder, como se você pudesse senti-los.

*Saudosamente,
Elene*

Capítulo 22

Quando Luiza voltou a si, sentiu que estava sentada em algum lugar duro e recostada contra a parede. Ela moveu a cabeça levemente e ficou sem coragem de abrir os olhos, apenas sentia as lágrimas descendo pelo seu rosto.

– Vamos, não precisa chorar. Está doendo tanto assim?

Ela reconheceu a voz e imediatamente abriu os olhos. Piscou algumas vezes devido a claridade, mas sabia com quem estava falando.

– Marcel! Marcel! – ela o abraçou, sem acreditar que estava de volta. – Ele morreu! Eu não pude salvá-lo dessa vez. Ele se foi.

– Vamos, vamos. Se acalme, foi uma bela pancada – dizia Marcel, tentando acalmá-la.

Luiza sentiu dor no lado esquerdo da cabeça e levou a mão até lá. Fechou os olhos novamente e tornou a recostar. Sua cabeça rodava e sua mente estava uma bagunça. Tudo que ela sabia era que havia apagado logo depois de ver o conde morrer e agora, estava ali, de volta ao seu tempo. Mas como? Estava confusa, lembrando um bando de coisas misturadas.

– Ela acordou? Finalmente!

Luiza escutou passos se aproximando rapidamente, pessoas vinham correndo para perguntar como ela estava. Alguém abaixou à frente dela apoiando a mão em seu joelho e encostou uma bolsa gelada em sua cabeça. Ela moveu o rosto naquela direção, adorando o conforto da sensação contra aquele galo que já começava a se formar em sua cabeça.

– Olhe para mim, você está bem? Fale comigo.

Os olhos dela se abriram imediatamente ao som daquela voz. Luiza piscou várias vezes olhando o homem à sua frente. Ela obviamente ainda estava muito confusa, mas não era possível que estivesse vendo coisas.

– Devan? Devan! – ela tocou o rosto dele com as duas mãos, tateando para ver se era real.

– Ao menos ela se lembra do meu nome! – ele disse, virando rapidamente a cabeça para quem estava em volta, provocando risos. – Ei, como está? – ele se aproximou mais, falando baixo com ela como se não quisesse assustá-la e segurava a bolsa de gelo contra sua cabeça.

– Como você... – ela não sabia bem qual pergunta formular. Olhou para baixo, usava jeans e sapatos de salto com uma blusa e um cinto em volta de sua cintura. Tudo muito moderno. Olhou as mãos e viu anéis, mas não aquele único que Elene usava. Tinha certeza que seu cabelo também não era vermelho. Ela levantou a cabeça e ficou apenas olhando para o homem à sua frente.

– Como eu... o quê? – ainda ajoelhado, ele passou a mão pelo seu cabelo,

afastando-o do rosto e retirou a bolsa para olhar o local. – Acho que você vai ficar com um galo por um tempo. Essa janela abriu de repente com a ventania.

– Em que ano nós estamos? – ela perguntou, seu raciocínio começando a voltar.

– Em 2012 – ele respondeu franzindo o cenho.

– E você se chama Devan...

– Sim, acabou de me chamar pelo nome – ele levantou a mão à frente dela. – Luiza, quantos dedos têm aqui? – perguntou, devido às perguntas sem sentido que ela fazia.

Seu nome! Ele acabara de dizer seu nome verdadeiro! O conde, aquele do século XV, só a conhecia como Elene.

– Três... Onde estamos?

– Na Inglaterra.

– Não. Esse é o castelo... – ela olhou para cima, não conseguia nem formular a pergunta.

– Castelo de Havenford – ele respondeu por ela.

Os olhos dela se arregalaram. Então engoliu a saliva com certa dificuldade e procurou se levantar. Devan segurou-a e ajudou, mas ficou meio desconfiado de soltá-la com medo que caísse, então pediu que alguém trouxesse seus chinelos. Levou alguns minutos para alguém voltar com os chinelos de pano e ele a retirou de cima daqueles saltos e a fez calçar os chinelos bem mais confortáveis e representando menos perigo.

– Marcel! Onde está aquele livro? – ela perguntou, agora mais recuperada depois de um analgésico e uma xícara de chá.

– Qual deles?

– Aquele com os nomes e as árvores genealógicas. Onde está?

– Qual família você quer ver?

– Os Warrington.

– Minha família? – perguntou Devan, estranhando. – Não precisa, temos um livro próprio aqui no museu.

Ele levou-a até a mesa, a mesma mesa do conde. Luiza apoiou as mãos nela, estava forte e com a madeira brilhante e bem conservada. Devan trouxe um livro enorme e o colocou sobre a mesa.

– Mas você sabe quase toda a nossa árvore genealógica. Outro dia até me corrigiu quando errei o nome de um ancestral. Por que quer ver isso agora?

Por que eu não me lembro de você! Eu só me lembro da vida de Elene!

Ela ainda não podia começar a falar com ele. Não justamente com ele! Ainda não se sentia real. Nada daquilo parecia ser real agora, não até que ela... Luiza abriu o livro com pressa, foi folheando-o. Era em papel de alto relevo com uma película brilhante sobre as fotos, algo da melhor qualidade com uma capa dourada e rígida como bordas em ouro. Ela chegou até a seção marcada para o

famoso conde de Havenford e parou.

Ao lado dele estava a foto, na verdade a pintura de Elene. Sozinha, pousando dentro do castelo, seu rosto em evidência, o olhar fixo e decidido. Luiza tocou a pintura e ficou olhando-a por uns segundos. Abaixo havia um texto sobre eles, ela nem precisava ler, sabia tudo que havia ali. Na página ao lado estavam três pinturas, os três filhos. Os gêmeos Haydan e Christian, loiros como o pai e abaixo a adorável Helena, ruiva como a mãe. O que estava escrito ali, ela também sabia, então virou a página.

Luiza sentou-se quando se deparou com os fatos que não lembrava. Após a morte do conde, Elene comandou o castelo, mantendo-o exatamente do jeito que era, como o marido gostaria. Ela não se casou novamente, dedicou-se a Havenford e aos filhos. Elene também morreu jovem, mas acima da expectativa de vida da época. Partiu em 1448, aos quarenta e quatro anos. Ela chegou a conhecer dois de seus netos.

As lendas românticas diziam que assim que a pequena Helena, o xodó do conde, casou-se e estava encaminhada na vida, ele veio buscar a esposa e ela faleceu dormindo, sem nenhum indício de que estava indo embora.

Haydan tornou-se o novo conde de Havenford desde o dia em que o pai morreu, mesmo que fosse novo demais para assumir o papel. E ele o honrou, não esqueceu nada do que os pais ensinaram e com dezessete anos ele já havia assumido seu posto como lorde do castelo. Christian deixou o castelo do pai para cuidar de sua própria propriedade, mas não era longe, afinal, ele e o irmão mais velho, além de gêmeos, não conseguiam ficar muito tempo longe um do outro. Ambos se casaram e tiveram filhos, dando continuidade aos Warrington.

Helena casou-se aos dezoito anos, seus irmãos a protegeram e tiveram certeza que ela só precisaria ir com quem quisesse. Aquela família acreditava no amor, então todos eles casaram-se apenas com quem desejaram. Para surpresa de Luiza, Helena casou-se com Rey, que havia se tornado o comandante do exército de Havenford. Ele era quinze anos mais velho do que Helena e tinha todo aquele senso de honra e cabeça dura também. Luiza podia imaginar como ele deve ter relutado em aceitar o que sentia por Helena, mas sua menina era persistente e deve ter conseguido dobrá-lo. Bem, não “sua” menina, a filha de Elene. Mas ainda assim, seria eternamente sua, ao menos enquanto sua memória estivesse viva.

– Os Montforth ainda vivem – Luiza disse com certo orgulho.

– Sim, vivem através de toda minha família – respondeu Devan olhando-a e enquanto ela ficou estudando o livro, ele permaneceu afastado apenas observando.

Bem, ele era real e ela ia ter que encarar isso. Luiza levantou-se novamente, parecia que toda a história dos Warrington começava a voltar à sua mente sem que precisasse do livro. Ela já sabia que Helena também teve gêmeos e esses

foram os netos que Elene conheceu antes de morrer e ir encontrar seu amado conde. Ela andou até Devan e lhe devolveu o pesado livro. Ele o deixou sobre a mesa novamente e chegou perto dela, na verdade muito, muito perto.

– Está bem agora? – ele perguntou baixo.

– Sim. Creio que sim – ela respondeu, sem a menor convicção.

– A cabeça dói?

– Não muito. E não vejo mais tudo rodando.

– Isso é bom, Luiza.

Ela apenas piscou. O modo como ele pronunciava seu nome era exatamente como Jordan pronunciava Elene, como se demorasse em sua língua, como se gostasse de dizê-lo. E ele... Caramba, não era à toa que começara a chamá-lo de Devan ao vê-lo. Ele era assustadoramente parecido com o conde. Mesmo que ao invés das roupas de época, estivesse usando jeans escuro, camisa de botão com mangas dobradas, um suéter negro por cima e sapatos de couro. Sim, nem perto de túnicas e gibões.

Luiza sabia que era ela mesma. Parecia que havia acabado de viver os melhores anos da vida de Elene. Não, ela sabia que havia vivido. Mas agora, se olhasse no espelho, não veria pele claríssima e um longo cabelo vermelho como o fogo, seus olhos também eram verdes como a relva, mas não era parecida com uma feiticeira da floresta.

Não sabia se era bom ou ruim que seu passado fosse o mesmo de antes. O pai falecido, sua mãe em outro país, uma vida solitária. Com o trabalho atual sua conta não estava mais zerada e o único lugar que ela tinha para morar era aquele fornecido pelo emprego... Mas ainda assim, era bem melhor do que ter os pais possivelmente assassinados, uma irmã desaparecida, ter tido sua morte encomendada duas vezes, ter sido vendida para um noivo e quase estuprada no dia do acordo.

É, aquela era sua vida. Onde havia hambúrgueres sendo vendidos na esquina da cidade abaixo, celulares tocando e um climatizador alterando a temperatura interna do castelo. O único problema é que ela não estava se lembrando de quase nada.

– Eu gostaria de ver a galeria – ela disse, afastando-se dele, pelo bem de sua tortura.

– Tudo bem, eu te levo lá – se Devan achou o pedido estranho, não disse nada.

Quando ela se virou para ver quem mais estava no cômodo foi quando realmente reparou onde estava. A biblioteca do conde estava magnífica. Em nada lembrava aquele local sem adornos e cheio de caixas no qual ela trabalhava e tão pouco lembrava um ambiente medieval. Era certamente uma mistura de épocas. Mas estava lindo e conservado.

Os lustres grandes e dramáticos tinham influência neogótica e foram

instalados no século XVIII. As tapeçarias enormes ainda refletiam a época do conde, assim como a mesa e a estante de livros que ia do chão ao teto. O piso de madeira polida estava repleto de tapetes persas e os móveis cheios de estofados de cetim e madeira escura deviam vir da França de Luís XIV e da época vitoriana inglesa.

Estava tudo muito bem iluminado, as grandes janelas tinham cortinas claras e dava para sentir que havia um sistema de refrigeração interna. Ela teve vontade de chorar de emoção. Como o conde ficaria feliz ao saber que incontáveis gerações mantiveram o castelo e contribuíram para o que ele era agora. Ela mal podia esperar para ver o resto.

– Venha – chamou-a Devan.

Ao sair ela deu de cara com o salão que estava espetacular com aquela escadaria linda e brilhante e toda a decoração cuidadosa, provando que os Warrington viveram ali desde sempre e jamais abandonaram o castelo.

– Havenford é lindo – ela comentou.

– Sim, eu também acho – ele sorriu. – E a cada dia que passa parece que se torna mais.

Ele pegou a mão dela e a conduziu para um corredor do lado esquerdo. Tudo parecia voltar à mente de Luiza como ondas, informação demais para ela processar.

– Você mora aqui – não dava para distinguir se era uma pergunta ou uma afirmativa.

– Sim, no segundo andar – o tom dele dava a entender que ela sabia muito bem disso.

– O segundo andar foi modernizado há dez anos, mas é independente do resto do castelo, pode ser trancado e serve como casa para a sua família – ela recitou isso mais para a memória dela do que para ele.

– No momento só para mim. Os outros adoram o castelo, mas preferem viver mais perto das cidades grandes. Acho que sou o único que adora o charme provinciano e o ar medieval da cidadezinha ao pé da colina. Nada me falta aqui e sempre há um Warrington vivendo no castelo. Espero que isso nunca mude.

– E você se chama Devan, como o conde.

Eles entraram na galeria e foram para o começo dela. A história contada através de pinturas originais começava nos tataravós de Jordan, no século XIV e fazia menção aos ancestrais da família.

– Foi como eu lhe disse, em todas as gerações de Warrington, alguém recebe o nome do conde. Dessa vez eu fui o felizado, mas não gosto que me chamem de Jordan. E nem comece com isso, prefiro Devan que já é meio incomum – ele falava como se eles já houvessem tido aquela conversa várias vezes. – E por incrível que pareça, tenho as fotos e pinturas para provar. Todos que recebem o nome do conde costumam parecer com ele. Mas vovó diz que sou um fenômeno

assustador e devo ser algum tipo de reencarnação. Acho isso no mínimo macabro, mas ela adora essas histórias atípicas.

Luiza se lembrava de que Rachel Warrington era a avó dele. Diferente de antes, a família era verdadeira, a linha sanguínea seguira fiel até hoje.

– Mas se você é o filho mais velho – sim, ela começava a lembrar dos fatos. – Isso quer dizer que atualmente você é o conde!

– Luiza, não comece com isso – ele sorriu, ela provavelmente vivia lhe dizendo isso. – Ser conde hoje em dia é apenas uma convenção e uma garantia de entrada no círculo dos mais esnobes da Inglaterra. Só isso.

– Milorde – ela fez uma reverência, estava implicando com ele. Ela realmente devia estar fazendo isso há algum tempo. – Você é o conde de Havenford, é também barão de Riverside e lorde de Monthill.

– Fico feliz que sua memória esteja de volta – ele estava sendo irônico e ela adorou isso. – Mas vou muito menos do que deveria a Riverside. E Monthill é o mais belo hotel da região, muito bem conservado. Hospedei-me lá há pouco tempo. Minha irmã mora lá... Creio que já lhe disse isso.

Eles andaram pela galeria e ela parou exatamente na seção do conde. Em frente ao quadro principal dele. Luiza já não podia mais lembrar quando havia sido pintado. Mas com certeza fora após o casamento, ele não pousara para nenhum quadro como este antes de Elene chegar.

– São os originais? – ela perguntou, louca de vontade de tocá-los, mas sabia que não podia. Além disso, cada um tinha um vidro os protegendo.

– Claro que sim, eles nunca deixaram esse castelo a não ser para pequenos retoques e restauração das molduras – Devan parou e olhou-a. – Você sabe disso. Ontem mesmo estava falando sobre como é fantástico a forma como mantivemos o patrimônio histórico da família.

Ela nem podia acreditar. Luiza tinha memórias de três situações, ainda se lembrava de ter chegado aquele castelo e não haver nada. Ninguém sabia onde estavam os quadros originais do conde e antes, com a morte tão prematura de Jordan, ele não chegara a pousar na idade adulta; a última vez que foi retratado foi naquele quadro com vinte anos. Agora havia vários outros.

– Sim... Agora eu me lembro – ela respondeu, totalmente incerta. Que diabos será que realmente acontecera enquanto ela estava lá na idade média bancando Elene?

Eles seguiram e logo ao lado do conde, após um daqueles painéis duplos de texto que contava sobre a vida dele, encontraram Elene. Luiza chegou mais perto do vidro, olhos abertos, fascinados e fixos. O primeiro quadro dela era justamente aquele em que posara vestida de noiva, magnífica e bela demais. O cabelo vermelho, o véu dourado e os olhos tão verdes eram o principal contraste, o vestido retratado pelos olhos adoradores de Aaron contra a paisagem branca e coberta de neve. Era um quadro lindo.

– Luiza... – Devan havia se aproximado também, estava bem ao lado dela que se sobressaltou com a proximidade. Esteve tão absorta que não notou a aproximação dele. – Eu já devo ter lhe dito isso, talvez umas dez vezes. Mas eu não canso de me fascinar. Você já notou o quanto é parecida com ela? – ele olhou novamente a tela.

– Creio que sim... – ela deu a volta e foi olhar o próximo quadro. Agora Elene estava ao lado de Jordan e junto com os gêmeos que ainda eram bebês. Cada um segurava um filho. Luiza tinha certeza que Haydan estava nos braços da mãe e Christian com o pai. Mas ela já não lembrava mais desse dia. Eles pareciam tão felizes.

– Mesmo? Você negou das outras vezes que mencionei isso – ele a seguiu e a deteve quando pararam em frente a um quadro em que Elene estava sozinha. O típico modelo de rosto e metade do torso feito especialmente para quadros que apresentavam a árvore genealógica de uma família tradicional.

– Sim, eu... Só não queria admitir – mas agora ela mesma vira, olhara para o espelho e notara a semelhança. A ligação que ela tinha com Elene ia além de qualquer motivo que pudesse explicar.

Ele segurou o rosto dela dessa vez. Luiza tentava lembrar, mas as memórias sobre quando chegara ali e como o conhecera ainda não vinham. Estava confusa, eram situações demais se misturando em sua mente.

– Impossível – ele disse lentamente, seus olhos alternando entre o rosto dela e a face de Elene que os encarava do quadro. – É impressionante, você é simplesmente... Vovó provavelmente vai ficar emocionada ao conhecê-la. Ela adora Elene. De todos os personagens de nossa história, ela diz que o mais importante não é o conde e sim Elene. Sem ela, nenhum de nós estaria aqui.

Ela ia conhecer a avó dele? Quando? Luiza estava forçando a sua mente, sentia-se como no dia que conheceu o conde e tinha acabado de descobrir que não era mais ela mesma.

– Por quê?

– Porque foi Elene quem salvou nossa família. O conde ia morrer solitário como indica tudo que ele escrevia, mas ela escreveu para ele e o destino quis que mesmo sob uma tragédia, eles se encontrassem – ele pausou. – Caramba, por que estou lhe dizendo isso? Você sabe a história deles.

– Não, me diga. Por favor – ela pediu. Ele ainda não soltara seu rosto, os dedos dele tocavam gentilmente.

Ele ficou olhando-a por um momento, como se analisasse seu pedido e resumisse a história em sua mente antes de continuar.

– Bem, ele se apaixonou perdidamente por ela – Devan moveu as mãos até seu pescoço, as pontas de seus dedos massageavam levemente enquanto olhava-a atentamente. – Sabe, bem ao estilo romance de época, que tinha tudo para virar uma tragédia grega. Eles se amavam. Ela o salvou, verdadeiramente. Deus-lhe

uma nova chance de viver e eles reviveram minha família. Minha avó diz que é a inspiração deles que mantém todos os descendentes nesse firme propósito de continuar. Ela adora essas histórias. Ninguém sabe mais sobre eles do que minha avó. E bem... Talvez Marcel, que é outro tarado pela história do conde.

– É uma história linda – ela murmurou, emocionada a um ponto que ele não imaginava.

Ele sorriu ternamente, talvez ela já houvesse visto aquele sorriso antes, mas ainda a deixava assombrada pela semelhança, pelos traços que ele herdara do conde. Seus olhos eram mais azuis do que o tom de acinzentado que Jordan teve. Seu nariz também era bem feito, um pouco mais afilado, talvez por nunca ter levado tantos socos como o conde.

– Você é linda – ele respondeu, seus olhos que antes estiveram tão intensamente presos aos dela, desceram para seus lábios. Ela sentiu os dedos dele pressionarem sua face e em seguida seus lábios se tocaram. Ele a beijou, não uma, mas duas vezes e não parecia estar fazendo isso pela primeira vez, pois ele a conhecia. Sabia o que estava fazendo e gostava disso. Não havia simplesmente fechado seus olhos; ele os cerrara e franzira a testa beijando-a com saudosa sofreguidão como se estivesse há horas precisando fazer isso.

Luiza piscou algumas vezes, surpresa pelo beijo e se deixou levar pela paixão dele. Ela esperou que ele a soltasse, mas Devan não parecia disposto. Na verdade, parecia querer aproveitar o momento como se não fosse comum que eles ficassem sozinhos durante o dia.

– O que aconteceu depois que o conde morreu? – ela se afastou dele e passou para o próximo quadro. Agora a família estava reunida e Helena, com no máximo dois anos, também estava lá. Ela gostaria de poder abraçar aquele bebê, era tão fofo e pequeno ali no colo do pai.

– Elene ficou de luto, eternamente. Ela não aceitou mais ninguém, apenas continuou em Havenford tomando como objetivo manter tudo como o conde deixara e criar os filhos. Haydan assumiu oficialmente o lugar do pai aos dezoito anos. É triste que eles tenham partido tão cedo, mas ao menos foram felizes. Os escritos do conde provam isso e após a morte dele, Elene continuou escrevendo.

Ela se virou rapidamente para ele.

– Mesmo? Ela realmente escreveu?

Ele sorriu ante o entusiasmo dela.

– Sim, até o último dia de sua vida. Só era triste porque ela também escrevia cartas para o conde, como se ele as respondesse – Devan deu de ombros e balançou a cabeça. – Eram tocantes e cada carta realmente parecia uma resposta. Ela devia sentir muita falta dele.

Mesmo ainda estranhando a relação deles, Luiza procurou o conforto dele. Ela encostou-se a ele e apoiou a cabeça, não conseguiu deter as lágrimas que vieram aos seus olhos. Porque as cartas que Elene escrevia, todas as respostas ao

conde, vieram à sua mente. Uma vez Marcel lhe disse que Elene devia fazer isso para não deixar que a saudade a derrubasse. Luiza preferia ficar com sua versão romântica de que eram respostas sim, mesmo que apenas aos sonhos de Elene.

– Não chore... – ele enxugou suas lágrimas gentilmente. – Você sempre chora quando chega à parte da história em que o conde morre. Ficou meia hora chorando quando leu a última carta que o conde escreveu para a esposa.

– Ele escreveu do leito de morte. Ele sabia que ia morrer naquela noite – ela choramingou e ele a abraçou.

– Sim, creio que sabia – ele não podia fazer nada além de concordar, afinal, toda bela história de amor tinha seus momentos trágicos e ele sabia muito bem que seus ancestrais enfrentaram muitos desses momentos.

Ela se separou dele novamente e foi olhar o quadro com as crianças e seguiu para uma época que não viu, porque suas memórias como Elene paravam quando o conde morria. Depois de ler e ver imagens de todos os filhos de Elene, ela passeou pela seção da família até chegar a Rachel Warrington, a avó de Devan. A foto dela era grande, iniciando uma nova seção da família.

Já chegando ao final da galeria atual, havia mais uma foto grande iniciando outra seção. Era Devan, vestido formalmente, com um leve sorriso e pousando para a pintura que tinha também uma foto menor ao lado. Abaixo do quadro seu nome completo, data de nascimento e algumas informações da sua vida. E nada mais.

Devan encostou as costas na parede vazia ao lado da foto dele e cruzou os braços enquanto a olhava.

– Acha que faz jus? Não parece ter sido há milhões de anos?

Ela olhou dele para a foto e retornou o olhar. Olhou o texto para ver a data em que foi tirada, há quatro anos. Quando ele tinha vinte e oito anos.

– Eu já lhe disse que não. Você está absolutamente idêntico – ela se surpreendeu com o que disse. Estava lembrando! – Bem, na verdade na foto você está parecendo mais com um conde, então me agrada mais.

Ele riu dessa última observação dela. Luiza lembrava agora que ao menos esse Devan tratava seu título de conde com muita discrição. Hoje em dia as pessoas em geral não prestam mais atenção, até mesmo na Inglaterra onde os títulos ainda faziam parte da cultura, não representava o mesmo. Atualmente, mais ainda do que antes, não significava mais que a pessoa era rica. Mas levando em conta que eles estavam num castelo e ele morava ali, ele devia poder se manter plenamente para dizer o mínimo.

– O que mais você quer ver agora? – ele perguntou, olhando-a de onde estava.

– Você dorme no quarto do conde? – Luiza perguntou com curiosidade genuína. Ela queria ver como ficara o quarto que Elene dividiu com o marido.

Devan franziu muito rapidamente o cenho e havia um leve sorriso no seu

rosto. Ele usou as costas para se empurrar da parede e deu um passo até ela, olhando-a de forma curiosa também. Ele achava que ela estava brincando com ele.

– Claro que sim, Luiza – ele falava baixo, afinal o assunto era apenas deles, mesmo que soubesse não haver mais ninguém no longo corredor que fazia um arco, aquelas galerias haviam sido construídas há um século e ninguém se preocupou em atenuar os ecos. – Você acordou lá hoje cedo, lembra?

Luiza ficou apenas piscando enquanto o olhava. As engrenagens do seu cérebro trabalhavam na afirmação dele.

– Lembro... – respondeu de forma hesitante.

– Não parece muito lembrada – ele subitamente não parecia mais tão seguro. – Foi tão ruim assim?

– Não! – ela fez tanto esforço para se lembrar que começava a vir algo. E suas bochechas foram ficando coradas. – Foi ótimo. O quarto é...

– É algo mais, não é? – ele disse, ajudando-a a ficar menos embaraçada. – Fiquei fascinado quando me mudei para cá, apesar de vir aqui desde garoto. Dormir nele parece diferente, mesmo após se acostumar – ele pausou, observando o rosto dela. – Eu gostei de tê-la lá. E... – ele estava ultrapassando alguma barreira pessoal para dizer isso. Ela podia notar pelas hesitações e a forma como procurava as palavras certas. – Acordar ao seu lado é muito bom.

Ele começava a soar perigosamente como alguém que ela conhecera... E caramba! Ela dormiu com ele. Que vida maldita era essa em que ela tinha dormido com aquele cara e não lembrava direito? Mas ela precisava lhe dizer algo, ela precisava lembrar! Agora não havia Elene nenhuma escondendo informações, era a memória dela. E algo lhe dizia que ela andara dormindo fora da própria cama muitas vezes.

– Devan, eu... – *Não faço ideia do que lhe dizer!*, ela pensou. Então simplesmente o abraçou.

Se ela soubesse tudo que precisava dizer para enfim definir a relação deles ficaria ainda mais nervosa. Mas funcionou porque ele a abraçou de volta, apertando-a carinhosamente contra o corpo dele. E ela gostava disso, na verdade adorava quando ele fazia isso. Não precisava de memória para saber disso, estava lá, podia sentir. Ela o conhecia, ela realmente o conhecia.

– Tudo bem, Luiza. Não precisa.

Precisava sim, ela sabia que sim. Já o conhecia, ele não era o cara que fingia um coração duro e trancava as palavras dentro da boca. Ele lembrava o conde... Ele iria lhe dizer e iria demonstrar o quanto era preciosa para ele. Droga, a questão era que agora ele quem era o conde. E não mais aquele que existiu no século XV e foi feliz ao lado de Elene.

– Eu estou acordando muito ao seu lado? – ela perguntou, esperando que não soasse estranho, mas precisava saber.

– Está querendo saber se por acaso estamos transando que nem dois coelhinhos e acordando o castelo todo? – ele tentou não sorrir quando ela ficou vermelha. – Isso seria na sua concepção ou na minha?

– Faz diferença? – ela ainda estava achando injusto demais suas memórias sobre dormir com ele não terem retornado. Mas lembrou de que tirando umas hesitações na hora de aprofundar muito o que iria dizer, ele era direto.

– Ah faz, na minha você acordaria lá todos os dias. Na sua, bem... Você é difícil.

Quão adiantada será que estava aquela história? Sem saber, ela sorriu para ele, totalmente encabulada e seguiu pelo corredor, deixando a galeria.

– Você realmente já vai voltar ao trabalho tão rápido? Por acaso sua cabeça parou de doer?

– Está só um pouco dolorida... – ela tocou o lado da cabeça onde a janela bateu.

Devan se aproximou e ela esperou, como se ultimamente estivesse sempre esperando que ele chegasse mais perto. Ele tocou sua cabeça com cuidado e envolveu seu ombro com o braço. Ele era alto e ela sentia-se envolvida e protegida nos braços dele. Ele beijou sua têmpora e foi beijando pelo seu cabelo como se fizesse isso com uma criança, prometendo que a dor ia passar. Luiza envolveu a cintura dele com os braços e deixou-se apoiar, já sabendo como se moldar aquele corpo rígido.

– É melhor lhe dar um analgésico. Não quero que você viaje por aí com dor e um galo na cabeça. Vamos colocar mais daquela bolsa com gelo.

Ele se afastou de repente, ela não entendeu porquê. Parecia que algo o havia lembrado de não chegar tão perto, não se abrir tanto. E ela ia viajar? Quando?

– Se vocês dois estão pretendendo continuar fingindo que ninguém sabe do tête-à-tête de vocês, então o namorinho gostoso nas galerias e no salão do castelo precisa ser cancelado. Até a moça da faxina que só aparece as sextas, já sabe! – disse aquela voz inconfundível e com o tom zombeteiro de sempre.

– Afonso! – Luiza correu para os braços do amigo, como se não o visse há anos. Mas era assim que se sentia.

– Que amor todo é esse? Só porque quase teve a cabeça arrancada resolveu me adorar? – ele disse, mas recebeu-a num abraço.

– É só que... É bom te ver e é bom não ter tido a cabeça arrancada – ela sorriu e disfarçou.

– É sempre bom te ver, queridinha. Agora pode voltar lá para o conde... Digo... Pro bofe... Pro chefe! Ih, lascou. Não sei mais do que chamar.

Os dois riram. Ela imediatamente se lembrou de que pelas costas de Devan, ela, Afonso e Peggy só o chamavam de “o conde”. Algo que ele odiava, mas os três se divertiam a valer com todos os codinomes que os empregados do castelo tinham.

Ela seguiu Devan pelos corredores do castelo até a cozinha.

– Você ficou desacordada por certo tempo e antes não quis almoçar. Está com fome?

– Sim, um pouco.

Ele lhe fez um sanduíche e parecia já saber o que ela comia. Fez um para ele também e eles comeram em silêncio. Ele não se aproximou mais dela e estavam sozinhos agora. Luiza sabia o que estava acontecendo, algo que a deixava aflita, mas não podia lembrar totalmente. O que começava a vir à sua mente agora que estava ali comendo, era o início de tudo. Como chegara ao castelo, como fora Devan quem lhe dera as boas vindas e não a odiosa Betty.

Ela se apaixonara por ele naquela biblioteca. E descartou o sentimento tão rápido quanto aconteceu, decidida a não se envolver com seu empregador. Sem contar que caso de amor com um conde era algo que só existia mesmo nos romances históricos. E ela soube que ele tinha terminado um relacionamento há pouco tempo. Toda essa resolução durou até o momento que ele lhe contou sobre sua vida só para depois disso poder convidá-la para passear pelo jardim da condessa.

– Eu lembro! – ela exclamou, falando sozinha.

– Mesmo? Do quê? – ele perguntou, deixando ainda metade do sanduíche no prato. Seu usual apetite não estava querendo aparecer agora, então apenas bebeu o café.

– De você...

– E havia se esquecido? – ele limpou a boca com um guardanapo e ficou olhando-a de uma forma tão direta que ela precisou desviar o olhar.

– Bem, eu o conheci há um ano e... Caramba, como demorou a resolvermos que enxergávamos um ao outro.

Devan levantou e levou seu prato para a geladeira e o dela para lavar.

– Eu a enxerguei no minuto em que cruzou as portas do castelo. Mas eu não podia porque você não queria – ele deu de ombros e abriu o freezer, pegando gelo e colocando dentro da bolsa de borracha. Deu a ela e deixou a cozinha.

Janeiro de 1448,

Sinto que esse ano será diferente. É uma constatação muito pessoal. Acabei de voltar de Riverside onde fui deixar minha última encomenda. A última vez sempre é mais difícil, é como uma despedida. Agora só me resta esperar que ela encontre. Todo esse tempo em que senti falta de Devan, também senti falta da minha outra parte. Certamente foi a parte mais funcional de minha alma por anos.

Quando penso nele, meus olhos ardem com as lágrimas. Mas apesar de acontecer o mesmo quando penso nela, foi melhor assim. Nunca saberei se ela vai lembrar, se sequer vai encontrar. Mas tenho fê que sim. Porque tudo que nos aconteceu não foi em vão.

Ela vai voltar e eu vou esperá-la, ou melhor, minhas palavras irão. Afinal, foi assim que nos encontramos.

Felizmente pude ver o rosto de minha irmã pela última vez. Meus sobrinhos têm aparecido por essas terras com mais frequência e isso é um alento para meu coração.

Ainda vou me divertir um pouco esse ano, tenho meus planos para terminar!

Capítulo 23

Luiza ficou sozinha e na verdade sentiu-se solitária. Todo aquele castelo gigantesco parecia muito maior na ausência dele. Principalmente porque ela começava a lembrar de tudo e a forma como ele a deixou piorava muito a situação. Ele chegara muito perto novamente, estava a ponto de ir bem lá no fundo com ela, mas o alarme tocou.

Curiosa, Luiza andou pelo castelo, olhando como estava agora. Dava para ver quem morou ali o tratou como um lar e não como uma posse.

– Está melhor? – Marcel perguntou ao passar por ela.

– Sim, estou – ela assentiu, ainda segurava a bolsa de gelo que estivera em sua cabeça.

– Como foi a vida com o conde? – ele perguntou enquanto continuava pelo corredor.

– O quê? – ela pensou ter ouvido errado.

– Nada, meu bem. Perguntei apenas onde está o conde. Mas não importa, falo com ele mais tarde.

Sim, Luiza só podia ter escutado errado. Ela seguiu para o seu quarto agora que lembrava onde era. Depois de tomar banho e lembrar onde estava tudo dentro do quarto, Luiza saiu novamente e foi andando pelo corredor largo e longo do castelo. Era todo iluminado, com luzes nas paredes provenientes de candelabros de ouro com inspiração barroca. Ainda assim, mesmo já tendo visto aqueles corredores bem mais sombrios quando a única iluminação eram as velas, Luiza apertou o passo para chegar a uma sala no final do corredor.

Havia passado por incontáveis portas e duas curvas que levariam a outras alas do castelo, mas continuara em frente. Não bateu para entrar, não era o quarto de ninguém, parecia mais com uma sala de estar grande e toda mobiliada.

Luiza empurrou uma porta de madeira e vidro que dava em uma varanda. Não era como as varandas de prédios, era em cima de um cômodo, como um pequeno terraço, acompanhando a arquitetura do castelo.

– Você está aí?

Deitado em uma espreguiçadeira de madeira escura e com estofado branco e macio, Devan olhava a paisagem e tinha um livro aberto sobre o peito. Se estivesse de dia ia parecer que estava se bronzeando, mas agora só se estivesse tomando banho de lua. Música baixa tocava de um Ipod enfiado em um conjunto de pequenas caixas. Aquilo sim era modernidade, quase uma profanação. Quando em toda sua vida o conde e Elene imaginariam que haveria um aparelhinho revolucionário como aquele produzindo música em seu castelo? E era o atual conde que estava promovendo esse choque de épocas. Luiza achou o

fato interessante. Quais marcas será que o conde atual deixaria no castelo para as próximas gerações dos Warrington descobrirem?

– Sim. Sou um pouco previsível, gosto de ficar aqui nesse horário, como já deve ter notado.

Ela não notara nada, fora parar lá como um prévio conhecimento, mas não se lembrava de já tê-lo encontrado ali. Luiza sentou-se na espreguiçadeira ao lado da dele e ficou ali, confortavelmente instalada. Será que já fizera isso antes?

Devan não estava querendo dizer nada. Tinha decidido que agora não havia mais o que fazer. Ele passara os últimos meses fazendo tudo que podia por ela. Soltara o verbo, se declarara, levava-a para passear, até para remar naqueles malditos barcos do rio lá embaixo. Preparara surpresas, usara todo seu tempo livre para passar com ela, levava-a para dormir fora como se Havenford já não fosse suficiente para uma noite romântica com alguém. Mas ele estava tentando tudo. Qualquer coisa que a fizesse finalmente entender que ele a queria por muito mais tempo que um caso de uns meses.

Até que seu tempo acabou. E ele decidiu que só dependia dela e já se arrastara o suficiente. Mas que grande idiota apaixonado ele era. Obviamente se ela viesse para o seu quarto por livre e espontânea vontade, não ia conseguir não sentir falta dela por antecipação. Hoje mesmo estava lá na galeria tão enlouquecido por ela enquanto tentava manter uma conversa lógica que teve que beijá-la ali mesmo.

– Não quer dividir? – ele perguntou quando ela se ajeitou na espreguiçadeira ao lado.

Luiza pulou da sua espreguiçadeira e se enfiou na dele. Estava feliz por ele ter convidado, como se antes não houvesse confiado em sua memória para saber se poderia. Devan passou o braço em volta dela, abraçando-a bem apertado junto a ele e beijou-a demoradamente, depois inalou seu cheiro enquanto sentia o corpo curvilíneo moldar-se ao seu. Ele pensava se estava tão fora de si assim.

Já chegara aos seus trinta e poucos, tinha uma boa parcela de relacionamentos na bagagem. Luiza nunca dissera, mas será que perdera completamente a habilidade de ler uma mulher? Especialmente a sua? Porque ela já era sua. Podia ficar se escondendo o quanto quisesse, mas se a deixasse ir, sabia que em no máximo uma semana ia perder a cabeça e ir atrás dela.

Até lá já estaria muito mais magoado do que estava agora e com toda sua segurança acabada. E tudo por causa de uma mulher que ele não conseguia ter certeza se estava apaixonada como ele, não ao ponto de escolher ficar em Havenford com ele e por ele.

Quando Luiza acordou, horas depois, passara tanto tempo que já era dia claro novamente. Ela se moveu na cama, aquela não era sua cama. Não, claro... Era a cama do atual conde. Mas tinha certeza que apesar de dormir ali, ao lado dele, essa noite não estiveram abraçados. Ela sentia que saberia se estivesse acordando

de um sono que passara nos braços dele. Esse infelizmente não foi o caso.

Falando nele, Devan saiu do banheiro terminando de abotoar a camisa. Ela sentou-se no colchão macio e teve de apoiar as mãos. Aquela peça robusta e enorme o suficiente para ser monstruosa e com quatro postes para o dossel verde que estava completamente aberto agora, era a cama do conde. Podia estar reformada, até um pouco diferente, mas ela tinha certeza que aquela era a mesma cama que Elene passara sua noite de núpcias e muitas outras ao lado do marido.

Ela não sabia o que fazer agora, em sua primeira noite de volta ao seu tempo descobriu que nunca esteve sonhando. Todas as noites que adormecia lá da época de Elene e achava que estava sonhando com o seu próprio tempo, era verdade. Não sonhou, ela viu. Os sonhos começaram assim que Elene passou a tomar mais conta da própria vida, então Luiza sonhava com o castelo, com Marcel, Afonso, Peggy e o conde no tempo dela.

– Creio que já estou atrasada para o trabalho – ela disse, empurrando as cobertas. Não precisava se envergonhar, pois estava vestida como quando o encontrara no terraço. Se sua memória estivesse certa, se ele não estivesse agindo dessa forma estranha, ela sabia que teria acordado nua.

Devan virou-se, estava a meio caminho da porta. Ele olhou-a como se estranhasse o que ela estava dizendo.

– Não precisa trabalhar hoje, Luiza. De qualquer forma, não teria muito tempo – ele continuou para a porta, mas parou. – Já arrumou as malas?

Ela não se lembrava de ter arrumado mala alguma e devido ao que vira em seu quarto na noite passada, as malas nem haviam sido retiradas do closet. E todas as suas roupas estavam em seu devido lugar, absolutamente nada fora empacotado.

– Não.

– Sugiro que comece. Ou não dará tempo.

Ele saiu do quarto rapidamente. Algo o afligia, ele estava inquieto e ressentido. Mas ela não sabia, não conseguia lembrar. Não podia imaginar o que estava deixando-o irritado. Sentia-se novamente como se não estivesse sozinha na própria mente, como quando Elene escondeu seu passado. E agora tudo estava borrado, a vida de Elene não era mais sua, eram lembranças que podiam ter vindo de um livro ou mesmo de um filme e não da sua própria vida.

Depois de ir tomar banho e se arrumar no próprio quarto, Luiza desceu pela escadaria principal de Havenford com uma sensação de já ter feito isso muitas outras vezes. Afonso veio correndo e a abraçou, dizendo que ela era uma filha desnaturada, que ele ficaria sem ninguém para dividir o seu babado. Isso começou a trazer as memórias dela. Mesmo assim, como se fosse outro dia qualquer, ela rumou para a seção que não era mais sua e entrou, pronta para trabalhar.

– Bom dia, Marcel.

– Você ainda está aqui?

– Por quê?

– Seu voo. Não era meio-dia ou algo assim?

– Uma e meia – ela corrigiu, sem saber de onde vinha isso. Os buracos em suas lembranças simplesmente eram preenchidos, sem nenhum aviso. Hoje já lembrava praticamente tudo que aconteceu desde que chegou ao castelo. E isso a deixava em uma situação difícil.

– Você sabe que daqui até o aeroporto mais próximo são algumas horas de viagem, não é?

– Umas duas horas?

– Talvez – ele parou para olhar o relógio – São nove horas agora. Como não está me dando um contrato assinado, creio que está pronta para partir, não é? – Marcel a olhava, tentando parecer natural e com uma feição leve, mas não conseguia disfarçar aquele desapontamento estampado em sua face.

Não, nem um pouco. E que droga de contrato era esse?

Ela nem abrira as malas para começar a montá-las. Luiza negou, procurando se dar alguns minutos para lembrar, então deu meia volta e rumou para a cozinha onde encontrou o conde. Ou melhor, Devan, se ela comesse a se referir a ele dessa forma ia se complicar. Ele estava sentado à mesa tomando café no maior estilo nobre inglês, ao menos isso ele não ia poder negar.

A porcelana fina estava arrumada em volta, a xícara repleta de café, dois bules um com chá e outro com mais café, croissants intocados, dois tipos de geleia, pão italiano recém-tirado do forno, bolo, suco de laranja, frutas picadas e patês e manteiga para passar no pão. Além de frios à sua escolha. Ela ficou imaginando se ele montou aquilo tudo sozinho, lembrava vagamente de uma moça que cozinhava, mas ela morava lá embaixo na cidade.

– Imaginei que viria tomar seu desjejum antes de ir – ele parou a xícara de café a meio caminho da boca, olhou o relógio antigo que ficava pendurado no extremo da cozinha e retomou o café.

Talvez ele não comesse aquilo tudo, havia mais um prato com farelos, Marcel devia ter estado ali. E havia um conjunto de café com dois pratos, talheres e xícara, montado para ela. Além de outros pratos usados perto da pia.

– É eu... – se não fosse para dizer o que devia, ela não precisava falar muito além de um “adeus” – Estou com fome.

Ele dobrou o jornal que estava lendo. Aquela situação lhe passava familiaridade como se ela já houvesse tomado aquele café várias vezes. Mas se sua memória não estivesse corrompida, das outras vezes Devan estava falando.

– Quando acabar, vamos pegar suas malas para pôr no carro.

Ele ia levá-la? Para melhorar mil por cento a situação ele realmente ia levá-la ao aeroporto? Duas horas ao lado dele, com certeza sem dizer nada!

– Não estão prontas – ela respondeu, antes de colocar um pedaço de croissant na boca.

Ele apenas olhou o relógio e deixou a cozinha. Bem, ele era o conde, por mais que negasse. Não ia se humilhar aos pés dela mais do que já fizera e ela não lembrava. Nem seu famoso ancestral se jogara aos pés de Elene para implorar-lhe que permanecesse lá naquele inverno. Então não ia ser ele que ia começar a jogar a dignidade aos pés de uma mulher que não lhe dava respostas concretas. Já fora claro não apenas em palavras, mas também em ações, fez tudo que podia e agora a questão era com ela. E ia ter que dar um jeito de não ir atrás dela, mesmo que precisasse se dopar.

A tal moça que cozinhava apareceu e começou a conversar com Luiza que felizmente lembrava-se dos assuntos, mas não do nome da mulher. Ela a ajudou a retirar a mesa e colocar tudo na máquina de lavar. Ela só queria tempo, pois quanto mais ficava no castelo, mais sua memória voltava. Estava quase tudo completo agora. Todo o quebra cabeça do que mudara com a existência de Elene.

Ela também não podia deixar de imaginar se todo o tempo que viveu a vida de Elene, será que ela não viveu a dela? Se isso fosse verdade, ela teria criado uma enorme confusão e ninguém ali parecia estar rindo e se lembrando das maluquices que Elene certamente teria cometido numa era moderna.

Eram onze horas. Luiza estava oficialmente muito atrasada para a viagem até o aeroporto. Ela saiu à procura de Devan. Ele não estava na biblioteca com Marcel, nem no gabinete no segundo andar, nem na varanda onde gostava de matar o tempo, ou em qualquer outro local do museu e de sua casa na parte de cima do castelo. Também não saía. Ela entrou no último lugar que deixara de checar, a galeria.

Estava afinal de volta onde tudo recomeçou para ela nessa época e ao mesmo tempo junto do que fora sua outra vida. As imagens eram vívidas, encarando-a enquanto vencia o trajeto até a área principal da galeria, destinada ao mais famoso conde de toda a linhagem dos Warrington.

Devan estava lá, sentado na namoradeira vitoriana que ficava bem em frente ao quadro de Elene. Aquele em que ela estava pousando na biblioteca do castelo, olhando diretamente para o pintor, pronta para ter sua imagem eternizada exclusivamente para ser retratada na árvore genealógica da família. Ele nem pareceu escutar os passos de Luiza se aproximando. Seus olhos estavam fixos na pintura e um notebook repousava em seu colo, seus dedos pousados sobre as teclas, mas ele não digitava.

– Eu devia ter vindo aqui primeiro – ela falou ao se aproximar.

Ele se sobressaltou com a voz, olhou-a e depois levantou o pulso para ver a hora. Pulou de pé e deixou o notebook sobre o assento.

– Não vi a hora passando! Estamos atrasados! – ele olhou o relógio

novamente. – Na verdade... Você vai perder o voo.

Ela deu de ombros e sentou-se na namoradeira onde ele estivera. Passou a observar a mesma foto que ele, mas desviou o olhar para a pintura de Elene com o conde e os três filhos. Essa era sua preferida. Eles simplesmente pareciam realizados e naquela época ainda teriam muitos anos juntos. Ela sentia-se feliz pela vida que tiveram.

– Ela não parece que está falando com você através do olhar? Como se houvesse algo a lhe contar? – ele perguntou, olhando novamente para o retrato de Elene.

– Sim... Ela tem esse efeito. O olhar expressivo.

Ele não disse nada, apenas continuou olhando a pintura. Mas ela lembrava que ele já havia lhe dito que era perturbador a forma como os olhos dela eram parecidos com os de Elene.

– Apenas por curiosidade, quando mandar investigar sua árvore genealógica, me envie o resultado – ele disse, agora olhando outro ponto qualquer. Não parecia mais querer Elene lhe lembrando sobre a mulher que estava a ponto de deixá-lo. Era provável que fosse passar um tempo com a irmã em Mounthill, pois ali no castelo as imagens de Elene ficariam o tempo inteiro lembrando-o de que fora deixado.

Luiza sabia muito bem que tinha algum tipo de ligação com Elene. Não só pelo fato de serem extremamente parecidas, mas pelo que viveu com ela. Mesmo que agora as memórias da vida que dividiu com Elene não fossem mais claras, ela ainda sabia das cartas, ainda escrevera cada uma delas antes do conde morrer.

Um dia amara aquele conde do século XV, sentira o que Elene sentia por ele, sentira o amor que ela tinha pelos filhos e a dor de perder o único homem que amou. Tudo aquilo era como uma verdade distante para ela. Existiu, mas já não existia mais. Ela estava de volta à vida dela agora, estava perdida no mar de lembranças e, ao mesmo tempo, totalmente ciente do que se passara e de como se sentia em relação a tudo e todos.

Sua mãe ainda estava em outro país com seu padrasto e a deixara há muito tempo. Seu pai estava morto há doze anos. Seu dinheiro havia acabado antes de chegar ali e estava desesperadamente procurando um emprego na sua área. Assim chegou a Havenford. Continuava sem nada fora dali, nem ninguém. Ainda era exatamente a mesma pessoa, na mesma situação. O que mudara fora o castelo e tudo que estava relacionado a ele. Obra de Elene, uma mudara a vida da outra. Mas sua vida real permanecia como se deixada de lado.

– Hum... Eu teria que descender de Helena. Ela quem era muito parecida com a mãe.

– A filha mais velha de Haydan também herdou os traços e o cabelo de Elene.

– Mas a filha de Helena quem herdou tudo isso e mais o temperamento da avó – ela disse, baseada no fato de que os filhos do conde continuaram escrevendo, assim como seus netos e bisnetos.

E a paixão pela escrita era tão forte na família que não havia apenas um autor de sucesso entre os Warrington, mas pelo menos uns cinco ao longo da história, sem contar o atual conde. O próximo projeto dele iria ser o mais ousado, ele queria escrever sobre a vida do seu ancestral mais famoso, o terceiro conde de Havenford, marido de Elene. Mas de acordo o que ele andara contando a Luiza, o livro começava na juventude do conde, só que quando Elene entrava na história, tudo passava a ser muito focado nela. Talvez por isso ele passasse tanto tempo ali na galeria e olhava tanto aquele quadro enquanto escrevia.

Falando muito sério, Luiza achava que às vezes ele o olhava com saudosismo. O que era absolutamente estranho. Normal, ao menos na concepção dela, era ela ficar olhando para o quadro de Jordan com tristeza. Isso complicava um pouco o resumo, pois o atual conde que estava ao lado dela, também se chamava Jordan e também era Devan por causa daquela tradição de família. Será que ela estaria ali ou voltaria para ver os próximos a receberem tal honra?

– E muitas outras depois dela... Olhando os retratos da minha família sempre encontramos alguma bela ruiva perdida. E não estou falando daquelas que pintaram o cabelo.

Eles ficaram em silêncio em frente aos quadros, como se esperassem que algo acontecesse. Cada um imerso nos seus pensamentos.

– Sabe, eu também gosto da varanda no verão e na primavera e das lareiras do castelo no inverno – ela comentou, como se continuasse alguma conversa que eles guardaram inacabada.

– E no outono? – ele perguntou.

– Depende... É transitório aqui nesta parte do país.

Devan assentiu e olhou para o relógio em seu pulso.

– Você perdeu o voo, Luiza.

Ela virou o rosto, tirando o olhar dos quadros e pensando como era bom ouvi-lo dizer o seu nome, o verdadeiro.

– Eu sei.

Ele levantou, andou à frente do banco e parou do lado esquerdo, por onde eles haviam vindo.

– Você deixou que o tempo passasse e tomasse a decisão por você. Não pôde se decidir entre ir agora ou amanhã então deixou rolar. Isso não é se decidir – ele continuou pelo caminho.

– Nunca houve voo algum – ela disse sem realmente se mover ou olhar onde ele estava, continuava encarando os próprios joelhos.

Devan parou antes de dar o próximo passo, mas não virou de frente. Estacou ali e virou um pouco o rosto como se fosse escutar melhor a explicação que era

bom ela continuar a dar.

– Eu não ia embora. Prefiro ficar aqui e prolongar meu contrato.

Ele tencionou a mandíbula e soltou o ar como se precisasse relaxar, mas não confiou nele mesmo para dizer uma palavra. Então preferiu sair da galeria, subitamente o espaço parecia pequeno. Luiza levantou e o seguiu, teve que apressar os passos para alcançá-lo.

– Eu não deixei acontecer! Eu decidi! – ela disse, andando atrás dele.

– Nós já estamos nisso há algum tempo, Luiza. Foi sempre você a dar um passo atrás. Dessa vez você não quis nem pisar. Você deveria ter marcado esse voo há uma semana. Por que não me disse antes? Eu não gosto de ser feito de palhaço – ele ainda não parara de andar, os dois estavam cortando o salão principal do castelo como se fossem fazer uma formação de guerra para marchar.

– Eu não marquei! E sinceramente não tinha certeza do que fazer, ainda tentava arrumar um jeito de lidar com isso. Mas eu ia lhe dizer ontem!

Devan parou de repente e encarou-a tão seriamente como nunca havia feito, com seu olhar direto e as costas bem eretas.

– E durante todos esses dias, todas as vezes que eu me aproximei e disse as maiores tolices para convencê-la a ficar, você não ficou tentada a nenhuma vez dizer o que sentia? Onde estava sua mente, Luiza?

– Aqui, mas presa e confusa – ela balançou a cabeça.

– E eu que me danasse, não é mesmo? – ele não podia entendê-la, preferia ter sido desiludido de vez a ter se dedicado a pura incerteza. – Fiquei esses últimos meses agindo como um tolo. Um completo idiota, achando que ainda podia vencer o jogo até o apito final. Quando nunca teria apito algum.

Ela suspirou longamente enquanto o via seguir para fora do castelo. Hoje era dia de visitação e já haviam aberto as portas principais. Luiza o acompanhou com o olhar, vendo-o sair para o pátio até ele desaparecer. Ela fechou os punhos e saiu decididamente atrás dele, quando chegou ao lado de fora, levou um susto. Não tinha se lembrado do exterior do castelo ainda. O pátio estava todo calçado, de forma muito mais moderna do que na época de Elene, com pedras assimétricas, um pequeno chafariz e passagem para o jardim lateral. Havia até mesas e cadeiras, algum paisagista fizera um trabalho e tanto ali.

Luiza viu que Devan saiu para o pátio externo e teve que correr, mas seus sapatos de saltos quadrados não eram bons para aquele tipo de chão. E sua memória não interferiu, fazendo-a lembrar das incontáveis vezes que Elene desceu aquele caminho correndo, geralmente para se meter em algo que não devia. Sua mente estava concentrada em vencer o caminho sem tropeçar e seguir mais rápido. O sol da manhã não estava ajudando, era um desses dias de céu azul que traria muitos turistas para passear por todo o espaço do castelo.

O passo de Devan era acelerado, ele usava sapatos confortáveis e tinha

pernas longas que o levavam a descer até o portão sem esforço, estava muito habituado aquele caminho. Ele não costumava ir até aquela pedra que era vista da janela, preferia sair do castelo pelos portões, os mesmos famosos pela última grande guerra vivida por todos em Havenford.

– Devan! – Luiza gritou, enquanto fazia o caminho pelo meio do amplo pátio que agora estava regular, tinha uma estátua no meio com um enorme gavião de mármore pousado no topo e vigiando os portões. – Não ouse descer por essa estrada!

Ele não sabia que ela o estava seguindo, passou pelos portões que ainda não estavam completamente abertos e seus passos passaram a fazer barulho nas pedrinhas que cobriam o caminho. Ele foi andando até perto da curva e voltou, passou as mãos pelo cabelo, mas não fez diferença, ali ventava muito.

Quando chegou aos portões e colocou as mãos neles, reparando que também eram bem diferentes, assim como o sistema para abri-los que agora era moderno e não à base de força bruta, Luiza respirou fundo e saiu do castelo. Sua visão foi tomada por aquele vasto espaço, a cidade lá embaixo, o rio depois dela e imediatamente o vento fustigou seu rosto e transformou seu cabelo numa massa viva em volta de sua cabeça. Ela o afastou do rosto e viu Devan parado mais à frente, seus braços cruzados, a pose rígida e os ombros largos. Seu olhar não era o de um suserano observando seus domínios, mas bem poderia, pois ele parecia um nesse momento.

Foi impossível não se lembrar do dia que Elene deixou o castelo para enfrentar o tio. Dessa vez não havia vestido longo e nem capa esvoaçando. Ela usava um vestido justo e moderno, mas sabendo o que faria, o apoio silencioso dos arqueiros não faria mal.

– Se eu lhe dissesse que desde ontem minha cabeça não está muito clara, você acreditaria? – ela falou, parando a uns passos de distância.

Devan olhou por cima do ombro, para ver se não estava imaginando a voz dela.

– E aí você ferrou a minha cabeça também – ele se virou e quando a olhou, parecia que diria mais alguma coisa, mas balançou a cabeça negativamente e guardou para si qualquer tolice que fosse adicionar à sua pilha já bem alta.

– Não, eu só ia lhe dizer ontem e não pude – ela sabia que soava louco, já que estivera sozinha com ele durante tempo suficiente para falar. Só que ontem ela ainda não havia lembrado tudo.

– Você também não me disse que requisitou um aumento no tempo de duração do seu contrato. Por que subitamente está me escondendo isso? Ou esteve sempre se escondendo enquanto sabe absolutamente tudo sobre mim, como se eu fosse mais um dado do seu trabalho – ele moveu os braços, abrindo as mãos com as palmas para cima. – De certa forma eu sou. Mas eu não sabia que isso implicava em me deixar longe de você.

– Eu quero ficar. Por isso pedi mais tempo de contrato.

Agora era ela quem estava andando pela frente dos portões do castelo, mas antes que pudesse ir longe demais ele a segurou pelo pulso e olhou-a fixamente, não estava nada satisfeito, sua feição era grave e o olhar intenso.

– Eu não dou uma droga para o contrato. Eu pedi que você ficasse aqui comigo. Eu a amei e não escondi isso. Você não precisava largar nada, apenas ficar e parar de esconder o que há entre nós – ele ainda segurava o pulso dela. – Estamos há meses nisso. E faz um ano que eu a quero e você simplesmente não é minha. O que a prende?

Outra vida, ela pensou. O passado que não lhe pertencia, aquele que ela abraçou deixando sua vida para trás. Agora não estava mais presa. Luiza amava esse Devan, o conde de outro século foi o amor da vida de Elene. Foi belo e inesquecível, ela sentiu por ele um amor que sabia não existir fora dos livros e que sempre estaria vivo em algum lugar, mas não era mais a sua vida. Era o passado que não lhe pertencia mais.

– Nada. Eu sou sua. Eu fiquei.

O cenho dele ficou um pouco menos carregado e ele deu um passo para perto, sua mão escorregou para a dela, as pontas dos dedos passando por sua palma.

– Mesmo que não prorrogassem o seu contrato?

– Não preciso de um para ficar com você. O contrato é apenas uma desculpa para ficar. Mas não preciso mais de uma. Eu escolho você.

Ele ficou observando seu rosto, daquele mesmo jeito atento e pensativo.

– Não posso prorrogar seu contrato de trainee – ele respondeu.

Ela assentiu rapidamente, começando a pensar em onde arranjaría emprego naquele local. Se ia ficar, precisava de algo mais para fazer e ter renda própria.

– Não me importo. Realmente não.

– Acho melhor voltar a se importar, preciso contratá-la. Não vai se ver livre assim de mim e muito menos desse castelo. Ambos precisam de você.

– E quando ia me dizer isso? – ela se lembrava de tudo que ele fez por ela, mas era importante saber que ela também era necessária ali, pois essa seria a sua história, dessa vez ela quem poderia mudar o futuro.

Podia não haver mais lutas de espadas para enfrentar, mas Devan tinha sua própria história de vida e era nela que Luiza pretendia existir e fazer diferença.

– Eu tinha decidido esperar até a última chance que você tivesse para escolher ficar. Eu preciso que queira passar o resto dos seus dias ao meu lado, seja como for.

– Então não me contrate. Eu prefiro você. Prolongar o contrato era só uma desculpa para continuar no mesmo lugar que você.

– Eu acredito, mas você é ótima no que faz. Marcel vai enlouquecer sem você. Não sirvo para muita coisa quando paro para escrever e você sabe que eu

viajo bastante.

Luiza ficou apenas olhando-o. Ainda tinha um emprego e ia poder se manter sozinha, porque ela só sabia viver assim há anos, dando um jeito aqui e ali. Durante o tempo que viveu no castelo conseguiu fazer algumas economias, mas assim como aconteceu em Londres, se a fonte secasse, ia tudo acabar num piscar de olhos. E ela não estava dando a mínima para nada disso agora. Podia estar sem nada outra vez e iria arriscar da mesma forma.

– Você ainda me quer, milorde?

Ele sorriu, mas dessa vez não reclamou pelo tratamento que ela usou para chamá-lo.

– Como nada mais no mundo.

Devan puxou-a pela mão para mais perto dele e passou um dos braços por suas costas, mantendo-a bem junto a ele. Luiza o abraçou, deixando as mãos em suas costas e levantou o rosto para ele.

– Eu também te amo, Devan.

– Prometa-me que nunca mais vai bater essa cabeça.

– Não prometo nada até que me beije e o meu feitiço sobre você esteja completo, porque eu ainda vou bater muito a cabeça, tenha certeza.

– Minha bela endiabrada, o que mais você pode aprontar com um homem completamente enfeitado? – ele disse antes de envolvê-la bem apertado contra seu corpo e beijá-la longamente bem em frente aos portões de Havenford.

Os dois guardas do portão, completamente diferentes dos antigos arqueiros que vigiavam a entrada, ficaram olhando enquanto os dois permaneciam grudados, esquecidos de onde estavam. Eles também não perceberam os flashes dos turistas que chegavam para visitar o castelo e davam de cara com aquela cena, alguns achando até que fazia parte do “show” para combinar com a história romântica contada pelos guias.

Afonso apareceu acima deles nas ameias sobre o portão e ficou de lá gritando para procurarem um quarto. Peggy corria pela descida com a câmera na mão, planejando tirar uma foto para o mural da sala dos funcionários e Hoy via tudo pelas câmeras de segurança.

Logo os funcionários do castelo se amontoaram para ver e começaram a aplaudir e gritar vários “finalmente” e os visitantes entraram no meio, mesmo sem saber da história que todos ali acompanharam. Agora eles pretendiam parar de viver à sombra das lendas do castelo e criar sua própria história. Talvez um dia alguém também contasse como foi sua saga.

Março de 1448

Meu amado lorde,

Nós temos um filho com juízo e este é Christian. Ele é a sua cópia exata, até os olhos e chega a doer olhá-lo. E é o mais sensível de todos. Também tem um talento nato para administração e está tentando enfiar mais lições na cabeça do irmão. Haydan parece que finalmente vai se acalmar. Rezo por isso. Ele até percebeu que a menina Couton é apaixonada por ele. Finalmente! Depois de anos! Ela quase foi entregue a outro noivo. Nós tivemos que salvá-la para ele enxergar o que iria perder.

Acho que eles vão acabar se casando, torço por isso. Mas apesar do lado bom e sensível, Christian continua descarado. Nisso ele não puxou nada a você, tem mais namoradas do que um harém. Eu já tive que tratar com umas dez mães de moças casadouras que caíram no charme dele. Ao menos até onde sei, ele não desencaminhou nenhuma donzela. Ou estaríamos enrascados!

Mas acho que não há um dia que a cama dele amanheça vazia. Como lidar com isso? Eu o proibi de arrumar filhos e até o momento, não tenho mais nenhum neto, só os gêmeos. Felizmente pude vê-los mais uma vez e estão tão grandes.

Eu sei que todos eles ficarão bem.

*Saudosamente,
Elene*

Capítulo 24

Havenford, 2013

Peggy estava entregando as correspondências do dia e deixou uma caixa com Luiza que estava ocupada e deixou-a lá esperando para abrir depois. Quando o expediente acabou, ela pegou suas coisas e foi até o seu quarto. Seu novo dilema com Devan desde que haviam ficado noivos era que ele queria que ela se mudasse para o quarto dele lá do outro lado do castelo. Ela usou toda a sua experiência como lady de outro século e disse que só fariam isso depois que se casassem.

Ele marcou o casamento.

Foi cômico, porque ele lhe disse “tudo bem, então vamos nos casar antes que você encontre algum meio de fugir daqui”. Ela concordou. Claro que eles iam se casar, se não fosse o caso, não teria aceitado. Mas ele escolheu justamente um dia que ela estava responsável por isso e foi até lá.

– Eu gostaria de marcar um casamento – ele disse, com sua cara mais séria e se sentou na poltrona à frente da mesa dela.

Se fosse outra pessoa, ela ia fazer milhares de perguntas, marcar visitaçã, falar com Guilhermina lá no hotel, ligar para Peggy que gastava mais tempo com isso do que ela e checar com Bridgit que agora era oficialmente a dona da empresa responsável pela montagem dos casamentos lá no castelo. Mas como era ele, apenas franziu a testa e ficou olhando-o.

– Para o mês que vem – ele continuou.

– O quê? – ela exclamou. – Pra quem? Se não for um dos seus amigos se casando de novo...

– Claro que não, é pra mim. A noiva gosta de me enrolar, então ela vai ficar responsável só pelo vestido – ele puxou a poltrona para mais perto e apoiou o cotovelo na mesa dela, para ver se ela estava abrindo o sistema no notebook.

Ela fez sua melhor cara de ultraje.

– Quem você está chamando de enrolada?

– Não, ela não é enrolada. Ela me enrola. Tem data pro mês que vem? – ele olhou o calendário.

– Não! E está muito em cima. Já estamos no meio do mês!

– Sábado. Vê aí o segundo sábado de dezembro. A noiva gosta de inverno, ela vai gostar se já estiver mais frio.

– Devan! Isso por acaso é de família? Vocês sempre querem casar em cima da hora!

– Você não quer me atender? Ou vou chamar outra pessoa – ele começou a

olhar em volta, mas estavam sozinhos na biblioteca.

– Eu não vou ficar só com o vestido. Eu que escolho a cor de tudo.

– A data. Desde que o casamento não seja todo preto e a noiva compareça, não faz diferença.

– Você é um noivo muito estranho, moço. Eles costumam vir de companhia e ficam aqui só olhando a decoração e a noiva faz uma lista enorme de exigências.

– Ah... – ele ficou com os antebraços apoiados na mesa e balançou a cabeça negativamente enquanto fazia um ar preocupado. – Minha noiva além de enrolona, eu acho que os antepassados dela eram chegados a fugas. Eu até escondi o passaporte dela.

– Você o quê? – ela começou a rir.

– E tranquei as malas dela no meu armário, ando com a chave no pescoço.

– Devan! Se alguém escutar isso vai acreditar! E vai te denunciar pra polícia por cárcere privado. Coitada dessa pobre noiva. O casamento é arranjado? – ela sorria enquanto o olhava.

– Experimente procurar o passaporte e as malas.

Ele riu, mas se levantou, deu a volta na mesa e sentou na cadeira dela, colocando-a em sua coxa esquerda. Luiza passou o braço em volta do pescoço dele e se recostou contra ele.

– Você sabe que durante o expediente nós fingimos que conseguimos ficar longe um do outro – ela o lembrou.

Ele inclinou a cabeça para olhá-la e perguntou:

– Quer casar comigo?

– Você sabe que sim.

– No sábado.

Ela o beijou e disse:

– Você tem que parar de me achar enrolona.

– Daqui a quatro semanas – ele lembrou.

– Não, daqui a cinco semanas, no último sábado de dezembro. Eu sei que está livre e teremos essa semana para fazer tudo antes de completar um mês.

– Fechado, enrolona.

– Se eu começar a te enrolar de verdade você vai enlouquecer.

– Vou colocar na sua placa, a condessa mais enrolona da história deste castelo.

– Não! – ela o mordeu como vingança e começou a rir.

Ainda sorrindo enquanto lembrava disso, Luiza entrou em seu quarto, deixou a caixa na cama e foi tomar banho. Quando ela voltou e sentou na cama, sua mão bateu na caixa de papelão e ela finalmente a pegou e viu que não era uma de suas encomendas corriqueiras de lojas online. O endereço mostrava que havia vindo da Escócia, em nome de sua avó.

Sua relação com os Campbell era estranha. Enquanto seu pai estava vivo, vez

ou outra ela ainda os encontrava. A relação já não era a mesma. Sua mãe e sua avó não se suportavam e Kiara Campbell era como Rachel Warrington, a matriarca da família. De um jeito ou de outro, dava seu jeito de ainda abranger todos embaixo de suas asas. Seu pai foi o seu filho mais novo e entrou num relacionamento ruim com sua mãe e foram embora. Voltava lá de tempos em tempos, mas Agnes, nunca ia junto. Quando ele morreu, ela casou de novo, foi embora, deixou Luiza com uma irmã e nunca mais viu os Campbell. Depois da morte do seu pai então, a relação ficou péssima.

Mas ela sabia que todo o fim de ano a avó lhe mandava uma carta e dinheiro para um bom presente. Anos depois, já na faculdade, descobriu que aquela sua tia mal humorada, recebia a pensão dela que os Campbell pagavam, assim que conseguia mantê-la no colégio particular. Mas a tal tia, irmã de Agnes, vivia resmungando que era impossível mantê-la, não lhe dava dinheiro e mentia que o pouco que tinha era dela ou enviado por sua mãe.

– Já estou um pouco velha para ficar recebendo cartinha de Natal – resmungou Luiza enquanto desembulhava a caixa.

Quando tirou todo o papelão e o plástico bolha, surpreendeu-se ao encontrar uma caixa antiga de madeira. Ela soltou a tampa e encontrou um envelope com uma carta de Kiara. Ela era uma senhora de setenta e tantos anos, mandava cartas e pronto. Os e-mails que se danassem. A frente do envelope estava escrito: Para Luiza Campbell.

Luiza,

Essa não é uma das minhas cartas de final de ano. Ainda pretendo enviá-la para você. Pelos meus cálculos você fez vinte e seis anos e já não deve ter a mesma graça quando lhe envio um cheque e um cartão de Natal com figuras bonitas. Mas é a única relação que temos. Estou velha, espero que entenda que prefiro fingir que você é como meus outros netos e espera receber meu cartão todo ano.

Eu soube através daquela sua tia, uma mulher muito mal educada, que você havia se mudado. Sinceramente, eu sei em que termos vivemos. Você nunca mais veio à Escócia e mal deve se lembrar daqui e eu também não fui à Inglaterra procurá-la. Tenho pavor de avião e minhas costas doem. Mas meu endereço é o mesmo de todas as cartas que enviei e eu apreciaria muito que você me informasse toda vez que se mudar. Tratar com aquela rapariga é muito desagradável.

Sabe, foi surpreendente saber que você está morando no castelo de Havenford. A mulher não me deu o endereço, mas eu sei onde é. Já estive aí, é muito mais perto da Escócia do que Londres, aquele lugar horrórico no qual você morava. Pedi a meu outro neto para ver o endereço na internet e sei que você receberá essa encomenda, pois se ninguém assinar, ela voltará para mim.

Eu não vou durar muito mais e diferente dos Warrington, nós não temos um

museu, temos lembranças guardadas, relíquias que doamos a museus locais e outras que passam de membro para membro dos Campbell. Mas não um santuário para manter a história da família viva para o mundo. Por isso, estou lhe enviando essa caixa e essas cartas. Verá que não estão conservadas como as que têm aí, mas fizemos o que podíamos. Até consultamos um especialista sobre como manter as antiguidades. Também não tenho todas, o tempo e o problema de passar como herança, destruíram alguns itens valiosos de nossa história. Mas nós também temos nossos heróis.

Eu sei que saberá o que fazer com isso.

Agora que está perto da fronteira, talvez queira vir resgatar mais algumas relíquias. Não entendo bem disso, mas você se formou em algo relacionado a museus, não é?

Isso também é uma desculpa para vê-la novamente.

*Até breve,
Kiara Campbell.*

Depois de recolocar a carta no envelope, Luiza viu que havia algo embrulhado dentro da caixa. Ela foi desenrolando e encontrou pedaços de papel muito antigos. Inclusive por não ter certeza do que era, o primeiro que puxou rasgou um pedaço que ficou entre seus dedos e ela ficou aterrorizada pelo que poderia ter estragado. Com medo de estragar mais, ela foi até a gaveta, pegou seu pacote de luvas e voltou até a caixa, virou o conteúdo com cuidado para não ter mais que puxá-lo. Desdobrou um dos papéis amarelados e com letras apagadas, com textura mais grossa e bem diferente do papel atual.

Em cima de uma das folhas, ela conseguiu ler.

Querida irmã,

Esse é o último mensageiro do ano que conseguirei enviar para tão longe. Por favor, dê-lhe abrigo por uns dias para que descanse da longa jornada, ele deve levar o irmão como companhia. Estou lhe enviando esta carta para contar que Helena fugiu. Não precisa se preocupar, ela já foi encontrada. Mas eu precisava lhe informar que agora ela se encontra em Mounthill, nossa antiga casa. E eu acho que vai ficar por lá.

É uma longa história, na verdade ela fugiu para impedir um casamento que não aconteceu e acabou fugindo de novo e bem... Ela teve que se encontrar comigo para levar uma surra que também não foi nada parecido com a surra que ela merecia.

A pobre menina é apaixonada por Rey desde sempre. Ele é mais velho do que ela, não queria nada com uma garotinha, mas o que posso fazer? Acho que ele mudou de ideia.

Sinto muito que o seu outro mensageiro tenha sido assassinado. Mande uma resposta por este que estou lhe enviando, garanto que ele é muito rápido e leva o irmão que o protege. Eu sinto sua falta, a cada ano fica mais difícil nos

comunicarmos.

Ainda dói muito ficar aqui sozinha e eu finjo que superei, mas toda vez que fico sozinha, eu sinto a falta dele desesperadamente.

Luiza não acabou de ler a carta, ela a deixou lá, foi até o banheiro, fechou a porta como se houvesse mais alguém no quarto, andou de um lado para o outro, mas acabou sentando sobre a tampa do vaso e cobrindo o rosto com as mãos enquanto chorava. A emoção que tomou conta dela naquele momento foi tão forte que era como sentir Elene vivendo dentro dela novamente. Levou uns minutos para passar. Ela lavou o rosto e antes de sair usou um pouco de colírio para tentar tirar a vermelhidão.

Agora ela sabia de tudo. Suas memórias às vezes ainda se embaralhavam e ela as esquecia, mas em outros momentos vinham a sua mente, claras como o dia. Ela sabia que isso a acompanharia para sempre. E ver a letra de Elene novamente, a fez lembrar que agora elas tinham mais um segredo só delas. As cartas que Elene deixou por cada local que passou, eram para Luiza. Sua melhor amiga. Agora ela sabia disso. E havia feito o que Elene pediu, a reencontrou onde o conde estaria.

Assim que deixou o banheiro, ela foi até o seu celular, abriu o Whatsapp e chamou Devan. Ela costumava estar com o Iphone em cima de mesa e quando estava escrevendo o telefone dele ficava no silencioso, mas notificava se fosse uma das pessoas fora de sua lista silenciosa. Pouco depois ele passou pela porta do quarto dela e a encontrou sentada na beira da cama, ainda usando as luvas.

– O que aconteceu? – ele lhe perguntou e por mais que ela houvesse mascarado com o colírio, ele franziu o cenho ao olhá-la.

Luiza lhe deu a carta que sua avó lhe enviou, já fazia um tempo que ela derramara todo o drama de sua vida sobre ele que, ao contrário do que ela temia, nem piscou. Tão pouco saiu correndo. Ele leu a carta e seu cenho se franziu ainda mais, chegou perto da cama e olhou a carta aberta que ela esteve lendo.

– Onde estão as cartas que Dora enviou? – ela perguntou baixo.

Ele ainda estava lendo o conteúdo da carta sobre a cama, a única que ela abriu, as outras continuavam dobradas e as luvas dela não cabiam nele.

– Só temos duas.

– Por quê? Aqui tem umas oito...

– Não sei – ele disse baixo e ficou de pé, olhando-a.

Luiza não estava lhe dando tempo para processar toda aquela informação. Sua mente ainda estava lidando com o que a avó dela escreveu, suas suspeitas confirmadas e ele nem conseguira assimilar que estava lendo algo escrito por Elene. E sua futura esposa, era como ele. Só que pertencia aos Campbell. Ele ia ficar eternamente pensando na probabilidade de algo assim acontecer. Um dia, há muitos séculos, suas árvores genealógicas partiram do mesmo ponto.

E ele não podia imaginar o que os levou a se encontrar. Ou podia...

Ela voltou a olhar para baixo, reparando em suas mãos enluvadas. Devan apoiou a mão na cama e releu a carta aberta, passando o olhar pelas outras e vendo como estavam maltratadas e Luiza deixara o pedacinho rasgado de uma delas dentro da caixa para não se perder. Ele não sabia nem o que lhe dizer, então voltou à sua última pergunta.

– Aqueles itens que foram enterrados com Elene, nós nunca soubemos exatamente o que eram. Mas desconfio que algumas cartas da irmã foram junto. E só encontramos duas perdidas, ela provavelmente as esqueceu. Ou se perderam ao longo dos séculos.

Devan apertou as mãos, vendo que ela estava triste e ele não sabia nem por que. Estava novamente se sentindo como aqueles meses estranhos depois que ela levou aquela pancada na cabeça e ficou semanas lhe fazendo perguntas estranhas sobre detalhes que parecia ter esquecido. Às vezes ela chorava e se afastava e ele não fazia ideia do motivo. Levou uns meses até ele achar que ela estava de volta ao normal.

E sim, ele a obrigou a ir ao médico ver se havia algo mais naquela pancada em sua cabeça. Claro que não havia, na época ele ficou aliviado e preocupado ao mesmo tempo.

Luiza não podia lhe dizer nada, essa época da vida de Elene era tão desconhecida para ela quanto para ele. Mas algo lhe dizia que ela havia levado as cartas da irmã para o túmulo. Talvez houvesse algo ali que não quisesse que ninguém mais lesse, nunca saberia.

– E as duas que encontraram eram bem mais antigas do que essa que acabei de ler.

– Elas não estão em exposição – ela comentou.

– Elas estão borradas, mas tem cópias dos textos. Assim como aquelas cartas do conde para Elene que precisam do texto digitalizado ao lado porque as letras borraram pelas lágrimas.

Ela já parecia miserável, ele não queria ficar lhe dizendo que Elene chorara sobre as cartas do conde que ela relia e nem sobre as duas cartas da irmã que eles tinham. Do mesmo jeito que antes, quando não sabia como lidar com ela, Devan apenas abaixou e a abraçou. Era reconfortante para ambos, ela se agarrava a ele e aceitava o conforto.

– Tudo bem? – ele perguntou, quando se afastou dela.

– Sim.

– Eu não sei bem o que lhe dizer agora – ele confessou.

– Acho que você nunca ficou sem palavras antes.

– Eu fiquei, todas as vezes que você me mandou passear.

Ele conseguiu arrancar um leve sorriso dela.

– Eu não deveria pedir isso, mas você consegue abrir as outras?

Luiza assentiu e foi abrindo cuidadosamente as outras.

Querida Dora,

Eu odeio dar notícias ruins nas poucas vezes que nos comunicamos. Mas aconteceu o que eu mais temia, meu marido morreu. Eu estou sozinha nesse castelo, com meus três filhos e apesar de todos em volta, fico andando pelos corredores sem saber o que fazer.

Os garotos querem fingir que são fortes, mas são crianças e vão quase diariamente chorar no túmulo do pai. Haydan está sofrendo, sabendo que agora é o conde e perdido porque é novo demais para isso. Ao menos Helena é tão nova que consegue se distrair em suas brincadeiras, mas às vezes esquece e pergunta pelo pai. Então se lembra que ele se foi e deixa escapar um daqueles choros de genuína dor.

Eu não posso ficar chorando na frente deles e dessas pessoas daqui. Sabe quantos idosos morreram de tristeza após a morte dele? Eram pessoas que surpreendentemente, apesar da vida de trabalho, estavam muito mais velhas do que nós provavelmente seremos.

Eu já sequei minhas lágrimas, ainda tenho uma missão. E ele me pediu algo que atenderei. Além disso, aquela família dele voltou. Seu maldito primo está vivo e eu sou uma viúva com filhos pequenos. Se algo me acontecer, o maldito primo deles será o tutor dos meus filhos. Ele pode até pedir isso, mesmo que eu esteja viva. Haydan não pode mais sair do castelo sem grande proteção, Christian acha que ao invés de se proteger, precisa proteger o irmão.

Os próximos anos serão difíceis aqui. E não acho seguro que me visite por enquanto, mesmo com seu grupo tão forte de escoceses das montanhas. Sinto muito a sua falta. Mas nos veremos novamente.

*Com amor,
Elene.*

Devan impediu que Luiza lesse essa carta agora, ao invés disso lhe mostrou uma outra em que Elene estava muito animada e contando a Dora sobre as peripécias amorosas de Haydan, seu casamento desfeito e a outra moça que era apaixonada por ele. Era uma confusão enorme. Envolvia Christian e uma moça que se escondeu nua em sua cama. E Helena que deu uns tapas na moça pelada. Ao menos ela começou a rir lendo tudo aquilo.

– Acho que já podemos contar a Marcel – ela disse, mais animada.

– Ele vai infartar, é melhor dizermos com cuidado – disse Devan.

– Ele vai começar a chorar quando ler tudo.

– E ter ataques histéricos sobre não terem sido devidamente preservadas. Vai inclusive mandar uma carta muito mal criada à sua avó por ter escondido isso. Se você não viesse para cá, acho que nunca veríamos nada disso.

– É mesmo, eu não havia pensado nisso.

– Quantas vezes eu lhe disse que não nos encontramos à toa? – ele deu um beijo leve em seus lábios.

Luiza apenas ficou olhando para ele por um tempo e acabou dizendo:

– Você não faz ideia...

– É, nenhuma. Mas você é praticamente um patrimônio histórico perdido. E eu vou mantê-la bem aqui. Preservada, amada e vigiada.

Agora ela riu de verdade. Eles ligaram para Marcel que apareceu lá de roupa de dormir e tudo. Não estava tarde, não eram nem dez horas, mas ele já estava lá em cima lendo e relaxando.

– O que diabos vocês estão dizendo? – ele entrou exclamando, até lembrando Afonso. – De onde saiu isso?

Ele movia as mãos no ar, quase em pânico quando os dois o deixaram pôr os olhos nas cartas.

– É da família dela. Ela é uma Campbell.

– Eu sei que ela é uma... – Marcel começou a dizer, mas sua mente completou o raciocínio. – Virgem Santa! – ele exclamou, olhando para ela como se nunca a houvesse visto na vida. – Disso eu não sabia!

– E do que você sabia? – Devan levantou a sobrancelha.

– Oras, eu sabia do... – ele se enrolou um pouco, formulando a resposta. – Sabia que era parecida. Eu até imaginei, mas não pensei que fosse.

Marcel olhou para as cartas, mas reprimiu sua vontade e voltou ao assunto principal.

– E o que vocês dois estão fazendo? Parece até que não trabalham aqui! Embalem as cartas imediatamente, vou buscar o material adequado. Elas vão para a restauração amanhã, na primeira hora. Vou ligar pro meu amigo lá. E não toquem nisso sem luvas! Isso não parece ter sido mexido em anos e vocês estão expondo à luz inadequada! – ele saiu correndo do quarto para buscar luvas e o material para embalar.

Depois que Marcel embalou tudo, confiscou e levou com ele para deixar lá no armazenamento, Devan fechou a porta e ficou com Luiza. Ela estava pensativa e por um tempo não disse nada. Ele abriu a gaveta do criado mudo, porque estavam vivendo um no espaço do outro e encontrou o seu leitor digital de E-books, um Kindle negro. Ele ficou lendo por um tempo e mantendo o outro braço em volta dela que estava deitada junto a ele. Só depois ele percebeu que ela estava acordada e lendo partes das páginas que ele passava.

– Você está lendo um livro meu, de novo – ela comentou, reconhecendo a história de um dos romances que leu há pouco tempo.

– Eu gosto de saber o que você anda lendo. E olha... Esse é o pornô romântico mais bem escrito que eu já vi – ele brincou.

– Não é pornô, é um romance. Um pouco erótico... mas cheio de suspense. Já descobriu quem matou o irmão do namorado dela?

– Desde que ele morreu.

– Você é insuportável – ela levantou a cabeça e encostou o nariz no pescoço dele, inalando seu cheiro bom e conhecido e o acariciando ali.

– Pode ser, mas você adora quando leio seus livros.

– Ultimamente gosto mais quando você lê os romances. Debater Geralt de Rivia com você não é nada sensual.

– Ah, é sim.

– Não. Aqueles monstros mitológicos são muito antissexuais.

Luiza desceu a mão pelo abdômen dele e ela sumiu por baixo do cobertor, quando achou o que queria, ela sorriu. Devan soltou o ar e o braço que segurava o Kindle caiu na cama. Ele adorava quando ela tomava a iniciativa e o surpreendia.

– Acho que vou terminar de ler depois – ele comentou.

– Nada disso. Continue lendo pra mim.

– Você só pode estar zoando – ele mordeu o lábio, só com o que ela estava fazendo com a mão.

Luiza chegou mais perto e passou a perna por cima dele, apoiando-se em seus joelhos e puxando o cós da calça de dormir que ele usava.

– Sabia que, em nome da tradição, da moral e dos bons costumes e em solidariedade aos seus antepassados que seguiram ao pé da letra a tradição para se casar aqui, nós devíamos ficar castos até o casamento?

Ele já estava rindo na primeira parte da frase dela. E o mais engraçado é que ela dizia tudo isso enquanto já estava abaixando o seu boxer e os dois sabiam muito bem o que ela pretendia fazer ali embaixo.

– Pelo amor de Deus! Não! Eu tenho pesadelos só de pensar em ficar casto com você – ele respondeu, levantando um pouco o quadril e deixando-a tirar tudo.

– Eles aguentaram as bolas azuis.

– Você não sabe o que eles faziam escondidos pelos cantos...

Ela lhe lançou um olhar malévolos antes de continuar.

Capítulo 25

Devan havia surpreendido os Warrington ao convidar todo mundo para passar o final de ano no castelo. Ele sabia que nem todos iam poder, mas tinha certeza que teria uma grande participação dos mais velhos. Aqueles que evitavam viajar, mas para ocasiões especiais estavam sempre dispostos.

Ele custou a decidir se deveria convidá-los para o Natal ou Ano Novo, acabou decidindo pelo último, assim encerrariam a reunião familiar com a linda queima de fogos que partia do castelo na virada do ano. E estavam todos convidados para chegar a partir do dia vinte e oito.

Mas, no dia vinte e sete, ele foi surpreendido por uma visitante adiantada. Quando chegou ao salão, Devan encontrou a avó de pé em frente às portas, apreciando o ambiente com o olhar, admirando o enorme lustre e andando por perto da mesa principal e recolocando no lugar coisas que os turistas às vezes moviam.

Rachel Warrington já passara dos setenta anos, mas ela se recusava a ceder e felizmente seus problemas de saúde não incluíam a coluna. Ela andava pelo salão com a coluna ereta, alta e elegante. Apesar de ela dizer que a idade já lhe dera uns dez quilos. Mas era ativa e impunha sua presença como a matriarca dos Warrington.

– Afonso me disse que havia “alguém” me esperando – disse Devan, andando para perto dela.

– Eu disse aquele rapaz sorridente para não abrir o bico.

Ela passou o braço em volta do neto e ele se curvou para ela lhe dar um beijo. Ele também envolveu os ombros dela com o braço direito e lhe deu um beijo na têmpora. A grande árvore de Natal que era montada bem na entrada do salão ainda estava lá, toda iluminada e com a estrela no topo. Rachel tomou seu tempo olhando para ela.

– Por que será que eu sabia que você viria antes? – ele perguntou.

– Porque você felizmente não é bobo. Essa cabeça funciona muito bem. Amanhã aquela velharada toda vai chegar aqui em torno de meio-dia. Você sabe como eles são.

– Vou ter o almoço pronto – ele confirmou.

– Ótimo. Vamos nos sentar porque foram duas horas sentada no carro, ainda estou meio incerta.

Ele a levou para o andar de cima onde a deixou em uma poltrona confortável na sala de estar que dava para o rio. Ele acendeu a lareira e buscou biscoitos doces e cappuccino para a avó. Ela não bebia mais chá essa hora e ia ficar danada da vida se ele aparecesse com uma xícara. Também ia lhe dar um casculo se viesse com biscoitos salgados. Isso tiraria seu apetite.

Quando Devan voltou e sentou-se na poltrona, já sabia que ia escutar algumas coisas da avó. Mas ela estava mais interessada em saber das novidades dele.

– Sua irmã me disse que quando você foi ficar lá em casa antes do lançamento do livro, já estava com os quatro pneus arriados por essa moça – disse a avó.

– Os pneus, o estepe, o carro todo...

– Mas que menina má – ela sorriu por cima da xícara.

– Podemos ir comer lá perto do rio – ele sugeriu a avó.

– Vou adorar, faz tempo que não vou lá. Senti falta. Podemos ir naquele restaurante bem no final da rua?

– Claro, é o mesmo que Marcel adora.

– Aquele velho rabugento... – Rachel murmurou.

– Eu vou me casar com ela, vovó – ele disse de repente e de acordo com seus relacionamentos anteriores, esperou que a avó ficasse preocupada, mas ela o surpreendeu ao parecer interessada.

Rachel descansou a xícara e o olhou.

– Que bom para você, querido. Ela quer?

– Ela é mais escorregadia que enguia na manteiga.

– Não a deixe saber que você falou isso. Nem todo mundo aprecia frutos exóticos do mar – ela observou com um sorrisinho sacana.

– Há algo sobre ela que você precisar saber.

– O quê? – agora ela o olhou seriamente. – Ela já foi presa? Assassinou o ex-marido? Também gosta de viver viajando? Ou é outra psicótica com ciúme da própria sombra? Não me diga que ela quer um casamento aberto. Pior que isso, só se ela fosse uma descendente dos Golwin! Malditos sejam, ainda bem que sumiram.

– Não, nada disso – Devan divertiu-se e ficou de pé. – Que tal você descansar um pouco antes de irmos jantar?

– Ah, pelo amor de Deus. Odeio quando você esconde algo. Sempre me bota pra beber um chá, comer algo, descansar... como se eu fosse uma velha histérica que precisa se acalmar.

– Só enquanto eu tomo banho.

– Boa ideia. Vou me enfiar na banheira e acalmar meus supostos nervos em frangalhos.

Ele sabia que na verdade ela adorava o quarto que tinha no castelo, era seu, apesar de já ter se mudado dali há anos. Mas sempre que voltava era lá que ficava, bem ao lado do quarto de Elene.

Do outro lado do castelo, Luiza andava de um lado para o outro no seu quarto, retirando roupas dos cabides e das gavetas.

– Droga, Afonso! Eu não tenho roupa pra isso – ela jogou mais um vestido sobre a cama.

– Para de histeria! Respira, conta até dez.. – ele movia as mãos no ar lentamente, como se enviase ondas calmantes para ela.

– Mas foi você que chegou aqui histérico e me aterrorizou! – ela acusou, jogando um cabide para cima dele.

– Tudo bem, esquece. Vamos recomeçar – ele voltou até a porta, passou por ela e a encostou, então entrou novamente no quarto. – Amorzinho! – ele abriu um sorriso. – Adivinha quem está aqui pro jantar! Vovó Warrington. Ela chegou mais cedo, só pra ter aquela conversinha com o neto. Tenho certeza que veio conhecê-la, ainda mais depois das duas peças anteriores a você. Você sabe que ele é o conde, mas ela quem segura a família pelo cabresto.

– Isso não está ajudando, Afonso. Será que posso vê-la só amanhã?

A porta tornou a abrir e Peggy entrou correndo.

– Ai, meu Deus! Rachel Warrington está no castelo! O que você vai fazer? Ela com certeza veio atrás de você! – exclamou Peggy.

Afonso quase deu um ataque.

– Sai daqui, sua vadia histérica! Está pior do que eu!

Ela empurrou o irmão para o lado e foi para a cama, resgatar o que Luiza havia jogado lá. Começou a olhar as peças e dizer:

– Essa aqui não. Essa não... Isso é uma calça? Não! Isso parece bom. Essa blusa também. Esse vestido vai parecer luto. Esse aqui parece festa campestre. Ah, esse é lindo!

– O quê? – exclamou Afonso. – Não vou deixá-la aparecer lá com essa coisa! – ele tomou o vestido da mão da irmã e examinou. – Que malha sem graça é essa? Jamais! Aliás, vamos queimar isso. Condessa tem que ter alergia a esse tipo de tecido – ele foi para o closet de Luiza escolher outra coisa.

Eles escutaram uma leve batida na porta e Marcel se inclinou para dentro.

– Não quero aterrorizar ninguém. Mas a bruxa má da torre está no castelo – ele avisou.

– Marcel! – exclamaram Luiza e Peggy.

Um pouco depois Luiza já havia sido jogada embaixo do chuveiro e tivera que escolher entre as opções de roupa que Afonso e Peggy escolheram, mas discordavam sobre.

– Vocês estão dando escândalo à toa. Ela não ia vir antes só pra me ver – ela disse, enquanto passava uma escova pelo cabelo.

Realmente, Afonso e Peggy estavam mais nervosos do que ela. Mas os dois começaram a gargalhar quando ela fez essa alegação ingênua.

Marcel entrou na sala de estar do segundo andar, ele usava uma combinação de suéter e calça em tons de azul. Ele estampou um sorriso irônico enquanto

avançava até as poltronas perto da lareira.

– Você é mesmo uma controladora, não é? Mas já vou avisando, dessa vez você vai ter que se sentar.

Só pelo perfume, antes de se virar, Rachel já sabia quem era. Ela estava ali aguardando o neto que foi procurar a noiva.

– E você não consegue ficar lá no terceiro andar sem vir me provocar, não é, seu velho inoportuno?

Ele se sentou na outra poltrona e a encarou.

– Sabe, você não consegue mudar. Parece que não se passou um dia.

– Passaram-se uns vinte anos... – ela comentou.

– E continuamos aqui, vivos, implicantes e na mesma sala.

– Mas muito mais lentos e rabugentos – Rachel sorriu.

– E não vai entrar uma dupla de fedelhos de treze anos por aquela porta.

Rachel soltou o ar longamente, lembrando-se daqueles dias com saudade.

– Afinal, vou ter que me sentar por quê? Eu não te disse para mantê-lo longe dessas aventureiras malucas, mulheres controladoras, loucas mimadas e viciadas em viagens e toda a sorte de mulher que fosse estragar tudo?

– Você fala como se ele ainda tivesse treze – Marcel balançou a cabeça. – Aliás, naquela época ele já estava aprendendo a escolher as próprias namoradinhas.

– Eu considero culpa sua não ter me avisado antes que ele pretendia se casar com aquele pesadelo de moça. A pior condessa da história dessa família.

– Você não supera isso...

– Superei – ela levantou o queixo e completou. – Apaguei o nome dela do histórico familiar.

Os dois riram dessa declaração.

– Eu estava esperando por essa – Marcel disse de repente.

– Não posso imaginar porquê. Imagino que essa vá me deixar louca também e você adora me ver em maus lençóis.

– Ainda bem que eu sei que a única coisa que te preocupa é o coração do seu neto.

Rachel deu um sorriso leve e cúmplice.

Do lado de fora, Luiza ajeitou o vestido e olhou Devan que estava espionando pela brecha da porta. Ele sorriu levemente, ele ainda achava que sua avó e Marcel tinham uma história que nunca contariam a ele.

– Vem – ele estendeu a mão para ela e abriu a porta, aproveitando a deixa para não interromper o assunto dos dois ali dentro.

Marcel ficou de pé e ajeitou o suéter, seu olhar foi de Luiza para Rachel que tomou seu tempo, se virando para ver o neto chegando. Ela era mesmo apaixonada pelo seu casal de netos, mas ao invés de admirar mais uma vez a

beleza loira de seu neto, o olhar dela se prendeu na jovem que ele trazia e quanto mais perto ela chegava, mais Rachel ia franzindo o cenho.

– Vó, essa é Luiza Campbell, minha noiva – ele a trouxe para mais perto. – Essa é minha avó, Rachel Warrington.

Rachel apoiou as mãos nos braços de poltrona e foi ficando de pé. Devan deu um passo à frente e lhe ofereceu a mão, só porque estava mesmo distraída ela aceitou o amparo e chegou mais perto.

– É um prazer conhecê-la – disse Luiza, imaginando que isso era o mais adequado para o momento.

– É ótimo finalmente ver quem enfeitiçou meu neto desse jeito. A história já correu a família.

Rachel colocou os óculos quando chegou bem perto dela para ver seu rosto. E Afonso resolvera deixar o cabelo dela solto, ele caía em ondas que cobriam seus ombros e a luz amarelada do lustre interferia na coloração...

– Meu Deus do céu, onde você a encontrou? – Rachel perguntou, tão assustada que não estava se lembrando de cumprimentá-la adequadamente.

– Na verdade, ela me encontrou... – disse Devan.

– Não vá cair dura – intrometeu-se Marcel. – Até eu resisti.

– Fique quieto, seu velho implicante! – Rachel pegou a mão de Luiza e a apertou. – De onde você vem?

– De Londres, mas eu não nasci muito longe daqui...

Rachel assentiu, mas ela estava mesmo era olhando para os olhos de Luiza. Não a encarava, só os admirava mesmo.

– São idênticos – ela olhou para o neto, depois tornou a olhar Luiza. – Meu Deus, são idênticos.

Rachel precisou se sentar novamente, mas como ela não soltou a mão de Luiza, ela acabou indo ficar bem perto dela. Devan olhou para Marcel que balançou a cabeça negativamente, ele não queria dizer ainda que Luiza tinha um pai escocês e...

– Os Campbell ainda tem a árvore genealógica intacta assim? Eu pensei que a essa altura já houvesse se perdido e... – ela continuava olhando para Luiza, mas olhou o neto. – Ela não pode ter essa aparência e não ser daqueles Campbells, não é?

– Não, vó. Não pode mesmo – ele sorriu levemente e olhou Marcel.

– A senhora não conhece minha família, não é? – perguntou Luiza.

Rachel jamais saberia como era a voz de Elene, sua famosa antepassada. Mas se um dia ela imaginasse, com certeza o som seria parecido com a voz de Luiza.

– Não, meu bem – ela tocou o dorso da mão de Luiza. – Famílias tão antigas nem sempre conseguem continuar existindo, mas só de olhar pra você... Isso é simplesmente tão... fantástico! – ela olhou Devan. – E você ficou mesmo de

coração quebrado e foi viajar pelo mundo para tentar curar seu amor por ela? Que garoto tolo! Nunca funcionaria!

– Não precisa me expor tanto, vovó. Eu ainda preciso fazê-la chegar ao altar – disse Devan, um pouco encabulado.

– Você por acaso não tem o dom de encontrar frutas doces também, não é? Pelo menos nós não herdamos esse privilégio – disse Rachel, sorrindo, mas observando Luiza.

– Creio que não... – ela murmurou.

– Se conseguir encontrar as únicas uvas doces em uma terrina cheia delas contar, então ela tem sim... – Devan franziu o cenho, lembrando-se do café da manhã em Riverside, no mesmo dia que encontraram o primeiro cofre.

– Coisas assim não acontecem por acaso – Rachel olhou em volta. – Afinal, ainda vamos jantar? Quero saber tudo sobre essa mocinha aqui – ela deu batidinhas na sua mão e estampou um sorriso porque só olhar para ela a emocionava. – Se estou certa, ela herdou uma veia fujona também. Acho melhor trancarmos o castelo até o casamento!

Rachel sorriu quando Devan concordou e olhou novamente para Luiza. Não queria assustar a garota, mas ela estava chocada. Achava que precisava passar uma semana ali no castelo só para poder olhá-la o suficiente para se acostumar. E ia mandar checar os Campbell, se a linha genética deles seguia tão forte, ela sentia como se eles fossem uma parte da história dos Warrington. Talvez houvesse mais para descobrir do passado deles naqueles campos do século XV quando Elene, Dora e seus filhos eram vivos e podiam ter vivido mais aventuras do que os escritos contavam.

Assim como Elene e muitas outras futuras condessas fizeram um dia, Luiza parou à frente do corredor suspenso que ligava o prédio principal do castelo à torre da capela. Ela respirou fundo algumas vezes, tentando se acalmar. Bridgit havia arrumado todo o casamento tão rápido que ela nem teve tempo de viver aquele mês de desespero das noivas. Aliás, não teve mesmo, já que quem marcou o casamento foi o noivo.

Marcel estava lá do outro lado da ponte acenando, todo orgulhoso em sua roupa de pinguim. Quando Devan resolveu que deviam se casar logo e disse que ela podia se preocupar só com o vestido, Luiza reclamou. Devia era ter aceitado. Ela acabou descobrindo que se casar com um conde não era assim tão fácil. E aquele papo de estarem no século vinte e um? Ela tinha uma capela inteira de Warringtons esperando por ela e toda a cidade desse lado do rio festejando o casamento do conde.

– Meu bem, não fique sem ar agora. Pelo amor de Deus – disse Afonso,

segurando a mão dela. – Vamos, vamos logo que noivas perto de lugar alto assim eu fico com medo.

Ela aceitou o apoio, segurou a mão dele e foi atravessando o corredor suspenso lentamente, olhando a paisagem como as noivas que caminhavam por ali sempre faziam.

– Eu levo meus deveres de padrinho muito a sério – disse Afonso e ele levou mesmo. Nunca havia trabalhado tanto num casamento no castelo. – Juro que te entrego lá na capela, nem que te carregue em cima da cabeça. Com esse vestido e tudo!

Ela já havia visto aquilo, a memória era como um sonho, mas a subida em espiral deixara uma sensação similar. E esse vestido complicava ainda mais para subir os degraus. Ao menos não tinha a cauda para dificultar.

– Eu sempre soube que havia sido feito para um casamento na realza! – Afonso estava tão excitado que não parava de tagarelar.

– Você está subindo um grau na hierarquia – avisou Marcel.

– Aos diabos! Eu sou o padrinho. Ela está igual a uma princesa – exclamou Afonso. – Ai, eu sabia que devia ter tomado outro calmante.

Marcel parou no patamar da capela e deu a mão à Luiza, ajudando-a com o último degrau. Ela estava novamente mais alta do que ele com aqueles saltos.

– Ela está uma condessa digna – disse Marcel, dando-lhe um sorriso grande e orgulhoso.

Luiza estava mesmo se sentindo especial em seu vestido de noiva. Era moderno, nada parecido com aquele que ela gostava de olhar no quadro da noiva do inverno para o qual Elene pousou. O seu era perolado, em tafetá e seda. As mangas sobre seus ombros eram diáfanas, feitas apenas para os apliques em ouro que combinavam com os detalhes na saia do vestido e começavam na altura de sua coxa, afunilando a saia e descendo sobre o tafetá. O decote em coração, apenas simulava um tomara que caia já que as mangas pareciam de enfeite, mas prendiam o corpo justo do vestido e deixavam que ela se sentisse feminina e sensual. Fazia bem para a noiva. Ela estava sentindo-se especialmente bonita e confiante hoje.

– Pronta? – perguntou Marcel. – Devo avisá-la que esses sapatos não são apropriados para sua fuga escada a baixo. E eu desconfio que o noivo vai persegui-la.

Ela riu o que aliviou um pouco aquele frio na barriga que dava antes de entrar na capela e prometer o resto de sua vida a outra pessoa.

– Vamos lá – ela disse, decididamente.

Os dois foram lentamente pelo centro da capela, Afonso já tinha entrado na frente e tomado seu lugar de padrinho da noiva. Os olhos de Luiza passaram pelo ambiente discretamente enfeitado, a capela já era um lugar e tanto. E eles estavam se casando no final da manhã, com a luz solar iluminando os vitrais e

causando o contraste dos tons de vermelho e dourado.

Devan deu um passo à frente, ele estava simplesmente um sonho. E a noiva nem precisava mais se forçar a não se sentir atraída. Ele continuava com aquele corte curto e hoje bem penteado e misturando os tons de loiro do seu cabelo. Apesar do terno nupcial negro e bem cortado, feito só para o casamento, torná-lo uma visão que ela nunca esqueceria, era o sorriso dele que deixaria a memória especial. Era uma mistura de ansiedade e encantamento, ele moveu as mãos e as segurou, como se estivesse se forçando a seguir o seu papel e não tomar logo a noiva que Marcel trazia em passo mais lento do que tartaruga andando para trás.

O fotógrafo não parava de tirar fotos e ele também queria dar um chute nele para sair dali. Quando ele finalmente segurou a mão dela e a observou à sua frente, ficou parado ali por um momento, só olhando para ela.

– Você é a visão mais indescritível que eu já tive. Não conseguiria descrever isso nem passando anos na frente do teclado – ele disse, só pra ela.

O casamento tinha todo um cronograma bem ensaiado, mas ele não estava nem aí. Tinha que lhe dizer algo, mas não conseguia formar frases que expressassem o que estava sentindo. Era puro arrebatamento.

– Vamos nos casar logo e fugir daqui – ele disse, segurando a mão dela e virando-se para o altar.

– Não vamos fugir coisa nenhuma... – ela sussurrou para ele.

Dessa vez o noivo não tinha dúvidas se o anel caberia, porque mandara fazer as alianças, mas Luiza lhe devolveu o anel dos Warrington quando ficaram noivos e depois de enfiar a aliança no dedo dela, ele colocou o anel. E sua expressão era enigmática enquanto olhava, vendo-o pela primeira vez no dedo dela.

– As coisas mudaram um bocado por aqui. E eu não tenho espada, cavaleiros, arqueiros e muito menos um exército esperando para protegê-la – o polegar dele ainda estava passando sobre o anel dos Warrington que acabara de pôr em seu dedo. Ele olhou para o que fazia e tornou a encará-la. – Mas eu vou fazê-la feliz. Todos os dias. Vou errar um bocado, mas ainda vou fazê-la feliz. E com ou sem espada, se alguém quiser machucá-la, vai ter que passar por mim.

Ela ficou sorrindo para ele, agora poderiam mesmo fugir dali.

– Seu conde bobo, eu que vou fazê-lo feliz e protegê-lo. Também não tenho uma espada, mas sou muito boa com um atizador de lareiras – ela provocou, arrancando um enorme sorriso dele.

Eles se beijaram e se viraram para os outros. Dessa vez Luiza sabia que não havia touro nenhum no espeto e ninguém faria uma pintura sua, mas teria umas quinhentas fotos e vídeos como lembrança.

O casamento parecia outra vez uma festividade que parava a cidade. Ao menos aquele lado do rio de Havenford havia parado para o conde se casar e todo mundo queria ir e também enviara presentes para garantir um lugar na festa.

E Luiza tinha convidados. Poucos, mas tinha. Ela chamara seu professor que lhe indicara para o trabalho ali. E havia enviado convites a Kiara Campbell. E para sua surpresa, ela confirmou presença. E veio com os tios dela e seus primos.

Como um sentimento de obrigação, Luiza convidou a mãe também, mas quando ligou para saber se ela iria, sua mãe veio com aquela história de sempre de ser “muito difícil” ainda mais por que agora tinha filhos que precisaria levar. Luiza resolveu acabar com aquela sua dependência platônica e disse adeus à mulher que chamava de mãe por pura convenção. Não ia mais telefonar e nem mandar e-mails. Aquele era o fim de sua ilusão, não ia mais fingir que ainda tinha uma mãe.

Quando todos já estavam lá embaixo, divertindo-se na festa e o conde saiu à procura de sua nova condessa, não havia nenhum cavaleiro armado a guardando e ele tampouco temia que algo ruim houvesse acontecido a ela por já ter passado por outras experiências ruins.

Aquele conde do século XV se esforçou muito para que seus descendentes não tivessem que passar por isso. Mas o conde atual a encontrou no mesmo lugar. Ele não sabia disso, mas ela ainda lembrava onde era. Era uma das memórias que não desapareceriam.

– Eu te achei, Elene – Luiza disse baixo e se aproximou mais da beira, tirou algumas flores do seu buquê e deixou cair ali. – Eu te encontrei outra vez. E encontrei também o que você queria – ela ficou ali parada e sentiu uma lágrima descer pelo seu rosto. – Eu também sinto muito ter te deixado sem dizer adeus. E eu juro que nunca vou esquecer você, tudo que fizemos e o amor que partilhamos.

Ela ouviu o som dos passos se aproximando, sorriu levemente, levantou o buque e sentiu o cheiro das flores tão vermelhas quanto foi o corpete do vestido no qual Elene se casara, depois o manteve junto a seu peito.

– Está muito frio aqui, Luiza – Devan disse a ela e passou o braço em volta de seus ombros, puxando-a para a quentura do seu corpo. – Não quero vê-la congelada antes de cortarmos o bolo.

Ela abriu um sorriso e se abraçou a ele, enquanto observava a paisagem branca e bonita, já coberta pela neve. Uma vez um conde que ela conheceu há muitos e muitos anos disse que parecia que tudo ali acontecia no inverno. Ele continuava certo.

Q uatro anos depois...

Devan desceu os degraus da entrada do castelo com o bebê no colo. Era final de Outono, então ele colocara um macacão bem quente na filha. Sentou-se nos degraus e deixou as pernas dobradas, sentando o bebê em seus joelhos enquanto o segurava por baixo dos braços e o olhava. O sol agradável iluminava o cabelo

claro de ambos.

– Está gostando do passeio? – ele falou para Dora, enquanto a balançava levemente.

Dora tinha apenas dez meses, então sorria e emitia sons em resposta, batendo com as mãos nos pulsos dele. Devan desviou o olhar do bebê para o garotinho de três anos que estava correndo perto do chafariz. Quando ele o rodeava, Devan só via o topo de seu cabelo castanho avermelhado e ondulado passando rapidamente. Era a primeira semana depois do festival do Rio, então havia poucos visitantes no castelo.

Ele escutou os saltos das botas nos degraus e logo depois Luiza sentou ao seu lado, passando o braço pelo seu e encostando o queixo em seu ombro para ver o bebê.

– Oi, amor, já aprontou muito hoje? Resolveu passear e acabou com as horas de escrita do papai?

Dora balançou as pernas e focalizou seus grandes olhos verdes na mãe, excitada por vê-la também. Luiza olhou para o que Cameron estava fazendo e franziu o cenho.

Devan vinha passando boa parte do dia com as crianças, porque ele estava focado em escrever o segundo livro de sua nova série de suspense e Luiza já aprendera a substituí-lo na parte chata da rotina do castelo, liberando-o para escrever. O primeiro livro havia sido lançado há alguns meses, Luiza ainda estava grávida de Dora no lançamento. Até hoje ela reclamava do barrigão de seis meses com o qual saiu nas fotos.

O bom de Devan estar mais direcionado e com muitas ideias na mente é que durante o tempo que os dois filhos eram bebês chatinhos que ficavam acordando no início da madrugada, ele costumava ainda estar acordado e ia vê-los, deixando Luiza dormir, a menos que fosse um daqueles casos que “só mamãe resolve” ou quando ela colocava a roupa primeiro.

Eles planejaram ter filhos. Primeiro ficaram um ano aproveitando o casamento e então resolveram que era hora de tentar. Cameron veio rapidinho. Quando ele já tinha dois anos, eles decidiram que queriam os dois filhos com idades próximas para crescerem juntos, do jeito que foi para Devan e a irmã. Então veio Dora. Agora pretendiam ter uns três anos de folga, ou melhor, criando seus fedelhos e conseguindo uns espaços para eles. Então pensariam se gostariam de aumentar a família de novo.

– Prometa-me uma coisa – ela disse para Devan, mas ainda olhando para o filho que estava pulando, tentando escalar a fonte. – Nunca ensine nosso filho a escalar. Muito menos essa colina.

Devan ficou sorrindo e tornou a mover as pernas, fazendo Dora subir e descer e ela riu com a diversão. Mas com a mãe à vista, já estava começando a ter outros planos que incluíam ser alimentada e descansar um pouco de toda a

animação. Ela estava acordada desde cedo fazendo o pai alternar entre impedir que Cameron aprontasse mais alguma e tirá-la debaixo da cama, porque ela cismara de engatinhar para lá.

– Nem lugares mais baixos? – Devan perguntou, provocando-a.

– Nem pensar.

– Atirar com armas? Usar arcos? Lutar com espadas?

– Você está criando um garotinho ou vai começar o treinamento dele para cavaleiro do reino? – ela brincou.

– Eu aprendi essas coisas. Um dia vou ficar velho...

– Tudo isso soa como diversão, pode ser. Mas cair da colina, não.

Enquanto isso, Cam conseguiu se levantar e passar uma perna por cima da borda do chafariz. Devan não disse nada, mas com apenas três anos, Cam já mostrava que ia gostar de fazer tudo que a mãe temia.

– Cameron, desça daí! – Devan disse alto o suficiente pro garoto escutar e Dora ficou olhando para o pai como se estivesse muito intrigada.

Cameron desceu, mas ficou com as mãos na parede do chafariz e olhou para eles por cima do ombro como se estivesse esperando que se distraíssem para subir de novo. Luiza riu e correu até lá, capturando o garotinho. Ela voltou e sentou no mesmo lugar, Cam ficou sobre as coxas da mãe, mas agarrou o pé da irmã e começou a balançar, importunando-a. Dora balançou a perna para ele soltar.

– Não seja implicante! – Luiza enfiou o dedo na cintura do filho várias vezes e ele ficou se contorcendo, sentindo cócegas e rindo.

– Para, mãe! – ele ria, deitado de costas sobre as coxas dela.

Dora ficou olhando para eles e fez um barulho de choramingo, como se avisasse que ia ficar pior caso não conseguisse ir para o colo da mãe. Luiza a pegou e balançou seu pequeno bebê, apertando-a junto a ela e beijando sua cabeça loira. Devan levantou e Cameron pulou de pé, em dúvida se ia seguir o pai ou ficar agarrado à mãe também.

– Vem, garotão. Vamos lá atrás ver os filhotes – disse Devan.

Eram as palavras mágicas, Cam desceu os degraus e foi correndo na frente. Luiza levantou também e foi atrás deles, carregando Dora que se abraçou ao seu pescoço e deitou a cabeça. Estava com jeito de que tiraria sua soneca da tarde.

Luiza ainda lembrava algumas coisas de suas outras vidas ali naquele castelo. Mas a primeira, quando tudo estava acabado, era como uma impressão ruim e vaga. Apesar de agora tudo parecer com as lembranças de seus sonhos, os momentos mais marcantes viviam em sua mente e em seu coração. Elene viveria nela para sempre, assim como o contrário. Só que agora tinha suas próprias anotações, seu próprio amor e as memórias dos seus filhos para contar ao seu alterego.

Ela ainda não havia mostrado a ninguém o que escrevia, mas quando partiu, o

conde fez um pedido, ele disse para ela continuar escrevendo. Elene cumpriu e seguia diariamente lhe escrevendo e registrando os acontecimentos de sua vida. E agora era a vez de Luiza honrar o pedido. Ela escrevia para os dois e também registrava tudo.

O livro que Devan havia terminado sobre o conde, Elene e Havenford era lindo. Contava um bando de fatos novos e escondidos da pesquisa de Marcel e do que ele mesmo pesquisou, indo fundo em todas as relíquias da família, os escritos e os novos achados de Riverside. Muitas daquelas informações, Luiza já sabia. Mesmo que agora a vida de Elene fosse uma lembrança muitas vezes distante, ela ainda havia vivido aquele tempo. Mas tudo que veio depois da morte do conde, foi bem vindo, ela adorou saber.

Luiza ainda achava que precisava descobrir umas coisas sobre Devan, não o falecido conde, mas o atual. Ele não gostava de falar sobre seus sonhos, mas aquela guerra medieval com a qual ele sempre sonhava, ele podia até não saber, mas ela sabia que só havia uma que havia marcado eternamente aquela família.

Os sonhos dela iam e voltavam e não dependiam mais de sua ida a Riverside; mesmo que todas as vezes que ia lá, sentia-se mais conectada ao seu passado. Quando achava que estava esquecendo, sonhava com Elene e o conde em seus momentos mais felizes. O que também a deixava feliz, porque na verdade, eram lembranças.

Devan lhe disse que nunca acreditou totalmente nas lendas de Riverside, mas que sempre achou estranho e diferente, palavras que ele usou para descrever algo que não entendia. Ele a surpreendeu ao dizer que por mais que os fantasmas não fossem reais para ele, porque achava que seus antepassados tinham mais o que fazer, como reviver ou ser felizes onde quisessem, os Warrington progrediam ao acreditar.

Acreditar no amor, na esperança, na honra, na força interior e muitas vezes, no impossível. E nisso ele acreditava. Na verdade, se não acreditasse, ele acharia que Luiza era de mentira. E ela pensava a mesma coisa, depois que se lembrou de tudo, custou a acreditar que ele era real. Só que foi assim que chegou ali, das duas vezes, quando conheceu os dois amores da sua vida. Ela acreditou.

Os Warrington haviam aprendido que qualquer que seja o desejo, a vontade ou o sonho, só poder se tornar real se for alimentado por fé. É preciso acreditar, ter fé em si mesmo e arriscar. Sempre acredite, sempre arrisque. Todos eles acreditaram. Jordan, Elene, Luiza e Devan, o conde atual que só existia exatamente porque os outros acreditaram. É preciso coragem até para acreditar e muito mais para seguir firme em seu propósito. Todos eles se mantiveram firmes até o fim.

Eles amaram com tanta força que nunca seriam esquecidos. Como havia escrito aquele conde que viveu no século XV e foi tão forte que até hoje era capaz de inspirar: *Seu amor viveria para sempre nas páginas da história. E*

chegaria até o último de seus descendentes.

E ele havia chegado. Mas não era hora de parar.

Luiza sabia disso. Ela o amou com toda a sua vida até o último de seus dias. E não amou sozinha. Ao reencontrar Elene, ela voltou para onde tudo começou, reencontrou o amor que perdeu da forma mais dolorosa e descobriu que cada palavra escrita era verdade.

Devan, o conde atual, não só aprendeu como lhe ensinou que não importa a distância e nem o quanto sua mente não consiga lhe dar um motivo, você não pode afogar o que sente em seu medo por riscos. É como matar uma parte sua e, se não voltar a tempo, ela sempre estará perdida. E ele a amava tanto que quis dar sua vida por ela, porque não valia a pena sem ela. Soa como algo que só poderia existir nos belos campos medievais e que o mundo moderno matou há muito tempo.

Os dois sabiam o que sentiam e assim que Luiza descobriu que precisava arriscar outra vez e deixar pra trás todas as suas ideias de segurança... o ano, o século e o local deixaram de fazer diferença.

O amor não podia ser curado, era capaz de tornar o impossível em realidade e duraria eternamente. Luiza e Devan continuariam escrevendo e levando o amor que sentiam e a capacidade de acreditar até o último de seus descendentes e a todos que tivessem coragem para acreditar.

Epílogo

Dezembro de 1448

Meu amado conde,

Eu fui forte por todos esses anos. Você se foi há doze anos. Foi mais de uma década resistindo e acordando todos os dias, jurando para mim mesma que seria forte e atravessaria mais um dia sem você.

As noites doem muito, é tudo tão quieto e escuro sem você. Em doze longos anos eu fiz tudo que pedi e fui feliz. Aprendi ao seu lado que preciso acreditar em mim para ser forte. Você foi e sempre será a inspiração da minha vida e é tão forte que inspirará a vida de muitos outros. Porque você sempre foi grandioso assim, era bom demais para guardar algo tão bom para si.

Nossos filhos estão criados e você se orgulharia deles. Nós até temos netos e foi difícil segurá-los sem você, mas também foi um dos momentos mais felizes da minha vida. E eu o dedico a você. Sem todo amor que dedicou a mim e a eles, nada disso jamais teria acontecido.

Havenford vai continuar firme e forte sobre essa colina, protegendo a cidade e projetando as sombras de sua torre no rio. Mas meu tempo como uma das torres de sustentação do nosso castelo foi longo demais. E eu mantive nossos portões fechados. E acredite, o amor que sinto por você e por nossos filhos manteve a luz dos meus olhos brilhando a cada dia.

Você estava certo, nossos invernos continuam sendo a época mais abençoada do ano. E depois de todo esse tempo, o amor que sinto por você só aumentou a cada dia e nunca será curado e jamais exterminado, mesmo quando eu partir.

Eu sinto que não posso mais me obrigar a ficar. Meu corpo já não tem a mesma força e minha determinação precisa de descanso e do conforto dos seus braços. Já faz tempo demais que me deixou. Penso que já chegou a hora de nos reunirmos. Temos muito para conversar e rir juntos. Estou cansada, meu coração já amou tudo que podia nessa vida. E sem você ele já não é mais tão forte.

Quero voltar para os seus braços nessa noite fria de inverno.

*Para sempre sua,
E. Warrington.*

Elene Warrington, condessa de Havenford, faleceu na noite que escreveu essa carta em 20 de Dezembro de 1448.

Ele voltou para os braços do seu amado conde que finalmente veio buscá-la. Assim diz a lenda.

Conheça Outro Romance da Autora

Quando Eu Olhar Pra Você (Preview)

Prólogo

Quando eu olhar pra você, não desvie o olhar

As luzes dos cômodos foram se acendendo automaticamente conforme ela avançava, dava para acompanhar pelo barulho que os saltos altíssimos do seu scarpin faziam no piso de madeira polida. Da sala comum, Beatrice foi direto para o quarto, deixou a pequena bolsa e seguiu para o banheiro, onde parou à frente do espelho que tomava toda uma parede dupla. Suspirou ao se olhar, reparando no belo vestido de noite que usava e ouviu passos mais pesados que os seus se aproximando, o barulho do sapato era bem diferente do som oco que seus saltos produziam.

Sean entrou no aposento, ele não tinha costume de ir ao seu quarto, especialmente se não fosse convidado. Ele a observou pelo espelho, seus olhos percorrendo o reflexo de sua silhueta lentamente, mas seus olhares não se encontraram.

– Você estava tão bela que eu mal podia tirar meus olhos de você – ele disse com o mesmo tom neutro que ela já escutara antes. Ele costumava elogiá-la sempre que voltavam, mas hoje foi um pouco além do costume.

Mais uma festa, igual às outras. Ambos estavam lindos, visualmente eram um dos casais mais bonitos que alguém já havia visto. E era exatamente isso que sempre pensavam deles, a imagem era tão bem trabalhada que ninguém enxergava além dela. Nem queriam, pois ia estragar a fantasia.

Beatrice teve vontade de responder “eu sei”. Mas além de pretensioso, ela não acreditava no que ele dizia.

– Obrigada – sua voz soou mais impessoal do que a dele.

Ela ia sair da frente do espelho, mas foi surpreendida pelo toque dele. Sean havia colocado as mãos em seus braços, o toque foi quente e leve. Ele abaixou o rosto e roçou o nariz em seu ombro exposto pelo vestido de festa, ela o sentiu puxar o ar com mais força para inalar seu cheiro, suas mãos desceram dos seus ombros até perto de seus cotovelos. Beatrice se arrepiou e chegou a fechar os olhos, seu corpo correspondia ao toque dele instantaneamente. Mas ela soltou o ar e quando ele desviou os olhos para o espelho, ela virou o rosto.

Sean deixou seus braços caírem dos lados do corpo e ela fugiu para longe dele e do espelho. Ficou de costas no fundo do cômodo, não fazia muita diferença olhá-lo. Ele só havia passado para buscá-la e agora iria deixá-la em breve. Foi o que aconteceu, em silêncio, Sean foi para o seu quarto, do outro lado da saleta

comum.

Capítulo 1

*Quando eu olhar pra você, admita que também quer esse abraço.
Eu não vou soltá-la.*

O enorme carro negro avançava pelas ruas de Nova York. Era noite e Beatrice apenas prestava atenção às luzes que passavam do lado de fora do vidro fumê. O celular havia tocado há cinco minutos e Nina tentava convencê-la a ir jantar com ela e algumas outras conhecidas do seu círculo social.

– Eu estou muito cansada. Trabalhei hoje e ainda tivemos aquela inauguração chata pela tarde – argumentava Beatrice, doida para dispensá-la.

Ela não estava tão cansada assim, não era do tipo mole que qualquer saidinha já voltava exausta. Nina era uma boa pessoa, apesar de ser cabeça de vento, só que estava sem ânimo para aguentar aquele grupo de mulheres. Sabia que a maioria a odiava, mas eram conhecidas de eventos. A única coisa que havia em comum entre elas era o dinheiro e a participação na sociedade.

– Ah, mas que coisa! Esse seu trabalho a tem feito perder ótimas saídas! – disse Nina ao telefone.

O Range Rover tentou fugir do trânsito e fez um tremendo zig-zag pelas ruas numeradas e quando um sinal fechou, ele parou em frente a um restaurante que Beatrice nunca havia ido. Era bonito e do tipo caro, mas nem o nome lhe chamava atenção. Ela preferia o Per Ser que, se estivesse certa sobre onde estavam, não ficava muito longe, mas não pretendia jantar lá hoje. Havia outro, mais simples, porém bem avaliado nos guias de restaurantes da cidade e com um preço similar que ela estava disposta a experimentar.

Também era provável que lá houvesse apenas turistas com um pouco mais de dinheiro para gastar. Todos os outros locais em que ia sempre havia um conhecido qualquer, uma daquelas pessoas que a reconhecia da coluna social ou para piorar, um daqueles colonistas que faziam essas tais colunas e adoravam tirar fotos dela.

– O trânsito está péssimo, tem algum problema à frente – avisou Don, seu segurança pessoal.

– Vou andando então. Estou com fome e sem paciência – ela mesma abriu a porta, às vezes gostava de fazer algo inesperado, só para ver o desespero dos seguranças.

Don saltou do carro imediatamente e foi atrás dela. Hoje estavam com um motorista que passou para pegá-los, mas geralmente eram só os dois. Ela deu uns passos pela calçada, equilibrando-se perfeitamente no salto fino do seu sapato Jimmy Choo e ignorando Don que queria fazê-la voltar para o carro ou andar

pelo canto da calçada.

Ainda com o celular colado ao ouvido, ela apertou os olhos ao ver outro segurança se aproximando. Não o reconheceu por se vestir de forma idêntica a Don, mas porque ela conhecia aquele homem. Era Kevin, um dos seguranças de seu marido. Ela franziu o cenho, pois eles nunca se separavam dele. Sempre havia um ou dois seguranças com ele, em geral um dirigia e o outro o acompanhava. Kevin devia estar sozinho hoje, vigiando o lado de fora, perto do carro. Isso significava que Sean estava ali.

Kevin passou por ela e apenas meneou a cabeça, fez um sinal para que Don fosse até ele. Beatrice achou estranho, estava de costas para a parede de vidro que dava para o tal restaurante que ela não conhecia. De repente, Don voltou para perto dela.

– Podemos ir agora, madame? – ele perguntou, no tom de sempre, do jeito de sempre.

Beatrice se virou para toda a luminosidade que vinha de dentro do local, era bonito. Havia tanto dourado lá dentro que se não houvesse sido tão bem decorado seria demais. Estava imaginando se conheceria a pessoa que planejou o local quando viu três casais dançando, pendeu um pouco a cabeça, prestando atenção neles e sentindo inveja. Há quanto tempo não dançava?

– Madame, precisamos mesmo ir – repetiu Don.

Ela viu os dois seguranças perto dela, mas por quê? Don não era suficiente? E o que Kevin queria com ela? A menos que ela estivesse acompanhada de Sean ou fosse uma emergência, ele não devia deixar seu posto. Era a estratégia da segurança deles, sem distrações.

– Ainda não – respondeu enquanto olhava para dentro do restaurante.

Kevin parecia nervoso e ela sabia que aqueles homens eram tão bem treinados que nem suariam com uma arma apontada para a cabeça. Mas ele não era preparado para esse tipo de situação.

Beatrice já havia reconhecido o marido, não havia nada que eles pudessem fazer, ninguém que conhecesse Sean o confundiria com outra pessoa. Só precisou olhar rapidamente para saber que era ele. Ficou lá parada, o celular na mão e a bolsa pendurada no antebraço. Esqueceu o xale que havia em volta dos ombros e este escorregou para o chão. Os dois seguranças abaixaram ao mesmo tempo, cada um pegou uma ponta. Ela continuava imóvel, vendo o marido ser puxado da mesa por uma mulher.

Dava para ver que eles estavam jantando juntos e a morena levantou e o puxou pela mão, insistiu e ficou de pé até ele concordar. Ele parecia estranho dançando ali na pista. Ela sabia que Sean não era o tipo que dançava com desconhecidas em um restaurante. Até nas festas que iam, ele preferia não dançar.

Porque ele não dançava com Beatrice a menos que o evento fosse um baile.

A última vez que dançaram por conta própria foi na festa de aniversário da mãe dele, há quase um ano e ela nem lembrava como acabaram tão agarrados. Se ele estava dançando com aquela mulher só podia conhecê-la muito bem. Provavelmente depois da dança a levaria para um hotel caro e passariam a noite juntos. Do mesmo jeito que ele não passava com ela. Em sua agenda estava escrito que ele só voltaria à cidade amanhã, às nove.

Beatrice soltou o ar porque sentia uma dor horrível no peito, impedindo-a de respirar. Não sabia se estava mais surpresa pelo que vira ou pelo que estava sentindo. Sinceramente, um dia achou que não iria doer tanto. Ela se virou e foi voltando para o carro. Que triste coincidência descer justamente ali, em frente a um local que antes nem havia percebido que existia. Os dois seguranças trocaram apenas um rápido olhar de entendimento, Don a acompanhou e Kevin voltou para o seu posto. Nenhum dos seguranças ia dizer uma palavra sobre isso.

O Range Rover seguiu para casa, mesmo sem Beatrice precisar pedir. Enquanto ela estava no elevador, Don já estava telefonando para Cristina dizendo para deixá-la em paz quando ela chegasse. A empregada obedeceu, mas depois ia querer saber os detalhes.

– A senhora quer alguma coisa? Não jantou ainda – perguntou Cristina, enquanto a acompanhava até a sala, geralmente ia atrás dela até o quarto e falava bastante. Mas hoje parou no caminho.

– Não, estou bem assim – Beatrice continuou andando e fechou as portas duplas do seu quarto.

Após largar sua bolsa na poltrona e parar em frente à penteadeira para se livrar dos sapatos, deitou em sua enorme cama de casal. Grande demais só pra ela. Afundou no colchão e ficou com os olhos fechados por um longo tempo. Não devia ser uma novidade, ela devia estar preparada do mesmo jeito que sempre estava pronta para tudo. Mesmo assim estava arrasada, mais do que esperava. Estava triste, sua respiração ainda parecia presa, seus olhos ardiavam e algo se quebrara dentro dela. E nem sabia exatamente o que era.

Ele não a levava para jantar se não fosse um compromisso social, também não dançava com ela. Sean mal gastava seu tempo conversando com ela. Mesmo assim, eram quatro anos de um casamento de aparências. Não era como se enganassem as outras pessoas, eles não brigavam nunca. Não viviam em um inferno. Durante o pouco tempo que estavam juntos eram estranhos um para o outro, mas extremamente agradáveis e bem educados. Ótimas companhias.

Não era assim até se casarem, antes ele era mais presente. Estava em todo lugar, fazia de tudo para encontrá-la ao ponto de ela lhe mandar respeitar sua privacidade. Logo o anel estava bem preso no dedo dela. E os diamantes agora pareciam pesar horrores. A quem ela estava querendo enganar? Agora Beatrice entendia que Sean a havia escolhido como uma peça numa joalheria e seus pais a embulharam para presente e fizeram delivery. Eles não eram os vilões, eram

amáveis e preocupados, mas sempre davam apoio às maluquices das filhas.

– Beatrice, onde você encontrou esse rapaz? – o pai dela perguntou, escondido atrás da porta da geladeira enquanto Sean estava sentado na sala da casa dela em Baltimore, confortável e charmoso, seduzindo sua mãe e sua avó.

– É uma longa história, pai – desviou-se Beatrice, querendo sair da frente da geladeira.

– Longa é o caramba. Quero saber como um desses Wards veio parar na minha sala.

– Você sabe quem ele é? – ela franziu o cenho, achando o cúmulo ela ter precisado procurar no Google enquanto seu pai já sabia tudo.

– Beatrice! Você acha que eu sou um ignorante? Eu leio o caderno de economia todo dia – o pai voltou para o balcão gourmet e continuou cortando os legumes enquanto resmungava.

Ela sabia que era a vilã da própria vida, foi só ficar com ele uma vez e estava pronta para repetir. Sean sabia encenar bem o papel de bom partido: bonito, educado, independente e bem financeiramente. Esses são os piores. Ela devia ter saído correndo quando ainda podia. Na hora em que o viu ainda não sabia a extensão de suas contas bancárias, apenas queria saber como era estar nos seus braços. Mas até então, era só desejo por um cara que ela conheceu. Podia ser qualquer um.

De todos os homens no mundo, por que ela teve que se meter com Sean Ward?

– Eu acho bom você começar a forrar seu coraçãozinho bobo – dissera Cherry, sua irmã do meio, no dia que conheceu Sean e depois foi atrás de Beatrice para importuná-la. – Você sempre foi horrível reagindo a foras. E ele vai acabar com você assim – Cherry estalou os dedos.

Na época ele até lhe disse com seu costumeiro humor sacana: *Eu espero um pouco mais se preferir, mas eu gosto de contratos de exclusividade*. Quando chegaram as férias, o anel já estava no dedo dela. Amor à primeira vista, diziam os pais dela, divertindo-se por Beatrice, a única das três irmãs que não teve namoros longos e fingia ter calafrios quando diziam “casamento” perto dela, ter dito sim logo de cara.

E o casamento foi uma daquelas ocasiões indescritíveis em que os convidados saem maravilhados e nem se lembram de falar mal da comida. Até porque, o serviço caríssimo tinha que proporcionar a melhor recepção da vida de alguém. Para Beatrice, a lista de convidados parecia interminável e mesmo assim foi considerada tão seleta que muita gente que se achava importante ficou despeitado por não ter recebido um convite. Contradições que só o dinheiro e a alta sociedade conseguem explicar. E o vestido, penteado e até as joias que ela usou no dia foram tão copiadas que a mãe dela ainda guardava as revistas e artigos de noivas que falavam sobre o casamento.

Na noite da festa eles partiram para uma viagem que era digna de um casal apaixonado. Mas a lua de mel foi interrompida no meio, uma “emergência de negócios”. Se ela lembrava bem, começou com um acidente numa das fábricas da família, emendou em queda na bolsa, morte de alguém e depois em reuniões intermináveis. Desde então, era assim. Até esta noite, quando ela viu que talvez ele tivesse mais brechas do que ela sabia. Essa era sua versão e a única que interessava, porque Sean estava sempre ocupado demais para se preocupar em dar a versão dele.

Nove da manhã em ponto. O elevador abriu as portas no último andar do edifício Clarence. Sean entrou em casa, parecia tudo normal. Kevin nem abriu a boca e Don sequer o viu. O primeiro tinha acabado de sair do elevador no andar de baixo e o segundo estava tomando café. Os três últimos andares do Clarence, conhecidos como “o triplex” eram a casa de Sean e sua esposa. Não tinham filhos, apesar dos quatro anos juntos, sequer haviam parado para pensar no assunto. Ele assumia que ela tomava anticoncepcional, pois não se protegera nas vezes que visitou a cama dela e ela nunca mencionou tal assunto. Ele ia completar trinta e um anos e ela chegara aos seus vinte e sete.

Sean era um Ward, no mundo dos negócios só dizer isso já explicava o que ele fazia. Também significava que ele tinha algum problema. Havia poucas famílias com tanto talento para fazer dinheiro. Os Ward eram do tipo predador e estavam em todo lugar, gerenciando tudo que você pudesse imaginar. Ele nem teve tempo de deixar o caixão do pai esfriar. Entrou na dança frenética, errou um bocado nos seus vinte e poucos anos. Depois seguiu lucrando, perdendo, lucrando mais, duplicando, acertando, errando. Mas jamais se decepcionando. Era seu jogo, ele gostava, quanto mais perigoso, melhor.

Quando ele assumiu o Grupo Ward, popularmente chamado de GW, a fama já estava feita, o jeito era gerenciá-la também. Os Ward estavam enfiados em todos os tipos de mercados, engolindo outras empresas e comprando tudo que trouxesse lucro o suficiente para valer sua compra em poucos anos.

Eles estavam no mundo todo, os inimigos diriam que estavam espalhados como pragas. Mas eles tinham um talento nato para identificar mercados em ascensão, derrubar concorrência e comprar negócios quase falidos e recuperá-los. Muitos não iam fazer tanta diferença nos bilhões movimentados por eles, mas todo mundo precisava ter um hobby ou no caso deles, um investimento de estimação.

Até hoje ninguém entendia como os Ward ainda não haviam se matado, não fazia sentido todos eles serem tão perigosos e terem água gelada correndo nas veias e, mesmo assim, não pisarem uns nos outros. Pelo contrário, se você mexesse com um Ward ia descobrir porque alguns os chamavam de pragas que estavam em todos os locais do mundo.

E cada movimento do GW era intensamente discutido nas publicações especializadas em negócios. No último ano foi um escândalo com os trinta bilhões em títulos de renda fixa do governo e de negócios internacionais. Sean já era o novo nome de muitas listas de negócios, fossem de elogios ou de críticas, não havia um dia fácil em sua vida. Quanto mais alto iam as ações, mais problemas apareciam. E supostamente deveria ser o contrário.

O prédio que ele morava fazia parte da lista dos seus pertences. Dos imóveis residenciais, a maioria foi herdado, mas se desfizera de alguns antes da quebra do mercado imobiliário, conseguindo lucro de pelo menos vinte por cento sobre o valor da compra e usando para investir em outros que sempre seriam lucrativos, com gente vendendo suas casas ou não.

Afinal, essas pessoas se livrando de mansões enormes que pareciam elefantes brancos, sempre tinham um bom apartamento por aí onde enfiariam suas tralhas e se acostumariam longe dos grandes jardins. Ele não tinha nada contra um pouco de natureza, não tinha tempo para ir ao campo, mas no topo do triplex tinha um jardim muito bonito e até uma pequena estufa onde às vezes ele ia beber um machiatto gelado e esquecer o celular. Sua esposa podia pensar o contrário, mas ele não era nenhum robô programado para trabalho infinito.

– Eu pensei que você não estivesse na cidade – ela disse numa quinta-feira da primavera do ano passado quando entrou na estufa com uma muda de plantas e se surpreendeu ao encontrá-lo.

– Eu pensei que você não gostasse de jardinagem – ele respondeu, terminando de beber o seu café e observando-o por um minuto, mas ela deu-lhe as costas.

E isso já resumia um bocado da relação deles.

Ser um Ward sempre significava que seria perigoso ou divertido, ou ambos. Não era só o dinheiro que valia. Rezava a lenda que o primeiro Ward chegou a Nova York em 1848, só com uma mala na mão e o dinheiro contado. Pronto para criar algo maior do que conseguiram no velho continente. Afinal, tinham que romantizar a história para o final parecer pior. E em 1940 a família tinha uma das mais belas mansões da cidade, uma conta bancária indizível, alguns negócios ilegais e muito bem acobertados, já haviam comprado metade da alta sociedade onde estavam até hoje e guardavam mais segredos do que os cofres dos bancos dos Wincross.

Os concorrentes diziam com azedume que os membros daquela família tinham o sangue verde e gelado e conseguiam lucrar com qualquer coisa, até tragédias. E inclusive fazendo caridade. Pelas costas deles, muitas pessoas achavam que todas aquelas instituições que eles mantinham e causas que apoiavam eram só pelo bem da imagem e para deixar seus espíritos mais leves.

Como dizia a lenda, todo Ward tinha muitos pecados para expiar. Estava simplesmente no sangue, eles nunca paravam. Tinham gosto pelo que faziam,

divertiam-se, sentiam-se recompensados. Seu humor perverso para os negócios chegava a ser irresistível, homens e mulheres, quase todos tinham tino para os negócios e nenhum medo de arriscar. A frieza e a incapacidade de se ater a um só objetivo era típico deles. E segundo diziam por aí, todos que entravam para a família eram contaminados.

– Bom dia – disse Cristina, bem menos efusiva do que de costume.

– Bom dia, Cristina – Sean continuou andando, mas a olhou pelo canto do olho. Não seria bom no seu ramo se não fosse um bom observador, essa sua qualidade só parecia ter algumas falhas com a esposa. Mas ele soube que tinha algo errado com Cristina.

– Minha esposa? – ele perguntou, parando em frente às portas do seu quarto e olhando para o outro lado da sala, onde ficavam as portas do quarto de Beatrice.

– Já saiu.

Só o fato de eles serem jovens e saudáveis, mas dormirem em quartos separados já era estranho o bastante. Mas os empregados diziam: *Ah, gente rica é tudo esquisita!* De fato, eles tinham aquele papo de privacidade. Mas no dia que ela chegou ao triplex, recém-reformado, pois Sean mandara unificar os três andares apenas para eles e recebeu a notícia de que podia decorar a casa toda e especialmente a suíte do outro lado da sala do jeito que quisesse, Beatrice não achou que seria realmente separado.

Depois de resolver a tal emergência, ele voltou. Tecnicamente, ainda era lua de mel. Ficaram no mesmo quarto nos dias que se seguiram. Então ela voltou para seu último ano de faculdade e ele viajou.

– Mas você pode ir me ver às vezes – ela disse, soando tola e apaixonada.

E Sean respondeu:

– Eu irei, só não quero atrapalhar seus estudos.

O pior é que ele realmente foi, mas ela demorou a se desvincular de sua vida de universitária livre de último ano para encarar uma vida de compromisso com outra pessoa. E vivia deixando-o a ver navios. E ele não sabia lidar nem com a situação e nem com o compromisso que também era uma novidade em sua vida.

Quando não estava muito ocupada, Beatrice ia a Nova York ver a decoração do triplex e cumprir suas tarefas. Não que Sean estivesse lá, mas ela ia mesmo assim. A partir do momento que o anel estava no seu dedo e ela estava assinando outro sobrenome, sua vida mudou. Não era possível ser uma Ward e ficar escondida em casa. Se Sean não pudesse ir, ela ia. Assim que voltou da lua de mel, o assistente de Sean lhe deu documentos e pastas sobre a família e principalmente sobre os negócios de seu marido.

No primeiro ano foi tudo aprendido, estabeleceu novos contatos, conheceu a sociedade na qual seria jogada, refez seu guarda roupa... Depois, foi se aperfeiçoando e descobriu que também podia ter talento para os negócios. Executava suas tarefas como a nova Ward que era, de maneira impecável e

usando seu próprio trabalho. Fazia um tempo que o ramo nova-iorquino da família havia se escondido um pouco. Os motivos eram inúmeros.

Quando o pai dele morreu, sua mãe enjouou do negócio e foi viajar por aí, cada ano estava morando em um país e era uma personalidade famosa, contando sobre suas experiências nos locais que ia e tinha até um programa de TV muito chique onde dava dicas de viagem, moda e culinária. Ou seja, ganhava seu próprio dinheiro, como se já não fosse rica o suficiente. Mas com quase sessenta anos, era ainda jovem e saudável demais para ficar parada curtindo o ócio.

– Tudo bem. Então diga que a esperarei às sete e meia – ele avisou a Cristina.

– Direi – respondeu a mulher e deixou o aposento.

E quando ele dizia sete e meia, era a exata hora que marcou, honrava bem a origem inglesa da família. Ao menos ele chegava no horário, Beatrice nem sempre. Isso quando ela resolvia dar o ar da graça. Porque em oitenta por cento das vezes que ele a convidava, ela lhe dava o cano. Ela só nunca perdia os eventos sociais no qual eles pareciam um casal perfeito. Mas tomar um café, almoçar, dar um passeio? Esquece.

– Onde diabos você se meteu? – era a frase que ele mais dizia a ela por telefone.

Até hoje, mesmo que silenciosamente, não concordavam com o motivo dos quartos. Podiam tê-los e dormir juntos, era perfeitamente possível. Ninguém sabia dizer quando começou, mas ela não parecia querê-lo e ele parou de voltar lá. Assim como ela não ia mais procurá-lo no quarto dele, pois ele parecia sempre ocupado demais ou esgotado o suficiente para não vê-la entrar, apagar a luz e fechar as cortinas.

Sete e meia, Sean estava parado perto das janelas grandes e transparentes da sala principal do segundo andar. As cortinas estavam abertas e ele olhava para a visão daquela cidade brilhando, sempre em movimento. Estavam a vinte andares do chão, a visão ali era espetacular, digna do prédio em que moravam.

De costas, com as mãos nos bolsos e a postura relaxada, ele também era um item de valor a ser incluído na paisagem. Seus ternos feitos sob medida, em geral encomendados nos alfaiates da Savile Row de Londres não precisavam se esforçar muito para melhorar o efeito natural do seu corpo bem formado, esguio e masculino, com os músculos definidos e bem distribuídos. Ele era atlético e elegante, do tipo que qualquer roupa parece ficar diferente só porque está no corpo dele. Tinha ombros largos, braços fortes e rígidos encaixados em um torso proporcional que se afilava levemente até o quadril, coxas bem trabalhadas sobre pernas longas para completar seu um metro e oitenta e oito.

Diziam que ele lembrava o pai, mas nunca teria tais características sem os traços leves e sensuais da mãe. Sua pele tinha um tom saudável e leve de dourado que combinava com o cabelo castanho tão escuro que fora do sol

alguém poderia jurar que era negro. Sean usava um corte que era mais curto atrás e dos lados e mais longo em cima, onde as ondas do seu cabelo se espalhavam sem cerimônia, mas agora estavam muito bem penteadas e domadas.

Sua face era marcante, com contornos definidos, talvez rígidos demais se vistos de perfil. Era impossível esquecer aqueles olhos felinos e encapsulados, com as sobrancelhas fortes e escuras e adornando o olhar verde como folhas de menta. O tom de suas íris saturado e ele sempre parecia estar lançando um olhar entrecerrado, por causa das maçãs do rosto altas, os olhos levemente puxados e as pálpebras escondidas. Para fechar o pacote, seu nariz era típico dos Wards, não era delicado, e seu lábio superior era um pouco mais protuberante em uma boca que, segundo sua mãe, tinha exatamente aquele mesmo formato irresistível como a do seu pai.

Sean não era lindo, dizer que ele era perfeito seria quase infantil por mais bem feito que fosse sua estrutura óssea. Mas ele era um homem arrebatador, quando o olhasse você jamais seria pego apenas pela beleza que encheria seus olhos. Ele assaltava os sentidos, era masculinidade demais misturada à arrogância visual que fazia homens e mulheres odiarem por adorar sentir-se atraídos por ele.

Era um tipo de homem capaz de fazer a pessoa ignorar o fato de ele não ser o seu tipo preferido. Não importava se você gostava mais de loiros, ruivos, baixinhos ou o que fosse. Se um homem pudesse arrebatador seus sentidos e colocar sua mente direto num pensamento sobre sexo suado, exaustivo, sujo, selvagem e inesquecível, esse era Sean. E Beatrice o odiava cada vez que se lembrava disso e de que na primeira vez deles pensou seriamente em rasgar a calcinha para ela sair mais rápido, era extremamente irritante.

Beatrice chegou às sete e trinta e dois, mas não veio do seu quarto. Teve de passar no cabeleireiro de novo, ontem havia ficado muito tempo na banheira e estragado o cabelo o bastante para ele não estar perfeito como exigia uma aparição pública. Ele se virou ao escutar os passos, pela distância que estava podia ver todo o seu corpo sem ter que olhar de cima a baixo. Aproximou-se ainda a olhando fixamente e deu para ver como seu maxilar ficou tenso. Beatrice também o olhava, ele sempre tinha aquela reação.

Observava com admiração, em seguida parecia sentir raiva apenas por um segundo, então a postura fria voltava. Ele passara a falar cada vez menos quando se encontravam, iniciando um assunto apenas no caminho para onde fossem.

– Está pronta? – ele perguntou casualmente enquanto checava as abotoadoras das mangas do paletó.

– Sim.

Quando chegaram ao térreo, os seguranças já esperavam. Don, como sempre, estava lá. Aonde Beatrice ia, ele ia. Sem exceção. A ordem de Sean era

protegê-la sob qualquer condição.

– Faça chuva, sol, neve ou um furacão esteja na cidade. Pode estar tudo em chamas, não me importa a condição ou a situação. Você não tira os olhos dela, nada a fere. Você faz o seu trabalho, passando por cima do que ou quem for. Fui claro? – Sean havia dito, como de costume era o mais claro e explícito possível. Não gostava de deixar dúvidas.

E essa certamente era mais uma de suas características que ele não sabia usar com a esposa. Pois se havia algo que com certeza existia entre eles, eram dúvidas.

Assim que se casaram eles tiveram alguns desentendimentos sobre os seguranças. Beatrice entendia que precisava de um, mas não dentro do campus. Sean achava que ela precisava de um em todo lugar que fosse. Ela logo achou que ele era paranóico e como não havia se dado ao trabalho de fazer uma busca no Google sobre ele, Sean disse uma única frase “eu já fui sequestrado”. O assunto acabou ali, ele saiu e agiu como se nunca houvesse dito nada.

Dessa vez ela fez a maldita busca e leu as notícias da época, ele tinha dezesseis anos quando aconteceu. Ficou desaparecido por duas semanas. Não tinha detalhes, ninguém sabia como o resgataram, o que aconteceu no cativeiro e as verdadeiras extensões do trauma, apenas que ele foi internado. Na época o FBI se limitou a informar que um suspeito estava preso, os outros foram encontrados mortos e ele foi libertado junto com mais um refém. Nada mais. E ela sabia que não arrancaria nada do marido.

Beatrice aceitou um segurança e não tocou mais no assunto. Quando reencontrou a mãe dele, ficou uma hora tentando abordar o assunto até que Candace disse para ela perguntar logo o que ela queria saber sobre seu filho. A mulher acertou sobre quem era, não porque fosse vidente ou seu sexto sentido fosse coisa de filme. Mas não conhecia uma mulher que se relacionasse minimamente com seu filho e não ficasse desesperada atrás de uma pista. Candace sabia como funcionava, elas arrancavam sutiãs e jogavam calcinhas, até ofereciam seus sentimentos, mas nenhuma sabia com quem estava lidando.

Choque mesmo ela passou quando Sean telefonou e lhe disse que iria se casar no mês seguinte. Candace desligou o celular, mandou reservarem o jatinho e partiu para Nova York, achando até que alguém, de alguma forma, havia conseguido pegar seu filho em uma chantagem que o fez aceitar um casamento.

– Não ouse entrar em uma igreja ou parar na frente de um juiz até eu chegar aí – ela havia dito com o telefone em uma mão e a outra já fazendo sinal para a secretária.

Parecia até aquelas tramas impossíveis de filmes que nos tomam como idiotas. Quando ela entrou no antigo apartamento, tudo que encontrou foi Sean recostado na janela e uma bela mocinha sentada no sofá, extremamente nervosa por enfim conhecer a futura sogra. Ela ficou olhando para o filho que ao menos

teve a decência de vir abraçá-la e depois fez as apresentações. Nada de chantagem, nenhuma história sórdida por trás.

Obviamente mandou investigar até a marca das fraldas que a garota usava quando era um bebê. Não havia nada de errado, era uma moça normal. Isso que a assustou ainda mais.

– Então você está terminando a faculdade – disse Candace na época e enquanto movia a cabeça como se assentisse, seu olhar encontrou o de Sean, por cima da cabeça de Beatrice.

– Sim, falta bem pouco. Não é algo usual, mas é o que eu gosto de fazer – comentou Beatrice.

Mais tarde, depois que sua futura nora voltou para o hotel porque não quisera se hospedar na casa da futura sogra que acabara de conhecer, Candace repetiu isso umas mil vezes para o filho, sem saber se falava com ele ou com ela mesma.

– Uma mocinha saindo da faculdade? – Candace disse pela décima vez no último minuto. – Saindo da faculdade e com cheirinho de leite da mamãe? Sean! O que você vai fazer com ela? Eu devia proibi-lo de chegar perto dessa menina!

– Tarde demais – ele havia se limitado a responder. – E acredite se quiser, ela não facilitou.

– Ela já se recuperou do choque sobre você? – perguntou a mãe.

– Qual parte? Me ver sem roupa ou saber que vai entrar para a família?

Candace não conseguia nem imaginar o que Sean faria com uma garota normal, do tipo que tem bom senso, decência e não estava precisando de nenhum tratamento psicológico. Sondou o filho exaustivamente, procurou familiares, se meteu no jatinho e foi até Baltimore conhecer a família da moça. A essa altura Sean estava achando que a mãe quem precisava de tratamento.

Tudo que Candace Ward conseguiu foi engordar umas gramas ao almoçar no restaurante da família de Beatrice onde seu pai era o chef e a mãe comandava o resto do show. Mas era o seu garoto, o mesmo que ela quase perdeu e de quem se afastou para não sufocá-lo.

As mulheres desfilavam na cama dele, uma atrás da outra, todas com alguma característica suspeita. Ela já o vira dormir com ladras, prostitutas, assassinas de marido rico, viciadas em cirurgias e remédios, alcoólatras, filhas descontroladas de políticos, it girls que gostavam de transar vestidas, modelos com seus rostos espalhados pela cidade, mulheres tão belas que pareciam de mentira, outras feias e estranhas, excêntricas com cabelos de cores alternativas, esposas alheias em relações abertas... Tudo que desse para imaginar e que conseguisse não entendia-lo. Ela dava no máximo uma semana de duração a elas.

Então Candace sabia, não era aquela moça que não servia para seu filho, era ele que devia ser proibido de chegar perto dela.

– Eu pensei que você nunca fosse se casar. Eu até preferia isso, por medo do que você ia acabar escolhendo. Mas agora estou em dúvida. Você vai se machucar, vai estragar tudo. Eu sei que vai – ela passou a mão pelo ombro dele e o deixou sozinho na sala.

Candace não precisava de psicólogo e nem depoimentos emocionados de mulheres que tentaram consertá-lo. Sean não sabia entrar em compromissos que não fossem profissionais. Sua última namorada foi a que tinha quando era adolescente, o resto a mãe chamava de “acompanhante”. A menina ficou mortificada quando o sequestraram, deu todo apoio quando ele voltou, mesmo que só tenha conseguido vê-lo uma semana depois porque ele mal podia olhar para a própria mãe e seus olhos estavam inchados demais. Então, de repente, esse mesmo filho se casa e a esposa dele quer saber do sequestro. Não dá, não tem mãe que passe por isso sem um calmante e uma dose dupla de vodka russa.

– Eu não sei – dissera Candace durante a conversa com a nora. – Meu marido morreu sem me dizer tudo. Meu filho nunca disse nada. Eu só o abracei e segurei até que ele se curasse. Eu só sei que me levaram um adolescente e me devolveram um homem que eu não reconheci por um tempo, só sabia que era meu filho. Deixe isso pra lá, nós superamos. Apenas deixe o tal segurança fazer o trabalho dele e tudo ficará bem – ela disse a Beatrice, sabendo que parecia uma fala de filme em que todo mundo sabe que no final tudo dará errado.

A festa de hoje era pura politicagem. Sean não tinha a menor pretensão de qualquer dia se meter no meio da política, preferia a dignidade que conseguia no seu trabalho. A única relação que ele gostava de ter com políticos era de dinheiro. Ele doava dinheiro para as campanhas que tentava acreditar e se a pessoa fosse eleita, com certeza encontraria meios legais de agradecer, como por exemplo, cumprir a maldita promessa que ele patrocinou. Seu pai dizia: *pague seus impostos e deixe que eles lhe devam dinheiro e favores. Nunca se meta no meio deles. Você não precisa chamar ninguém pelo primeiro nome para assinar um cheque. Acredite, a oportunidade de cobrar um dia aparece.*

– Acho melhor servirem algo decente, não janto direito há dois dias e não quero pagar dez mil por prato para ter indigestão – Sean olhava o convite e se lembrava de um jantar especialmente indigesto que lhe causou dias de azia.

– Ainda bem que gostamos de ir direto para o prato principal – Beatrice comentou.

Essas eram as particularidades que sabiam melhor um do outro. Porque era o que faziam, sair para esse tipo de jantar. Então ele sabia o vinho que ela preferia e vice e versa. Mas era melhor não perguntar como tomavam café da manhã em casa, que biscoitos comiam no lanche, ou até qual lado da cama preferiam atualmente.

– Economiza o apetite.

– Vamos sentar com alguém que eu não suporte, mas precise saber detalhes de sua vida pessoal!? – Beatrice tirou um espelhinho de sua minúscula *clutch* e checkou a maquiagem.

– Não sei, esperava que me dissesse.

– Encontro às escuras então – ela respondeu e olhou para a janela, estavam em lados opostos do banco de couro da limusine. Cada um olhando para uma janela.

Desceram e atravessaram o tapete vermelho que estava sempre lá. Felizmente, não iam às mesmas festas que celebridades do tipo que atraíam fãs histéricas. Do lado de fora havia apenas fotógrafos um pouco menos desesperados que os paparazzi, dali podia sair a primeira página do jornal ou todas as fotos da coluna social. Havia políticos e eles sempre podiam dizer algo relevante ou cometer uma gafe. No último jantar que estiveram juntos, um senador comeu tantos frutos do mar que saiu carregado, direto para o hospital.

Os filhos dessas pessoas também gostavam muito de bancar os rebeldes ou aparecer com um vestido curto demais ou quem sabe com um namorado do tipo que causa polêmica. Essa era mais a área dos socialites e o mercado da fofoca precisava se sustentar. Eles já estavam acostumados a aparecer em todo lugar, especialmente Beatrice, mesmo que o interesse por moda masculina houvesse crescido exponencialmente e Sean estivesse sofrendo com suas calças, sapatos e acessórios estampados por aí.

Mas falar dos vestidos e sapatos dela dava mais ibope do que repetir como o terno dele continuava perfeitamente cortado. Havia blogs de moda que seguiam Beatrice fielmente, ela não podia ir a lugar nenhum sem ter uma foto com legenda dizendo de onde era tudo que ela vestia. Às vezes nem ela se lembrava de onde tirara aquela blusa, mas as blogueiras sempre sabiam.

– Agora é quando damos um show na pista – disse o homem com quem dividiam a mesa. Era um senhor lá pelos seus sessenta anos e sua esposa. Eram os Stone, simpáticos, sempre alegres e ricos demais para não serem convidados.

Eles levantaram e foram dançar, Sean olhou para Beatrice e ela virou o rosto imediatamente, o que já não era uma surpresa para ele. Mas hoje ela não parecia estar no seu melhor estado social; geralmente era simpática e comunicativa até com pessoas que não suportava. Tudo pelas aparências. Mas com os Stone, que eram ótimos companheiros de mesa, ela estava sendo esquiva e pouco falava. E ela geralmente olhava para Sean, fingindo satisfação. Hoje, quando o olhava, parecia fulminá-lo.

– Você quer dançar? – ele perguntou, geralmente fingia não se incomodar quando a maior parte das pessoas ia para a pista. Evitava ter seus convites rechaçados.

Beatrice quase riu dele, mas conseguiu se conter. Agora ele queria dançar?

Por quê? Ela o olhou, imaginando se ele já sabia que ela sabia.

– Não – respondeu secamente e voltou a virar o rosto e ficar olhando para a pista.

Sean levantou a sobrancelha, isso foi uma pequena surpresa, pois ela parecia querer dançar. Ele sabia que ela gostava, ao menos no passado ela gostara de dançar. Há quatro anos. Agora, não tinha mais certeza. Mas achava que o problema dela era não querer dançar *com ele*.

Uma hora depois, estavam de volta à limusine. O vidro que a separava em duas jurisdições estava fechado, portanto tinham certa privacidade.

– Acho que você não gostou do jantar de hoje – ele disse, já que ela permanecia em silêncio.

– Dificilmente eu gosto.

Sean ficou olhando-a enquanto Beatrice continuava fitando o nada.

– E por que nunca disse antes?

– Era desnecessário.

– E agora não é mais?

Beatrice apenas moveu um ombro como se pouco importasse. Isso o irritava, mas ela não sabia. Não tinha oportunidade de dividir um assunto que a fizesse dar de ombros ou parecer não se importar.

– Eu prefiro quando me respondem com palavras – Sean disse, vendo que ela continuava ignorando o olhar dele.

Essa frase a fez encará-lo, então o olhou bem diretamente, imitando a postura fria dele.

– Eu quero o divórcio – ela informou.

Quando Eu Olhar Pra Você é o início da trilogia sobre Sean Ward. Você pode começar por ele ou pelo prequel (**Quando Eu Te Encontrar**), você quem escolhe. Os livros estão disponíveis na Amazon, iBooks, Kobo, Livraria Cultura, Nook e Google Play.

Sobre a Autora

Lucy Vargas é uma jornalista e escritora carioca. Sua paixão pela escrita começou aos 10 anos quando permitiram que assistisse uma novela e, insatisfeita com o andamento, ela resolveu reescrever o que viu. Desde então nunca mais parou e escreveu todo tipo de história que lhe agradasse. Os romances entraram em sua vida aos 13 anos e é até hoje seu gênero preferido.

Ela é autora dos romances Segunda Chance Para Amar e Cartas do Passado, ambos da lista de romances mais vendidos da Amazon e iBooks. Ela escreve a Série Ward, bestseller da Amazon e iBooks. O primeiro livro da série, Quando Eu Te Encontrar, estreou como livro mais vendido da iBooks.

Onde encontrar a autora e saber novidades:

Site: www.lucyvargas.net

Fan Page: www.facebook.com/lucyvargasbr

Você também pode enviar um email para: lucy.vargas@outlook.com e ela ficará feliz em responder.